

IVAN LUIZ SEBEN FILHO  
MARIANA CAMILA BORGES SKRABA

**SEXUALIDADE À FLOR DA PELE:  
CÓDIGOS DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CURITIBA**

CURITIBA

2008

IVAN LUIZ SEBEN FILHO  
MARIANA CAMILA BORGES SKRABA

**SEXUALIDADE À FLOR DA PELE:  
CÓDIGOS DA PROSTITUIÇÃO FEMININA EM CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel no Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Departamento de Comunicação Social do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

**Orientador:**  
Prof. Carlos Alberto Martins da Rocha

CURITIBA

2008

*a vocês,*

*Alessandra,  
Carmem,  
Marlene,  
Débora,  
Márcia,  
Camila,  
Valery,  
Hilda,  
Jô  
(...).*

*Tão diferentes,  
Tão iguais.  
Nem sabem:  
Cabem na borda de uma mesma página!*

## Agradecimentos

Especialmente à mãe, Hilda, entusiasta incurável de minhas conquistas, que, sem saber, acertou em cheio o espírito deste trabalho: jamais se julga o *outro* do nosso ponto de vista. Agradeço também ao pai e homônimo Ivan, pelo apoio logístico e exemplo de tenacidade a se mirar; à irmã Débora, sempre gentil e carinhosa, além de solícita nas correções e sugestões durante o projeto; e ao irmão Thiago, um ‘pequeno Nietzsche’ que me disse uma vez da *transvaloração* dos valores – foi bem isso. Também não poderia deixar de lembrar da Bruna, amiga de ouvido e palavras de inspiração e conforto nas horas mais difíceis; dos amigos do trabalho e da faculdade, cujas conversas e anedotas sobre tema, sugestões de trilhas musicais e um ou outro dia de folga também fizeram diferença. Reservo ainda um franco ‘obrigado’ às professoras Kelly Prudêncio, Myrian Del Vecchio e Patrícia Thomaz, cujos sólidos conhecimentos transmitidos no campo da cultura, jornalismo e ética vejo refletidos neste projeto. E à Mari, amiga e porto-seguro dos *frames* e *takes* desta empreitada – valeu!

*Ivan Sebben*

Agradeço, em especial, a minha mãe, Marlene, que esteve ao meu lado sempre com uma palavra confortante nos momentos de meu desanimo. Responsável por me ensinar os valores do amor e do respeito para com as diferenças, por me proporcionar a educação e por, mesmo com muitas dificuldades, nunca ter desistido de garantir para mim uma formação como cidadã e profissional. Agradeço ao meu pai, familiares e amigos que sempre foram minha fonte inesgotável de sugestões para o melhor desenvolvimento desse trabalho. Por fim, agradeço imensamente ao Tiago pelas diversas vezes em que me auxiliou com o empréstimo de equipamento, pelas vezes em que ficou com a câmera para que eu não precisasse sofrer em um ônibus lotado, pela paciência em passar muitos finais de semana me vendo editar, pelos recursos técnicos, por grande parte dos efeitos especiais presentes no documentário D’Lírios e, também, por seu carinho e afeto. E, não posso deixar de lado, meu grande amigo e companheiro, Ivan, meu porto seguro nas teorias e na produção das entrevistas.

*Mariana Skraba*

Agradecemos a Juliane Chaves, atriz que emprestou um tempo que não tinha e um brilho artístico em pleno amadurecimento a um dos filmes, e a Carlos De Biasi, ‘jovem Kubrick’, que se aventurou conosco em um dia de filmagem. Um lugar especial para o nosso orientador Carlos Rocha (Polaco) e outro para nosso comparsa Luís Carlos Santos, mestres do audiovisual, que desde os idos de Antonina davam provas da difícil arte de produzir um filme. Formal ou informal, o apoio de vocês nos trouxe segurança e confiança. Finalmente, pelo tempo e disponibilidade em se deixarem conhecer e nos conhecer, Camila, Valery, Márcia, Jô, Carmem e Alessandra: suas histórias valeriam o esforço em dobro.

*Nós*

*O gênero documentário reinventa-se  
cada vez que é produzido um novo documentário.*

**Manuela Penafria**

*A minha maneira de pensar, você diz,  
não pode ser aprovada.  
E que me importa?  
Bem idiota é aquele que adota  
uma maneira de pensar para os outros!  
Não foi a minha maneira de pensar que provocou a minha desgraça.  
Foi a maneira de pensar dos outros.*

**Donatien Alphonse François  
(Marquês de Sade)**

## Resumo

Este trabalho orienta e justifica a produção de um documentário interativo sobre o fenômeno da prostituição feminina em Curitiba. Considerando pressupostos de alteridade, moralidade e cientificidade, procede a uma breve revisão teórica sobre o conceito, a história e as possibilidades de linguagem do formato documentário, além de situar a especificidade do documentário do inter-humano como encontro presencial e virtual entre três agentes: documentarista realizador do filme (Eu), sujeito ou tema documentado no filme (Outro) e público espectador do filme (Tu). Também compreende uma breve retrospectiva cronológica das condições simbólicas e materiais que fizeram da prostituição feminina uma prática secular e moralmente controversa, percorrendo recortes históricos do seu contexto da pré-história ao início do século XXI. Finalmente, apresenta as reflexões metodológicas que conduzem à realidade do trabalho prático durante a realização do presente documentário.

**Palavras-chave:** documentário, prostituição feminina, prostituta, *Outro*.

## Abstract

This work guides and justifies the production of an interactive documentary on the phenomenon of female prostitution in Curitiba. Considering assumptions of otherness, morality and science, makes a brief review on the theoretical concept, history and language possibilities of the format documentary, in addition to situate the specificity of the documentary as the inter-human face and virtual meeting between three players: the documentary film director (I), subject or theme documented in the film (Other) and public spectator of the film (You). It also includes a brief chronological retrospective of symbolic and material conditions that have made the practice of female prostitution secular and morally controversial, looking at clippings of their historical context of pre-history to top the century. Finally, it has the methodological ideas that lead to the reality of practical work during the realization of this documentary.

**Keywords:** documentary, female prostitution, prostitute, *Other*.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
<b>2 DOCUMENTÁRIO</b> .....	<b>8</b>
2.1 IRMÃO POBRE DA FICÇÃO OU GATA BORRALHEIRA DO CINEMA? .....	8
2.2 HISTÓRIA E LINGUAGEM – O VÔO INQUIETO DE UMA MOSCA .....	15
2.2.1 E nasce a mosca: Documentário clássico.....	17
2.2.2 Cinema direto ou mosca na parede .....	19
2.2.3 Cinema verdade ou mosca na sopa .....	23
2.2.4 Ninguém segura essa mosca – Documentário reflexivo e as possibilidades do digital... ..	25
2.3 <i>EU, TU</i> E O <i>OUTRO</i> NO ENCONTRO ÉTICO DO INTER-HUMANO .....	29
2.3.1 <i>Eu</i> e o <i>Outro</i> no instante da tomada .....	30
2.3.2 Nós, <i>Tu</i> e as escolhas da montagem.....	37
<b>3 PROSTITUIÇÃO FEMININA E UNIVERSO SIMBÓLICO</b> .....	<b>43</b>
3.1 MILÊNIOS DE DESPRAZER – A PROSTITUTA NA HISTÓRIA.....	43
3.1.1 Arqueologia da prostituição feminina: Antiguidade à Idade Média .....	43
3.1.1.1 Modelos burgueses de sexualidade e Família na modernidade.....	48
3.1.2 A prostituta no Brasil dos séculos XIX e XX .....	53
3.2 O GRITO DA SEXUALIDADE INSUBMISSA – A PROSTITUTA NA ATUALIDADE .....	58
3.2.1 Construção de uma identidade sócio-profissional e o cenário contemporâneo.....	58
3.2.2 Grupo Liberdade e a prostituição feminina em Curitiba.....	64
<b>4 PROJETO: SEXUALIDADE À FLOR DA PELE</b> .....	<b>67</b>
4.1 TEMA .....	67
4.2 PROBLEMA.....	67
4.3 HIPÓTESES .....	67
4.4 OBJETIVOS .....	68
4.4.1 Gerais .....	68
4.4.2 Específicos .....	68
4.5 JUSTIFICATIVA .....	69
<b>5 REMINISCÊNCIAS DO <i>EU</i> COM O <i>OUTRO</i> – REFLEXÕES METODOLÓGICAS</b> .....	<b>71</b>
5.1 <i>D’LÍRIOS</i> E ALTERIDADE COM ALESSANDRA, CAMILA, MÁRCIA E VALERY.....	71
5.2 MORALIDADE E CIENTIFICIDADE EM <i>PÚRPURA DA NOITE</i> .....	83
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>95</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>100</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>220</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Há uma divisão silenciosa no mundo da prostituição. Sentadas em bancos mal-cuidados de praças públicas ou prostradas semi-nuas em vielas mal iluminadas, prostitutas de rua aguardam o terceiro ou quarto cliente do dia, que lhes trará dezenas de reais por meia hora de companhia em um motel barato qualquer. Enquanto isso, acompanhantes de luxo agendam os programas pelo celular, dispõem de hidromassagens privativas e chegam a cobrar centenas de reais por uma hora de sexo.

A elaboração de um documentário audiovisual que adentre essas sutis diferenças no interior da realidade de mulheres que vivem diariamente o fenômeno da prostituição, um universo permeado de preconceito e clandestinidade; que considere a complexa trama de implicações sociais, morais, psicológicas e até mesmo legais, historicamente construídas e legitimadas sobre essa atividade; e que, sobretudo, compartilhe com o espectador histórias de vida de diferentes perfis de mulheres prostitutas; pode e deve contribuir para sensibilizar a sociedade em relação à questão, incentivando um debate humano e qualificado sobre o tema.

Com esse compromisso fundamental é que este trabalho se justifica e serve de orientação teórica para a realização de um filme documentário que objetiva, considerando pressupostos de alteridade (estar no lugar do outro), moralidade (conjunto de códigos de conduta e valores prescritos ao indivíduo pela sociedade) e cientificidade (investigação e mediação crítica no aprofundamento dos saberes), descrever condições de trabalho e situações vividas por prostitutas em Curitiba.

Considerando o documentário como formato de apropriação dessa realidade, procedeu-se a uma breve revisão teórica de alguns estudos, autores e argumentos que discutem um pouco do conceito, da história e da linguagem do documentário, com ênfase especial no *documentário do inter-humano*, isto é, o protocolo ético de intenções e responsabilidades que supostamente devem conduzir os processos produtivos de um filme.

Na parte que estuda o documentarismo, a organização dessa discussão se dá, em um primeiro capítulo, na tentativa de delimitação do conceito *documentário*, situando-o em relação ao cinema, a conceitos da semiótica e outras noções que lhe são associadas epistemologicamente, como “realidade” e “verdade”. No segundo capítulo, há uma breve análise, com base em uma cronologia histórica sintetizada pelo conceito de *vozes documentárias*, das formas estéticas legitimadas na tradição documentária, bem como do eixo ético que as sustenta. No terceiro e último capítulo sobre documentarismo, os processos produtivos que dão forma ao filme documentário são investigados enfatizando-se a



especificidade e importância da circunstância da tomada (momento da filmagem) e do fenômeno do inter-humano (na qualidade de reciprocidade do diálogo) para o reconhecimento do documentário como um encontro eticamente válido e esteticamente sustentável/representável entre três agentes: documentarista realizador do filme (Eu), sujeito documentado no filme (Outro) e público espectador do filme (Tu).

A revisão de literatura do tema, que circunscreve o universo desse Outro a ser documentado pelo filme, divide-se em dois momentos. O primeiro deles compreende uma breve retrospectiva cronológica das condições simbólicas e materiais que fizeram da prostituição feminina uma prática secular, percorrendo recortes históricos do seu contexto da pré-história ao início do século XX. Em um segundo instante, mapeia-se um pouco do contexto da prostituição feminina no cenário contemporâneo, situando-se algumas referências que motivaram a construção de uma identidade sócio-profissional pelas prostitutas.

Nos capítulos finais deste trabalho são apresentados: o projeto de pesquisa – a delimitação do tema, hipótese e problema, justificativa do formato e do tema – e uma série de apontamentos e perguntas metodológicas que nos conduziram à realidade do trabalho de campo, antes, durante e após a realização do presente filme documentário sobre a prostituição feminina em Curitiba.

O intuito deste trabalho de pesquisa é, dentro desses tópicos, esboçar de forma sistematizada o mapa de referências pertinentes ao formato do documentário audiovisual e ao tema da prostituição feminina que nortearam as escolhas éticas e estéticas durante a produção do documentário – ainda que se reconheça o alcance da teoria circunscrito, em certa medida, à contingência e imprevisibilidade de tal empreitada.

## 2 DOCUMENTÁRIO

### 2.1 IRMÃO POBRE DA FICÇÃO OU GATA BORRALHEIRA DO CINEMA?

*A palavra documentário tem um sabor de poeira e tédio.*  
Alberto Cavalcanti

*Deus é o autor de documentários.*  
Alfred Hitchcock

Uma série de pensadores, estudiosos ou simplesmente curiosos – sem deixar de incluir aí os próprios cineastas – está interessada em *discutir* cinema, como afirma Andrew (2002), “não como um modo sagrado de estar com o mundo, mas como outro modo, diferente, de ser humano, diferente de – mas relacionado a – coisas como literatura, ritual religioso e ciência”. Alguns por mero passatempo, mas boa parte deles tendo em perspectiva uma *ontologia* do cinema, isto é, debruçando-se sobre questões que o identificam e o situam dentre outros campos de representação artística ou do conhecimento humano.

A teoria do cinema é outra avenida da ciência e, como tal, está preocupada com o geral em vez de com o particular. Não está preocupada basicamente com filmes ou técnicas individuais, mas com o que pode ser chamado de a própria capacidade cinemática. Essa capacidade governa tanto os cineastas como os espectadores. Enquanto cada filme é um sistema de significados que o crítico de cinema tenta desvendar, todos os filmes juntos formam um sistema (cinema) com subsistemas (vários gêneros e outros tipos de grupos) suscetíveis de análise pelo teórico. (ANDREW, 2002, p. 14)

Uma expressão específica da cinematografia, que nas últimas duas décadas vem recebendo atenção especial, é o campo do documentarismo. A produção de documentários de curta, média e longa-metragem, paralela ao avanço da cinematografia brasileira em geral, tem ganhado espaço na crítica e mídia. Da condição de gênero audiovisual “menor” – à revelia de sua maior tradição entre o público norte-americano e europeu – o documentário brasileiro se fortaleceu nas últimas duas décadas.

Esse crescimento teria por base, segundo Baggio (2005, p. 25), uma perspectiva mais aberta quanto ao conceito de documentário (influência direta e clara do pós-estruturalismo), e as possibilidades tecnológicas de produção surgidas na década de 90 (plataformas digitais de captação e edição). A contrapartida teórica desse crescimento é mensurável. Hipóteses, paradigmas e interpretações diversas são aventados não só para teorizar a práxis documental, mas também a fim de transformar as associações e significados que a convencionam e a

legitimam entre cineastas, no círculo acadêmico e na sociedade. O entorno conceitual dessa discussão, porém, carece de bibliografia suficiente.<sup>1</sup>

Mas afinal, indaga Ramos (2001, p. 192-193),

Seria o documentário um gênero como outros, ou teria o documentário características imagéticas (e sonoras) estruturais que o singularizariam deste outro vasto continente da representação com imagens-câmera que é a ficção narrativa (em seus formatos diversos de ‘filme’ – longa ou curta -, ‘mini-série’, ‘novela’)?

Se é que podemos considerar os filmes agrupados sob a denominação de *documentário* como pertencentes a um subsistema do cinema – e admitindo ainda que entre documentário e ficção há uma diferença não de natureza, mas de grau de representação e leitura – a própria noção de *documentarismo* poderia ser aceita, nas palavras de Penafria (2004), como teoria que interroga o cinema a partir do filme documentário. Tal premissa considera que a tradição audiovisual do documentário pode ser discutida pela teoria, crítica e estética do cinema.

A relação entre a imagem e o mundo histórico, o que é exterior à câmera é o eixo pelo qual se pode caracterizar e singularizar o documentário dentro do universo da representação, na opinião de Ramos (2005). O autor enumera uma série de imagens cujo valor documental reside no registro de fatos que se tornaram históricos: a do Boeing que se choca contra as torres do World Trade Center; a do presidente americano John Kennedy quando desfila em um carro aberto e tem sua cabeça estilhaçada por uma bala; a do concerto de rock dos Rolling Stones nos anos 60 quando no meio da multidão um dos espectadores é assassinado; a das crianças vietnamitas que correm por uma estrada fugindo de bombas Napalm lançadas por aviões americanos durante a guerra do Vietnã; entre outras.

Essas imagens, paradigmáticas deste século e do século passado, teriam seu valor não tanto pelas suas qualidades estéticas, como no cinema ficcional, mas pelo peso da verdade histórica que suportam; daí terem *traços documentais*. Justamente a “diferença de grau” que Penafria reivindica entre ficção e documentário, também lembrada por Godoy (2000, p. 8):

O documentário e a ficção são dois tipos diferentes de discursos sobre a Realidade; discursos **diferenciados quanto à origem heurística** de cada um; ou seja, diferenciados quanto à categoria da realidade da qual surgem, e quanto aos métodos próprios da produção de cada um dos discursos. [grifo nosso]

Na definição de Costa (1982, p. 4), o documentário tem por base a fixação em imagem cinematográfica de situações *reais* e não fictícias, um registro de situações ontologicamente

---

<sup>1</sup> Como pontua Baggio (2005, p. 21), sequer há disponível nas teorias gerais do cinema reflexão suficiente sobre cinema documentário e em muitos casos busca-se, para essa questão, utilizar parâmetros que envolvem outros conceitos tão ou mais difíceis, como o de “real”, de “realidade”, de “objetividade”, “intervenção” ou “não-intervenção”.

verdadeiras. O autor argumenta, contudo, que o documentário (que exige a máxima fidelidade) permite manipular, criar, ficcionar, transformar, ou até mesmo fingir acontecimentos que não poderiam existir sem a presença da câmara e sem a pressuposta necessidade do olhar do espectador. O importante, sob esta análise, é que a situação filmada seja ou se transforme numa situação verossímil, de tal modo que, do ponto de vista da câmara, se possa *dar verdade* a essa realidade fabricada.

Essa necessidade de autenticidade na escolha do lugar, personagens e situações, esse efeito de verossimilhança que se cria com cinema, técnica ou imaginação, associado à realidade que se forjou ou criou e que a câmara filma, deveria então converter-se, no documentário, num efeito de verdade. Esse efeito de verdade seria no dizer de Costa uma forma de conhecimento humano que o filme documentário exigiria como *condição formal* da sua própria sobrevivência.<sup>2</sup>

Baggio (2005, p. 57) parece concordar com esta posição:

Desta forma, o que vemos na tela em um filme documentário assemelha-se muito ao que foi encontrado pelo documentarista e, especialmente, assemelha-se muito ao que está além do campo filmado. Isso não significa, necessariamente, um comprometimento com o "real", nem podemos dizer que é a "realidade".

O autor faz uma importante ressalva, aliás, em relação à utilização de termos como “verdade” e “realidade” em associação com o documentário, que teria de ser analisada considerando-se o recorte conceitual, ou contexto em que está inserida.<sup>3</sup>

Com relação ao contemporâneo estudo sobre a definição do documentário, Ramos (2001) destaca um flagrante embate entre duas posturas principais: o recorte analítico-

---

<sup>2</sup> Este autor argumenta que no filme documentário fica sempre visível, poderosamente presente, algo da realidade viva que o espectador vê, ouve e entende, tal como se estivesse presente no lugar da câmera, coisa que na ficção ele sabe à partida ser ilusão pura.

<sup>3</sup> Com base nos conceitos da semiótica americana elaborada por Charles Peirce, Baggio (2005, p. 59-61) opera uma **distinção semiótica entre ficção e documentário**. Justifica que a imagem cinematográfica que têm em comum é *indicial* porque o seu registro fotoquímico tem o *traço* dos objetos, estando certamente além da relação de semelhança (icônica) com esse objeto, podendo, em todo caso, obter força de convenção (simbólica) com esse mesmo objeto. A partir dessa semelhança básica, o autor delimita uma diferença entre as imagens ficcional e documentária a partir dos conceitos de *objeto imediato* e *objeto dinâmico*, designados como qualidades que os signos possuem em estabelecer similaridades com as formas sensível, física e intelectiva sob as quais, supostamente, o mundo se apresenta. O objeto imediato corresponderia às formas pelas quais o objeto dinâmico do mundo se apresenta ou é representado no signo. Haveria, pois, a partir da relação entre objeto imediato e objeto dinâmico três tipos de signos: 1) *signo indefinido*, cujo objeto imediato é apenas uma presença possível do objeto dinâmico; 2) *signo singular*, cujo objeto imediato denota precisamente o objeto dinâmico; e 3) *signo distributivo*, cujo objeto imediato está representado como intercambiável com qualquer existente dentro de certas relações específicas e determinadas. É sob esse viés semiótico que o autor reconhece o índice documentário associado ao signo singular, destacando a *forma proeminentemente física* do documentário, por oposição ao índice ficcional, mais associado ao signo distributivo, destacando a *forma predominantemente intelectiva* do cinema.

cognitivista (Carroll, Plantinga, Ponch) e a bibliografia que trabalha a não-ficção dentro do horizonte pós-estrutural (Renov, Nichols, Odin).

Pelo viés pós-estruturalista, aponta Ramos, sustenta-se que inexiste uma representação objetiva do real e que, por conta disso, é impossível a definição do campo documentário em relação à ficção. Essa visão enfatiza a fragmentação da subjetividade que sustentaria toda representação e nela assenta a saída ética para pensar o discurso cinematográfico. Nesse raciocínio, por extensão, assumir um campo específico ao documentário seria assumir a possibilidade de uma representação objetiva, transparente.<sup>4</sup>

Já o pensamento cognitivista-analítico, efervescente na segunda metade da década de 90, traz para o debate parâmetros da lógica formal e surge em títulos e artigos que propõem uma delimitação rígida do campo documentário em relação à ficção. Dois conceitos, desenvolvidos por Carroll (1997), são centrais nessa posição: o de *asserção pressuposta* e o de *indexação*. O primeiro designa o campo documentário como aquele onde discurso fílmico é carregado de enunciados que contêm asserções ou afirmações que trazem um saber sobre a realidade ou universo que designam. O documentário tomaria sua singularidade da ficção, ao possuir uma forma específica de representação, composta por enunciados sobre o mundo, caracterizados como asserções verdadeiras ou falsas, o que Carroll nomeia de *cinema de asserção pressuposta*, conforme exemplifica Ramos (2001, p. 5):

*Cabra Marcado Para Morrer* [filme de 1984 de Eduardo Coutinho], por exemplo, contém asserções, proposições na forma de afirmações [...] sobre a vida de uma família que teve seu destino desviado pela instauração do regime militar no Brasil. *Conterrâneos Velhos de Guerra* [filme de 1991 do brasileiro Vladimir Carvalho] contém asserções sobre a construção de Brasília e a vida dos operários envolvidos nesta ação. *Drifters*, de John Grierson [1929], caracterizaria-se por constituir-se em discurso composto por enunciados assertivos sobre a pesca industrial na Inglaterra dos anos 30.

O segundo conceito-chave da visão lógico-analítica do documentário, *indexação*, apontaria para a dimensão pragmática, receptiva, do documentário.<sup>5</sup> A idéia é que ao assistir um documentário o espectador em geral tem um saber social prévio sobre se está exposto a

---

<sup>4</sup> Ramos (*ibid*, p.4) denuncia **como se articula o argumento pós-estruturalista**: admite-se que é ético mostrar o processo de representação, mas não é ético construir a representação para sustentar/validar uma opinião/interpretação da realidade. Para o autor, existe uma pobreza analítica em tal eixo de análise porque se debita ao documentário a inocência epistemológica (ou o peso) de representar a realidade tal qual. O encargo da representação totalizante e necessariamente transparente que o conceito de documentário implicaria, evidenciaria um contra-senso: a evidência da dimensão ficcional do documentário, como se espessura de procedimentos discursivos (representação) e ficção fossem sinônimos, ou ainda, como se a única saída discursiva legítima para o documentário fosse apontar em direção às suas próprias condições de enunciação.

<sup>5</sup> Este conceito não deve ser confundido com o de *indicialidade*, que designa uma potencialidade da imagem.

uma narrativa documental ou ficcional. Dentro deste acordo tácito de leitura é que efetivamente, na ampla maioria dos casos, a matéria-prima documental seria socialmente referenciada e o seu estatuto, em geral, reconhecido na indexação: a coincidência dos objetivos dos realizadores e a postura do público.<sup>6</sup>

Na análise de Penafria (2006, p. 1), contudo, inexistente essa diferença ontológica apontada por Carroll entre o cinema ficcional e o cinema documentário, superada mediante uma noção própria de documentarismo:

O Documentarismo pressupõe uma contigüidade entre o filme documentário e o filme de ficção, apresenta-se como uma consequência da dificuldade em distinguir o registro documental do registro ficcional e tem a utilidade de destacar que a classificação de um filme importa muito menos que o modo como olhamos e somos olhados pelo cinema, o que poderá contribuir sobremaneira para libertar o documentário do peso que sobre ele recai de *re-presentar* ou ter por dever *re-presentar* a realidade tal qual.

Nesse sentido, Barros (2005) sugere estabelecer uma investigação histórico-semiótica, analisando e resgatando a origem da técnica, estética e linguagem do documentário, a fim de compreender a complexidade do conceito e identificar o que o caracteriza enquanto gênero. O que o documentarismo deve verificar, por esse recorte, é a sua própria viabilidade no sentido de ser uma *arqueologia do cinema*. Barros recorda que a primeira tentativa de distinção entre ficção e documentário, apesar do extenso embate que hoje a questão levanta entre pós-estruturalistas e cognitivista-analíticos, é de John Grierson.

No primeiro artigo em que se propõe teorizar o conceito documentário, *First of Documentary*, publicado em 1932, Grierson estabelece algumas características delimitadoras do documentário. Entre elas, Penafria (1999, p. 2) cita que “o registro in-loco, o ponto de vista e a criatividade do documentarista são os princípios que constituem a unidade do filme documentário”. Como afirma a autora, o cinema documental está historicamente pautado pelo registro de informação ao historiador e para todos que buscam saber como foi e aconteceu um dado fato, mas também é uma “poesia com os pés na terra”, de modo que suas imagens estariam a serviço não dos fatos do mundo, propriamente, mas de idéias autorais do realizador sobre esses fatos. A realidade do documentário, suas imagens e sons, seriam sempre autorais, expressivos da relação autor-mundo, de onde se extrai a matéria-prima que irá constituir o seu

---

<sup>6</sup> Em resumo, de acordo com Ramos (2000, p. 5-6), o fato da ambigüidade do estatuto (ficcional ou não) de uma narrativa cinematográfica poder facilmente ser construída não parece ser metodologicamente significativo para a abordagem cognitivista-analítica a ponto de propor uma indefinição conceitual entre a matéria-prima da ficção e da não-ficção. O termo documentário compreenderia então, diz Carroll (1997, p. 72), um conjunto de “filmes que se engajam no que poderíamos chamar de jogo de asserção, no qual as questões epistêmicas de objetividade e verdade são incontestavelmente adequadas”.

registro. Para que um filme seja considerado um documentário seria preciso, ainda, uma maneira de ordenar esses elementos que tornam o filme e a realidade cúmplices, porém independentes, conforme elucida Barros (2005, p. 21):

Mais do que encontrar uma unidade que o defina, deve ser verificável, durante a formação, uso e desuso do conceito documentário as práticas que contribuíram para a organização de diversos profissionais ao redor desse ramo da produção cinematográfica – formalizando não a delimitação de um gênero, mas a formação de um protocolo de intenções e responsabilidades, que, se não apresentam como barreiras intransponíveis, articulam uma reciprocidade aos produtos cinematográficos sobre a qual eles dialogam e organizam-se historicamente.

O documentarismo é aí identificado pela presença e ordenação dos elementos que historicamente foram produzindo sua *arqueologia*, caminhando no sentido das intenções, não apenas dos cineastas, mas também nas intenções do espectador perante o objeto captado no momento da filmagem. Assim, o conceito documentário se caracterizaria por um conjunto de técnica, estética e linguagem envoltas por uma interpretação/reflexão da realidade.

Baggio (2005, p. 54-55) acrescenta que a matéria-prima do documentário é construída tendo o realizador audiovisual como referente mediador entre realidade e receptor/espectador; é ele quem projetaria um encontro de ambos na experiência do documentário, qualidade ética que Penafria (2006, p. 8) chama de “intervenção”:

A realidade a que o filme documentário nos dá acesso é menos a realidade em si e mais o relacionamento que o autor do filme tem com os intervenientes do filme. Decidir fazer um documentário é uma intervenção na realidade, é um percurso que se faz e que se partilha com o espectador. Um percurso equacionado por uma relação de confronto e/ou uma relação de compromisso com os intervenientes/personagens

Admitindo-se, pois, que o realismo do documentário é – porque historicamente assim se constituiu e se legitimou – um realismo de intenção, desde logo os problemas percebidos no processo de produção audiovisual, passíveis de crítica à possibilidade de conhecimento da realidade, deverão ser formulados, segundo Godoy (2000), por conceitos de ordem ética e epistemológica, e não como indicação da inexistência de uma ontologia do documentário e de sua capacidade de representação realista da realidade.<sup>7</sup>

Esse eixo ético que media a apropriação da realidade via documentário teria um especial relevo para re-alocar o gênero dentro do cinema, face à posição desvantajosa em que o filme documentário teria sido muitas vezes colocado dentro da história, crítica e teoria do cinema. Nas palavras de Penafria (2004, p. 10), “o filme documentário sempre ocupou um

---

<sup>7</sup> O autor (*op. cit.*, p. 3) sintetiza essa preocupação ao afirmar que “qualquer crítica à capacidade de representar a realidade através do documentário, deveria referir-se muito mais a questões de ordem ética e metodológica, do que um assunto a ser resolvido com a negação do Realismo”.

lugar de segundo plano no cinema, sempre esteve à retaguarda do cinema e quase sempre numa posição de inferioridade”, sendo muito mais associado a gêneros jornalísticos e televisivos como a reportagem e normalmente situado, pelos próprios documentaristas, em oposição ao filme de ficção. Por tal argumento, quanto mais próximo o documentário estaria da representação da realidade, mais longe estaria da arte – um *primo pobre da ficção*.

Nesse sentido, interessa-nos a afirmação do crítico português José Manuel Costa, segundo o qual o documentário não deve

Ser identificado com o primeiro impulso do cinema, ou com o seu mais automático e inocente exercício. O documentário foi uma invenção, e foi justamente uma invenção que reagiu aos extremos de manipulação em que o cinema caiu quando em busca da sua autonomia. [...] Quando nasceu, foi o contrário da inocência (já então impossível), foi o veículo de um olhar, ou de um poder, que dirige a câmara sob regras próprias. (apud MONTEIRO, 1996, p. 24)

Falar no documentário, então, como a “gata borralheira do cinema”, uma expressão cinematográfica com um caráter distintivo, implicaria reconhecer, sob hipótese, que a tradição documentária, ainda que absorva muito das considerações sobre o estatuto de imagem e realidade cinematográficas, repousa em especificidades conceituais e narrativas próprias.



## 2.2 HISTÓRIA E LINGUAGEM – O VÔO INQUIETO DE UMA MOSCA

Durante os mais de cem anos de tradição cinematográfica em que se insere o documentário, diferentes linguagens e estilos foram criados, combinados e reciclados em consonância com a ética de cada cineasta e com as diferentes correntes de expressão artística.

No entendimento de Nichols (1983, p. 47), “o realismo confortavelmente aceito por uma geração parece um artifício para a geração seguinte. Novas estratégias precisam ser constantemente elaboradas para representar ‘as coisas como elas são’, e outras para contestar essa representação”. O autor nota que, especificamente no campo do documentário, quatro diferentes correntes éticas assinalam diferentes formas de representar uma realidade segundo características próprias, relacionáveis pelo conceito de "voz".

Por "voz" refiro-me a algo mais restrito que o estilo: aquilo que, no texto, nos transmite o ponto de vista social, a maneira como ele nos fala ou como ele organiza o material que nos apresenta. Nesse sentido, “voz” não se restringe a um código ou característica, como o diálogo ou o comentário narrado. Voz talvez seja algo semelhante àquele padrão intangível, formado pela interação de todos os códigos de um filme, e se aplica a todos os tipos de documentário. (NICHOLS, 1983, p. 50)

Penafria (1999) emprega outro termo para designar a relação dos códigos que organizam simbolicamente um filme: "estratégias" ou "formas". Caberia, segundo a autora, discutir com maior ênfase essas quatro correntes, "vozes" ou estilos documentais que, embora não tenham se desenvolvido de forma mutuamente exclusiva, demarcariam na história do documentário suas possibilidades de linguagem. Nas palavras de Ramos (2005, p. 168),

Nosso objetivo será o de detectar as estruturas que congregam esses valores morais em sistemas ideológicos congruentes, dominantes em determinado período histórico. A realização e recepção da narrativa documentária aparecem particularmente vinculadas à dimensão moral das condutas dos agentes sociais. É possível determinar como diferentes sistemas éticos se articulam a partir de distintos procedimentos estilísticos.

Antes de adentrar esses estilos principais cabe, contudo, apontar a gênese da tradição documentária. O ponto de partida é a França no final do século XIX, época de fascínio com as ciências naturais, auge da sociedade burguesa, do industrialismo e do racionalismo científico. Conforme descrevem Merten (1995) e Costa (1997), é num cenário de otimismo e ansiedade com os espetáculos de magia e atrações de charlatões e golpistas das ciências ocultas que

Auguste e Louis Lumière realizam a primeira exibição pública do cinematógrafo – a quinta dos irmãos – fundando o cinema.<sup>8</sup>

A contribuição dos irmãos para o documentarismo estaria expressa na simplicidade e naturalidade dos movimentos registrados em seus filmes, que irão ser características-base para o primeiro documentário. Eles buscavam mostrar ambientes naturais e pequenos gestos e não uma representação elaborada de como seria ou deveria ser a vida da sociedade da época.

Pouco depois dos Lumière e em paralelo às técnicas de Méliès<sup>9</sup>, na década de 1910, alguns filmes caminharam em direção ao cinema de atualidades, gênero que interessa ao entendimento do termo documentário, pois empresta certas características e intenções às idéias do primeiro documentarista da história. Baseado nos acontecimentos do momento, o cinema de atualidades alimentava, diz Da-Rin (2004, p. 32), um público ávido por notícias.

Registros de fatos reais, ficções, encenações e reconstituições formavam um amalgamo indistinto, que saciava a fome do público por atualidades. Logo, atualidade não designa somente o tipo de filme oferecido por Lumière, mas também as reconstituições que focalizavam assuntos de grande repercussão na imprensa e que não podiam ser filmadas ao vivo. Um gênero muito popular de atualidades era o de cenas de guerra. O conflito hispano-americano, por exemplo, foi assunto de inumeráveis filmes, que misturavam registros reais com encenações de batalhas navais usando miniaturas.

Devido à produção dos filmes de atualidade os cineastas conseguiam diversas imagens de todas as partes do mundo. Logo, elas passaram a ser usadas para fins etnográficos e também para uma nova categoria de filmes denominada *travelogues*, considerados filmes de viagem. No momento em que coexistiram essas culturas cinematográficas – o cinema de atualidades, o registro etnográfico e os *travelogues* – foi possível, de acordo com Barros (2005, p. 29), situar e identificar o cinema documentário dentre os demais filmes existentes:

As bases epistemológicas do cinema documentário estavam dadas: o caráter informacional e interpretativo das atualidades; o respeito metodológico para com o objeto de estudo e a desconfiança científica para com as simplificações dos filmes etnográficos; e o fascínio das imagens naturais, próprias das primeiras filmagens dos irmãos Lumière, resgatadas com o deslumbramento frente ao desconhecido e exótico dos *travelogues*.

---

<sup>8</sup> Apesar da surpresa e ansiedade do público, controvérsias surgiram sobre o pioneirismo do feito, envolvendo segundo Merten (*ibid*, p. 19) as invenções similares do americano Thomas Alva Edison, do electricista e fabricante inglês de equipamentos ópticos William Paul Robert, do engenheiro alemão Max Skladanowsky e criando até por volta de 1910 “uma guerra jurídica e financeira que agitou os primeiros anos do cinema”.

<sup>9</sup> Contrário à intenção inicial dos Lumière, um mágico ilusionista francês chamado George Méliès realiza na época centenas de filmes que se fundamentavam na ilusão e fantasia e que apresentava como espetáculos e truques de ilusionismo nas feiras itinerantes para curiosos. Costa (*ibid*, p.2) indica que, se os irmãos Lumière desejavam reproduzir o real com rigor “científico”, registrar fatos corriqueiros do cotidiano, com o propósito de “abrir as suas objetivas ao mundo”, inventando assim o filme documentário, Méliès teria trazido para o cinema princípios da encenação teatral, a temporalidade própria das narrativas teatrais e literárias.

### 2.2.1 E nasce a mosca: Documentário clássico

*Eu sou a mosca que pousou na sua sopa.  
Eu sou a mosca que pintou pra lhe abusar.*  
Raul Seixas

A tradição clássica seria a primeira forma convencionalmente delimitada de documentário, segundo Ramos (2005) e Penafria (1999), e abrange desde a produção do norte-americano Robert Flaherty, na década de 20, até a difusão do movimento documentarista britânico por John Grierson, na década de 30. Flaherty teria sido o primeiro cineasta a reunir com êxito, no filme *Nanook of the North* (1922), todas as características das atualidades, dos filmes etnográficos e dos *travelogues*, pois ao ter combinado a filmagem em locações naturais, típica dos *travelogues*, com estratégias próprias da narrativa ficcional, diferencia-se dos demais filmes de viagem feitos à época.<sup>10</sup>

Um dos padrões éticos que orienta a realização documentária em Flaherty está focado na valorização positiva de padrões de conduta vinculados à necessidade da preservação de tradições em via de desaparecimento. A missão do documentário está em reproduzir/preservar essas tradições, ecenando e recriando procedimentos comunitários extintos. (RAMOS, 2005, p.169)

Outro importante nome da tradição documentária é o cineasta russo, Dziga Vertov, cuja obra data dos anos 20 e dialoga com os movimentos de vanguarda da época<sup>11</sup>, que

---

<sup>10</sup> Barros (2005, p. 32) pontua que “a narrativa de *Nanook* não possui um desfecho conclusivo, são pequenas histórias que, juntas, conferem um sentido mais amplo ao objeto, apreendido em decorrência da presença do cineasta no local das filmagens”. Mesmo assim, não se sabe no filme se o personagem-protagonista *Nanook* realmente se chamava assim, se sua família no filme era sua real família, se as pessoas realmente se comportavam cotidianamente como no filme. Quando foi lançado e mesmo em épocas posteriores, este filme de Flaherty despertou várias controvérsias, dentre elas, críticas quanto ao seu valor etnográfico, o que só contribuiu, na revisão de literatura sobre documentarismo, para afirmar o filme como fundador do documentário justamente pelo pioneirismo de documentar uma história e locações verdadeiras utilizando conscientemente estratégias ficcionais.

<sup>11</sup> Após a Primeira Guerra Mundial, a intranquilidade econômica, política e social fragmentou os pontos de vista tradicionais, possibilitando a formação de um contexto fértil no pensamento e prática cinematográficos. Conforme descreve Merten (1995), a vanguarda francesa, o expressionismo alemão e o construtivismo russo, no intervalo que cobre de 1915 a 1935, sustentam as principais formulações nesse sentido. A **vanguarda francesa**, paralela a movimentos nas artes plásticas tais como o futurismo, o cubismo, o dadaísmo e o surrealismo, também conhecida por *avant-garde* e liderada pelo escritor e o cineasta Louis Delluc, surge a partir de uma crítica ao cinema industrial, no sentido de reservar para o cinema um discurso intelectual, um interesse ideológico e de protesto configurado por uma linguagem que enfatiza o lirismo, o experimentalismo e valores rítmicos e estéticos, vide nomes como Luis Buñuel, Germaine Dulac, Marcel L’Herbier, Jean Epstein, Dimitri Kirsanov, Abel Gance e Jean Vigo. O **expressionismo alemão**, embora não forme uma escola com um programa definido no cinema, surge no contexto da Alemanha derrotada pós-Primeira Guerra Mundial como expressão artística comum da agonia e desespero da nação. Representa um “grito mudo”, explora deformações plásticas, linhas oblíquas, ruas tortas e janelas fora de quadro, um mundo contrastado em claro-escuro, o caos e a descontinuidade narrativa, em filmes como *O Gabinete do Dr. Cagliari* (1920), do alemão Robert Wiene, e

prezavam pela temática das grandes cidades e compartilhavam idéias de transformação artística diante da empolgação com a vida moderna e com as revoluções tecnológicas. Vertov cria o conceito de (*kino-pravda*), defendendo que o olho da câmera é mais fiel à realidade que o olho humano, idéia que ilustra no filme *Cine-Olho* (1924). Já em *Um homem com uma câmera* (1929) argumenta que a intenção não é apenas filmar, mas lembrar ao espectador que está vendo um filme, que há um cineasta e uma câmera influenciando os comportamentos, que há montagem, intenções e olhares.

O cineasta russo acreditava que o público deveria pensar e interagir com a obra e costumava editar as imagens fora de uma ordem linear, ou ainda filmava a cena sendo filmada – uma metalinguagem cinematográfica – e a interferência da câmera nos gestos habituais dos personagens. O traço essencial de Vertov seria o de apontar ou evidenciar o aparato cinematográfico, preocupado em somar uma finalidade social para o documentarismo.

Estes dois cineastas abriram caminho para o documentário definindo-lhe um posicionamento. Antes de mais nada, confirmaram que é absolutamente essencial que as imagens do filme digam respeito ao que tem existência fora do filme, ou seja, o cineasta deve sair do estúdio e registrar *in loco* a vida das pessoas e os acontecimentos do mundo. [...] Se o primeiro [Flaherty] pedia às pessoas para se manifestarem para a câmera, para representarem a si mesmas, o segundo [Vertov] pretendia captar as pessoas na sua vida quotidiana de preferência sem que se apercebessem que estavam a ser filmadas. [...] Eles mostraram que é possível existir um filme onde o registro do mundo e a reflexão desse mundo e/ou a reflexão desse registro ocupam um lugar privilegiado. (PENAFRIA, 1999, p. 1)

Face à arqueologia do cinema documentário, Barros (2005) destaca a contribuição do cineasta escocês John Grierson no momento de institucionalização da prática e do estudo do documentário. Pioneiro no estudo do documentarismo e criador no começo da década de 30 da Escola Britânica de Documentários, Grierson teria contribuído justamente no reconhecimento do documentário enquanto produção autoral específica ao desenvolver um intenso trabalho de promoção do documentário junto à crítica especializada e às autoridades, através de artigos, palestras e contatos. Teria garantido desse modo, segundo Da-Rin (2004, p. 61), “o apadrinhamento estatal, a possibilidade de treinar um núcleo de produção, a influência na academia e nos meios de comunicação”. Nas palavras de Penafria (2004, p. 2):

---

*M, O vampiro de Düsseldorf* (1931), filme do austríaco Fritz Lang no alvorecer do cinema sonoro. O **construtivismo russo**, por sua vez, foi um movimento estético-político que reivindicou a utilização da montagem no cinema como motor do sentido estético e social do veículo, seguindo a máxima de Vladimir Miakóvski, segundo a qual não há arte revolucionária sem forma revolucionária, idéia presente nas obras principalmente de Sergei Eisenstein e Vsevolod Pudovkin.

O movimento documentarista britânico dos anos 30 foi um momento importante para a demarcação, para um estatuto autônomo de gênero, a partir da especificidade das suas temáticas e da sua forma cinematográfica. Enquanto alternativa ao filme de ficção e aos filmes de atualidade, o filme documentário facilitava uma tomada de consciência social para problemas que a todos diziam respeito.

A autora designa este tipo de documentário como de “exposição” e acrescenta que nessa estrutura de onipotência narrativa, as imagens corroboravam visualmente a evidência irrefutável da argumentação aduzida pela voz do narrador. Segundo a conceituação de Nichols (1983, p. 48), é a chamada "voz de Deus":

O estilo discurso direto da tradição griersoniana (ou, em sua forma mais exagerada, o estilo "voz de Deus" de *The March of time*<sup>12</sup>) foi a primeira forma acabada de documentário. Como convém a uma escola de propósitos didáticos, utilizava uma narração fora-de-campo, supostamente autorizada, mas quase sempre arrogante. Em muitos casos, essa narração chegava a dominar os elementos visuais, embora pudesse ser poética e evocativa.

Os filmes deste movimento eram concebidos tendo como suporte uma idéia de utilidade pública, cujo propósito, segundo Ramos (2005, p. 173), era institucional e educativo:

A ação da educação traz inerente a percepção do outro pelo vínculo altruísta. Esse “outro” para quem o discurso educativo enuncia suas verdades, é o povo, definido como pólo passivo. Esse pólo recebe e tira proveito da condescendência de quem educa. A alteridade definida como “povo” existe a partir da ação altruísta do sujeito que educa.<sup>13</sup>

### 2.2.2 Cinema direito ou mosca na parede

No período após a Segunda Guerra Mundial mudanças começam a ocorrer na área do cinema, bem como nas demais artes, e as possibilidades estéticas e concepções de documentário são revistas. Influenciados pelas revoluções culturais, pelas mudanças éticas e estéticas nos filmes ficcionais, como o neo-realismo italiano<sup>14</sup>, a *novelle vague*<sup>15</sup> e, no Brasil,

---

<sup>12</sup> Popular cinejornal norte-americano exibido entre 1935 e 1951 que, segundo o autor, combinava encenações, imagens de arquivo e filmagens de fatos contemporâneos amarrando-os sob uma grandiloquente voz fora-de-campo.

<sup>13</sup> Sob esse ponto de vista, quando Grierson publica em 1932 *First of Documentary*, artigo em que define essa espécie de filme como "tratamento criativo da atualidade" e não delimita com muita rigidez as possibilidades estéticas e formais do documentário, tal indefinição teórica pode ser vista como funcional se considerarmos que a Escola tinha o patrocínio do governo inglês e que nos filmes com temáticas sociais de Alberto Cavalcanti, Paul Rotha, Basil Wright, Harry Watt e Humphrey Jennings, geralmente, os problemas e desequilíbrios fossem resolvidos.

<sup>14</sup> Como acontece com a Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, a Itália também derrotada na Segunda Guerra Mundial olha para si e os cineastas italianos se voltam ao homem comum. Diferente das deformações

o Cinema Novo <sup>16</sup>, os cineastas documentaristas passam a assumir uma nova postura perante o sujeito do filme e o público espectador, no sentido não só de buscar uma objetividade e criatividade não encontradas nos filmes feitos até então, como também, afirma Andrew (2002, p. 92), realizar um “cinema com uma consciência verdadeira tanto para com a nossa percepção cotidiana da vida como para com nossa situação social”. Paralelamente, o quadro ético da contracultura e filosófico do estruturalismo questiona se todo o cinema é manipulação e, como tal, se o cinema documentário é uma fonte fiável de informação que se pretende verossímil. <sup>17</sup>

Ramos (2005, p. 174-175) observa que a “enunciação fora-de-campo impessoal, detentora de um saber e com uma missão educativa financiada pelo Estado caminha rapidamente para um esgotamento na virada dos anos 1950 para os 1960”, contexto em que surge o *cinema direto*, “permeado por um novo campo de valores que anuncia-se no horizonte, com a voracidade dos momentos históricos que não se fazem esperar”.

Novas estratégias, novos estilos, novas formas ganharam vida. São disso exemplo marcante o "cinema-direto" americano, também denominado "the fly-on-the-wall" e o "cinema-verdade" também denominado "the fly-on-the-soup" inicialmente desenvolvido em França. A diversidade resultante deste equipamento tem apenas como único motor a criatividade do documentarista. Uma criatividade que tem com o novo equipamento a possibilidade de se expandir. No caso, com o aparecimento do equipamento portátil tornou-se possível e oportuno desafiar e apresentar alternativas à onipotente voz em off tão característica da escola griersoniana, apostando, por exemplo, em dar "voz" ao cidadão comum. (PENAFRIA, 1999, p. 4)

---

plásticas do expressionismo alemão, o **neo-realismo italiano** prioriza as imagens autênticas, a identificação com o simples, os cenários naturais, a improvisação. Acima de uma estética, o termo criado em 1942 conclama um engajamento político, uma visão antifascista. Sob o olhar presente nos citados filmes *Roma, Cidade Aberta* (1945), de Roberto Rossellini, e *Ladrões de Bicicleta* (1948), de Vittorio de Sica, é o realismo social em foco; em Federico Fellini e Michelangelo Antonioni o vazio existencial e as confusões metafísicas da burguesia italiana se instauram como realismo interior; já em Dino Rosi toda essa angústia e vazio existencial transformam-se em riso.

<sup>15</sup> Também influenciada pelas revoluções filosóficas e artísticas pós-Segunda Guerra Mundial, a **nouvelle-vague francesa** (ou “nova onda”) aparece quando os jovens franceses se descobrem em um país de velhos, motivo que inspira cineastas como François Truffaut e Jean-Luc Godard a buscar referências em valores do cinema norte-americano como a rebeldia, o inconformismo, o amor e o existencialismo. Opostos ao cinema de leis fixas, filmam com câmeras nas mãos, saem dos estúdios e ambos vêm no *travelling* uma forma de dar mobilidade ao filme, uma saída estética possível para fugir das regras da “velha onda”, seja para representar a busca pelo humano em *Os Incompreendidos* (1958), de Truffaut, ou apresentar um sentido moral em *O Acossado* (1959), de Godard.

<sup>16</sup> No Brasil, o lema é “uma câmera na mão e uma idéia na cabeça”, atribuído a Glauber Rocha, em que os cineastas brasileiros enfatizam a necessidade de abordar a dinâmica social brasileira com despojo e condições baratas de produção cinematográfica. Mais detalhes sobre o cinema novo, ver adiante Eduardo Coutinho.

<sup>17</sup> Os trabalhos do próprio Robert Flaherty, como o referido *Nanook of the North*, incidem nesse debate, já que Flaherty assume ter feito o documentário dirigindo o comportamento das pessoas retratadas.

A principal particularidade do cinema direto seria, supostamente, uma cisão mais rigorosa com o cinema de ficção na intenção de filmar sem interferir. Uma de suas características é justamente a ausência da voz fora-de-campo, presente em filmes de Flaherty e da Escola Britânica, negada pelo cinema direto assim como o exagero nas encenações e representações – a linearidade temporal em que os fatos ocorrem deve aí ser respeitada como um princípio.

Por outro lado, a introdução de novas técnicas de captação simultânea do áudio e da imagem durante as filmagens – o chamado *som direto* – permitiu aos cineastas investir na entrevistas de rua e no uso de planos de filmagem seqüenciais, com pouca ou quase nenhuma interferência posterior da montagem.

O filme *Primary* (1960), de Robert Drew, que trata das eleições primárias norte-americanas de 1960, é considerado o marco inicial dessa possibilidade técnica, já que foi feito com uma nova geração de câmeras portáteis (16 mm), que dispensavam o uso de tripé e permitiam ao documentarista filmar os diálogos ocultando a presença do aparato cinematográfico.<sup>18</sup>

O *ethos* proposto pelo cinema direto ao documentarista baseia-se na não-intervenção: o autor não interferiria na locação original, tampouco conduziria o discorrer das cenas, nunca apelaria para a reconstituição de eventos, e reduziria drasticamente a legendagem, narração em *off*, etc. (BARROS, 2005, p.52)

Na produtora e escola criada por Robert Drew, a *Drew Associates*, os cineastas norte-americanos fixam, a partir dessa economia técnica, normas estéticas de filmagem que reduzem o espaço da dramatização e a interferência da montagem no corpo do documentário. De certo modo, postulam voltar aos primórdios do documentário na medida em que resgatam a estética do cinema de atualidades, baseada na imprevisibilidade e distância com relação ao objeto filmado e no fascínio com as primeiras imagens “naturais” atribuídas aos Lumière.

As características técnicas, associadas a uma postura de objetividade ligada ao pensamento estruturalista do momento, tornaram o Cinema Direto um estilo em que se acreditava haver um "efeito de verdade" maior. [...] A linguagem do direto intenciona também a transparência no discurso cinematográfico e assim mostra-se ao público como de observação. (BAGGIO, 2005, p.42)

---

<sup>18</sup> Foi na produção deste filme que, pela primeira vez, filmou-se com som sincronizado com as imagens. Até então, tudo era filmado sem som, inserido depois em estúdio. Só que como era impossível levar as pessoas documentadas para o estúdio para gravar seu depoimento, a voz fora-de-campo se tornara mais funcional. Em *Primary*, originalmente produzido para a televisão, provavelmente sem a tecnologia da câmera portátil e som direto os cinegrafistas Donn Alan Pennebaker, Richard Leacock, os irmãos Albert e David Maysles – que se juntariam no grupo fundado por Drew, a *Drew Associates* – não teriam viabilidade técnica de acompanhar os candidatos John F. Kennedy e Hubert Humphrey em suas campanhas nas ruas, nem de executar certos planos seqüenciais do filme.

Essa relação com o sujeito do filme pode ser dita, também segundo Penafria (1999), dentro de um patamar de mera observação, ilustrado pela metáfora visual da “mosca na parede”: o documentarista diminui a sua presença e convida o espectador a seguir o caminho interpretativo que lhe convém. A busca por essa transparência deixava os filmes sem comentários, a intenção era que o espectador tirasse suas conclusões. O sujeito ficaria em evidência, embora sem uma concreta interação entre cineasta e sujeito, ou ainda, como ressalta Nichols (1983, p. 48-49), “às vezes fascinantes, quase sempre gerando perplexidade, esses filmes raramente ofereciam o senso de história, contexto ou perspectiva que o espectador busca encontrar”.

O que estaria suposto aí é uma “ética da confiança na realidade e da sinceridade”, uma “ideologia da imagem não-ideológica”, para utilizar a expressão de Xavier (1984, p.61-63), de que o significado das coisas existe objetivamente no próprio real, sendo papel do reflexo artístico justamente a explicitação de tal significado mediante um trabalho de registro em que, além de *parecer*, a imagem procura *ser* real – um esquema em que a imagem torna-se lugar da revelação verdadeira, e a linguagem articulada, obstáculo, convenção, ideologia.

Um espaço ‘à imagem do real’ (tridimensional, contínuo, lugar de fatos aparentemente naturais) é ‘captado’ pela câmara de modo a que se respeite a sua integridade e de modo a que a imagem projetada na tela forneça uma experiência deste espaço que é equivalente à experiência sensível que temos diante da realidade bruta.<sup>19</sup>

O "efeito de verdade" de tais filmes derivaria da objetividade, do imediatismo, da impressão de capturar com fidelidade os acontecimentos da vida cotidiana, de acordo com Nichols (1983, p. 48), “captando as pessoas em ação e deixando que o espectador tire conclusões sobre elas sem a ajuda de nenhum comentário, implícito ou explícito”. Na acepção de Ramos (2005, p. 177), “contra o saber, a ética do recuo oferece a ambigüidade; contra o aprendizado, a liberdade e a responsabilidade; contra a voz-de-Deus, o recuo do discurso documentário e a estética mosca-na-parede; contra a voz-fora-de-campo, a fala do mundo”.

---

<sup>19</sup> Um dos principais teóricos realistas da época e que influenciou o pensamento e prática do cinema principalmente nas décadas de 40 e 50, o francês André Bazin, defende, conforme explica Andrew (2002), que a especificidade do cinema não reside na capacidade da montagem ou composição formal dos fragmentos de realidade, mas no inverso, isto é, no ajustamento plástico da imagem cinematográfica ao sentido da realidade. Bazin diz que é justamente o realismo do espaço – a fidelidade do filme à dimensão espacial real dos objetos – e não propriamente o realismo do assunto ou da expressão, o realismo fundamental do cinema. Admite-se, aliás, que “o entrelaçamento destas várias questões e perspectivas no curto espaço da vida do cinema e da sua teoria, bem como a ascensão e declínio da fundamentação do cinema no real, estão, evidentemente, bem patentes na idéia de documentário” (MONTEIRO, 1996, p. 24). É sob esses pressupostos de fundo ontológico que a linguagem do cinema direto – supõe-se – parece se articular.



### 2.2.3 Cinema verdade ou mosca na sopa

Se por um lado a superação do eixo ético educativo pelo cinema direto foi realizada com algum sucesso, observa-se que os precedentes de objetividade que defendia motivam a sensibilidade pós-estruturalista que lhe nega nos anos posteriores, ou, no dizer de Ramos (2005, p.177-78), o mundo da liberdade do espectador, em que a ética da ausência e o recuo do documentarista eram louvados teria se revelado um “breve sonho de verão”<sup>20</sup>:

O cinema-direto mostra como a tradição documentária, paradoxalmente, chegou tarde à festa neo-realista. Ao ser o sujeito que, sem piedade, abre a lata de vermes que corrói a ética educativo-republicana, o cinema-direto acaba devorado com a mesma voracidade e na mesma posição onde havia começado a devoração. Agora, o recuo não existe mais e, pior, passa a ocupar a posição de onde era enunciado o saber educativo. O verme que comeu o verme revelou ter um estômago bem maior e constitui, de modo duradouro, o horizonte ético de nossa época.

Na contramão do cinema direto, o documentarismo passa a rever o protocolo de intenções e responsabilidades para com o registro dos acontecimentos. Influenciada pelas mudanças culturais, ideológicas e técnicas dos anos 60 e 70, essa nova "voz" é apreendida não mais pela "mosca na parede", mas pela "mosca na sopa", que mergulha no sujeito ao invés de escrutá-lo de longe, da parede. É nesse contexto que surge o que se convencionou chamar de *cinema verdade*, cujas tendências estéticas aderem, afirma Barros (2005), ao fotojornalismo que buscava libertar-se da fotodescrição, da facticidade e univocidade de sentido.

O grande pioneiro dessa vertente seria o cineasta francês Jean Rouch, que filma em parceria com Edgar Morin o documentário *Chronique d' un Été* (1960), em que são feitas entrevistas com moradores de Paris e é enfatizada, afirma Da-Rin (2004, p. 154), uma nova possibilidade para o documentário:

Em *Chronique d' un Été* Rouch e Morin se defrontam com uma dialética do verdadeiro e do falso que abriu perspectivas inusitadas para o documentário em som direto. [...] Ao explorar intuitivamente a interpretação entre papéis que os atores representavam, os papéis que acreditavam representar e os papéis que os outros viam representado, *Chronique d' un Été* torna-se um filme sobre a relação de fecundação mútua entre documentário e ficção.

A partir desse momento, e principalmente nos anos 70, a proposta passa ser a de dar voz ao sujeito do filme, falar com ele e ouvi-lo em toda a sua plenitude. Numa infinidade de filmes políticos e feministas, observa Nichols (1983, p. 49), os participantes se colocam

---

<sup>20</sup> O autor faz um trocadilho em alusão à tradução em português do filme dos cineastas Jean Rouch e Edgar Morin, em francês, *Chronique d' un Été* (1960), considerado adiante.

diante da câmera para dar seu testemunho e é estabelecido um sócio-drama em que não há uma noção geral da verdade ou realidade: cada personagem conta sua própria história, que pode conter verdades e mentiras, que na edição são contrapostas ou não por outros personagens. Haveria uma visível intervenção do cineasta na obra, uma construção narrativa que valoriza a subjetividade, em nítida oposição ao cinema direto.

O pressuposto ético fundamental desta nova produção fílmica, diz Baggio (2005), está no uso das entrevistas, principalmente entrevistas com as pessoas comuns, populares, a intenção é dar voz para as pessoas, criar um diálogo e uma interação entre sujeito filmado e sujeito que filma. Diferente do cinema direto, a presença da câmera seria destacada, comentários do documentarista e o olhar para câmera se tornariam procedimentos válidos na intenção de falar com o sujeito, assim como mostrar que há uma linguagem em construção, de modo que a própria montagem e a presença do realizador já não sejam negligenciadas. A estratégia seria diluir a autoridade única de uma voz fora-de-campo pela contraposição da palavra e testemunho de todos os envolvidos na realização do filme. Embora tal concepção de documentário se volte para a importância de dar voz ao outro, também deixaria o espectador supostamente mais livre para interpretar, pois conduziria a narrativa por meio de vários depoimentos, que podem convergir ou não.

Nichols (1983) problematiza esse aspecto ao afirmar que a emergência de tantos documentários construídos em torno de seqüências de entrevistas pode ser uma resposta estratégica no reconhecimento de que nem os fatos falam por si mesmos, nem uma única voz pode falar com autoridade definitiva e total. Para o estudioso, contudo, há um risco duplo: pode se criar um hiato entre o ator social recrutado para o filme e a voz desse filme, ou também, acontecer de que essas vozes autorais menos assertivas continuem cúmplices de uma voz dominadora, embora aparentemente sua autoridade seja diluída aos olhos do espectador.

Subjetividade, consciência, forma argumentativa e voz continuam inquestionadas na teoria e na prática do documentário. Muitas vezes os cineastas simplesmente decidem entrevistar personagens com os quais concordam. Prevalece um fraco senso de ceticismo e pouca autoconsciência do cineasta como produtor de significado ou história. (NICHOLS, 1983, p. 61)

No dizer de Penafria (1999) é um cinema de intervenção, em que certos valores ou noções são problematizados, entre eles, a busca da “verdade” da interpretação – não a realidade apenas vista, mas a realidade pensada. Conforme Da-Rin (2004, p. 153), “não se tratava de evitar intervir, para que a ‘verdade dos eventos’ fosse preservada; tratava-se de fazer da intervenção a condição da possibilidade da revelação, pela palavra, daquilo que estivesse latente, contido ou secreto”.

## 2.2.4 Ninguém segura essa mosca – Documentário reflexivo e as possibilidades do digital

No intervalo das décadas de 70 a 90, o campo teórico e de produção cinematográfica é influenciado por ensaios sobre a fenomenologia do cinema, bem como olhares pós-estruturalistas e pós-modernistas (desconstrucionistas), movimento intelectual que incide diretamente na concepção de linguagem do documentário.

Ao focalizarmos a era pós-estruturalista, vemos que pensadores de todos os campos estão falando da emergência de um válido diálogo entre o estruturalismo científico, externo, e uma fenomenologia ou hermenêutica interna, reflexiva. [...] Nada leva a crer que o cenário contemporâneo da teoria do cinema difira radicalmente daquela do passado. E, como no passado, a existência de várias posições só pode ser sinal de saúde e energia. (ANDREW, 2002, p.150)

Muito embora a tendência contemporânea da teoria do cinema seja a de relativização conceitual-metodológica, Ramos (2005, p.13) nota que:

A emergência, no final do século XX, de uma reflexão sobre cinema, que trouxe para o palco a presença inédita de questões metodológicas de caráter lógico-analítico (e que teve, como parceiro próximo, os parâmetros conceituais da psicologia cognitivista, e não da psicanálise), rompe um certo consenso nas bases epistemológicas a partir das quais a teoria do cinema vinha se articulando.

É nesse quadro de contemporânea complexidade do que se entende e discute sobre cinema, marcadamente a partir dos anos 80, que é observável a emergência de uma quarta fase na história e linguagem do documentário. A estética do documentarista em relação ao sujeito do documentário e ao espectador teria se sofisticado, na contemporaneidade, na forma dos documentários *reflexivos* como classifica Penafria (1999), ou *auto-reflexivos*, como chama Nichols (1983). Sob esse novo formato, o cineasta se confunde com o sujeito filmado, consolida-se o abandono da estética de objetividade do cinema direto e pretende-se levar à reflexão – abandonar os mitos e apontar escolhas. Em termos de linguagem,

Este novo documentário auto-reflexivo mistura passagens observacionais com entrevistas, a voz sobreposta do diretor com intertítulos, deixando patente o que esteve implícito o tempo todo, o documentário sempre foi uma forma de re-apresentação, e nunca uma janela aberta a "realidade". O cineasta sempre foi testemunha participante e ativo fabricante de significados, sempre foi muito mais um produtor de discurso cinemático do que um repórter neutro ou onisciente da verdadeira realidade das coisas. (NICHOLS, 1983, p. 49)

Nichols (1983) sugere que a influência maior para esta nova corrente de filmes documentários seja Dziga Vertov, já citado anteriormente e que, conforme pontua Penafria (1999), foi responsável por algumas características básicas de todos os documentários. Atualmente, o viés reflexivo estaria associado a uma nova geração de cineastas que, de acordo com Baggio (2005), pretendem deixar claro seu posicionamento ideológico e estético,

escancarando a montagem, filmando a si mesmo, se misturando com o sujeito, sendo o sujeito, comentando, se posicionando – mediando verdades e inverdades sob uma postura de ceticismo. Seria, metaforicamente, a “mosca” que agora paira livre, da sopa à parede, da parede à sopa, que se olha ao espelho e vê seu reflexo, que voa por onde bem entende.

A intenção é mostrar o mais claro possível que se trata de um filme, de uma construção, de uma re-apresentação, uma interpretação legitimada na evidência de que ao mesmo tempo em que se enuncia, os procedimentos estilísticos também enunciam, enfim, uma nova sensibilidade que Ramos (2005, pp.178-184) também concorda em designar por “participativo-reflexiva”:

O que nos ensina a cartilha participativo-reflexiva? Que é eticamente insustentável enunciar sem deixar de estampar as pegadas que marcam a conformação dessa enunciação. Que o sujeito que enuncia, o cineasta, inevitavelmente imprime sua visão de mundo ao discurso que veicula, e que o espectador deve estar atento a esse fato. Qual é, então, a postura eticamente válida, tanto para o espectador como para aquele que enuncia? Fazer o caminho inverso da construção da representação, através das estratégias desconstrutivistas que a crítica contemporânea coloca à nossa disposição.

Uma nova possibilidade técnica de expressão para os documentaristas do período refere-se justamente ao vídeo analógico ou digital. Machado (2003) descreve que o vídeo, por suas características técnicas que permitem uma produção de baixo custo, independência em relação aos laboratórios de revelação e sonorização, maior tratamento plástico e possibilidade de edição com processamento digital, ganha a adesão dos documentaristas do período.<sup>21</sup>

Os documentaristas brasileiros Sandra Kogut e Carlos Nader expressam, segundo o autor, novas perspectivas tanto ao vídeo quanto ao documentário: Kogut, as tendências inovadoras do vídeo, por meio da técnica da escritura múltipla, “em que texto, vozes, ruídos e

---

<sup>21</sup> Conforme explica Machado (2003, p. 21-22):

Se o cinema, como queria Godard, é a verdade 24 vezes por segundo, então o vídeo será a verdade 30 vezes por segundo, 525 linhas por vez. Uma imagem eletrônica, como se saber, é a tradução de um campo visual para sinais de energia elétrica, que podem ser transportadas ou armazenadas em forma eletromagnética. Isso é obtido à custa de um retalhamento e de uma pulverização da imagem em centenas de linhas luminosas de intensidade variável (no caso do vídeo analógico) ou em milhares de pontos elementares de cor chamados *pixels* (no caso do digital), de modo a criar outra topografia, que aparece a olhos nus como uma textura pictórica diferente, estilhaçada e multipontuada, como os olhos das moscas. [...] Tecnicamente, a imagem eletrônica não consiste em outra coisa que um ponto luminoso que corre a tela, enquanto variam sua intensidade e seus valores cromáticos. A imagem completa – o quadro videográfico – não existe mais no espaço, mas na duração de uma varredura completa na tela, portanto no tempo. Ao contrário de todas as imagens anteriores, que correspondiam sempre a uma inscrição no espaço, a ocupação de um quadro, a imagem eletrônica é mais propriamente uma *síntese temporal* de um conjunto de formas em mutação.

imagens simultâneas se combinam e se entrecrocaram para compor um tecido de alta complexidade” (MACHADO, 2003, p.18); e Nader, a busca novos formatos e novas estruturas narrativas, trabalhando com os documentários reflexivos.

Penafria (1999) concorda que o surgimento das plataformas digitais de captação e edição, a partir dos anos 90, interfere nas concepções estéticas e éticas mais recentes dos documentaristas e redimensiona suas possibilidades. Segundo a autora, do mesmo modo que a portabilidade e sincronismo dos equipamentos, com a transição do suporte película (35 mm) para o do vídeo analógico (60 mm), apresentaram-se como inovação tecnológica nos anos 60, a abolição do suporte analógico a favor do suporte digital requer e encontra-se disponível para a intervenção criativa autoral, abre novos mundos ao mundo do documentarista.

O documentarista terá de considerar dois aspectos: por um lado, o suporte digital tem a interatividade como seu principal atributo; por outro lado, o espectador passa a utilizador, ou seja, tem a possibilidade de interagir com o documentário podendo aceder seletivamente por múltiplas vertentes ao ponto de vista em causa, reforçando-se o carácter interativo do documentário digital. (PENAFRIA, 1999, p. 5-6)

A autora cita que a produção de um CD-ROM multimídia como suporte para veiculação de um documentário, a partir de uma navegação similar à usada em determinados jogos de computador, nos quais só após passagem por um determinado nível se passa a outro (em geral mais exigente no que respeita ao desempenho do utilizador), abre promessas de leitura mais interativas com o espectador.

O documentário poderia, então, se apropriar desses diferentes níveis de navegabilidade como níveis de diferente aprofundamento das temáticas abordadas, de modo que o documentarista possa construir argumentos isoladamente que, no seu conjunto, conduzem ao ponto de vista que se pretende transmitir relativamente à temática abordada. Ou seja, é o documentarista que condiciona a navegação, seleccionando, condicionando e orientando a disposição hierárquica do filme na plataforma *multimídia*:

Num produto multimídia encontramos conceitos como os de estrutura e dinâmica. Ora, o documentário está habituado a trabalhar a estrutura. A estrutura diz respeito à organização ou disposição da informação, no caso, em menus e sub-menus. A dinâmica implica que se use um número considerável de opções de modo a tornar-se a navegação atrativa e intuitiva. São estes dois conceitos que deverão ser objeto de reflexão e experimentação por parte do documentarista. (PENAFRIA, 1999, p. 6)

Um documentário em suporte digital seria, sob tal hipótese, um novo modo de codificar a apresentar pontos de vista sobre um dado assunto, cabendo ao documentarista definir a interface gráfica, as rotas de navegação permitidas, o melhor modo de organizar a informação. No campo amplo do documentarismo, o digital despertaria a necessidade de

renovação ou inauguraria uma fase que Penafria (1999, p. 7) chama *pós-griersoniana*, “não só pelo alargamento a temáticas que não se pautem apenas por um grandioso e inquestionável valor social ou histórico, como por novas formas de construir argumentos sobre o mundo”.

O filme, portanto, independente da classificação a ele atribuída, ou do suporte tecnológico que dispõe, representa um momento de reflexão do homem sobre si e sobre o mundo em que vive, ou como aponta Barros (2005, p. 1), “explicita a forma como os homens percebem a si mesmos e projetam esse conhecimento através das mais diversas representações”. O documentário não foge a essa reflexão – gravita em torno dela. Afinal, diz Penafria (1999, p. 7), é “uma porta aberta para o mundo, para diferentes olhares sobre o mundo, para a reflexão sobre o mundo e é, para quem a eles se dedica, um espaço aberto para a experimentação e exploração criativa”.

Dá a importância de se conceber, segundo Nichols (1983, p. 50), “documentários que correspondam a uma visão mais contemporânea de nossa posição no mundo, de modo que possam emergir estratégias políticas/formais efetivas para descrever e desafiar essa posição”.

Até porque, como mostra a história e tradição de linguagem do documentário, o anseio de inventar, transformar, lembrar e superar seus códigos e limites estético-formais invoca quantas “vozes” o momento histórico, as condições tecnológicas e o pensamento estético façam ouvir e/ou peça para falar.

O trato social entre os homens depende de ocasiões desse tipo, nas quais eles estão, por livre escolha, dividindo forçosamente o espaço vital, os mesmos códigos erigidos por uma sociedade urbanizada [...] que possui no cinema (documentário ou não) uma representação, nas grandes cidades contemporâneas seus reflexos. (BARROS, 2005, p.10)

Compreende-se, desde já, que a produção social de um filme documentário apresenta uma condição ética básica: a responsabilidade que se insere na mediação de um discurso tripartido entre cineasta, espectador e realidade e/ou sujeitos representados – adiante investigados em sua capacidade ética de diálogo, respectivamente, como *Eu, Tu e Outro*.

### 2.3 EU, TU E O OUTRO NO ENCONTRO ÉTICO DO INTER-HUMANO

*Admitindo-se que possa existir uma verdade, o que o documentário pode pressupor é a verdade da filmagem.*

Eduardo Coutinho

Eduardo Coutinho, documentarista autor de um dos mais importantes documentários do cinema brasileiro, *Cabra Marcado pra Morrer*<sup>22</sup>, de 1984, é citado por Altafini (1999, p. 18) com relação ao processo de criação de um filme:

O único interesse do documentário que trabalha com som direto, com pessoas vivas, não com natureza morta, é um diálogo e esse diálogo tem que estar presente no filme. Não que ele tenha que ter a todo momento as perguntas. As perguntas são essenciais como demonstrativos de uma voz que vem de fora, é algo que provoca e gera um confronto. Tal confronto é uma coisa complicada porque vai gerar um diálogo produtivo, em que há, de alguma forma, uma troca.

Ao registrar grande parte da trajetória de Coutinho na televisão, documentário e cinema, Lins (2007) salienta, contudo, que nem por isso o cineasta teve a pretensão de resolver definitivamente os problemas sociais presentes em *Cabra* ou ainda em outros filmes. Coutinho reconheceria, diz a autora, que a singularidade dos personagens que retrata é frágil diante da violência das generalizações, de modo que retratar alguém se converteria numa dupla tarefa ética: retratar essa pessoa protegendo e respeitando sua singularidade, mas também não supervalorizando essa singularidade a ponto de torná-la genérica ou extrema. O auto-conhecimento dessas fragilidades éticas inerente ao trabalho do cineasta e a delicadeza com que avalia o material humano de seus filmes seriam dois traços que tornam a obra de Coutinho tão marcante e eloquente: em seu cinema ninguém estaria previamente condenado a nada; todos seriam livres para não caber nos limites das sínteses.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> O projeto inicial do filme era produzir um *docudrama*, ou seja, uma ficção que reconstitui o mais fielmente possível fatos reais, e retratar o assassinato, em 1962, de João Pedro Teixeira, líder camponês no movimento das ligas camponesas de Sapé, na Paraíba. Os personagens seriam representados pelas próprias pessoas que vivenciaram o fato, inclusive a própria mulher de João Pedro, Elizabeth Teixeira, e seus filhos. O filme foi interrompido justamente em 1964 por causa do golpe militar, momento em que a equipe de Coutinho foi perseguida politicamente, e só foi retomado, com um corte documental, 20 anos depois, em 1982, quando o diretor sai em busca de Elizabeth Teixeira e a localiza no Rio Grande do Norte vivendo clandestinamente com o nome de Marta, já afastada da maioria de seus filhos, um deles em Cuba. Experiência rara como esta é o livro-reportagem *Hiroshima*, clássico fundador do jornalismo literário escrito por John Hersey que reconstitui a vida de seis personagens atingidos pela bomba atômica, em 1945 e 30 anos após o lançamento da bomba.

<sup>23</sup> No prefácio do livro que comenta a obra de Coutinho, João Moreira Salles (*ibid*, p. 9) comenta que a obra de Coutinho “não contém raciocínios sobre categorias gerais – a fé, a classe média, o morador de favela –, mas apenas sobre indivíduos. O que conta é a experiência religiosa *desta* pessoa, o mundo *deste* senhor em Copacabana e a vida *desta* mulher na favela”.

Além das preocupações éticas com o sujeito retratado no filme, Coutinho também usaria artifícios para preservar uma leitura ética por parte do espectador. Como argumenta Altafini (1999), mostrar a equipe de filmagem, câmeras e microfones, apontando para as condições de enunciação, seria um modo de Coutinho legitimar a sua ética. Em *Cabra*, há muitas seqüências em que uma câmera filma a outra captando imagens dos depoimentos ou o sonorizador captando o som direto, observa o autor. Em alguns momentos, Coutinho chega à casa das pessoas já com a câmera ligada, desprezando a tentativa de fazer com que pareçam naturais diante da câmera e da equipe, e documentando o desconforto das pessoas diante daquela intervenção na sua realidade. A intenção seria a de criar um diálogo, fruto da salutar tensão entre a empatia e o desconforto da presença do realizador no instante da tomada.<sup>24</sup>

O cuidado de Eduardo Coutinho com as escolhas nos seus filmes exemplifica e enfatiza a necessidade do realizador firmar uma postura ética que norteará a aproximação dos sujeitos objeto do filme. Nesse processo, duas etapas principais, a filmagem/produção e a montagem/edição, são questionadas e pensadas não só em sua estética, mas, sobretudo, em sua ética audiovisual.

### 2.3.1 *Eu e o Outro* no instante da tomada

Ramos (2005, p.162) defende que “a questão ética do documentário deverá ser pensada sempre em torno da evidência da tomada e de seu embate com a circunstância do mundo que a determina, para e pela experiência do espectador”. O autor ressalta que na tradição documentária o peso da circunstância do mundo que cerca o momento da tomada tem uma dimensão infinitamente complexa, preocupação compartilhada por Baggio (2005, p. 56):

Essa é a dimensão do estar fenomenológico no cinema documentário, a presença do realizador e da equipe de filmagem é fundamental do ponto de vista da postura do documentarista, da postura ética do fazer documentário. [...] É no momento da captação, na circunstância da tomada, no estar fenomenológico da câmera em relação ao que é filmado, que se encontra uma das marcas mais características e diferenciadoras do filme documentário.

---

<sup>24</sup> Se por um lado a presença ativa do cineasta na produção dos depoimentos do filme, ao aparecer no quadro como interlocutor e fazer a pessoa conversar com ele e não com a câmera, reflete a própria ética de Coutinho, ao mesmo tempo, parece clara uma tentativa de impedir que o espectador seja "embriagado" pela narrativa fílmica, que esteja sempre ciente e avisado da intervenção, da presença do sujeito cineasta no instante da tomada e, assim, do caráter dialógico desse encontro. “Na busca da ‘verdade’ e respeito com o espectador, Eduardo Coutinho afirma a todo instante que aquilo é um filme, um olhar que mesmo sendo crítico é pessoal” (ALTAFINI, 1999, p. 17).



Em suma, parece ser correto afirmar que no documentário a direção criativa e autoral da construção fílmica, joga com um fator de imprevisibilidade: o triplo encontro intersubjetivo entre realizador, sujeito do filme e (se bem que virtualmente) espectador.<sup>25</sup>

Na qualidade da presença do documentarista na “cicatriz da tomada” como chama Ramos (2005); do “Eu” cineasta no dizer de Yakhni (2003); da delimitação de um “ponto de vista”, conforme nota Penafria (2001), é que avançamos para a formulação das condições a partir das quais o processo documentário se revela enquanto encontro ético. Um encontro complexo realizado no instante da tomada entre o *Eu* documentarista com o *Outro*, sujeito objeto do filme, e com o espectador, que aqui será referido como *Tu*, aquele que frui e re-significa retrospectivamente (durante o momento de exibição do filme) as injunções e interferências entre o *Eu* e o *Outro*.

Considerando o documentário como sendo fundamentalmente o resultado da interação do realizador com determinada realidade, com um outro com quem ele entra em relação, podemos dizer que a fonte onde bebe o documental se encontra no âmbito do inter-humano. É dentro desse território que o filme irá se tecendo enquanto narrativa, sendo que cada escolha no entrelaçamento dos elementos de linguagem é uma opção singular do realizador, que dependerá de sua sensibilidade artística. É na dinâmica da relação do cineasta com o outro que o filme se instaura e se fundamenta. (YAKHNI, 2003, p.20)

Inevitavelmente, tais posições e denominações são provisórias, contingentes e de um despojo analítico questionável, especialmente se considerarmos os campos pós-estruturalista e cognitivista-analítico, que encaram de modo restritivo a singularidade que a mediação da câmera fornece à imagem documentária.<sup>26</sup> Mas de que outro modo pensar então a questão ética no processo documentário?

---

<sup>25</sup> Ramos (2005) e Baggio (2005) parecem concordar que as imagens documentárias têm origem em situações de mundo onde existe uma homogeneidade espacial (e circunstancial) entre o campo da imagem e a circunstância de mundo que as circunda, ao contrário da imagem ficcional em que, predominantemente, haveria uma radical heterogeneidade entre o espaço dentro e fora de campo, mediante a construção de cenários e encenação prévia. Embora estilos diversos como o docudrama ou os *fakes documentaries*, e mesmo clássicos do documentarismo contemporâneo (*Nanook of The North*, de Robert Flaherty, 1922; *Night Mail* de Basil Wright, Harry Watt e Alberto Cavalcanti, de 1936; ou ainda *Thin Blue Line* de Errol Morris, de 1988) tornem essa distinção relativa, na opinião de Ramos (*ibid*, p. 160) tais exceções não minam a operacionalidade de tal distinção – algo que, sem instituir uma relação fundadora, existe de modo residual, mais como variante estilística, no filme documentário.

<sup>26</sup> De acordo com Ramos (2005, p. 184), o campo pós-estrutural mostra-se desconfiado quando, aos enunciados da narrativa sobre o mundo, adiciona-se a marca de um ponto de percepção, um “corpo” (no caso, do Eu documentarista), que sustente alguma forma de saber ou objetividade na forma de presença na tomada. A escola com viés analítico manteria igual desconfiança da singularidade da imagem mediada pela câmera negando qualquer especificidade em sua constituição imagética. O valor heurístico de tais recusas teóricas é, contudo, duvidoso e parcial se o que se pretende afirmar é a singularidade do encontro documentário.

Podemos pensar o cinema documentário como um processo de comunicação em que um indivíduo (emissor) entra em contato com um referente de uma determinada realidade e elabora, através dos procedimentos inerentes ao cinema, asserções relativas ao contato que teve com tal referente – aqui levando em conta que mesmo o contato direto é referencial, já que também passa pelas mediações da “práxis” de vida e da “percepção cognitiva”. Tais asserções, codificadas segundo a linguagem cinematográfica, são exibidas para um outro indivíduo (receptor) capaz de decodificá-las – pelo menos em parte – e tirar delas conclusões filtradas por sua “práxis” de vida e por sua “percepção cognitiva”. (BAGGIO, 2005, p.62-63)

Eu, Tu e Outro. O que se trata de estabelecer, portanto, é um eixo de pertinência, uma delimitação conceitual, e aqui, faz sentido falar no *documentário do inter-humano*, isto é, o tipo de documentário que circunscreve filmes em que existem entrevistas, ou depoimentos, ou imagens da vida de pessoas. Até por que, como observa Baggio (2005, p. 66), obviamente existe filmes documentários em que pessoas não aparecem e esse problema do inter-humano não existe.

Tal encontro ou relação fundará, na designação de Ramos (2005, p.186), o *sujeito-da-câmera*, “dimensão subjetiva que funda toda a imagem-câmera”. Ou seja, esse sujeito-da-câmera não é tão só a pessoa física do Eu documentarista, nem tão só o maquinismo da câmera: é ambos e apreende, ainda, a presença física do Outro documentado e, virtual, do Tu espectador. A singularidade desse instante fenomenológico, diz o autor, é que ele existe para a circunstância do mundo no qual está inserido, determinado em comutação pelos sujeitos que participam dessa circunstância. Seja o Eu e o Outro no momento da tomada, e os dois com o Tu, no encontro virtual, reflexivo e retrospectivo durante a exibição do documentário.

Na imagem-câmera, espectador e cineasta são envolvidos em uma relação siamesa, dentro de uma caixa de repercussão de alta sensibilidade. Trata-se de uma espécie de “comutação” entre pólos de matéria distinta que podem ser fenomenologicamente atados. (RAMOS, 2005, p.159)

Advém assumir, pois, uma responsabilidade ética inerente a qualquer escolha estética no processo documentário, ou simplesmente que neste tipo de filme do inter-humano

O cinema documentário está diretamente ligado à capacidade do documentarista de se colocar diante do ‘outro’ e de perceber que tipo de ‘asserções’ devem ser formuladas sobre determinado tema ou assunto, e mais, como essas ‘asserções’ devem ser expressas através da linguagem cinematográfica. (BAGGIO, 2005, p. 63)

Nesse percurso ético, vários são os questionamentos. Penafria (2001, p.8) enumera alguns: o Outro terá consciência do impacto que poderá ter em sua vida o fato de se expor perante uma câmera? Quando é que o Eu documentarista tem essa certeza? Até quando se deve filmar? Quem estabelece os limites entre o privado e o que pode ser mostrado publicamente? Onde termina o direito que os espectadores têm à determinada informação e

começa a privacidade que é um direito inegável dos intervenientes? Um documentarista tem o direito de contar a história do Outro? Essas dúvidas incidiriam desde a concepção até à edição final do documentário.

Dentro desse contexto, faz-se imprescindível, destacar a pré-produção do documentário como fase de preparação para as filmagens, envolvendo uma pesquisa do Outro a ser documentado. Há de se definir nesta etapa, segundo Penafria (2001), a motivação do documentarista, que deve interrogar-se quanto às razões de fazer o filme, propor a abordagem ao tema, recolher informação, fazer a caracterização e seleção dos locais a filmar, pensar a possível caracterização do Outro, conceber uma estrutura para o filme, cogitar os tipos de planos, entre outros aspectos. A autora nota que, em geral, esta fase dependente muito do que o documentarista encontra no trabalho de campo, na pesquisa inicial do universo do Outro.<sup>27</sup>

Feito esse levantamento prévio, interessa-nos, sobretudo, investigar então a qualidade da presença do Eu documentarista nesse encontro durante a tomada da imagem. Yakhni (2003, p. 4) nos dá algumas referências:

O verdadeiro encontro tem uma qualidade luminosa, elétrica, energética, pertence ao mundo das coisas vivas, que respiram, que nos transportam para um mundo cheio de significado interior, que alimenta e dá significado à existência de cada um. Nesses momentos o mundo se abre para além das aparências e sentimos a comunhão entre os seres.<sup>28</sup>

Algumas variáveis no intervalo desse encontro, a serem objeto de reflexão do documentarista, são consideradas por Costa (1982, p.4). Entre elas, ele cita o aproveitamento das situações correspondentes ao plano ou idéia geral estabelecidos; a articulação dessas situações a outras situações motivadas, encenadas com personagens reais que são atores conscientes representando a sua própria vida; até situações dirigidas em vários graus por necessidades que a ação possa impor ao próprio ato de filmar. Admite-se até a manipulação

---

<sup>27</sup> Penafria (*idem*) exemplifica referindo-se ao método do cineasta norte-americano Frederick Wiseman que, na maioria dos seus filmes, antes das filmagens fazia imersão de um dia em instituições ou locais públicos americanos, locais onde as filmagens deveriam ocorrer. Costa (1982, p.3) concorda que o primeiro passo do Eu documentarista, antes mesmo do instante da tomada, mas já definidos um tema ou uma situação a filmar, é proceder a uma investigação prévia que chama de *répérage*, em que se estabelece um primeiro confronto com o Outro. Nesse momento, o Eu documentarista teria duas opções: ou estabelece um plano de registro mais ou menos detalhado, ou segue uma idéia geral como diretriz que norteará toda a atividade da filmagem tendo o imprevisto como elemento principal.

<sup>28</sup> Yakhni (*idem*) descreve que quando acontece um verdadeiro encontro ele se traduz nas imagens gravadas, nos depoimentos obtidos. A presença do Outro, nesses casos, viria carregada de um “algo” a mais, algo como uma sinceridade no olhar, um tom pessoal, uma transparência na fala que toca quem vê e ouve de maneira mais profunda. Os documentários mais tocantes seriam, segundo a autora, os que refletem essa verdade subjetiva de cada um, fazendo dessa pessoa alguém singular, diferente de todos os outros seres humanos.

dessas situações de diversos modos como, por exemplo, ao se elaborar pequenos diálogos ou monólogos para serem aproveitados em situações reais ou adaptados. Ou ainda, ficcionar inteiramente com os personagens reais nos seus papéis reais, ao ponto de se estabelecer ou criar uma situação totalmente fictícia, mas verossímil. O autor julga importante ainda que a câmara ora se afaste para reforçar o efeito de realidade e preservar a verdade do acontecimento ou da situação.

Parece fundamental admitir, pois, que o nível de reciprocidade estabelecida no encontro documentário entre o Eu e o Outro é que vai determinar o rumo da tomada da imagem e, em boa medida, a linguagem cinematográfica nela empregada. E aí uma pergunta fundamental: como pretender falar do Outro sem conhecê-lo e sem dar-se a conhecer? Na presente análise do processo documentário, essa pergunta ganha o eixo de investigação proposto por Yakhni (2003, p. 5) a partir de três pontos principais:

- 1) como desenvolver uma relação verdadeira, [...] momento onde surja o novo, o que antes não se sabia, o inesperado. Um momento onde o singular se manifeste em sua plenitude, tendo como pressuposto básico a autenticidade dos parceiros.
- 2) quais os requisitos básicos para que haja uma conversa ou uma fala genuína sem cair na repetição de idéias e conceitos pré-determinados antes mesmo do encontro.
- 3) como conciliar a utilização dos elementos narrativos à disposição do realizador com essa postura voltada para o inter-humano, que caminhos será preciso percorrer para se conseguir atravessar o mundo pronto das aparências e desvendar o horizonte sempre mutável que permeia um verdadeiro encontro e de alguma maneira traduzir ou transpor essa qualidade para as telas.

No contexto do documentário do inter-humano, e tendo de partida a qualidade da presença do Eu documentarista no instante da filmagem, a autora mapeia três referências válidas no sentido de se discutir o nível de reciprocidade desse encontro com o Outro. Traz conceitos da filosofia dialógica de Martin Buber <sup>29</sup>, da psicoterapia existencial-fenomenológica de Carl Rogers <sup>30</sup> e dos escritos sobre cinema e da fenomenologia da fala realizados por Merleau-Ponty <sup>31</sup>.

A filosofia do diálogo descrita pelo filósofo, pedagogo e escritor judeu Martin Buber tendo como premissa que a palavra, como portadora do ser, é o lugar onde o ser humano se revela e se atualiza, estabelece que no dinamismo concreto da conversação, no movimento desencadeado entre o falar, responder e o escutar é que os seres se conheceriam a si mesmos e

---

<sup>29</sup> Cf. BUBER, M. **Eu e Tu**. Editora Moraes, São Paulo, 1974. Publicado originalmente em 1923.

<sup>30</sup> Cf. ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998. Publicado originalmente em 1961.

<sup>31</sup> Cf. PONTY, M. M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

aos outros, se revelariam e seriam revelados. Essa perspectiva incentivaria que o Eu documentarista veja o Outro documentado como ele precisamente é, de maneira única e própria. Isso implicaria, na proposta dialógica de Buber, que cada um se coloque sem querer parecer aquilo que não é, sem se preocupar com sua imagem como confirmação de si, a fim de estabelecer uma *palavra genuína* e não um *palavreado*. Sob essas condições, afirma Yakhni (2003, p. 22) “a entrega é total, as alteridades se encontram e se reconhecem na conversação genuína e surge a palavra de cada um ou o silêncio, a espera silenciosa da palavra não formulada, indiferenciada, pré-verbal”.<sup>32</sup>

Conforme explica a autora, se para Buber cada um deve se colocar de maneira autêntica, sem querer parecer aquilo que não é, para Carl Rogers, a perspectiva da autenticidade aconteceria pela superação das aparências e da preocupação com idéias e expectativas pré-concebidas durante o encontro.<sup>33</sup> O pensamento de Rogers explicitaria dois modos de *incongruência*: entre a experiência e a consciência, através de uma atitude de defesa ou de uma recusa de consciência; ou entre a consciência e a comunicação, por uma atitude de falsidade ou duplicidade.

Ao contrário, se um indivíduo é inteiramente *congruente* a sua experiência poderia ser adequadamente representada na consciência e a comunicação estaria em harmonia com essa experiência. Com efeito, num determinado momento de congruência plena entre o Eu documentarista e o Outro, haveria então necessariamente uma troca de percepções e sentimentos. É nessa relação de suposta cumplicidade e igualdade entre o Eu e o Outro que o encontro documentário poderia se configurar como eticamente válido no instante da tomada.

Tanto Buber quanto Rogers apontam em direção ao inter-humano, onde se instaura a entrega na relação, uma aceitação do outro em sua totalidade, a fluidez do encontro, e uma abertura para a experiência, onde nada está previsto de antemão, onde tudo acontece no aqui e agora, no processo de tornar-se. (YAKHNI, 2003, p.23)

---

<sup>32</sup> Segundo Yakhni (2003, p. 23-25), o fator decisivo do inter-humano em Buber é o *não-ser-objeto*, isto é, que o Outro aconteça como parceiro de um acontecimento da vida, afinal, do ponto de vista dialógico, o sentido não estaria nas coisas e sim entre nós e as coisas – relacional, portanto. Assim, no lugar de uma postura de distanciamento científico, de não envolvimento com o Outro, que teria como meta uma percepção objetiva e imparcial, o Eu documentarista poderia optar por uma postura dialógica, tendo a interação como base de um conhecimento verdadeiro e revelador das singularidades de cada um.

<sup>33</sup> É do psicoterapeuta norte-americano o conceito de congruência, elaborado para indicar uma correspondência entre experiência e a consciência que, na análise de Yakhni (2003, p. 26), pode ser ampliado de modo a abranger a adequação entre experiência, a consciência e a comunicação. Na conceituação de Carl Rogers, a experiência refere-se ao que é experimentado pelos sentidos, é o que se passa com a pessoa, no seu interior, corresponde ao vivido e é acessada por um conhecimento direto, não científico. A consciência estaria associada à percepção desse ou daquele estado experimentado, que nos damos conta. A comunicação apreenderia o ato da fala, a expressão daquilo que temos consciência.

A procura da afirmação espontânea do Outro no filme levanta também a questão de a câmera de filmar alterar o comportamento dos intervenientes do filme. Para Penafria (2001, p. 5), porém, “a câmera não é um mecanismo de alteração de comportamentos; a sua presença torna-se, ao fim de algum tempo, um mecanismo que facilita a expressão de cada interveniente”. Esta autora lembra, porém, que se por um lado essa facilidade deriva da relação de confiança que o Eu estabelece com o Outro, por outro, o envolvimento dos participantes no instante da tomada ou o fato de as pessoas verem na câmera um meio de ter "voz" podem amenizar a presença da câmera como inibidora da espontaneidade.

A qualidade da voz do Outro pode ser avaliada a partir da distinção do filósofo francês da fenomenologia Merleau-Ponty, resgatada por Yakhni (2003, p.2), entre *fala autêntica*, aquela que formula pela primeira vez, e a *expressão segunda*, aquela constituída de uma fala sobre falas, que repete o que já foi ouvido e não implica na presença total da pessoa que fala. Em consonância com a Psicologia da Gestalt, a fenomenologia do pensador francês diz que uma modificação da minha relação com o mundo e com o Outro não estaria escondida na consciência; seria um tipo de comportamento visível nos rostos, nos gestos.<sup>34</sup>

Considerando, portanto, que no documentário do inter-humano os depoimentos e entrevistas costumam ser imprescindíveis para compor as tomadas, faz-se importante reconhecer que as qualidades do diálogo estabelecido entre o Eu documentarista e o Outro sujeito do filme perpassa toda essa idiossincrasia recíproca que se estabelece no sentir, agir, pensar e estar na circunstância da tomada. A expressão disso remete ao peso relativo da fala do Eu e do Outro, no equilíbrio entre ambas enquanto se dá a filmagem.

A fala do outro marca o seu tempo. A expressão de um rosto ou de um corpo enquanto a fala acontece, suas pausas para pensar, refletir, duvidar ou mesmo se contradizer configuram a dimensão da fala, instaura o tempo do inter-humano, o tempo do pensamento se formando, brotando e vindo à tona. Ouvir o silêncio é fundamental para se compreender a totalidade da fala. (YAKHNI, 2003, p. 37)

O intuito de toda essa reflexão é, portanto, descobrir como o fenômeno do encontro entre o Eu e o Outro pode se produzir em sua plenitude e autenticidade no instante da tomada. Afinal, ignorada essa relação sensível que se funda no encontro documentário durante a

---

<sup>34</sup> Ao contrário da Psicologia clássica, a nova Psicologia ou Psicologia da Gestalt diz que não existe uma separação entre a observação interior ou introspecção e a observação exterior. Sentimentos como a ira, o amor, o ódio não seriam, como diria a Psicologia clássica, conhecidos a partir de uma introspecção, seriam antes de tudo um comportamento perceptível. Daí toda a pertinência de se reconhecer que no encontro documentário, conforme explica Penafria (2004, p.8), “o Outro é-me dado como evidência, como comportamento [...] dirige-se à nossa percepção e tem a particularidade de mostrar a união do espírito com o corpo, o espírito com o mundo e a expressão de um no outro”.

filmagem, o diálogo face-a-face poderia eventualmente configurar um olhar puramente mecânico da câmera.

Na medida em que nos dispomos a conhecer uma determinada individualidade, diferente da nossa, temos que estabelecer um contato direto e verdadeiro, nos deixar impregnar por essa subjetividade sem conceitos preestabelecidos, para que através de nosso silêncio interior possamos nos vincular de maneira criativa com esse outro. Se essa condição não for estabelecida no encontro com o outro, é grande a probabilidade de não encontrarmos o que há de único e singular em cada experiência, em cada encontro. (YAKHNI, 2001, p.23)

Se, no momento da tomada a investigação é em torno das condições para que se estabeleça um diálogo verdadeiro, num segundo momento, a importância se desloca para a sua representação no filme. A pergunta que se faz agora é: como dar uma forma significativa para esse encontro entre o Eu e o Outro para Tu, espectador?

### 2.3.2 Nós, *Tu* e as escolhas da montagem

*Se o corte é prosa, então a montagem é poesia.*  
Allardyce Nicoll

A linguagem do cinema possui, segundo Andrew (2002, p.120), dois meios principais para trabalhar um estilo que leve a uma significação formal. O primeiro deles é a de manipular os aspectos formais da imagem no instante da tomada ou, melhor dizendo, as características formais dos planos isolados. A escala de iluminação, cor (quais tonalidades predominam nos planos), a composição dentro do enquadramento (em que se organiza e distribui os elementos da cena em relação às margens do plano em primeiro e segundo plano), o tamanho dos planos (geral, médio, americano, detalhe, primeiro plano, etc.), a profundidade de campo, etc. Neste caso, trata-se do controle gráfico da linguagem cinematográfica, conforme descreve Leone (2005, p. 26).

Partindo-se do princípio de que o material fotográfico obtido pela filmagem já possui uma articulação interna, pois é resultado de uma demorada preparação, pode-se chegar a aspectos técnicos pertinentes ao processo, como o uso das lentes grandes-angulares, normais ou teleobjetivas, da iluminação, da velocidade da câmera, normal, lenta ou acelerada, da escolha do recorte, plano, *scope* ou panorâmico, da profundidade do campo visual ao se escolher a sensibilidade da película. Todos esses fatores contribuem para a fabricação de planos e trabalham as intenções do diretor.

O segundo meio estilístico é o processo formativo da montagem, quando o cineasta/documentarista pode dar às imagens obtidas na tomada um contexto narrativo, isto é,

trabalha as características formais dos planos em conjunto. É nesse instante que, a partir de imagens já “estilizadas” durante a tomada, o significado discursivo ou narrativo do filme seria construído mediante a manipulação da sucessão das imagens no tempo e ritmo de cada plano, efeitos visuais e sonoros, corte, entre outros recursos possíveis.

O que está em jogo, respectivamente, é a plasticidade/qualidade de imagens isoladas, determinada principalmente durante a pré-produção e produção do filme, e o ordenamento/montagem das imagens em conjunto, na pós-produção. A suportar uma coisa e outra está uma idéia a transmitir, a leitura pela qual o Tu espectador adentrará a relação entre Eu e o Outro. Quer o documentarista esteja consciente disso ou não, cada plano oferece certo nível de envolvimento com o Outro no documentário que trabalha com o inter-humano.

Sobchack (1984), tomando como partida as condições excepcionais que cercam a produção da imagem na circunstância da morte, designa seis tipos de “visões” que codificam a qualidade ética da representação no campo documentário. A visão inscrita na atividade visual do cinegrafista na tomada seria, assim, identificável objetivamente, codificada na interação entre o Eu documentarista e o Outro representado e – aí o mais importante – reelaborada na percepção do Tu espectador, conforme delimita Sobchack (1984, p. 148):

A visão inscrita no (e como) espaço documentário é vista, portanto, como um espaço alternativo ou transcendental ao mundo real do observador [...], aponta reflexivamente para um corpo vivo que ocupa um espaço concreto e molda, com outros corpos, em relações concretas que descrevem uma estrutura moral. A visão possui simultaneamente uma localização subjetiva e **é objetivamente visível ao escrutínio e julgamento ético de outros sujeitos corporificados e de olhar intencional.** [grifo nosso]

O primeiro tipo de visão seria o *olhar accidental*, codificado em sinais de despreparo técnico e físico, face um evento que acontece diante da câmera de maneira repentina, casual e inesperada, surpreendendo a visão do cinegrafista e descartando qualquer possibilidade de cumplicidade e intervenção planejada. No horizonte ético do Tu espectador esse tipo de olhar despertaria uma mórbida fascinação, atraindo mais pela dor alheia ou expressão do horror.<sup>35</sup>

Um segundo olhar, o *olhar impotente*, seria aquele codificado em sinais de distância técnica e física, quando um evento do mundo apresenta perigo ou dificuldade de aproximação do cinegrafista e exige que este mantenha uma distância. A impotência implicaria em

---

<sup>35</sup> Exemplos desse olhar seriam: a filmagem amadora de Abraham Zapruder da carreata em Dallas, na década de 60, em que o presidente norte-americano John Kennedy foi assassinado, e o registro do assassinato de um espectador do concerto dos Rolling Stones, cena do filme *Gimme Shelter* (1970), dos irmãos Maysles, documentaristas citados como expoentes do cinema direto norte-americano. Esse tipo de olhar configura-se quando a câmera capta algo que escapa ao olhar humano do cinegrafista, mas simplesmente está lá no quadro. Independência e imprevisibilidade andam juntas no olhar accidental.



neutralidade, mas opta pelo recuo como saída ética – um tipo de olhar conscientemente distante, mas não intencionalmente distante, constrangido, portanto. O uso do *zoom*, planos gerais e lentes de grande distância configurariam, segundo a autora, os procedimentos estilísticos correspondentes.<sup>36</sup>

O *olhar ameaçado*, por sua vez, é codificado diante não da distância, mas da proximidade inquietante com eventos de perigo, que colocam a integridade do cinegrafista sob risco. Os traços estilísticos de câmera tremida, fora de foco, rápidos deslocamentos e interrupções de imagem denotariam a vulnerabilidade do cinegrafista, que inscreve na representação próprio risco a que está exposto.<sup>37</sup>

No *olhar interventivo* caracteriza-se, segundo Sobchack, uma urgente atividade física da câmera e do cinegrafista, cooperativos em interagir com o evento que representa. Os processos internos da presença da mente e da observação seriam projetados para a ação corporal exterior de operar a câmera. A consciência do evento representado se efetivaria na participação consciente desse mesmo evento; uma ética participativo-reflexiva.<sup>38</sup>

Os olhares *humanitário* e *profissional*, por fim, derivam segundo Sobchack do olhar interventivo na medida em que acirram duas posturas diferenciadas com relação ao dilema: “salvar uma vida ou conseguir a reportagem?”. A posição humanitária diria que é preciso salvar esse Outro em perigo; a profissional optaria pelo valor documental/jornalístico do perigo ainda que ele se configure na eventual consumação da tragédia alheia, já que a noção de profissionalismo fecharia a ética em um conjunto de valores normativos (deontológicos) que “facilitaria” essa ação embora, ao mesmo tempo, a isolaria por um conjunto de expectativas de um campo profissional.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> A filmagem de execuções legais nas quais o cinegrafista está impedido por lei de intervir é um exemplo citado de olhar impotente.

<sup>37</sup> Imagens obtidas em situações concretas de guerra, desastres naturais e/ou de violência generalizada exemplificam o olhar acidental.

<sup>38</sup> Sobchack cita o olhar que o ser morrendo lança sobre aquele que o mata como uma intervenção, como o cinegrafista que durante a Guerra aceita a intervenção da própria morte no instante da tomada, e a seqüência do documentário francês *La batalla de Chile* (1976), de Patricio Guzmán, em que há uma súbita interrupção da tomada em função da morte real do cinegrafista.

<sup>39</sup> O olhar profissional se diferenciaria pela ambigüidade ética e pela competência técnica e maquinal diante de um fato, enquanto o humanitário recusaria a perfeição da imagem clara e desobstruída, enfatizando que o cinegrafista é antes indivíduo que um profissional e que a desgraça alheia deve ser coibida de qualquer prazer espectral.

Embora a tipologia desses seis olhares tenha sido desenvolvida por Sobchack para detalhar o comportamento ético do cinegrafista ao deparar-se com o evento extremo e intenso da morte, no dizer de Ramos (2005, p.203), esses tipos podem ser pensados de uma maneira mais ampla, apresentando um panorama resumido da questão ética dentro da representação no documentário.

Assim fazendo, é lícito concluir que na interação do Eu documentarista e do Outro, em sua virtual abertura ao Tu espectador, há escolhas e eventos que em um sentido figurado sempre “matam” e/ou “ferem”, deixam marcas indeléveis. Essas marcas fenomenológicas seriam a base ética dentro da qual a narração e montagem dos planos podem ser articuladas, considerando-se, segundo Yakhni (2003, p. 38), que

As decisões do diretor, muitas vezes, se confundem com as decisões tomadas pelo cinegrafista. O olhar do diretor, muitas vezes, se confunde, ou talvez seja mais preciso dizer, funde-se com o do cinegrafista. A relação entre ambos é fundamental para que haja coesão na percepção do fluir do tempo em cada tomada.

Além do tipo de olhar, do foco narrativo durante a filmagem, a duração dos planos durante a montagem do filme também influencia a aproximação virtual do Tu com o Outro. Na visão de Ramos (2005) a questão da continuidade do plano é central: essa presença subjetiva constante no plano se traduziria como um “corpo presente”, um corpo vivo (do Eu e do Outro) que ocupa um espaço concreto e está sujeito ao escrutínio e ao julgamento de outro sujeito corporificado e de olhar intencional (Tu espectador). Para o autor, o talento do montador do documentário está em estabelecer a redução de muitas horas filmadas sem perder a essência desse Outro representado e sua intensidade na tomada.

A coerente progressão de tempo de cada tomada para dar ritmo ao filme, e das tomadas em conjunto, sofreria a ação da montagem. E se no plano, por definição, estariam manifestas várias qualidades artísticas como o cenário, o figurino, a movimentação, a montagem incidirá nesse conjunto através do corte criando contigüidades narrativas.

Leone (2005, p.37) afirma que a colocação de uma câmera num espaço tem tanta arbitrariedade quanto um corte: “Da mesma forma que o diretor elege uma ação dramática para iniciar a confecção dos planos, o montador elege planos para começar a construção das seqüências”. O que resta saber é, então, em que momento essa arbitrariedade se dá e as determinações que ela cria no processo de construção do filme. Até por que, observa o autor, o plano autônomo possui qualidades virtuais não muito perceptíveis no estado bruto, que se transformam em qualidades formais pela ação do corte. As etapas de montagem, segundo o teórico, compõem uma escala que vai do fotograma, ao plano, à junção de planos que leva,

por fim, ao discurso cinematográfico. O corte cumpriria, nesse processo, a função de síntese e criação de uma nova contigüidade espacial, temporal e de movimentos em todas essas etapas do processo de montagem.<sup>40</sup>

O teórico e cineasta russo Serguei Eisenstein (2002a, 2002b) afirma que o plano isolado, o fragmento da tomada, não possui sentido por si próprio, inexistente nos planos algo como uma realidade pronta e acabada, diretamente apreensível e ambígua. Cada plano possuiria um *dominante* principal (o que mais plenamente chama atenção do espectador no fragmento, seja cor, iluminação, enquadramento) além de *tons* e *sobretons* secundários (que agem na periferia da imagem e da consciência do espectador).

O que Eisenstein nunca deixou de frisar, contudo, é que a montagem cumpriria justamente esse papel construtivista de decompor a aparência de um fenômeno e reconstruí-lo segundo princípios formais de realidade para se comunicar com o Tu espectador. Trata-se de construir idéias e pensamentos através do que Eisenstein define por *justaposição* de imagens que irão se constituir no filme. A síntese produzida por tal montagem faria o cinema evoluir da “esfera da ação” para a “esfera da significância, do entendimento”.

A montagem é o instrumento dessa consciência ampliada. Na linguagem, supera a sintaxe universal e cria o mais poderoso dos efeitos poéticos. No filme, toma elementos inarticulados ou banais e os funde em idéias ricas demais para serem exprimidas por palavras. Em sua melhor forma, a montagem molda essas idéias sentidas em um grande evento emocional sincrético, um evento capaz de reorientar nosso pensamento e nossa ação. (ANDREW, 2002, p.57)

A justaposição mediante a colisão dos planos na montagem, pelo pensamento do cineasta russo, também interrompe o fluxo naturalista dos acontecimentos e marca a intervenção do Eu cineasta, que convoca a interpretação do Tu espectador para conformar um momento de dupla significação. Com isso, Eisenstein quer deixar claro que a montagem é um instante de virtual encontro entre o Eu e o Tu, é uma construção intersubjetiva entre essas duas instâncias objetivada em princípios formais.

---

<sup>40</sup> Essa dimensão do corte e a possibilidade de articulação de planos diversos é motivo de uma intensa discussão na teoria do cinema. O ponto controverso parece ser a localização da montagem no processo fílmico – ruptura mais que evidente nas formulações do teórico francês André Bazin, que nas décadas de 40 e 50 consente que a montagem exista de forma residual, sem, contudo, instituir uma relação essencial no filme, como propôs o teórico e cineasta russo Sergei Eisenstein. Sem a intenção de entrar no mérito dessa discussão, parece-nos que Andrew (2002) sintetiza a colaboração de um e outro ao dizer que a metáfora é a figura da mente em Eisenstein e a elipse e a metonímia são figuras do mundo em Bazin – visões que, embora logicamente se oponham nas formulações individuais dos teóricos, são complementares no quadro amplo da teoria geral do cinema.

A força do método reside também no fato de que o espectador é arrastado para o ato criativo no qual sua individualidade não está subordinada à individualidade do autor, mas se manifesta através do processo de fusão com a intenção do autor [...]. Na realidade, todo espectador, de acordo com sua individualidade, a seu próprio modo, e a partir de sua própria experiência – a partir das entranhas de sua fantasia, a partir da urdidura e trama de suas associações, todas condicionadas pelas premissas de seu caráter, hábitos e condição social –, cria uma imagem de acordo com a orientação plástica sugerida pelo autor, levando-o a entender e sentir o tema do autor. É a mesma imagem concebida e criada pelo autor, mas esta imagem, ao mesmo tempo, é criada pelo próprio espectador. (EISENSTEIN, 2002b, p. 29)

Eisenstein ainda trabalhou uma gama de outras questões pertinentes ao processo fílmico.<sup>41</sup> Nunca deixou de lado, contudo, ainda que não se referisse propriamente ao documentário do inter-humano, uma notada preocupação de que o Tu espectador participe dessa construção, ainda que virtualmente, na composição do filme como unidade dialógica. Preocupação, aliás, que designou *montagem polifônica*, explicada por Andrew (2002, p. 59):

O cineasta não deve unir apenas mecanicamente peças de montagem ao longo de uma linha dominante, mas deve orquestrar com sensibilidade um vibrante conjunto a fim de que o [Tu] espectador possa receber um grupo de estímulos organizados fluindo variadamente através de sua mente, mas criando uma impressão final, uma sensação de totalidade. Tal concepção de montagem interconectada é a “montagem polifônica” e seu resultado é a “unidade através da síntese”.

E onde está o documentário, como se localiza o encontro entre o Eu, Tu e o Outro nesse círculo de reciprocidade? Certamente não se fecha nem se isola num código ético prescritivo. Ora parece dialogar com a possibilidade do Eu documentarista amenizar suas *significações* próprias com objetivo de recuperar o *sentido* do mundo do Outro; ora se coaduna com a visão de que o Eu artista fundamentalmente age pela seleção de fragmentos de realidade; paralelamente, repousa também na crença de comunicar um valor simbólico ao Tu; ou ainda, quando nos obriga a prestar atenção, via suas técnicas não-naturais, no modo pelo qual experimentamos o Outro.

---

<sup>41</sup> Entrando em uma explicação mais técnica, Eisenstein (2002a, p. 77-89) desenvolve cinco métodos de montagem como categorias formais que articulam o poder criativo e dão significado aos planos. Seriam elas: 1) a montagem *métrica*, feita a partir dos comprimentos absolutos dos planos com base na repetição de uma escala matemática que determina sua duração no conjunto, independente do conteúdo; 2) a montagem *rítmica*, cujo critério é o movimento dentro do plano que impulsiona o movimento da montagem de um plano a outro; 3) a montagem *tonal*, que nasce do conflito entre os princípios rítmicos e tonais do plano (seja combinando graus de suavidade de foco, tonalidades de luz ou som contrastantes em vários níveis, por exemplo); 4) a montagem *atonal*; que conflita o tom principal de cada fragmento (sua dominante) e uma atonalidade para produzir “colisões” e/ou “atrações”; e também 5) a montagem *intelectual*, conflito-justaposição de sensações intelectuais associativas.

### 3 PROSTITUIÇÃO FEMININA E UNIVERSO SIMBÓLICO

#### 3.1 MILÊNIOS DE DESPRAZER – A PROSTITUTA NA HISTÓRIA

##### 3.1.1 Arqueologia da prostituição feminina: Antigüidade à Idade Moderna

Há relatos de que em sociedades pré-históricas e pré-patriarcais, a mulher era considerada como força criadora da vida e cultuada como centro de toda atividade social. Os primeiros registros sobre a prostituição datam, segundo Roberts (1998, p. 19), do II milênio a.C., quando a mulher era considerada a encarnação terrena de deusas sacerdotisas, um elo entre a comunidade e a divindade e, nessa condição, poderia liderar rituais de sexo grupal com participação de uma comunidade inteira, nos quais a figura masculina tinha um papel apenas coadjuvante.

Observa-se, contudo, que essa prática seria antes um segmento da tradição poligâmica da comunidade primitiva das mulheres, estava vinculada, diz Brasil (1932, p. 1), a um caráter religioso “que sempre andou ligado às revelações sexuais entre esses povos e os levou a consagrarem templos aos deuses e deusas da fecundação”.<sup>42</sup>

Conforme descreve Roberts (1998, p. 19), no decorrer dos séculos grupos tribais de homens começaram a invadir, na antiga Mesopotâmia e Antigo Oriente, na Babilônia e Ásia Menor, alguns territórios liderados pelas mulheres. Nesse momento, são verificadas as primeiras formas de sociedade matriarcais abaladas por um poder patriarcal e pela tentativa de tentar controlar a sexualidade feminina. Se por um lado o casamento e a monogamia já apareciam como soluções para diluir eventuais dúvidas da paternidade das crianças, por outro, os homens foram se estabelecendo como governantes públicos, criando leis cada vez mais restritivas em relação ao papel social da mulher e incorporando, em contraposição a divindades femininas, deuses masculinos.

Mulheres que não se enquadravam nessa nova ordem social costumavam ser despejadas do interior dos templos. Para se adaptar às novas regras, desenvolviam habilidades em dança, canto e instrumentos a fim de satisfazer o entretenimento público e o sexo ritual, enquanto o matrimônio sagrado se perpetuava como um ritual da fertilidade.

---

<sup>42</sup> Segundo o autor (*idem*), na Babilônia algumas mulheres cultuavam uma divindade chamada *Milita*, oferecendo-se, pelo menos uma vez por ano, aos que visitavam o templo, porém nota que tal prática não constituía uma forma de prostituição mercantilista, já que na época a poliandria e a promiscuidade feminina seriam vistas como tradição religiosa.

Na Grécia, por volta de 1.600 a.C., a regulamentação estatal da prostituição constituiu-se, afirma Brasil (1932), com o avanço da propriedade individual e do mercantilismo, fenômeno que produziu acumulação de riquezas por parte da população, mas que gerou também pobreza. Na virada do século VI a.C., o governo de Atenas teria promulgado uma clara distinção, reconhecendo a figura dupla das mulheres como esposas ou como prostitutas e decidindo tomar parte dos rendimentos adquiridos nos templos com a prostituição, nas palavras de Roberts (1998, p. 37), uma espécie de “cafetinagem estatal e privada”.

Naquele tempo o comércio sexual era dividido em classes. Brasil (1932) aponta que na cidade de Atenas, as prostitutas vulgares eram escravas e tinham o nome de *porné*; a casa onde exerciam o seu comércio era o *porneion*; e os industriais que exploravam o negócio eram os *pornoboskoi*. Essas mulheres pagavam um tributo *pornokontelas* e dependiam da autoridade dos magistrados *agoranomos*, que vigiavam a sua maneira de proceder. Viviam em Atenas num bairro reservado que tinha o nome de Cerâmico.

Prostitutas de uma classe superior às *porné*, as *bacantes*, também chamadas *etéreas*, *aulétridas* e *dictéredas*, compunham-se de dançarinas, cantoras e tangedoras de instrumentos musicais. Elas tomavam parte nas festas e banquetes e, como retribuição pelos serviços da sua arte, envolviam-se com seu anfitrião e seus convidados. Em regra, eram mulheres livres.

Existia ainda uma terceira classe, a das *hetairas*, tidas como a de mais alto grau das prostitutas atenienses e de toda a Grécia, constituída por mulheres livres, cultas e famosas, que recebiam em suas casas os políticos, os generais, os filósofos e os poetas da época. Literalmente, *hetaira* significa “companheira”, “amiga”, “amante”. Elas não costumavam manter relações sexuais simultâneas com mais de um parceiro, e em Atenas e Corinto, subdividiam-se em outras duas classes de *hetairas*<sup>43</sup>.

Na civilização romana os magistrados teriam também regulado na forma da lei o funcionamento desse negócio, inclusive proibindo que dele participassem pessoas não inscritas. Criados em 494 a.C. e extintos no século III d.C., os *edis* – censores de Roma responsáveis pela jurisdição civil e ações penais correlatas na administração da cidade – tinham os registros das prostitutas de cada bairro e perseguiram as que se entregavam à profissão clandestinamente. Em Roma, existiam basicamente duas classes na prostituição feminina: a meretriz (*meretrix*) e a prostituta (*prostitutae*).

---

<sup>43</sup> Segundo o autor, as primeiras não se vendiam às riquezas, desejavam unicamente a instrução o que as impelia a se colocarem acima da opinião e optarem por uma vida pública e livre, além do espaço privativo do lar. Escolhiam o homem que lhes convinha e viviam maritalmente com ele. As segundas, menos instruídas, ansiavam a fortuna e buscavam tornarem-se as favoritas ou protegidas de homens ricos e poderosos.

A meretriz era a mulher livre que durante o dia desempenhava outras atividades e, à noite, freqüentava os *lupanares*, como eram chamados os bordéis de luxo à época. Exerciam sua profissão com certo recato e sigilo em covas ou casas privativas.

Já as prostitutas eram quase sempre escravas, que permaneciam em prostíbulos menores – pequenas celas, cuja porta era velada por uma cortina – ou ainda em vias públicas, como os arredores do Coliseu, aguardando homens de baixo estrato social, plebeus, soldados, gladiadores e forasteiros. Deviam usar, conforme determinação dos *edis*, uma toga com mitra e véus amarelos, modo pelo qual em público eram demarcadas simbolicamente como prostitutas. Conforme o local onde vendiam o sexo, suas preferências e origem social, recebiam diferentes designações.<sup>44</sup>

A clientela era composta de homens que, por ocuparem determinadas posições na divisão social em classes ou em virtude da pobreza, não podiam ter uma mulher privativa. No primeiro caso estavam, por exemplo, os soldados; no segundo, os mercadores.<sup>45</sup>

O interesse em instituir, regular e controlar a prostituição feminina, tanto em Roma como na Grécia antigas, seria motivado, analisa Brasil (1932, p. 3), menos por uma preocupação médico-sanitária acerca das condições de trabalho das mulheres, e mais pela funcionalidade dentro de um “regime cooperativista aplicado à satisfação dos apetites sexuais dos homens – e apenas destes”. Se as relações mercantilistas na Antigüidade clássica teriam lucrado com socialização das mulheres, em outras civilizações antigas a prostituição assume designações que variaram conforme sua funcionalidade social e aceitação moral dentro de cada cultura.<sup>46</sup>

Na Idade Média, que abrange o período da queda do Império Romano no ano de 476 até a queda de Constantinopla em 1453, a intervenção religiosa da Igreja Católica no campo da moral repercutiu nas relações sociais e conceitos sexuais da época, incidindo diretamente

---

<sup>44</sup> Eram chamadas de: *alicariae, casoritae, copae, diatrolae, porariae, libtidae, noctunigatae, prosedae, pregrinae, putae, quadrantariae, seratae, scrotae, vagae*, e assim por diante. Ainda hoje há varias designações. Cf. Sinônimos de “prostituta”, ANEXO.

<sup>45</sup> Brasil (*ibid*, p. 3) destaca que o perfil dos clientes à época não difere substancialmente da clientela atual, e cita como clientes potenciais rapazes jovens que não podiam ter encargos de família, os tímidos, os defeituosos, os decrepitos ou quase impotentes, sem possibilidades físicas para agradar a uma mulher normal, e ainda homens com perversões que, numa manifestação de masoquismo, apenas obtinham prazer junto de mulheres públicas, ou também homens comuns que não encontravam satisfação sexual junto de suas esposas e procuravam obtê-la através das sucessivas e fugazes uniões com prostitutas.

<sup>46</sup> O autor (*ibid*, p. 4) conta que enquanto na Grécia a prostituta era designada *porné, auletrida* ou *hetaira*, e em Roma, por *meretrix* e *prostitutae*, na Índia era *dovadassi*, quando bailadeira ao serviço da divindade Shiva, ou *natché*; na Babilônia, *pariunstu*; no Japão *djyoio*; e no Egito, *alimé*, que significava sábia experiente.

nas formas de controle da prostituição feminina. Com o cristianismo em ascensão no século V, a sexualidade feminina, especialmente das mulheres que se prostituíam, tornara-se um alvo da Igreja e de seus pressupostos religiosos, que exaltando o celibato, difundindo a total submissão da mulher em relação ao homem e considerando a figura da prostituta como pecaminosa e banida da Igreja, opunha-se à moral religiosa pagã, como destaca Roberts (1998, p. 81), “principalmente como consequência da reação da nova religião à vida moral e sensual do Império Romano decadente”.

Outro ponto de diferença situa-se com relação ao papel da monogamia e do sexo nas duas épocas. Foucault (1984b) comenta que o cristianismo medieval teria associado o valor do próprio ato sexual ao mal, ao pecado, à queda, à morte, e aceitado a delimitação do parceiro legítimo dentro apenas do casamento monogâmico e no interior dessa relação conjugal, impondo o princípio de uma finalidade exclusivamente procriadora.

Já os antigos, segundo registro de Brasil (1932), teriam dotado o sexo de significações poligâmicas, de modo que no apogeu da civilização grega, por volta do século V, as leis e os costumes referentes à moral sexual permitiam dentro dos templos de Sócrates, de Platão e de Demóstenes, que cidadãos possuíssem três mulheres: a *hetaira*, especialmente para os prazeres do espírito; a *palaca*, para a direção dos serviços domésticos; e a *esposa*, para a procriação dos filhos legítimos. Diferentemente também das sociedades gregas ou romanas, o cristianismo teria atribuído à abstinência rigorosa, à castidade permanente e à virgindade um alto valor moral e espiritual, ao contrário da moral pagã, que aceitava, em contraponto a poligamia masculina, a poliandria feminina das *hetairas*, uma espécie de “monogamia periódica sucessiva”.

A Igreja e a pastoral cristã fizeram valer o princípio de uma moral cujos preceitos eram constrictivos e cujo alcance era universal (o que não excluía as diferenças de prescrição relativas ao status dos indivíduos, nem a existência de movimentos ascéticos com suas próprias aspirações). Em compensação, no pensamento antigo, as exigências de austeridade não eram organizadas numa moral unificada, coerente, autoritária e imposta a todos de uma mesma maneira; ela eram, antes de mais nada, um suplemento, como que um “luxo” em relação à moral aceita correntemente.(FOUCAULT, 1984b, p. 23)

Com o avanço do Feudalismo e a instabilidade das posses agrárias, em que senhores feudais disputavam terras entre si e contra os servos camponeses, característicos do século X, teria havido um expressivo contingente de servos camponeses em fluxo migratório, ora para guerrear, ora para trabalhar. Nesse cenário, Roberts (1998, p. 90) destaca que havia um grande número de mulheres acompanhando os homens nesses deslocamentos de modo a formarem “caravanas do prazer”.



Apesar de a moral cristã alardear contra a prática e relega-la à promiscuidade dos primitivos povos bárbaros, registros históricos indicam que a prática do meretrício teria sido instituída justamente nessa época pela própria Igreja, inclusive escritos datados de 1908 do publicista católico João Bonnefon:

A prostituição regulamentada é uma instituição católica. Os papas, soberanos temporais, soberanos espirituais, fomentaram praticamente o desenvolvimento legal da prostituição. O primeiro lupanar pontifical foi estabelecido por Bento IX [Papa de 27 de Outubro de 1303 até a data de sua morte, 7 de julho de 1304]. As “senhoras” deviam todos os dias assistir, muito cedo, a uma missa especial. Os clérigos, prelados e nobres não deviam ser recebidos a não que estivessem munidos de um “Indulto”. A casa devia estar fechada na Semana Santa. A tarifa era modificada segundo as festas da Igreja sendo mais elevadas nos “dias santos”. A “senhora”, depois de suas despesas todas pagas, devia dar um terço de seus lucros ao Esmoler Pontifício e outro terço ao Mordomo de Sua Santidade. O último terço era reservado à diretora, para as “despesas de seu zelo”. (BONNEFON, apud BRASIL, 1932, p. 5)

Relatos de viajantes e outros historiadores do período medieval são citados por Brasil (1932, p. 5-9) e indicam que Bento IX teria concedido o monopólio da prostituição a uma penitente, de quem tinha sido confessor. Tais prostitutas deviam ao sair em público vestir-se de negro e pôr um véu que dissimulava a sua aparência. Na casa de tolerância ou *lupanar*, elas podiam vestir-se com esmero, mas os seus vestidos deviam ser ajustados e bem abotoados, e os quartos, hermeticamente fechados de modo que nenhum ruído ou voz pudessem chegar aos habitantes de casas vizinhas. Relata-se ainda que cada visitante poderia escolher apenas uma mulher de cada vez. A tarifa cobrada era proporcional às comodidades do quarto, à idade da mulher e ao grau de dignidade do santo do dia e aumentava perto de grandes solenidades. A lista dos visitantes era controlada e um médico do Papa devia assegurar-se da saúde das mulheres “com decência, mas com exatidão”.

Outros soberanos do pontificado católico em Roma, de acordo com o autor, também teriam incentivado o controle da prostituição durante o século XVI. Júlio II (Papa entre 1503 e 1513) teria concedido às prostitutas um bairro especial em Roma, por Bula de 10 de janeiro de 1510; Leão X (Papa entre 1513 e 1521), publicado três regulamentos para garantir a decência exterior e a organização dos prostíbulos das prostitutas romanas; Clemente VII (1523-1534), definido a questão do testamento das prostitutas, obrigando-as a subtraírem metade dos bens a um convento católico.

Faziam-no por força de tabus sociais, com fins de ordem pública. É que as prostitutas, as rameiras, estavam ao mesmo nível das classes execradas da sociedade: assassinos, ladrões, lutadores de circo, etc. Havia, portanto, que fiscalizar de perto essa classe, no interesse da instituição social do meretrício e no da ordem pública. (BRASIL, 1932, p.9)

Na metade do século XVI, o monopólio da prostituição já não era exclusivo da Igreja Católica, membros da nobreza romana passaram a abrigar em suas próprias residências as prostitutas das casas públicas. Se descoberto, tal aliciamento era punido com a amputação da mão direita ou com o exílio, conforme a qualidade do culpado. Mesmo assim, os *lupanares* autorizados pela Igreja se multiplicavam e, no século XVIII, contavam-se vinte e dois, sendo os mais elegantes reservados aos nobres estrangeiros e membros do corpo diplomático.<sup>47</sup>

A Antigüidade, a Idade Média e o começo da Idade Moderna, portanto, teriam presenciado o constante esforço das autoridades públicas em dominar o mercantilismo sexual, de modo a se controlar o fenômeno social da prostituição, compreendendo-se, segundo Rossiaud (1991, p. 12), que “a sociedade é que cria a prostituição à sua imagem, ou que os grupos sociais é que geram formas de prostituição adaptadas às suas necessidades”.

### 3.1.1.1 Modelos burgueses de sexualidade e Família na modernidade

*O “sangue” da burguesia  
foi o seu próprio sexo.*  
Michel Foucault

Nessas diferentes épocas, o ordenamento social da prostituição feminina parece estar associado não só a condições socioeconômicas (mercantis) específicas, mas também, como observa Foucault (1984b), sujeito a uma economia simbólica de trocas, aceitações e rejeições que acompanha as significativas transformações por que passa o próprio entendimento da sexualidade, especialmente quando negociado sob relações de poder que imperam e se justificam na ordem moral.

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as Igrejas, etc. Acontece dessas regras e valores serem bem explicitamente formulados numa doutrina coerente e num ensinamento explícito. Mas acontece também delas serem transmitidas de maneira difusa e, longe de formarem um conjunto sistemático, constituírem um jogo complexo de elementos que se compensam, se corrigem, se anulam em certos pontos, permitindo, assim, compromissos ou escapatórias. Com essas reservas pode-se chamar “código moral” esse conjunto prescritivo. (FOUCAULT, 1984b, p. 26)

---

<sup>47</sup> Brasil (*ibid*, p. 8) acrescenta que o marechal de Roma, encarregado da polícia urbana, teria recebido aluguel das casas de prazer até por volta de 1870.

O Concílio de Trento, mais longo concílio da história da Igreja Católica, realizado de 1545 a 1563, seria o momento a partir do qual, segundo Foucault (1984a, p. 110), as práticas de penitência do cristianismo medieval (confissão obrigatória e métodos de ascetismo e misticismo espiritual) são superados por um novo modo de se controlar a moralidade sexual na Idade Moderna.

Foucault (1984a, p. 24) registra que, até então, havia uma preocupação de penitenciar pensamentos e desejos da alma e do corpo relacionados ao sexo, criando vários aparatos de poder simbólico, especificamente dentro da moral cristã, para falar de sexo a partir de uma linguagem codificada em uma retórica da alusão e da metáfora.<sup>48</sup> Mas, se na Idade Média o discurso sobre a “carne” formaria um conjunto unitário, amparado em um sólido vínculo ligado à teologia moral do desejo sexual que obrigava à confissão, na Idade Moderna esse discurso teria sido rompido, distendido e diversificado.

No fim do século XVIII, destaca o autor, nascia uma *tecnologia do sexo* inteiramente nova, porque mesmo sem ser realmente independente da temática do pecado, escapava ao controle eclesiástico e não se reduzia à vigilância do Estado. Houve uma objetivação do sexo nos discursos racionais, modelo que produziu, afirma Foucault (1984a, p. 35), uma série de tensões, conflitos, esforços de ajustamento, e tentativas de retranscrição:

A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política.

A partir do século XVIII, observa o estudioso, nasce uma incitação política, econômica e técnica em torno da sexualidade<sup>49</sup>, criada a partir da dicotomia entre o que chama de *dispositivo de sexualidade* e *dispositivo de aliança*, dois modos de se estabelecer não apenas parcerias sexuais, mas de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. Conforme analisa Foucault (1984a, p. 101), se o dispositivo de aliança se

---

<sup>48</sup> O autor (*ibid*, p. 24-26) nota que a interdição de certas palavras, a decência das expressões, todas as censuras do vocabulário poderiam muito bem ser apenas dispositivos secundários da pastoral cristã, que procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato situa-lo integral e aplicadamente em discurso: efeitos de domínio e de desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus, relação de sujeição que tornaria o sexo moralmente aceitável e tecnicamente útil.

<sup>49</sup> Aqui entendida, segundo o autor (*ibid*, p. 100), como dispositivo histórico: “a grande rede de práticas em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder”.

estrutura em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito, objetivando reproduzir a trama de relações vigentes ao manter a lei que as rege e valorizar o vínculo entre parceiros com *status* definido; o dispositivo de sexualidade funcionaria de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder, em que, como descreve Foucault (1984a, p. 27):

Deve-se falar do sexo não em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos. No século XVIII, o sexo se torna questão de ‘polícia’.<sup>50</sup>

Tais dispositivos assumiriam formas de poder institucionalizadas em saberes e instituições sociais, em especial, incidindo na concepção de Família.

Essa fixação do dispositivo de aliança e do dispositivo da sexualidade na forma da família permite compreender certo número de fatos: que a família tenha se tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório de afetos, de sentimentos, de amor; que a sexualidade tenha, como ponto privilegiado de eclosão, a família. (FOUCAULT, 1984a, p. 103)

Segundo Ribeiro (2007), a Revolução Industrial no século XVIII teria delimitado um padrão de família: o homem no papel de pai e chefe de família, e a mulher, no de excelente “dona-de-casa” e incansável mãe, alheia a qualquer tipo de trabalho remunerado. Borsa e Feil (2008) também notam que historicamente o ideal de maternidade foi construído como ideal de realização plena da mulher, associado a um sentido de renúncia e sacrifício dos prazeres em troca do papel de mãe, pelo qual seria valorizada em sua condição feminina.

Para Matos (1995), a divisão dos espaços urbanos em público e privado, no final do século XIX e começo do século XX, é decisiva nesse contexto de valores. Segundo a autora, o domínio do público, cada vez mais voraz, expande-se no domínio das intimidades e o privado, posto na defensiva, fortifica laços particulares de convívio.<sup>51</sup> A designação das mulheres exclusivamente para o espaço doméstico teria sido funcional no modelo imaginário de família

---

<sup>50</sup> Essa polícia do sexo daria conta, pois, de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição. Foucault (*ibid*, p. 28-29) chega a afirmar que “é a primeira vez em que, pelo menos da maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual uso o seu sexo”.

<sup>51</sup> Nas palavras da autora (*ibid*, p. 114), “os espaços públicos começam a corresponder às conotações negativas de multidão, perigo, estranhamento, indiferença, circulação, enquanto o privado representa o refúgio seguro, o domínio da natureza”.

orientado para a intimidade do lar, local então considerado privilegiado para a realização de seu “talento” ou “missão” de mãe. A essa nova mulher – mãe e esposa – caberia desempenhar um papel fundamental na família: sempre vigilante, atenta, responsável pela saúde e felicidade das crianças e do marido, dedicada ao lar e à sua higiene.

No âmbito das relações entre Direito e Família, por exemplo, Matos <sup>52</sup> (2008) observa que esse entendimento patriarcal do papel na mulher dentro da família teria desdobramentos importantes para se entender como a marginalidade da prostituta foi construída:

[...] O Código Civil discriminava a chamada concubina, a concubina não poderia ter direitos, a concubina não poderia ter efeitos da sua união. Pouco a pouco foi melhorando a questão da mulher no Direito. [...] Mas nós ainda percebemos, por exemplo, quando a gente fala o que é uma boa mãe, o critério moral ainda está muito contaminado. Então se traduz “boa mãe” talvez como mulher recatada, que tenha poucas atividades sexuais, pouco namorado, etc. E o bom pai talvez não se exigiria o mesmo ideal, as mesmas questões, no que se refere ao lado masculino.

Adelman <sup>53</sup> (2008) acrescenta que esse modo de vida baseado nas grandes cidades e essa divisão entre os espaços público e privado acentuaram a dicotomia entre a *mulher boa* – donas de casa burguesas que tinham um marido provedor, inserido no espaço público, e que se dedicavam ao lar, aos filhos, à maternidade, a cuidar dos outros dentro desse contexto privado do lar – e a *mulher pública*, marginalizada e desvalorizada, sujeita a julgamentos morais, não raro, associada à figura da prostituta. Nesse cenário de papéis simbolicamente bem definidos, se *homem público* era sinônimo de elogio, a socióloga afirma que *mulher pública* era uma forma depreciativa de se referir às mulheres que viviam do trabalho sexual por falta de outras formas de inserção social.

A autora expõe também que o vínculo sexual entre os casais e o pressuposto de que as necessidades sexuais dos homens extravasavam os limites da relação conjugal firmaram-se como valores, embora aparentemente contraditórios, tolerados na formação da moralidade sexual burguesa. Para Adelman essa conjunção de fatores morais, cria as condições para que houvesse, na época e ainda hoje, tolerância social para os clientes homens das prostitutas, mas não para as mulheres que exercem essa atividade. <sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Entrevista pessoal com professora Mestre e Doutora em Direito de Família. Curitiba, 24 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE A.

<sup>53</sup> Entrevista pessoal com professora Mestre e Doutora em Sociologia e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 03 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE B.

<sup>54</sup> Foucault (1984a, p. 122) afirma que “o pai, por um lado, era erigido em objeto de amor obrigatório; mas por outro lado, se fosse amante, era proscrito pela lei”.

As sociedades modernas têm uma relação, vamos dizer, moral, muito ambígua com a sexualidade feminina, com o papel da mulher, [...] em que medida elas podem estar no público. E a prostituição, pois, nasce na sua forma moderna em relação a isso, uma sociedade moderna dividida entre o público e privado dessa forma. O papel normativamente construído pras mulheres seria dentro do privado, do lar, a questão da prostituta como uma figura necessária, mas marginal, mas necessária pra fornecer serviços aos homens. (ADELMAN, 2008)

Essa relação ambígua com a sexualidade feminina se insere, sugere Foucault (1984a, p. 99), em um processo de *histerização do corpo da mulher*, tríplice processo pelo qual o corpo da mulher foi analisado – qualificado e desqualificado – como corpo saturado de sexualidade; integrado sob o efeito de uma patologia intrínseca ao campo das práticas médicas; e posto em comunicação orgânica com o corpo social (cuja fecundidade regulada deveria ser assegurada), com o espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e funcional) e com a vida das crianças (que produz e deve garantir, através de uma responsabilidade biológico-moral que dura todo o período da educação). O arquétipo de Mãe, com sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”, constituiria a forma mais visível desta histerização, afirma o autor.

Ribeiro e Sá (2004, p. 13-14) corroboram esta hipótese ao afirmarem que a cultura ocidental tende ainda hoje a ver o sexo de forma ambígua: como algo nocivo, sobretudo quando ele escapa às normas da relação heterossexual dentro de vínculos matrimoniais e orientados para a reprodução biológica. Tudo o que não se encaixa dentro desse padrão, dizem os autores, cairia no estereótipo do sexo perverso, do “mau sexo”.

Foucault (1984 a, p. 100) designa este processo de *psiquiatrização do prazer perverso*, pelo qual o instinto sexual teria sido isolado como instinto biológico e psíquico autônomo. O desdobramento mais evidente estaria na análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afeta-lo, na tentativa de normalização e patologização das condutas sexuais, às quais caberia uma tecnologia corretiva contra as anomalias.

Para operacionalizar esse controle do sexo, a partir do século XIX, entrariam em atividade os discursos da medicina (na definição das “doenças dos nervos”), da psiquiatria (especialmente quando anexa ao seu domínio exclusivo o chamado conjunto de perversões sexuais), também da justiça penal (quando, em meados do século XIX, se abriu à jurisdição dos atentados, ultrajes e perversões à moralidade dos costumes), enfim, uma série de controles sociais que se desenvolveram no período para operar uma filtragem da sexualidade *boa* em relação àquela que seria a *perversa*, num amplo processo de higienização – como se vê, adiante, em que a figura prostituta teve um papel ambíguo e central.

### 3.1.2 A prostituta no Brasil nos séculos XIX e XX

Tendo como foco a prostituição feminina e outras práticas consideradas delitos no cenário dos costumes e códigos morais das sociedades paulistana e carioca, em seu acelerado processo de modernização no fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, Rago (1985; 1991; 2005) e Mazziro (1998), descrevem como o discurso médico, jurídico e científico da época compreendiam a prostituição como um problema social a ser sanado em nome de normas burguesas, e delimitam também uma visão aprofundada de como era o cotidiano das prostitutas e dos lugares destinados à prostituição no período. As instituições da época teriam lançado, concordam os autores, uma série de estratégias de disciplina para controlar a sexualidade da prostituta, na visão do senso comum como “sexualidade insubmissa”<sup>55</sup> ou classificada pelo saber médico e criminalista como “vício”<sup>56</sup>.

Segundo Rago (2005), os médicos ganhavam rápida aceitação nas instituições públicas, nas agências estatais e, em geral, na vida política e social do país, desempenhando sua autoridade científica como se fossem responsáveis pela orientação moral que o Estado e a Igreja antes exerciam. A autora aponta que no contexto de higienização urbana, as sexualidades consideradas legítimas e ilegítimas, como prostituição, homossexualidade, masturbação e outras “perversões” sexuais, eram temas de domínio exclusivamente médico.

Os médicos passaram progressivamente a definir os modernos códigos da conduta sexual a serem adotados por mulheres e homens, jovens, adultos, velhos ou crianças, ricos e pobres, numa escala nacional. Nesse sentido, procuraram abolir as velhas tradições e concepções que informavam os padrões morais e sexuais de comportamento da população, classificando-as como ignorantes, primitivas e irracionais. (RAGO, 2005, p. 4)

Mazziro (1998) acrescenta que, ao lado da repressão médica, implantou-se uma intensiva criminalização que catalogava os "escândalos" promovidos pelas meretrizes e as

---

<sup>55</sup> Rago (1985, p. 85) descreve a carga de preconceito: “Mulheres de má vida, meretrizes insubmissas, impuras, insignificantes, o que fazer com essas loucas que recusam o aconchego do casamento, que negam a importância do lar e preferem circular enfeitadas pelas ruas, desnudando partes íntimas do corpo, exalando perfumes fortes e extravagantes, provocando tumultos e escândalos, subversivas que rejeitam o mundo edificante do trabalho, surdas aos discursos masculinos moralizadores e que perseguem a todo o custo a satisfação do prazer?”

<sup>56</sup> Retomando Foucault (1984a, p. 111-112), tem-se a medicina das perversões e dos programas de higienização sexual como as duas grandes inovações nessa tecnologia do sexo durante a segunda metade do século XIX e o conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência como o núcleo das novas tecnologias do sexo. A obra publicada em 1846 por Heinrich Kaan, *Psychopathia sexualis*, registraria a abertura desse grande domínio médico-psicológico das “perversões”, que segundo o autor viria a tomar o lugar das velhas categorias morais da devassidão e da extravagância.

enquadrava quanto à "conduta anti-social, anti-higiênica ou desmoralizante" que pudesse ofender a sociedade e o Estado. Tratava-se, diz o autor, de um controle de uma sexualidade vista como criminosa pelo discurso da Criminologia. A prostituta podia ser criminalizada por "ato imoral" que ameaçasse a vida social, ou reprimida em virtude dos "escândalos" que supostamente promovesse. Podia também ser presa segundo o artigo 282 do Código Penal vigente, que tratava do "atentado ao pudor", e era vigiada por uma série de leis.<sup>57</sup>

Com esse interesse comum, da polícia e da medicina, em vigiar/punir ou erradicar a prostituição, a necessidade de uma Polícia Sanitária teria sido fortemente difundida e aceita. O sistema de regulamentação policial detinha, então, a nítida tarefa de controlar a moral e a higiene. Assim, tanto a moral quanto a saúde burguesa deveriam ser preservadas, por um lado, garantindo-se a necessidade de defender a moral pública dos "escândalos e exhibições" promovidos pela prostituição, de outro, com relação à saúde, pretendendo-se proteger a propagação de doenças venéreas entre a burguesia. Nesse sentido, seriam incentivados mecanismos que forçassem a visita regular das prostitutas até os hospitais.

Portanto, tanto oficiais policiais, envolvidos como o controle social e a moralização das condutas, quanto médicos sanitaristas procuraram advertir contra os males do mundo da prostituição. Eles dissecaram o corpo das prostitutas com suas investigações empíricas, ao produzirem teses científicas, nas quais codificaram as condutas das mulheres de acordo com as classificações tipológicas copiadas dos médicos europeus, como o francês Alexandre Parent-Duchâtelet<sup>58</sup> e o fundador da Antropologia Criminal, o italiano Cesare Lombroso. Suas teorias pseudo-científicas passaram a servir de base para as práticas policiais de vigilância sexual, que, na maioria das vezes, visavam exclusivamente as prostitutas pobres. (RAGO, 2005, p. 6)

A Medicina teria, portanto, uma função na penalização da prostituta em colaboração com a polícia, que devia capturar as prostitutas para exames médicos. Alguns criminalistas apesar da preponderância das causas sociais na explicação do meretrício, denunciavam casos que julgavam patológicos, de mulheres que se entregariam à prostituição por exigências mórbidas do organismo.

---

<sup>57</sup> O referido artigo dizia, conforme Mazziero (1998, p. 2), que atentado ao pudor era "ofender os bons costumes com exhibições impudicas, atos ou gestos obscenos, atentatórios ao pudor, praticados em lugar público". O autor cita, ainda, outros instrumentos legais de fiscalização voltados especificamente para vigiar as prostitutas em São Paulo, como o decreto 1.034, de 01/09/1892, que atribuía ao Chefe de Polícia "ter sob sua vigilância as mulheres de má vida"; o decreto 4.763, de 05/02/1902, que dispôs que cabia aos delegados urbanos e suburbanos essa vigilância, "da forma que julgar mais conveniente ao bem-estar da população e à moral pública"; e ainda os decretos legislativos 1.631 e 6.440, de 1907, que destinaram essa função aos Delegados de Polícia. A prostituição ainda não era matéria do Código Penal e a atuação do poder do Estado sobre ela estava a cargo de critérios subjetivos da própria polícia na observação da prática cotidiana da atividade.

<sup>58</sup> Segundo Rago (1985, p. 85-86), este médico francês, especialista em esgotos e na higienização da cidade de Paris, associava a prostituição às imundícies do submundo e realiza um minucioso estudo sobre as origens da prostituição, a vida cotidiana das meretrizes (idade, estado civil, profissão, hábitos, clientela, etc).



Evaristo de Moraes, citado por Mazziere (1998) como um dos maiores criminologistas brasileiros da virada do século XIX para o XX, expressa uma visão da prostituição como um "mal necessário", isto é, funcional para a preservação da moral no lar, não podendo ser considerada crime. Segundo Moraes, a prostituição não poderia também ser comparada à vagabundagem – ação unilateral – pois o meretrício seria bilateral, não se realizaria sem a intervenção de duas pessoas, ou seja, sem um cliente. Mesmo assim,

O submundo da sexualidade devia ser exercido fora do lar, com o sadio e o desvio podendo existir mas de formas separadas: eles não caberiam no mesmo teto, nem na mesma rua. A perversão só era possível, portanto, no mundo da prostituição, cabendo dentro do lar o respeito. (MAZZIERO, 1998, p. 3)

A alegação policial, nesses casos, era de que as prostitutas circulavam em locais públicos falando palavras obscenas ou provocando risadas ou deboche, e as autoridades policiais procuravam enquadrar estes atos como crimes. Mas que episódios poderiam passar como escândalo à época? Rago (1991, p. 33) evoca uma cena:

Quando a loira parisiense Marcelle d'Avreux descia as escadas da Pensão Milano, propriedade de Mme Serafina, em direção ao carro que a esperava na porta, na rua Soa João, n.º 30, escandalizava os provincianos da São Paulo dos inícios do século. Todos os olhares se voltavam para suas roupas coloridas e extravagantes e para seu enorme chapéu enfeitado com longas penas de avestruz – as *pleureuses* –, cuidadosamente encrespadas e emendadas para parecerem mais longas e mais caras.

Embora tenha despertado reações de rejeição por alguns setores da sociedade, o universo da prostituição teria sido marcado, diz Rago (1991, p. 168), por toda uma “aura de mistério, fascínio e atração”. A prostituta teria sido parcial e ambigualmente aceita como aquela que poderia saciar os impulsos ardentes dos jovens, iniciando-os na vida sexual, ao mesmo tempo em que era percebida como mulher desregrada.<sup>59</sup>

O mundo da prostituição atendia, portanto, a várias necessidades. Além, evidentemente, dos altos lucros que se obtinham com essa imensa máquina, funcionava como pólo aglutinador de determinados grupos sociais, que aí densificavam suas relações de vários modos. (RAGO, 1991, p. 187)

A prostituição constituía-se nesse contexto, segundo a autora, como um terreno de práticas e relacionamentos multifacetados e plurais, com funções também socializantes, já que nos bórdeis ou cabarés, os participantes uniam-se em redes subterrâneas de convivência e solidariedade, compondo uma atmosfera que congregava poetas, jornalistas, artistas e outros

---

<sup>59</sup> Rago (*ibid*, p. 41) aponta que o ideal de pureza de mãe que se reforça na passagem do século tornava a presença imaginária e empírica da meretriz até certo ponto necessária em lugares destinados à liberação das fantasias sexuais masculinas, já que, como se acreditava então, a prostituta poderia “queimar” o furor dos rapazes antes do casamento de modo a prepará-los para uma vida mais casta ao lado da esposa.

segmentos considerados mais liberais que não encontravam outras opções acessíveis de entretenimento à época.

Seria, pois, um lugar também de coesão social, forma simbólica e concreta de escapar ao isolamento da vida conjugal e do fechamento em uma vida privada. O bordel ou cabaré eram lugares que propunham novos agenciamentos de liberalização sexual, demarcando simbolicamente seu espaço como um circuito ampliado de danças, festas, espetáculos e outros acessórios que contribuía para construir um clima dionísíaco de prazer e diversão. Diz Rago (1991, p. 195): “No cabaré, os corpos femininos brilham através de artifícios que os ornamentam: jóias, colares, pulseiras, brincos, que atestam o *status* de cortesã”.<sup>60</sup>

A relação entre a prostituta e o freguês se tornava mais complexa pela figura da cafetina, que se impunha no relacionamento com os fregueses intermediando segredos e diplomaticamente assegurando sigilo e discrição para a prática. Nas palavras de Rago (1991, p. 175), a cafetina procurava *glamourizar* a profissão, “especialmente nos bordéis de luxo: organizava e enfeitava o espaço interno, a fim de criar todo um clima de erotismo e fantasia”, de tal modo que muitas proprietárias de pensões e espaços destinados à prostituição teriam ficado conhecidas, nas primeiras décadas do século XX, “mais pelo seu lado bonachão e aconchegante do que pela exploração econômica que exerciam sobre suas subordinadas”.

A autora ressalta que o tratamento que as cafetinas dispensavam aos clientes devia ser o melhor possível a fim de manter um público fiel no espaço de semi-clandestinidade que era seu domínio. De igual modo, destaca que nem sempre a companhia de prostitutas era procurada com fins exclusivamente sexuais, e que o mundo da prostituição podia não ser uma experiência apenas negativa e imoral. No bordel também poderia ser buscada não apenas a transgressão dos comportamentos moralmente sancionados, mas as uniões fugazes, os excessos, as fugas e prazeres da orgia, numa forma cooperativa de estabelecer o que Rago (1991, p. 188) nomeia de “vivência de toda uma diversidade anárquica dos modos de funcionamento desejanter”.

Além disso, na análise da autora, a estratificação da prostituição em diferentes níveis e espaços sociais não impedia que tanto as prostitutas de classe mais baixa como as de luxo

---

<sup>60</sup> Nesse sentido, a autora (*ibid*, p. 167-168) descreve como se delineou toda uma autêntica cultura do bordel: cafés-concertos, cabarés, “pensões chics”, teatros e restaurantes atraíam coristas, dançarinas, boêmios, gigolôs, prostitutas estrangeiras e brasileiras seguidas por toda uma corte de empregados responsáveis pela infraestrutura e serviços do lugar, como choferes, garçons, arrumadeiras, cozinheiras, manicures, costureiras, porteiros, “meninos de recado”, etc. Essa zona do meretrício seria configurada, sob tal perspectiva, por uma cultura diferenciada, a partir da qual “a cidade noturna vingava-se da cidade diurna do trabalho e da disciplina industrial” a partir de um clima de erupção das paixões e filiações menos exclusivistas.

buscassem novos tipos de relação amorosa – mais voluntaristas – que as opções designadas pelo modelo de vida conjugal burguês.

As de baixa hierarquia social, que residiam em casas alugadas ou próprias, poderiam receber seus amigos e fregueses sem o compromisso de fidelidade monogâmica; as que acreditavam que o casamento aprisionaria sua sexualidade, negando-lhes o conhecimento do prazer ou da liberalidade sexual, ultrapassavam esse “mundo respeitável” em troca do desvendamento do próprio corpo e da sexualidade; ou ainda, as que buscavam nos bordéis um jogo lúdico de travestimento de papéis e da própria beleza.

Como a artista, a prostituta é aquela que aprendeu a encenar múltiplos papéis, dissociando aparência e essência, interioridade e exterioridade, perdendo-se definitivamente no labirinto das sensações. Predomínio total do instinto sobre a razão, ela oculta através de inúmeros disfarces a imensa fealdade de um corpo degenerado – projeções do desconhecido avassalador construído pela racionalidade masculina burguesa. (RAGO, 1991, p. 193-194)

É nesse sentido que haveria, então, toda uma *fetichização*<sup>61</sup> do corpo da prostituta como objeto, em que a autora nota traços de histórico brilho e opacidade, ou, em outras palavras, a prostituta indefinida como ser nômade.

Nômade, a prostituta não se fixa num único bordel, não se sedentariza numa única relação, muda constantemente de identidade. [...] Seus hábitos nunca são fixos, seus gestos são inconstantes, suas escolhas, passageiras e fugazes. Situa-se na fronteira entre a cigana e a artista: uma que é nômade, outra sabe representar, metamorfosear-se, usar múltiplas máscaras. [...] No bordel, ela sofre um movimento de reterritorialização nos códigos internos do grupo; na relação com o amante fixo estilo “coronel”, ela deve viver o modelo conjugal tipicamente burguês. Ao lado do gigolô ou da cafetina, uma forte dependência emocional. (RAGO, 1991, p. 198-200)

Entra nomandismos e reterritorializações, a prostituta demarcaria simbolicamente o seu espaço entre duas forças vitais: resiste à tentativa de ser domesticada e medicalizada pelos saberes especializados (criminalistas e sanitaristas) da época; e atua como espelho da imagem masculina nela projetada, nas palavras de Rago (1991, p. 198), como “se a mulher estivesse o tempo todo precisando driblar um cerco masculino que a persegue mesmo sendo prostituta”.

---

<sup>61</sup> Rago (1991, p. 196-197) tece uma interessante reflexão sobre esse ponto afirmando que a prostituta se oferece como “absoluta disponibilidade de representação”: ao ser explorada sexualmente, a prostituta por sua vez exploraria o explorador num jogo circular de dominação em que calcula e pesa cada gesto. Um beijo ou qualquer derivação erótica não-negociada poderia elevar o preço do programa, contexto em que a prostituta passaria por metamorfoses conforma as imagens que o olhar masculino se projeta sobre ela. A feminilidade seria transmutada, pois, em fetiche, objeto do desejo masculino; mas a prostituta, de certo modo, uniformizaria todos os homens porque, em tese, pode substituí-lo. Na medida em que ela encena a personagem que o freguês procura e pela qual paga, poderia supostamente ler os desejos e preencher as expectativas masculinas inclusive no sentido de exercer um contra-domínio no nível simbólico e afetivo – planos em que, pela subjetividade fragmentada e o corpo genitalizado, pode esvaziar-se intencionalmente de qualquer derivação emocional.

## 3.2 O GRITO DA SEXUALIDADE INSUBMISSA – A PROSTITUTA NA ATUALIDADE

### 3.2.1 Construção de uma identidade sócio-profissional e o cenário contemporâneo

Foucault (1984a, p. 109) sugere que a partir do século XX os mecanismos da repressão burgueses da sexualidade teriam começado a afrouxar, a partir de uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais. O papel da mulher é reconsiderado na cultura Ocidental, afirmam Borsa e Feil (2008, p. 6), principalmente após a Segunda Guerra Mundial, quando o surgimento dos contraceptivos, a possibilidade de aborto e do divórcio, paralelos à progressiva ascensão profissional no mercado de trabalho, re-configuram o papel do feminino na vida pública e privada.

De igual modo, essas condições históricas assinalam perspectivas, segundo Botelho (2003, p. 39), para desvendar “o que vem sendo velado e ocultado, com o intuito de não permitir que a prostituição seja concebida em seus contextos, relevando suas múltiplas dimensões e que sempre se materializou para servir aos interesses da humanidade”. Na atualidade, segundo Juliano (2005, p. 8),

A estas discriminações estruturalmente condicionadas espalhadas no senso comum e que se manifestam socialmente em linguagem agressiva e oficialmente em legislação sancionadora, se agregam conjuntamente outras desvalorizações que tomam forma de discurso paternalista de proteção e que vêm de certos setores religiosos, de uma parte da esquerda e até de alguns setores do movimento feminista, fundamentalmente do feminismo radical. **[tradução nossa]**

O movimento feminista incide diretamente neste debate, analisa Piscitelli (2005, p. 7), com posições polarizadas sobre o significado da prostituição no mercado do sexual. A primeira posição seria a que enxerga na prostituição a raiz da opressão e abuso contra a mulher, visão pela qual “a prostituta é um objeto sexual, um ser passivo e carente de poder”. A segunda enfatizaria a prostituta como símbolo da autonomia sexual das mulheres e ameaça potencial ao controle patriarcal sobre a sexualidade das mulheres. Uma posição moderada seria a que entende o sexo como um terreno de disputa, não como um campo fixo de posições de gênero e poder, visto antes como uma tática cultural que pode tanto desestabilizar o poder masculino como reforçá-lo.

Talvez o maior desafio na resolução do espaço social ocupado pela prostituta no cenário contemporâneo é, contudo, afirma Gershon (2007), o tratamento ambíguo que a própria categoria dá à questão da identificação profissional. Esta autora nota que ser prostituta não é uma condição aceita com tranqüilidade dentro do universo heterogêneo da atividade e

sequer haveria, para muitas, uma identidade pela qual reivindicar reconhecimento legal. Ainda sim, Gershon destaca que a institucionalização de um novo discurso sobre a prostituição como trabalho e a afirmação das prostitutas dentro de uma nova categoria, com expectativas legítimas de direitos sociais, sinalizaria a recente organização política de um grupo que, até pouco tempo atrás, não se vislumbrava incapaz de qualquer ação coletiva.

Mesmo que essa concepção ainda não seja predominante, nem no conjunto da categoria nem na sociedade de forma geral, ou mesmo que essa institucionalização possa sofrer idas e vindas num percurso de muitos impasses, a percepção da prostituta como trabalhadora já faz parte do léxico político atual. Rompendo com as imagens negativas socialmente projetadas sobre a categoria, a politização do discurso do movimento opera a passagem de um discurso geral para o da especificidade da condição de mulher prostituta. (GERSHON, 2007, p. 60)

Nas décadas de 70 e 80 surgem movimentos associativos reclamando em torno das questões relacionadas à luta pelos direitos humanos e contra as formas de preconceito e discriminação das prostitutas.

Dados oficiais <sup>62</sup> indicam que o primeiro coletivo de prostitutas surge em 1973 por iniciativa de uma prostituta feminista norte-americana que organiza na Califórnia, nos Estados Unidos, o grupo *Coyote* <sup>63</sup>. Um outro marco histórico é o reconhecimento do dia 2 de junho como Dia Internacional da Prostituta, após protestos na França em 1975, que motivam o processo de organização da categoria em diversos países a partir de diferentes necessidades locais, incluindo denúncia de episódios de assédio e abuso policial, maus tratos físicos e violência, abuso e controle do Estado, reformulação de leis, centrando todas essas demandas na defesa dos direitos humanos e civis das prostitutas como *profissionais do sexo*. <sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> As informações constantes dessa breve cronologia histórica que se segue provêm de pesquisa feita nos sites na internet de coletivos organizados no Brasil, Rede Brasileira de Prostitutas ([www.redeprostitutas.org.br](http://www.redeprostitutas.org.br)) e grupo Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde ([www.davida.org.br](http://www.davida.org.br)), e no cenário internacional, como o Network of Sex Work Projects ([www.nswp.org](http://www.nswp.org)).

<sup>63</sup> Acrônimo cujas iniciais derivam do inglês “*Call Off You Old Tired Ethics*” que pode ser traduzido como: “acabe com a sua velha ética”.

<sup>64</sup> Em 2 de junho de 1975, cerca de 150 prostitutas francesas teriam ocupado uma igreja na cidade francesa de Lyon para protestar contra a repressão policial, multas, prisões e até assassinatos de colegas, que não eram investigados. O movimento se espalhou pelas outras cidades vizinhas, inclusive chegando a Paris. As prostitutas teriam enviado uma carta ao então presidente francês, Giscard d’Estaing, exigindo o fim da perseguição policial que as impedia de trabalhar, episódio que teve visibilidade nacional e internacional, mas foi sufocado pela polícia ao dia 11 de junho, quando a ocupação em Lyon teve fim. O saldo para as ativistas é significativo, pois a partir de então organizações em defesa das prostitutas se multiplicaram por diversos países: *Coletivo Francês de Prostitutas* (França, 1975); *Prostitution Laws Are Nonsenses-PROSLAN* e *Coletivo Inglês de Prostitutas-ECP* (Inglaterra, 1975); *ASPASIE* e *ANAI* (Suíça, 1975); *National Task Force on Prostitution* (Estados Unidos, 1979); *HYDRA* e *HWG* (Alemanha, 1980); *Associação Austríaca de Prostitutas* (Áustria, 1982); *Grupo CERO* (Suécia, 1982); *Comitato per I Diritti Civili delle Prostitute* (Itália,

No Brasil, uma das primeiras experiências de mobilização social das prostitutas aconteceu em 1979 na cidade de São Paulo, após um episódio de violência num reduto de prostituição conhecido como “boca do lixo”<sup>65</sup>.

A articulação civil no país é oficializada em 1987, ano em que é realizado o primeiro Encontro Nacional de Prostitutas no Rio de Janeiro. O lema do fórum de discussão era: “Mulher da vida, é preciso falar”. Prostitutas de 11 estados brasileiros teriam participado do encontro, que selou a criação da Rede Brasileira de Prostitutas, presidida por Gabriela Leite<sup>66</sup> e idealizada para promover a articulação política, fortalecer a identidade profissional e o pleno exercício da cidadania, a redução do estigma e da discriminação e a melhoria da qualidade de vida na sociedade das prostitutas.

Em 1988 é lançado o jornal *Beijo da Rua*<sup>67</sup>, porta-voz das profissionais do sexo, e em 1989, a Rede firma parceria pioneira com o Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde, lançando uma campanha para prevenir a doença e dar orientações de saúde às prostitutas. Na década seguinte, diversos fóruns de discussão estaduais e regionais são organizados pela Rede capacitando a formação de lideranças em diversos estados brasileiros<sup>68</sup> e formulando políticas públicas em parceria com órgãos governamentais a fim de melhorar as condições de saúde no trabalho das prostitutas.

Em 1994, o terceiro Encontro Nacional das Trabalhadoras do Sexo amplia o foco de temas, não se restringindo à saúde e incluindo temas como lei, fantasias sexuais, direitos

1982); *CORP-Power* (Canadá, 1983); *Coletivo de Prostitutas Australianas* (Austrália, 1983); *De Rode Draad* (Holanda, 1984).

<sup>65</sup> Um delegado de polícia teria prendido e torturado prostitutas e travestis resultando na morte de uma mulher grávida e de duas travestis. Após o fato, prostitutas e travestis teriam saído às ruas para tornar públicas arbitrariedades e atos violentos da polícia, exigindo do governo paulista uma interferência na apuração e punição dos responsáveis, quando um delegado teria sido punido com afastamento da polícia.

<sup>66</sup> Socióloga, ex-profissional do sexo e ativista de grande projeção nacional e internacional na organização do movimento de classe.

<sup>67</sup> O jornal é distribuído para prostitutas de todo o país, por meio das associações de classe, e trata do dia-a-dia da prostituição e do movimento organizado das prostitutas, abordando temas como saúde, cidadania, legislação e outros temas importantes para a categoria. Também está disponível na internet: ([www.bejodarua.org](http://www.bejodarua.org)).

<sup>68</sup> Na década de 90 criam-se, por exemplo, a *Associação de Prostitutas do Ceará* (CE); a *Associação das Prostitutas da Bahia* (BA); a *Associação Sergipana de Prostitutas* (SE); a *Associação das Mulheres e Homens Acompanhantes* (DF); a *Associação Rio-Preteense dos Profissionais do Sexo e Vitória-Régia* (SP); a *Associação das Damas da Vida*, o *Davida – Prostituição, Direitos Civis, saúde e o Fio da Alma* (RJ); o *Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central - Gempac* (PA), o *Sindicato das Minorias Sexualmente Discriminadas* (ES), o *Projeto Encontros* (MS); o *Grupo Liberdade* (PR) – este último que será explicado adiante –, entre outros aqui não citados.

humanos e a consolidação das associações nas regiões interioranas do país no Norte, Sul e Centro-Oeste. Em 1998 a Rede faz seu primeiro planejamento estratégico e em 1999 a primeira parceria internacional é estabelecida, com a Rede Latino-Americana e Caribenha de Trabalhadoras Sexuais <sup>69</sup>.

A década atual é considerada histórica pelo movimento brasileiro por vários fatores. Em 2002, o seminário “Aids e Prostituição” lançou em Brasília a campanha “*Sem vergonha, garota. Você tem profissão*”, promovendo uma intensa campanha com recomendações nacionais para as ações de prevenção, assistência e direitos humanos e é divulgada a primeira pesquisa nacional com prostitutas <sup>70</sup>, que revela, as fragilidades e fortalezas da categoria, com vários apontamentos sobre as prostitutas: o perfil geral de idade, o resultado concreto da atuação das organizações não-governamentais (ONGs), a natureza das relações sexuais, a frequência do uso de drogas e do preservativo, os locais de trabalho e uma série de dados relativos à saúde. Ainda em 2002, o Ministério do Trabalho reconhece a prostituição como uma das cerca de 600 profissões brasileiras no Código Brasileiro de Ocupações (CBO) <sup>71</sup>.

Em 2003, o projeto de lei do deputado Fernando Gabeira <sup>72</sup>, que legaliza as casas de prostituição, é apresentado e discutido no Congresso Nacional. No texto do projeto de Gabeira consta que o primeiro passo para descriminalizar o comércio sexual – ou *legalizar* a prostituição – seria admitir que as pessoas que prestam serviços de natureza sexual fazem jus ao pagamento por tais serviços. Segundo o texto do projeto, tal abordagem inspira-se

---

<sup>69</sup> *Red de Trabajadoras Sexuales de Latinoamerica y el Caribe* ([www.redtrasex.org.ar](http://www.redtrasex.org.ar)).

<sup>70</sup> O trabalho foi encomendado pela Coordenação Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde e realizado pela Universidade de Brasília em 2001 e 2002. Foram entrevistadas 3 mil mulheres nos estados do Maranhão, Paraíba e Sergipe (Região Nordeste), São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro (Sudeste) e Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Região Sul). O Sudeste aparece como a região em que menos se usa droga injetável (1 em 200) e o Sul teria o maior número de usuárias (6 em 200). Também é apontado que 6 em cada 100 mulheres teria o vírus do HIV, 43% já teriam feito o exame para identificar se está infectada pelo vírus, 2% usariam drogas injetáveis e que prostitutas com acesso a projetos de prevenção usariam mais o preservativo com clientes e parceiros, recorrendo com maior frequência a serviços de saúde, realizando exames preventivos e de Aids em maior proporção que as que não têm acesso a esse tipo de projeto. Mostra que a maioria das prostitutas do Brasil: teria entre 20 e 29 anos, não teria completado o primeiro grau, ganharia de um a quatro salários mínimos; estaria na profissão há menos de cinco anos e trabalharia principalmente fazendo ponto na rua, em bares e boates, e os programas sexuais, em hotéis (rua/hotel: 65%; bar/boate/hotel: 66%; só bordel: 61%; só hotel: 73%; rodovia: 46%; postos em rodovias: 56% e outros: 67%). Na hora do sexo, 67% usariam o preservativo com os clientes.

<sup>71</sup> Cf. MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **NM 5198 CBO/02**: profissionais do sexo no Código Brasileiro de Ocupações. Brasília, 2002.

<sup>72</sup> Cf. CÂMARA FEDERAL DOS DEPUTADOS. **Relatório do projeto de Lei n. 98/03**. Dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal. Brasília, 2003.

diretamente no exemplo da Alemanha, que em fins de 2001 teria aprovado uma lei que torna exigível o pagamento pela prestação de serviços de natureza sexual. Por extensão, se a atividade passa a ser lícita, escreve o deputado, não há porque penalizar quem a favorece.

A prostituição está prevista nos artigos 227 a 232 do Código Penal brasileiro. A legislação brasileira, da década de 40, não considera crime vender o corpo por vontade própria, mas dispõe sanções para quem: induz, facilita, atrai ou impede uma pessoa que abandone a prostituição, ou *lenocínio* (dois a cinco anos de prisão, sujeita a aumento de cinco até doze anos, em caso de violência, ameaça ou fraude); para quem mantém por conta própria ou de terceiro, *casa de prostituição* (pena de dois a cinco anos e multa), entre outras cominações legais.

No caso brasileiro, defende Gabeira, descriminalizar as casas de prostituição implicaria suprimir como crimes tipificados no Código Penal os atos de favorecimento da prostituição (art. 228), casa de prostituição (art. 229) e do tráfico de mulheres (art. 231). Em tese, continuariam a ser considerados crimes o lenocínio (art. 227), e o rufianismo, que significa participar dos lucros da prostituição alheia (art. 230).

Conforme explica Mirabete (2004, p. 468), a lei brasileira entende que o maior lesado no crime da manutenção de casas de prostituição seria o próprio Estado, “titular jurídico do bem ofendido”, ou seja, do lucro. Nos demais artigos referentes à prostituição, a objetividade jurídica que motiva a existência das leis seria a tutela da disciplina da vida sexual, os bons costumes e a moralidade pública. Com a particularidade de garantir, ao criminalizar o rufianismo, a proteção da prostituta como indivíduo; e sobre o tráfico de mulheres, evitar o parasitismo da atividade nas relações internacionais entre os países.

Esse modelo jurídico brasileiro no que se refere à prostituição teria por base um Direito Penal apontado pela criminologia crítica, conforme discute Pasinato (2004, p. 8), como seletivo em sua estrutura e “incapaz de promover a igualdade como prometido, pautando suas decisões no etiquetamento de pessoas e comportamentos como desviantes ou criminosos”.

Segundo Poncioni (2006), a própria “hierarquia de credibilidade” estabelecida pela polícia brasileira na prática de mediação de conflitos cotidianos reservaria à prostituta o mesmo espaço reservado aos pobres, negros, homossexuais e criminosos de descrédito, desrespeito e desprezo por serem considerados de menor importância, ou não integrarem uma



posição sócio-econômica e cultural de prestígio. Por tais características, a lei brasileira poderia ser considerada, diz Borges <sup>73</sup> (2008), *abolicionista* <sup>74</sup>.

Um projeto de legalização viria, então, no sentido de

Transformar a atividade da prostituição numa atividade economicamente rentável e regulamentada no sentido de reverter também, o que, impostos pro próprio Estado. Então o Estado permite que se explore essa atividade permite que se realize livremente, e óbvio, ganha com isso. O Estado e também aqueles que de alguma maneira dominam esse mercado do sexo. Então a legalização da prostituição viria nesse sentido: no sentido de tornar uma atividade rentável, uma atividade que pode ser taxada por impostos, que pode ser, enfim, que exige o registro do Estado, um controle do Estado, e obviamente abre espaço pra uma exploração por empresas – e aí pode haver grandes corporações ligadas ao sexo, porque não? (BORGES, 2008)

Outras conquistas apontadas pela Rede Brasileira de Prostitutas são a participação, em 2004, da XV Conferência Internacional de Aids em Bangcoc na Tailândia, e em 2005, do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, consolidando sua presença na articulação internacional do movimento. Tal conjuntura de fatos pode ser encarada dentro do que Gershon (2007, p. 53) focaliza como uma sutil mudança no tratamento conferido pelo Estado à prostituição, isto é, a “passagem, ainda não consumada, de uma ótica criminal e policialesca a um enfoque trabalhista”. Mas a autora explica porque essa melhora pode ser considerada apenas relativa:

A CBO é uma classificação enumerativa e descritiva utilizada em registros administrativos - como a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), o Seguro Desemprego – além de em pesquisas domiciliares, mas que só terá efeitos práticos quando a ocupação for descriminalizada. Enquanto não houver possibilidade de se considerar, por exemplo, uma casa de prostituição como uma micro-empresa, que emprega um conjunto de funcionários(as), a ocupação profissional do sexo estará ausente da RAIS e do CAGED. Poderá eventualmente ser citada em pesquisas domiciliares, mas permanecerá oculta em um mercado informal e marginal. (GERSHON, 2007, p. 54)

---

<sup>73</sup> Entrevista pessoal com professora Mestre e Doutora em Direito Processual Penal. Curitiba, 25 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE C.

<sup>74</sup> Borges (2008) nota que há diferenças básicas entre o abolicionismo, o regulamentarismo e o proibicionismo, três principais modos como o Estado lida com a prostituição. No regime que adota o **abolicionismo**, a prostituta seria considerada uma vítima que exerce a atividade por coação de um terceiro, o "explorador" ou "agenciador", cabendo assim à legislação punir o dono ou gerente de casa de prostituição e não a prostituta. Nesse sistema, quem estaria na ilegalidade é o empresário, ou patrão, e não há qualquer proibição em relação a alguém negociar o sexo e fantasias sexuais. Já o **regulamentarismo** pode exigir que a prostituta se submeta a exames periódicos ou condicionar que ela só exerça a atividade em locais determinados. Entre as vantagens, a possibilidade de ter um contrato de trabalho, seguridade social, inclusive aposentadoria, garantias legais, entre outros benefícios, são apontados. Como vimos, o Brasil já foi regulamentarista no século XIX e começo do século XX, quando as prostitutas eram fichadas pelas delegacias e lei eram editadas para controlar seus costumes. No **proibicionismo** tanto a prostituta quanto o dono de casa de prostituição e até o cliente são puníveis pela lei.

Apesar de todos esses desafios trabalhistas e legais que surgem nesse cenário brasileiro e internacional, as prostitutas, ou *profissionais do sexo*, reivindicam seus propósitos. O discurso da presidente da Rede Latino-Americana e Caribenha de Trabalhadoras do Sexo, Elena Reynaga (2008) na XVII Conferência Mundial de Aids, realizada neste ano, em 6 de agosto de 2008, expressa como essa demanda é contemporânea:

E sobre todas as coisas reivindicamos: reconhecimento do trabalho sexual como trabalho. Queremos ser livres para nos fazer, para nos equivocarmos, para aprender. Livres e fora de toda clandestinidade, porque essa é a melhor maneira de construir uma resposta efetiva à epidemia do HIV/Aids. As trabalhadoras e trabalhadores sexuais não somos o problema, somos parte da solução.

### 3.2.2 Grupo Liberdade e a prostituição feminina em Curitiba

O Grupo Liberdade, entidade não-governamental fundada em 18 de maio de 1994 para trabalhar com a prostituição feminina em Curitiba e Região Metropolitana, surgiu no contexto de mobilização ativista das prostitutas brasileiras na década de 90. A ex-prostituta e fundadora presidente atual do Grupo, Carmem Costa <sup>75</sup> (2008), relata que a ONG surgiu devido à decadência das mulheres na rua, que viviam deitadas na sarjeta – muitas com o vírus do HIV sem saber – e devido à violência policial sofrida pelas prostitutas naquela época.

Em 1990 era uma coisa. Não tinha o vírus do HIV se falando, não tinha-se tanto roubo, a polícia também não ficava muito no pé das mulheres, ficava até mais entendeu, mas com diferente escala. Porque a polícia vinha e levava as mulheres presas 24 horas. E agora, hoje, a polícia vem, só vem torturar, torturar cliente, ficam perto, próximo, inibem o cliente. Por mais que eles não falem nada, só a presença deles dá essa inibição no cliente. É uma das coisas que diminuiu bastante na prostituição. [...] Antigamente se fazia 30, 40, 50 programas num dia, hoje se faz 3 programas num dia, hoje é muito programa. Mudou a realidade da prostituição de novo aí. (COSTA, 2008)

Segundo Costa, as prostitutas eram espancadas, e as principais ruas em que trabalhavam, a Riachuelo e a Saldanha Marinho. Hoje, entre praças, ruas e logradouros públicos, o Passeio Público, Santos Andrade, Generoso Marques, 13 de Maio, Alfredo Bufren, Tobias de Macedo, Largo da Ordem, Carlos Gomes, Rui Barbosa, Avenida Iguaçu, Getúlio Vargas, Piquiri, Alferes Poli, Westphalen, Terminal Guadalupe e Rodoviária são só alguns dos principais pontos, já que, diz Costa, “toda Curitiba tem um ponto de prostituição”.

---

<sup>75</sup> Entrevista pessoal com a fundadora e presidente atual da ONG Grupo Liberdade. Curitiba, 26 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE D.

Tem ‘n’ casas, tem ‘n’ locais pra... Hoje elas também estão na, começaram vir agora, as mulheres tão vindo também na Engenheiro Rebouças, lá em baixo, lá na Capanema. É Capanema ali? Não, no Parolin. Elas estão ali entre Wenceslau Braz agora, tem o chá do almoço por ali, João Bettega que não tinha... Juscelino Kubitschek... Então tem vários lugares. (COSTA, 2008)

Em 2005 um levantamento feito pela entidade detectou 3.174 pontos de prostituição e cerca de 30 mil mulheres se prostituindo em ruas, bares, boates, saunas, apartamentos e uma série de outros estabelecimentos.<sup>76</sup>

A mulher que tá na boate ela tem obrigações, a mulher que tá na rua não. A mulher que tá na rua não precisa dividir seu dinheiro com ninguém, não dá lucro pra ninguém a não ser pra si própria, e as mulheres dessas casas têm que dividir. Os perigos são iguais. Morte, violência, tudo igual. Tanto na boate como na rua. E a mulher que tá na rua, o que ela tem de diferente? Ela está no relento, na noite, na chuva, no sol. A mulher que tá na boate, ela tá lá com outro tipo de problema que se torna o mesmo: ela tá lá, droga, bebendo, as da rua também, sabe?! Quer dizer, então não tem muita diferença. Tem diferença de trabalho somente, como elas trabalham, né. (COSTA, 2008)

Carmem também enfatiza que o trabalho da ONG não atua no sentido de tirar as mulheres da prostituição, e sim, no sentido de mostrar para elas um horizonte de qualificação profissional, incentivando que elas busquem uma formação, já que por volta dos 40 a 50 anos a prostituta tenderia a uma aposentadoria “forçada” pela perda da beleza e do vigor físico. Ela lembra que o primeiro projeto financiado pelo Ministério da Saúde em parceria com o Grupo Liberdade chamava-se Púrpura da Noite porque o *glamour* do trabalho estaria nas rondas noturnas em que ela realiza, com outras seis voluntárias, distribuição de panfletos e materiais de orientação à saúde, além de camisinhas, nos pontos de prostituição.

Ferracioli<sup>77</sup> (2008) propõe pensar a prostituição como um trabalho justamente para avaliar os riscos no cotidiano da prostituta. Após conversar com várias mulheres e realizar dentro de sua área de pesquisa, a Psicologia do Trabalho, um trabalho de campo em boates noturnas de Curitiba, ele revela o que mais chamou sua atenção:

---

<sup>76</sup> Carmem afirma que uma prática recorrente é a dos estabelecimentos ocultarem que são pontos de prostituição para escaparem à fiscalização e conseguirem alvarás de funcionamento. Para isso, usam nomes comerciais de bares, boates e cafés, ou, mais frequentemente, se colocarem como “casas de massagem”.

<sup>77</sup> Entrevista pessoal com psicólogo e professor Mestre em Psicologia Comunitária e do Trabalho. Curitiba, 23 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE E.

Eu não sei. Talvez no começo tivesse muito caso que me chamava a atenção. Agora eu to tão assim, meio normal a situação... Mas o que mais me chama atenção mesmo, é uma nova forma da mulher se colocar, são as mulheres casadas que são prostitutas e assumem junto com o casamento. [...] Tem mulher que fala assim: “Eu sou prostituta e meu esposo sabe. Então tal horário estou me prostituindo. Quando estou em casa sou esposa, não sou prostituta”. Pra Curitiba, o padrão assim histórico isso... , ainda acho que é muito assustador, mas já tem cidades que têm mais ênfase nisso. Talvez aqui tenha, mas não apareça muito. Quando eu falo que não tem muito não quer dizer que não exista, talvez não apareça, mas tá aparecendo mais. Então isso me chamou muito a atenção quando eu comecei a descobrir isso [...]. (FERRACIOLLI, 2008)

Com base no estágio obrigatório em Psicologia do Trabalho que realizou no Grupo Liberdade, Oliveira <sup>78</sup> (2008) afirma que os relatos não se limitavam a questões das condições de trabalho e diz ter ouvido mulheres que eram casadas e se prostituíam ou mantinham relações amorosas paralelas à atividade. Também comenta que o papel de ser mãe era algo que colocava em cheque os valores das prostitutas, mas resume sua experiência ao considerar que

Cada uma delas tem uma história diferente. Até agora não teve nenhuma das mulheres que eu conversei que eu pudesse falar: “ah tem um jeito de como elas entram na prostituição, um jeito de como elas começam”. Na experiência que eu to tendo assim, cada uma delas tem uma história diferente e um pensamento diferente com relação ao trabalho delas né. (OLIVEIRA, 2008)

Experiência essa averiguada a seguir a partir de um recorte metodológico próprio.

---

<sup>78</sup> Entrevista pessoal sobre relatos da prostituição feminina ouvidos durante estágio em Psicologia do Trabalho na ONG Grupo Liberdade. Curitiba, 23 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE F.

## 4 PROJETO: SEXUALIDADE À FLOR DA PELE

### 4.1 TEMA

Condições de trabalho e situações vividas por mulheres que se prostituem em Curitiba.

### 4.2 PROBLEMAS

- Que aspectos uma prostituta considera relevantes para se apresentar socialmente?
- Como retratar o perfil de uma prostituta respeitando sua clandestinidade?
- Que experiências de vida ou razões sociais levam uma mulher a se prostituir?
- Que imagem as prostitutas têm da própria vida e que imagem a sociedade tem delas?
- O que a prostituta tem a dizer da relação sexual com o cliente?
- Como avaliar as condições de trabalho da mulher que se prostitui?
- Qual o significado pessoal de ser uma prostituta?
- Qual o espaço simbólico ocupado pela prostituta na sociedade?
- Que diferentes espaços urbanos abrigam a prostituição feminina em Curitiba?
- Que experiências ou valores pessoais levam uma prostituta a optar pela clandestinidade?
- Como dar a conhecer as condições de trabalho e situações vividas por mulheres que se prostituem de modo parcial e significativo do ponto de vista humano?

### 4.3 HIPÓTESES

- A figura da cafetina pode ser vista como positiva ou acolhedora.
- As prostitutas separam prazer sexual e afeto durante o trabalho.
- Existem mulheres casadas ou mães que exercem a prostituição.
- Não existe um consenso sobre a legalização da prostituição feminina.
- Alguns clientes procuram as prostitutas pela insatisfação na vida conjugal familiar.
- O status de clandestinidade da prostituta está relacionado ao modo pelo qual ela enxerga o casamento, a maternidade ou a si mesma.
- Dar a conhecer as condições de trabalho e, ao mesmo tempo, as situações vividas por prostitutas expõe contradições sociais.

## 4.4 OJETIVOS

### 4.4.1 Gerais

- Descrever parcialmente as condições de trabalho e situações vividas por mulheres que se prostituem em Curitiba de modo a contribuir para um entendimento humanizado do fenômeno da prostituição feminina, incentivando discussões éticas e qualificadas sobre o tema entre o senso comum e outros campos do conhecimento científico e humano.

### 4.4.2 Específicos

- Elaborar um projeto teórico de pesquisa que esboce de forma sistemática, embora não exaustiva, o mapa de referências pertinentes ao meio documentário audiovisual e ao tema da prostituição feminina que nortearão as escolhas éticas e estéticas durante a produção dos filmes.

- Verificar genericamente os principais locais de trabalho em que ocorre a prostituição feminina em Curitiba.

- Selecionar para entrevistas pessoais dentre quatro a seis perfis de mulheres que se prostituam em diferentes espaços de trabalho em Curitiba.

- Selecionar para captura de arquivos audiovisuais quatro mulheres que se prostituem em Curitiba e cujos perfis possam contemplar os problemas de pesquisa e hipótese aventados no sentido de dar a conhecer fatos, histórias de vida, atividades e cotidiano de mulheres envolvidas com prostituição.

- Identificar, para captura de arquivo audiovisual e pesquisa bibliográfica complementar, se existe entidade não-governamental oficialmente instituída que represente a categoria das prostitutas em Curitiba.

- Selecionar estudiosos de campos diversos do conhecimento científico e/ou outras pessoas que possam contemplar os problemas de pesquisa e hipótese aventados no sentido de considerar parcialmente as condições de trabalho, legais, sociais, psicológicas, familiares e morais que envolvem a prostituição feminina em Curitiba e a prostituição feminina como fenômeno simbólico e histórico.

- Verificar como, quando, onde e porque essas mulheres entraram no mundo da prostituição e quais expectativas possuem a respeito.

- Elaborar dois filmes documentários:

a) um que contemple os relatos de mulheres que se prostituem em Curitiba (análise singular e interior do fenômeno);

b) um que contemple os relatos de estudiosos e pessoas que não se prostituem na atualidade e que possam contribuir no debate sobre a prostituição feminina (análise particular e exterior do fenômeno).

- Agrupar em um DVD multimídia os dois filmes e extras possíveis para compor um *menu* interativo com o espectador do documentário e, assim, um documentário interativo.

#### 4.5 JUSTIFICATIVA

A prostituição é uma atividade antiga, milenar, que tem acompanhando o desenvolvimento das sociedades modernas. Atualmente, é um comércio lucrativo que envolve muito mais do que a não obediência a determinados valores morais da sociedade. Questões psicológicas, sociais e financeiras estão ligadas à entrada e à permanência das mulheres nesse submundo ainda pouco conhecido. Mesmo os meios de comunicação e a imprensa diária não retratam todas essas nuances, e quando o fazem, em caráter especial, há uma tendência em prescrever a prostituição com tom de denúncia e de algo espetacular, sem uma maior abertura à reflexão da atividade pela própria fala de quem a vive.

Revelar os motivos que levaram essas mulheres a comercializarem seus corpos é, pois, mais do que retratar uma realidade específica, função e objetivo do jornalismo/documentarismo; é incitar a reflexão social sobre nossos valores, nossos preconceitos; é mostrar os fatores que fazem da prostituição uma atividade milenar. Nesta proposta, faz-se necessária uma incursão menos superficial e preconceituosa, mais humana e profunda na realidade da prostituição feminina, norteada por um jornalismo entendido como a apreensão intelectual da realidade, a percepção dos fatos e das coisas, a compreensão da existência própria e alheia, enfim, a descoberta do ser e estar no mundo.

A opção pelo documentário se deu pela intenção de dimensionar essa atividade pela fala e imagens de quem o vive, pelo registro das cores, imagens e sons que podem simbolicamente despertar o senso comum das visões incompletas ou abstratas a respeito do tema. Sem dúvida o formato tem ganho importância como forma de investigação da realidade no meio artístico e criativo e dentro do campo jornalístico, estando cada vez mais o público desperto para este tipo de asserção sobre o mundo.

A própria linguagem cinematográfica, espera-se, permitirá experimentalismos e recursos audiovisuais que ajudarão a angular as histórias de vida com apelo humano, propiciando ao espectador a fruição integral e ambivalente da experiência alheia.

O formato documentário parece-nos ser a melhor maneira, embora reconheçamos a mais difícil – é provável que muitas prostitutas não desejem ser identificadas visualmente, exigindo aí, todo um esforço criativo para satisfazer esteticamente tal condição ética –, de transmitir os sentimentos e pensamentos destas mulheres, toda a subjetividade amparada em seus relatos, em todas suas contradições e "verdades", e concretiza-los no universo do espectador mediante um trabalho jornalístico autoral em que se possa experimentar a alteridade com outro ator social – no caso em questão, a prostituta.

O público-alvo do produto final é formado por todos que se interessem pela temática, independente se no âmbito acadêmico ou entre o senso comum. Recomenda-se que uma faixa etária mínima de idade seja cogitada quando de sua veiculação. Também se pretende exibir o documentário para todos os entrevistados e oferecer cópias para entidades não-governamentais representativas da categoria das prostitutas, como arquivo.



## 5 REMINISCÊNCIAS DO *EU* COM O *OUTRO* – REFLEXÕES METODOLÓGICAS

### 5.1 *D’LÍRIOS* E ALTERIDADE COM ALESSANDRA, CAMILA, MÁRCIA E VALERY

*Ela me contava, sem certeza,  
Tudo que viveu.  
Caetano Veloso*

Dia 21 de julho de 2008. Nosso primeiro contato com o universo da prostituição foi difícil. Não sabíamos como chamar as mulheres nessa atividade, tampouco estávamos seguros dos espaços mais adequados para encontrá-las ou para marcar as entrevistas pessoais. Decidimos, preliminarmente, que faríamos entrevistas pessoais sem qualquer equipamento de registro audiovisual e apenas com um roteiro básico de perguntas, de modo a criar laços de confiança e deixar o rumo das entrevistas em aberto – justamente tendo em perspectiva a necessidade de um diálogo recíproco, um *encontro autêntico* (Yakhni, 2003).

Começamos pelos classificados dos jornais. Durante toda a tarde daquela segunda-feira ouvimos muitos “não”s ao telefone. Em geral, todas elas eram evasivas, alegando que não podiam falar e que naquele horário estavam trabalhando ou esperando um cliente. Nossa primeira impressão foi de que o mundo da prostituição era febril e incessante: não devia parar nunca – o que nos surpreendeu, já que imaginávamos a prostituição como uma atividade principalmente noturna, e não de horário comercial.

Logo no primeiro telefonema a “cafetina” Julia, dona de uma casa de massagem <sup>79</sup>, atendeu e esclareceu dúvidas básicas, sobre como se referir a essas mulheres (“acompanhantes”), por exemplo, e afirmou que iríamos ter maior dificuldade de falar com mulheres que se prostituem em casas privativas, pois nesses lugares boa parte delas seria casada ou universitária. Calculou que das mulheres que se prostituem, 90% são motivadas por dinheiro, 5% por prazer e 5% por outros motivos. Foi assim que continuamos uma série de telefonemas (cerca de 20).

Durante os telefonemas, o anúncio de uma gaúcha nos chamou a atenção. Era o de Alessandra, que viria a ser uma das personagens do filme:

---

<sup>79</sup> **GAROTAS:** Contrata-se 18/30a, p/ trabalhar de Ac. de exec hor.flex, ganhos, acima de R\$2.800 p/ mês c/ou s/moradia (41)3267-XXXX/9141-XXXX Julia

**ALESSANDRA** gaúcha p/ sua maior satisfação, ousada, completa, e sensual, s/ restrições, c/ ou s/ acessórios. At. Vip central. Mass. (41)3264-XXXX/9654-XXXX

Ao contrário de outras meninas, ela se mostrou expansiva e atenciosa durante o telefonema, chegou inclusive a dizer que havia muitas moças na prostituição com cabeça “de menininha” e que não se assumiam como profissionais, enquanto outras eram casadas. Disse que poderia conversar conosco, desde que não tivesse voz ou imagem gravada. Tentamos agendar uma entrevista pessoal para aquela mesma semana, mas Alessandra pediu que retornássemos a ligação na sexta-feira, porque sua agenda costumava ser imprevisível e sempre surgiam clientes de última hora.

Nessa mesma tarde, em outra ligação, fomos atendidos por Jô, cafetina proprietária de uma casa de massagem no bairro do Ahú.

**A JÔ MASSAGEM** c/ tudo que você deseja. Lindas garotas sensuais s/ frescuras, loiras e morenas. Loc discreto e aquec, 10 as 22hrs. Ahú. (41)3253-XXXX

Ela foi bastante receptiva e disse que já havia atendido outros estudantes com pesquisas semelhantes à nossa. Recomendou que fôssemos à casa de massagem na próxima quarta-feira, dia em que todas as meninas estariam lá. Combinamos então esse encontro e continuamos as ligações. Falamos também com Sandra <sup>80</sup>, cafetina e prostituta, com quem marcamos uma entrevista que acabou não acontecendo, pois quando chegamos ao local combinado ela não pôde nos atender – estava atendendo um cliente – e uma colega sua indicou outra casa de massagem que ficava a apenas alguns metros de distância.

Após os telefonemas naquele dia, fomos para a rua. Queríamos falar com garotas de perfis diferentes para poder realmente ter uma noção de como é o universo da prostituição na cidade. Decidimos começar pelo Passeio público, e lá chegando, uma dúvida: como vamos abordar as mulheres? E se elas não forem prostitutas? Como saber? Ficamos quase uma hora só observando o movimento no local. Consideramos um estereótipo para tentar identificar quais garotas faziam programa: roupas curtíssimas e justíssimas eram a nossa primeira pista. Notamos, depois de observar por alguns minutos, que algumas mulheres encaravam todos os homens que passavam. Então combinamos que nesse tipo de abordagem o Ivan iria primeiro, pois poderia iniciar uma conversa, supostamente como um cliente potencial, e perguntar se a garota trabalhava por ali. Caso ela respondesse que sim, nós dois conversaríamos com a menina sobre nosso trabalho.

---

<sup>80</sup> **ALGO + MASSAGEM** relax e prazer s/ restrições, c/ ou s/ acessórios, p/ eles, elas, casais. At. vip c/ Patrícia, Bárbara, Débora e Helen. Portão. (41)3345-XXXX

Foi assim que identificamos uma das meninas, a Tati. Ela vestia roupas bem justas e apertadas. Então, o Ivan se aproximou, pediu “fogo” para o cigarro como pretexto para iniciar a conversa, e confirmou que ela realmente fazia programas. Trocamos rápidas palavras com ela e combinamos de voltar outro dia, pois assim ela poderia se preparar para não atender ninguém enquanto estivesse conversando com a gente.

Na mesma tarde, abordamos a Ângela, com quem resolvemos conversar depois de alguns minutos de observação. Antes, reparamos que ela usava uma maquiagem pesada e que dois homens pararam para conversar com ela. Nossa primeira impressão foi de que tínhamos errado e ela não era uma prostituta, porém logo ela disse que fazia programas ocasionalmente. Contou que ia para o Passeio Público quando precisava de algum dinheiro e que estava em Curitiba há pouco tempo, pois era de Santa Catarina e tinha vindo para cá cuidar do pai que estava doente. Durante a conversa, com olhar carregado de angústia, ficou claro que ela estava ali buscando um programa que pagasse o dinheiro da passagem de ônibus para voltar para sua casa, onde cuidava sozinha de três filhos – seu marido estava na prisão. Agendamos para conversar com ela, novamente. Ângela nos passou o telefone e o endereço de sua casa. No entanto, ambos estavam errados. Até hoje não sabemos se ela errou de propósito ou se, realmente, estava confusa e desorientada quando conversamos com ela.

Ainda no Passeio Público uma outra senhora, na faixa dos 50 anos, chamou nossa atenção. Ela usava saia e salto plataforma, blusa decotada, um colar com um grande pingente e maquiagem carregada. Mais uma vez o estereótipo do vestuário se revelou um caminho acertado para a abordagem, pois Carmem disse fazer programas, ainda que com a idade avançada. Ela não quis conversar conosco, mas disse que conversaria com as amigas e pediu que voltássemos no sábado, mesmo dia do nosso encontro com a Alessandra.

O dia na rua acabou e o próximo passo foi comparecer aos encontros marcados nas semanas seguintes. Nas primeiras entrevistas nunca levamos a câmera, pois gostaríamos de ter ou, pelo menos, tentar ter um diálogo verdadeiro com as garotas e acreditávamos que se realizássemos o primeiro contato já com a câmera ligada poderíamos prejudicar a sinceridade desse encontro e também minar a relação de confiança estabelecida. Gostaríamos que elas nos conhecessem antes, pois a câmera poderia deixá-las constrangidas e o fato de não nos conhecerem poderia inibir a sinceridade e tornar a conversa artificial e distante.

A primeira entrevista que fizemos foi com Alessandra. Era sábado, 26 de julho. Ela pediu que ligássemos quando estivéssemos chegando pra verificar se ela não estava com algum cliente. Ligamos e ela disse que poderíamos entrar. Quando chegamos ao apartamento pudemos perceber como ela era sistemática. Atendia ao telefone sempre da mesma maneira,

falava o preço do programa e, questionada sobre sua aparência física, descrevia suas características da mesma maneira. Já nesse primeiro encontro pudemos perceber vários aspectos interessantes da personalidade de Alessandra: ela começou a se prostituir depois de ter sido casada por muitos anos, tinha dois filhos, já era avó, não contava para ninguém de sua família o que fazia realmente para ganhar dinheiro, tinha muitas regras no seu dia-a-dia, parecia ao mesmo tempo rígida e “descolada”, parecia gostar da rotina de prostituta, mas educava seus filhos com disciplina militar.

Durante essa conversa o telefone tocou, era um cliente. Alessandra pediu que saíssemos por cerca de uma hora e voltássemos depois. Aproveitamos o momento para voltar ao Passeio Público e tentar conversar com as amigas da Carmem. Porém Carmem não estava lá, nem suas amigas. Um de tantos outros desencontros – propositais ou não – que dificultavam a realização das entrevistas. Esperamos, então, até o momento de voltar a falar com Alessandra.

De volta ao apartamento de Alessandra, estávamos decididos em contar a história dela em nosso documentário. Tentamos convence-la a participar, no entanto ela foi relutante. Repetiu que não gostaria de revelar qualquer traço de sua voz ou imagem. Não gostaríamos de perder um perfil tão complexo e contraditório quanto o de Alessandra, então, optamos por ficcionar sua história. Ela concordou em escrever um diário, respondendo algumas perguntas e contando um pouco do seu dia-a-dia, suas impressões sobre a prostituição, seus sentimentos e pensamentos. Percebemos que seria uma das garotas com a qual teríamos mais dificuldade em realmente conhecer a personalidade: ela parecia representar com facilidade, tinha uma identidade *polimorfa*<sup>81</sup>. Encontramos-nos mais uma vez ainda antes das filmagens serem realizadas. Na ocasião, ela nos entregou o diário e nos emprestou acessórios seus para que pudéssemos recriar seu apartamento o mais próximo possível do real. Conhecemos no mesmo dia seu cabeleireiro, que nos contou mais alguns detalhes sobre a Alessandra.<sup>82</sup>

Para que a ficcionalização ocorresse, tivemos que contar com uma dublê de corpo. Nossa primeira opção, uma atriz – Juliane Chaves – que já conhecíamos, acabou gostando da

---

<sup>81</sup> Polimorfa é aqui entendida como a capacidade de se apresentar de várias formas. Alessandra era uma garota que representava para si mesma e para os outros diferentes personagens em diferentes contextos, pois desde a primeira conversa ficou claro que havia coisas que ela, sistematicamente, preferia ocultar, desviando das perguntas.

<sup>82</sup> O cabeleireiro nos contou que a primeira coisa que Alessandra faz quando chega ao apartamento é ficar totalmente nua. Isso não nos estranhou até certo ponto, pois ela chegou a ficar nua na frente de nós sem se importar, afirmando que não tinha esse tipo de pudor. Contou também que ela usa um creme à base de xilocaína, anestésico relaxante muscular, durante o sexo anal, e que ela era bastante agitada e hiperativa.

idéia e topou participar. Agendamos, então, um novo encontro com a Alessandra para que ela e a Juliane se conhecessem.

Nossa segunda entrevista pessoal foi com Milena. Havíamos marcado por telefone de conversarmos com a Sandra, mas como já comentado, ela não pode nos atender e naquele dia conversamos com Milena, que foi bastante simpática e nos surpreendeu, pois tinha três filhos e um deles, a menina mais velha, sabia que a mãe fazia programa. Milena nos contou sobre sua infância, seu casamento e sobre a desistência dos estudos. Disse que estava na prostituição por não ter estudado o suficiente. Contou que começou a fazer programas após a separação. Durante a entrevista, alguns clientes entraram e saíram da casa, nesses momentos tínhamos que nos esconder no banheiro para preservar a discrição para com o cliente. Ela não se sentiu à vontade em participar do documentário, ou sequer contar sua história, e como a essa altura já conhecíamos Alessandra, agradecemos a atenção e não voltamos a nos encontrar.

No mesmo dia, após a conversa com Milena, fomos para a casa de massagem da Jô. Duas das garotas que trabalhavam como prostitutas nessa casa aceitaram conversar. A primeira era Camila, que se mostrou menos inibida e disse aceitar ser filmada sem muita relutância, caso quiséssemos. O perfil da Camila nos chamou bastante atenção, pois era uma menina nova e alegre. Falava sobre tudo e nos pareceu transparente. Seu relacionamento com a “cafetina” também era diferente, como se fossem amigas, irmãs ou até mesmo mãe e filha. Percebemos uma garota carente e que busca estar sempre animada até mesmo quando fala de coisas que não são agradáveis.

Eu tenho medo da solidão. Eu acho que eu sou capaz de ficar louca com a solidão. Se eu ficar um dia inteiro sozinha eu já...eu fico me torturando assim, pensando em tudo. Eu tenho medo da solidão, eu acho que sei lá. Eu não consigo ficar sozinha. Eu chego quatro horas da manhã e vou conversar com a Jô. Parece que eu tenho necessidade de contar, de desabafar. E ela me escuta, acorda feliz, nunca acorda de mau humor. Assim, acorda de mau humor, né? Mas, nossa, levanta, abre a porta dando risada. Eu vou contar fiquei com tal, fulano de tal e tal, tal, tal. Fiz isso, fiz aquilo. O que será que eu faço? Fico de novo, não fico? Como se fosse uma mãe ou uma irmã, né? Porque pra mãe não iria contar isso, né? Mas como se fosse...  
(CAMILA, 2008)<sup>83</sup>

Camila aceitou participar do filme e marcamos um novo encontro para as próximas semanas. Na casa da Jô entrevistamos também a Suzy, que foi mais reservada e não quis participar do filme. Suzi havia estudado mais do que as outras meninas com quem conversamos, ela chegou a cursar os primeiros anos de uma faculdade de física. A opção por se prostituir veio depois de vários problemas causados por seu marido alcoólatra. Perdeu

---

<sup>83</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE G.

vários empregos por confusões que ele arrumou, além disso, teve que pagar as dívidas feitas por ele. A prostituição para ela veio como uma forma de sobrevivência. Ela comentou que iria pensar na hipótese de ser filmada ou não, embora seu receio fosse evidente.

Após a visita às casas de massagem, fomos à entrevista marcada com Tati, no Passeio Público, porém ela não compareceu. Ficamos algum tempo observando um grupo de mulheres e resolvemos perguntar se elas a conheciam. As mulheres nos disseram que a Tati estava doente. Então nos apresentamos, contamos um pouco do nosso trabalho e questionamos se alguma delas gostaria de participar.

Márcia, uma das mulheres, concordou em conversar. Seu perfil também nos pareceu relevante, pois a sua história representava a visão que o senso comum tem da vida de uma prostituta. Ela nasceu no interior, teve uma infância sofrida, uma adolescência marcada por problemas familiares, casou-se muito cedo com apenas 13 anos, viu seus sonhos ruírem ao encontrar a mãe na cama com seu marido. Começou a se prostituir para poder sobreviver, pois deixou sua cidade natal e veio para Curitiba sem dinheiro nem expectativas. Teve momentos bons e ruins, mas acabou sendo levada novamente para a prostituição. Mesmo com todos os problemas e a falta de assistência, ela demonstrou ter uma consciência social de sua situação. Falou de oportunidades, da vontade de sair desta vida, do preconceito, das dificuldades com os clientes.

O sofrimento me fez, o sofrimento me tornou a mulher que eu sou hoje. Sofrimentos em todos os sentidos, pai, mãe, patrão. (MÁRCIA, 2008)<sup>84</sup>

Após essa primeira conversa, perguntamos se ela gostaria de participar. Ela aceitou, mas disse que o próximo encontro só poderia acontecer quando ela não pudesse trabalhar, ou seja, no período da menstruação, pois assim ela não perderia nem um cliente. Agendamos, então, o próximo encontro, que foi remarcado várias vezes, pois sempre que ligávamos pra confirmar, Márcia tinha um “compromisso”.

Faltava, ainda, mais uma mulher com um perfil para que nosso documentário ficasse como idealizamos. Quando os contornos do contexto da prostituição começaram a se delinear, ainda no começo das entrevistas, decidimos que para retratarmos histórias de vida da prostituição em Curitiba – mesmo que parcialmente – precisaríamos de uma menina de cada ambiente de trabalho: rua, casa de massagem, apartamento ou flat e boate. Desta forma, poderíamos a partir da experiência de cada uma e traçar minimamente amostra qualitativa

---

<sup>84</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE H.

panorama da atividade. Portanto, necessitávamos ainda conversar com uma garota que trabalhasse em uma boate, na noite. Antes, porém, de buscarmos conhecer essa realidade, realizamos as filmagens com Camila e Márcia.

A Camila foi a primeira a ser entrevistada com voz e imagem filmadas. Ela nos pediu, apenas, que sua identidade fosse mantida em segredo. Optamos por realizar a entrevista sem foco e com pouca iluminação, preservando, desta forma, a imagem dela. Durante a entrevista percebemos que a Camila estava menos espontânea, pois a câmera a deixava um pouco nervosa.<sup>85</sup> Além disso, um colega, Carlos Alberto Debiasi, nos acompanhou durante a entrevista – de certa forma, um “estranho” na entrevista. Uma escolha que não foi completamente acertada, visto que deixou Camila ainda mais inibida. No entanto, no decorrer da conversa ela foi se soltando e conseguimos manter um diálogo.

A entrevista com Camila foi bastante intuitiva: tínhamos um roteiro, porém a conversa fluía. A informalidade e, em certo, ponto, a intimidade conquistada na visita anterior deram o tom das perguntas e das respostas. Fizemos várias visitas à Camila para finalizarmos as filmagens, pois, além da entrevista, tínhamos a captura de cenas, e duas vezes perdemos a viagem; Camila alegou ter se esquecido do combinado. Esse breve convívio foi extremamente rico para nosso trabalho, pois conseguimos manter um vínculo com a Camila. Pudemos compartilhar o dia-a-dia dela, e ela, nos conhecer.<sup>86</sup>

A segunda entrevista filmada foi com a Márcia. Conversamos com ela no Passeio Público e tivemos maior dificuldade em estabelecer uma relação de intimidade, pois o tempo que ela se deixava passar conosco era sempre contado. Mesmo nesse curto intervalo, porém, a entrevista realizada foi uma das mais sinceras. Ela se deixou conhecer realmente, contou toda sua vida, e nela percebemos uma carga extra de sentimentos à flor da pele. Podemos dizer que a câmera não a deixou constrangida e conseguimos estabelecer um diálogo, no qual todo o contexto de vida, os sofrimentos, as opiniões e os sonhos de Márcia ficaram explícitos. Essa entrevista foi a mais emotiva das realizadas, inclusive com lágrimas recíprocas em um

---

<sup>85</sup> Um episódio ocorrido na casa de massagem da Jô, quando fomos pela primeira vez entrevistar Camila com os equipamentos para filmagem em mãos, ilustra esse impacto causado pela câmera. Suzi, que já havia conversado conosco, escondeu-se no quarto e começou a chorar, dizendo que não queria ser filmada. Apesar de termos garantido que ela não apareceria nas filmagens e que só falaríamos com a Camila, tivemos que deixar a casa e voltar um outro dia, quando ela não estivesse trabalhando.

<sup>86</sup> Em certo momento, durante a primeira entrevista, um momento interessante quando comentamos que ali elas pareciam viver como uma grande família, nada do que tínhamos imaginado, uma “famíliazona” – mas só nos demos conta da ambigüidade do termo depois do riso generalizado, que provocou uma sensação de empatia e cumplicidade.

momento em que Márcia alegou atualmente não ter ninguém, absolutamente ninguém, para compartilhar tanto os momentos difíceis como festivos de sua vida.

Para concluirmos a participação da Márcia, precisávamos realizar a filmagem de algumas cenas do cotidiano dela, bem como do seu sonho, elemento presente durante todas as nossas conversas.

Eu gostaria de ser diferente. O que me restou foi isso, hoje, principalmente. Esse sonho pra mim na verdade não é realidade porque o mercado exige muito. Cobrança, lado profissional, te cobra clientela formada. Como que você jornalista, nunca trabalhou, vai saber tudo se não te derem oportunidade [...] Assim é o cabeleireiro. [...] Auxiliar de cabeleireiro. Então acho que deveria ter mais oportunidade, o pessoal ser mais humano, vou te dar um empurrão, vou te dar a chance que falta pra você. Entendeu? E isso não tem no mercado de hoje. (MÁRCIA, 2008).

Tentamos diversas vezes agendar novos encontros com a Márcia, porém ela nunca estava disponível. Ela não parecia disposta a nos ceder mais algumas horas do seu tempo. Como não tínhamos conseguido estabelecer uma relação muito próxima com ela, devido também ao escasso tempo que ela destinou para nossas conversas – ela só nos recebia pessoalmente no período menstrual, dois ou três dias em que ficava sem receber clientes –, não foi possível convence-la a realizar as cenas. Nossa intenção era que as imagens do documentário correspondentes aos relatos da Márcia fossem a representação de um sonho vivido por ela. Como ela não pode participar, optamos por filmar com uma câmera subjetiva, como se a câmera fosse a visão de quem está tendo o sonho em questão. Para as filmagens contamos com a participação de uma dublê de corpo e com duas crianças que participaram como clientes desse salão fictício. O salão de beleza que aparece nas filmagens foi emprestado por um amigo. Mas a sensação de que Márcia não só não poderia mais nos receber, mas que talvez realmente não quisesse, fragilizou nossa confiança em certo sentido.

Em meados de outubro, já finalizadas as entrevistas e filmagens com Camila e Márcia, faltando, ainda, a ficcionalização de Alessandra – a essa altura realizávamos ligações para ela lembrando do diário –, conhecermos a quarta e última garota a participar do documentário.

No mês anterior, tínhamos conhecido três garotas que trabalhavam durante a noite. Em uma visita que fizemos ao *Gato Preto*, um bar/boate no centro da cidade, conhecemos Ani Cláudia, Juliana e Maria Viviane. Tentamos agendar entrevistas com as três. Porém Juliana disse que iria viajar para o norte. Ani não compareceu aos encontros, suspeitamos que ela usasse drogas, pois algumas vezes atendeu ao telefone com reações desequilibradas, palavras sem nexos. Em outras ligações, feitas para sua casa, o telefone foi atendido por seu filho. Isso criava certo constrangimento, pois não gostaríamos de revelar nada sobre sua profissão caso o filho não soubesse. Já Maria Viviane não possuía telefone residencial, nem celular, e nos



passou o telefone do tio, para quem ligamos algumas vezes com o intuito de conversar com ela. No entanto, esse laço era tênue demais, pois quase sempre, mesmo combinando horários específicos para a ligação, coincidia de o tio mudar o itinerário no dia e sempre estar longe de Maria Viviane. Foi praticamente impossível chegar até ela, e não descartamos a possibilidade do tio ser um cafetão, já que a certa altura ele insinuou conhecer a profissão de Maria Viviane. Um *cafetio*? Não sabemos. No mais, sempre se mostrou solícito em ajudar, mas os desencontros pareciam inevitáveis.

Após essas três tentativas frustradas de conhecer uma menina que trabalhasse em boate, fomos então até a boate *La Boheme* acompanhados da presidente do Grupo Liberdade, que a essa altura já conhecíamos, Carmem Costa.<sup>87</sup> Ali conhecemos primeiro a Baiola, estudante universitária que nos surpreendeu com a frieza de suas reflexões e com o alcance de sua ambição e vaidade. Ela contou que está na prostituição por ter de pagar a faculdade e o carro, alegando que caso não estivesse nessa profissão não conseguiria sustentar todos os seus gastos. Disse como engana a família e o namorado e quando questionamos se ela não sentia remorsos, disse um firme “não”, pois essas mentiras eram investimentos para o futuro e que quanto ao namorado, o amor um dia acabaria e ela não poderia parar a vida por causa de um sentimento efêmero. Baiola tinha um perfil firme e demonstrava explicitamente como a vaidade está presente na vida das garotas de programa, porém foi enfática: poderia nos ajudar em conversas informais, mas jamais aparecer ou falar diante de uma câmera.

Conhecemos, então, a Valery. Desde o princípio da conversa, ela foi simpática e animada. Lembrou-nos Camila, com a diferença que havia uma inocência infantil em Valery, uma garota transparente e sincera, que estava disposta a conhecer nosso trabalho e participar dele. Mostrou-se animada com a idéia do documentário, só pediu que não a identificássemos, pois a família não sabia que ele era garota de programa. Sentimos que havia certo distanciamento da realidade por parte dela, provocado, como ela nos contou, pelo remédio que tomava contra a depressão.

Ela é mais ou menos colorida, a minha vida. Tem algo colorido. Feliz? Feliz não, né? [...] Eu estou, eu estou, assim, meio controlada pelos remédios, sabe? Então, então, não dá para explicar, assim, aquela menina alegre que era no passado. Agora é outra história. Agora é uma outra menina que tem que se cuidar, tem que se cuidar psicologicamente, a pior coisa que tem, né? Se não vira um túnel escuro... (VALERY, 2008)<sup>88</sup>

---

<sup>87</sup> Conhecemos a Carmem durante as filmagens feitas com especialistas e/ou estudiosos de áreas que discutem e trabalham indiretamente com o fenômeno da prostituição, como será explicado adiante.

<sup>88</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE I.

Decidimos, nós três, que um bom lugar para realizar a filmagem, tanto entrevistas quanto captura de imagens para as cenas, seria o Parque Barigüi, lugar no qual ela costumava ir quando não estava trabalhando. Além, disso sua “aura” infantil lembrava um parque de diversões e o distanciamento da realidade – fato de tudo parecer menos importante que realmente era – poderia ser transformado em imagens por meio de efeitos de uma alucinação, uma distorção da realidade, daí o porquê dos elementos de fantasia do parque de diversões. Realizamos a entrevista em um sábado chuvoso, cerca de duas semanas depois. Valery ter ido ao encontro mesmo com o mau tempo e, também, com o diálogo que conseguimos estabelecer foi algo além de nossas expectativas. A sinceridade dela ficou evidente e durante a conversa conseguimos conhecê-la, apesar do pouco contato que havíamos tido anteriormente. Não houve inibição perante a câmera e a conversa fluíu.

Nossa última etapa antes da edição foi a filmagem das cenas relativas à vida de Alessandra e a gravação da leitura do diário entregue por ela, ambos com a atriz Juliane. Alugamos um quarto de hotel e filmamos durante toda a noite seguinte à tarde em que entrevistamos Valery, tomando o cuidado de reproduzir ao máximo os detalhes do apartamento dela. Vários objetos foram improvisados, alguns comprados e outros emprestados – como uma *lingerie* vermelha e outras roupas. Orientamos Juliane a preservar ao máximo o jeito frenético de Alessandra e ficcionamos as falas com base em conversas informais, nas páginas do diário escrito por ela e em mensagens de celular enviadas por ela.<sup>89</sup>

Após essa etapa, começamos a edição. Desde o início do projeto optamos por preservar a voz como o fio condutor do documentário, como o elemento narrativo básico, que estruturaria o filme. Nas imagens residem as escolhas mais subjetivas feitas por nós, como documentaristas, já que foram pensadas com base no conteúdo das entrevistas, na fala do Outro, mostrando visualmente elementos que achamos de essenciais em seus perfis, o que nos fez escolher cada uma delas para participarem do filme.

Todas as participantes pediram para sua imagem não ser revelada no filme. Chegamos a elaborar um *termo de compromisso*<sup>90</sup> para assegurar essa condição, mas todas as quatro

---

<sup>89</sup> Alguns sábados antes da filmagem, já com o diário de Alessandra em mãos, ela mandou uma mensagem de celular para o Ivan dizendo que irá contar um dia inteiro de sua vida por meio de mensagens, espontaneamente, uma grande surpresa de nossos trabalhos. Em menos de uma hora envia 30 mensagens de celular. Dois dias antes, tínhamos estado com ela apanhando os objetos e roupas que ela mesma selecionou para a ficcionalização, ocasião em que conhecemos o cabeleireiro. Cf. APÊNDICES M (*Mensagens de celular de Alessandra*) e N (*Diário de Alessandra*).

<sup>90</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE O.

declararam, antes e após as entrevistas, que não seria necessário – aspecto que valorizamos como um possível resultado do vínculo que havíamos conseguido estabelecer.

A metodologia foi construída na interação com a realidade de campo, mas alguns pontos ficaram nítidos. As entrevistas foram conduzidas de forma aberta, com perguntas básicas, mas sem um roteiro rígido e obrigatório de perguntas. Chegamos a elaborar formulários de perguntas, um só para cafetinas e outro só para prostitutas, sistematicidade que se desfez ao longo do percurso. Um deles foi a delimitação de quatro locais de trabalho como critério para selecionar as personagens (rua, boate ou bar, casa de massagem e flat ou espaço privativo exclusivo), conforme citado. Outro critério foi a aproximação das personagens em três momentos principais: 1) conversa informal; 2) entrevista ou depoimento gravados em áudio, imagem e/ou impresso; e, por fim, 3) a captura de imagens que evocassem cenas ou significados poéticos a partir dos conteúdos das entrevistas e do perfil de vida de cada personagem.

Durante a montagem do filme, as cenas da *Márcia* ganharam contorno de sonho. Apesar do sofrimento, da desilusão, dos problemas, ela nunca perdeu a esperança e ainda mantém vivo seu sonho de ser cabeleireira, ter uma família, de ter segurança. *Camila* está no banho, ato que simboliza a limpeza tanto do corpo, quanto da alma e da mente. Apesar do nojo e da falsidade com os clientes, ela busca manter sua mente limpa, procura estar sempre feliz, fazer coisas rotineiras de uma garota da sua idade, se livrando de todos os pensamentos ruins que possam estar lhe atormentando. *Alessandra* aparece em permanente transformação, incorporando papéis, fantasias, a dualidade de sua personalidade por meio das mudanças de roupas e atitudes durante o desenrolar da cena. Por fim, *Valery* no parque de diversões. Suas cenas são distorções da realidade, referência ao distanciamento e à inocência quase infantil desta garota.

A escolha dos trechos em áudio contendo a história de vida e o perfil das personagens obedeceu a alguns tópicos básicos. Primeiro, selecionamos as respostas que melhor retratavam a idiossincrasia, maneira de ser, estar, pensar e agir no mundo, de cada uma delas. Em seguida, relacionamos as falas que contam como cada uma: entrou na prostituição; o que acha da profissão; e também suas perspectivas do futuro, medos, desejos e aflições. Acrescentamos ainda, imagens do diário intercaladas com a cena da atriz para apontar o tipo de relação diferenciada que se estabeleceu na produção da história de vida de Alessandra (ficcionalização), e músicas que lembrassem não só o tema da prostituição e os diversos sentidos que a prática assume, como também pudessem convidar a refletir em suas letras e ritmos a singularidade de cada uma das personagens. Alguns poemas de autoria própria foram

produzidos para exprimir de forma lírica e sensível algumas sensações que o universo das personagens evoca. Desse modo, esperamos ter contemplado pressupostos de alteridade trabalhando o conceito de *montagem polifônica* (Eisenstein, 2002a, 2002b).

Colocando em perspectiva todo esse encontro com essas quatro meninas, e com todas as outras, com esse *Outro* que se prostitui, ficou muito claro que a participação das mulheres no filme foi uma escolha mútua – fecundada pelas possibilidades de sinceridade e/ou espontaneidade dentro do projeto. Sempre nos pareceu importante que elas quisessem estar conosco, quisessem falar. *Alessandra* percebeu um pouco tarde que poderia se abrir sem ser de forma deliberada; *Camila* se entregou plenamente, a confiança se revelou plena e atingiu um potencial que foi sedimentado de forma recíproca; *Valery* tinha poucas defesas e barreiras, então o breve contato se revelou pleno enquanto durou; já com *Márcia*, tudo começou muito espontâneo, mas uma barreira parece ter crescido ao fim, e ela simplesmente desistiu, não sabemos com certeza o porquê, mas oferecíamos todas facilidades para se encontrasse conosco, e nem no período menstrual – em que costumava nos receber por não atender aos clientes – ela se dispunha. Não sabemos explicar até agora o que aconteceu.

O agendamento dos encontros consumiu muita paciência e entrega, muitas horas perdidas, compensadas por uma ou outra lágrima, um ou outro riso extremamente empático. Foi fundamental, em todas etapas, que deixássemos nos conhecer, que equilibrássemos nossas inseguranças com relação ao sucesso do projeto com a confiança que supúnhamos elas estarem depositando em nós. Talvez o grande aprendizado tenha sido aprender a *calar*, ouvir o outro; silenciar nossos preconceitos e deslumbramentos, respeitar a palavra de alguém que precisava e, sobretudo, aceitou, escolheu, falar. O ideal que nos guiava era a tentativa de estabelecer uma *visão humanizada* (Sobchack, 1984) do fenômeno da prostituição.

Os modestos recursos e tempo que tínhamos disponível para se dedicar a esse projeto foram os maiores obstáculos vencidos. De forma alguma saímos isentos da experiência com essas mulheres, impossível. E esse é o maior aprendizado ético dessa jornada: que a metodologia deveria ser construída na pesquisa de campo, na interação recíproca com a idiossincrasia dessas mulheres.

## 5.2 MORALIDADE E CIENTIFICIDADE EM *PÚRPURA DA NOITE*

Foi durante o projeto e conversas com as prostitutas que decidimos realizar um filme extra. Antes de conhecer todas as personagens do filme havíamos conversado apenas com o documentarista Eduardo Baggio <sup>91</sup> (2008) e com a professora Dra. em Sociologia Miriam Adelman <sup>92</sup> (2008). O primeiro havia deixado claro para nós que o dilema ético de fazer um documentário é justamente como se comportar, ouvir, falar ao *Outro*; que esse, afinal, é o grande cerne, o grande impasse de fazer um filme. Por que fazer, e depois, como fazer? Baggio (2008) havia enfatizado a dificuldade de sair isento da experiência de documentarista justamente pela complexidade que envolve posicionar as asserções (Carroll, 1997) sobre o *Outro* com qualidade ética (Yakhni, 2003; Penafria, 2001) e eficácia narrativa (Eisenstein, 2002a, 2002b, Leone, 2005). A professora mapeou, embora não especialista no tema da prostituição, como a feminilidade da mulher prostituta desperta construções históricas que ocultam e revelam verdades.

Até para tentar entender como o imaginário das prostitutas, que aos poucos conhecíamos, poderia estar relacionado às suas condições de trabalho, localizamos duas fontes que poderiam contribuir nesse sentido e que tinham íntima relação com o universo do *Outro* em questão: o psicólogo e professor Márcio Ferraciolli <sup>93</sup> (2008), especialista em Psicologia Comunitária e do Trabalho, autor de uma pesquisa de campo informal em boates e pontos de prostituição de Curitiba, e a estudante Diviane de Oliveira <sup>94</sup> (2008), que realizou em 2007 estágio na ONG Grupo Liberdade em Curitiba, travando conversas com as prostitutas que ali se organizavam.

A ex-prostituta e presidente fundadora da ONG, Carmem Costa (2008), também tinha muito a falar, já que há 14 anos trabalha com as prostitutas de Curitiba, e não poderíamos de modo algum ignorar toda a experiência dela em contrapor imagens e impressões nossas que iam se formando sobre aquele universo.

---

<sup>91</sup> Entrevista pessoal sobre aspectos éticos do documentarismo. Curitiba, 07 de agosto de 2008.

<sup>92</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE B.

<sup>93</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE E.

<sup>94</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE F.

Após realizar essas três entrevistas ficou sedimentada em nosso imaginário uma série de fragilidades que envolvem as condições concretas do trabalho dessas mulheres. Por outro lado, o vocabulário dos especialistas para se referir às mulheres exibia uma grande ambivalência: *mulheres prostituídas*, na fala do psicólogo; *profissionais do sexo*, segundo Carmem; e nas palavras de Diviane, um reconhecimento de que não há uma designação definitiva, e esse entendimento não é homogêneo entre as próprias prostitutas.<sup>95</sup> Um ponto em comum, pelo menos, estava nítido: que a prostituta sofre uma violência simbólica muito grande, ora discriminada por policiais, ora pelo senso comum.

Se por um lado a riqueza destas questões acrescia em qualidade às entrevistas e aos modos de se aproximar das prostitutas, por outro, sedimentava uma complexidade científica com a qual começávamos a nos debater. Estava nítido que Família, Estado e Religião tinham relativa influência no *status* de marginalidade da prostituta. Pelo menos era a impressão que passava o fato das quatro prostitutas entrevistadas não se assumirem como tais publicamente (percebíamos valores morais internalizados por elas que dificultavam a aceitação da prostituição como um trabalho qualquer), ou o que diziam esses entrevistados que consideravam o fenômeno de fora – aí incluímos Carmem como figura ambígua, simultaneamente dentro e fora deste universo, pelo contato intenso e diário com prostitutas de Curitiba e história de vida.

Eu vivo a vida delas, o problema delas, a cada dia, e isso eu tenho que superar. Eu não aprendi superar. A dor delas é a minha dor. Por quê? Eu falava em família agora há pouco e quero deixar bem registrado pra vocês o que eu já te falei isso. Família pra mim, eu comemoro meu aniversário com a minha família, sim, mas eu gosto de comemorar meu aniversário e datas importantes com a minha família aqui da rua. Porque nós nos tornamos uma grande família, sabe?! Então o problema que elas têm lá, é o meu problema também. A minha felicidade é a delas e a felicidade delas é a minha. (CARMEM, 2008)

Então, o que entendíamos por Família, e outros valores morais, se tornaram problematizáveis, porque adquiriam relevância ao se olhar aspectos da prostituição feminina nas visões estereotipadas contraditórias que iam aparecendo: a prostituta como figura social discriminada, mas funcional; como amante exemplar, mas como péssima mãe. Quer dizer, parecia relevante desconstruir, ou pelo menos, apontar em que condições essas construções se tornam problematizáveis. Camila e a cafetina Jô, para nós, pareciam mãe e filha – elas mesmas confirmavam tal filiação voluntária. Em lares ditos normais, homens com fantasias sexuais irresolvidas encontrariam aconchego em prostitutas, dizia Carmem. Buscamos, então,

---

<sup>95</sup> Ao longo do trabalho designamos por “prostituta” para uniformizar o tratamento.

para ampliar um pouco o foco, saber por que as concepções sobre Família teriam relação suposta ou imaginada com as relações travadas no mundo da prostituição, e também, quais as implicações legais que, hipoteticamente, criam um cenário de insegurança nas condições de trabalho ou clandestinidade profissional.

Nesse intuito, conversamos com a professora Ana Carla Matos <sup>96</sup> (2008), especialista em Direito de Família, que poderia especificar o entendimento histórico da Família pelo viés das leis; com a professora Clara Borges <sup>97</sup> (2008), especialista em Relações Sociais e em Direito Processual Penal, que poderia clarificar alguns entendimentos sociais enviesados na forma de políticas legal-estatais para se lidar com o fenômeno da prostituição; e ainda, ouvimos dois religiosos, o padre católico Ricardo Hoepers <sup>98</sup> (2008) e o pastor evangélico Laercio Santos <sup>99</sup> (2008), para situar os valores morais religiosos preponderantes, observando que essas duas religiões podem ser consideradas representativas no cenário religioso brasileiro contemporâneo – segundo estima Neri (2007), cerca de nove em cada dez brasileiros se dizem católicos ou evangélicos. <sup>100</sup>

Por fim, para apurarmos como a polícia se coloca oficialmente em relação aos episódios de preconceito policial, considerados como procedentes no contexto da prostituição de forma unânime por todos os entrevistados até então, confrontamos a delegada-chefe da Delegacia da Mulher em Curitiba, Maria de Fátima Bittencourt <sup>101</sup> (2008).

Poderíamos supor que havia uma sede de denunciar falsos moralismos com relação à prostituta, mas a moralidade aqui deve ser entendida dentro de um viés científico e problematizada como discurso mediador e em interação sutil e intercambiante na produção de

---

<sup>96</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE A.

<sup>97</sup> Cf. Entrevista transcrita na íntegra, APÊNDICE B.

<sup>98</sup> Entrevista pessoal com pároco da Paróquia São Francisco de Paula em Curitiba. Curitiba, 27 de setembro de 2008. Cf. APÊNDICE J.

<sup>99</sup> Entrevista pessoal com pastor de Família da Igreja Assembléia de Deus em Curitiba. Curitiba, 08 de outubro de 2008. Cf. APÊNDICE K.

<sup>100</sup> O estudo, envolvendo o Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS/FGV), com base em censo com mais de 200 mil formulários individuais da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2003) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta a taxa de participação de católicos no país, de 83,3% em 1991 para 73,89% em 2000, tendo se estabilizado em 73,79% em 2003; enquanto a de evangélicos, nos ramos tradicionais e pentecostais, de 9% em 1991 para 16,2% para 2002, tendo atingido 17,9% em 2003.

<sup>101</sup> Entrevista pessoal com delegada-chefe da Delegacia da Mulher em Curitiba. Curitiba, 08 de outubro de 2008. Cf. APÊNDICE L.

tantos outros.<sup>102</sup> Ficava claro que esses valores morais não eram exteriores às prostitutas, aos estudiosos entrevistados ou até mesmo a nós, na condição de documentaristas. Então precisávamos dar *voz*, personificar tais *vozes*, pois elas pediam para falar, não especificamente ou apenas comprovando ou não suposições, mas ampliando o discurso do filme.

Nesse percurso de entrevistas que havíamos delineado como objetivo específico para cumprir com a resolução dos problemas e hipóteses que formulamos, o caminho metodológico ia se firmando. Se por um lado a sensibilidade de documentaristas se mostrava mais apropriada para interagir com o fenômeno da prostituição vista internamente (D’Lírios); a sistematicidade, inquisição e ceticismo de pesquisador mostravam-se pertinentes para não se ater a nenhum discurso isolado em si. O lado fértil dessa tensão esteve em reconhecer, durante todo esse processo metodológico, que não há discurso isento ou que valha por si mesmo; estão todos imiscuídos, produzindo-se uns aos outros; estão sempre contaminados da palavra de um *Outro* discurso – que pode confirmar ou negar expectativas.

Foi nesse círculo de posições acirradas, de questões transdisciplinares no campo do conhecimento, todas elas imbricadas no imaginário da prostituição, que durante a entrevista com o padre católico re-valorizamos a nossa cientificidade e experiência como seres humanos naquela altura do trabalho. Os argumentos apresentados pelo padre tinham por base valores que nós víamos em nós mesmos, mas que rejeitávamos no plano prático para observar e/ou considerar a figura da prostituta.

Era premente que a singularidade da experiência daquelas quatro mulheres – Camila, Alessandra, Márcia e Valery – não se reduzisse a um terreno de comprovação de hipóteses científicas ou experimentação de valores morais. Obviamente, tal recusa não se impunha, bem sabemos, e nem pode se impor de forma ideal: a moralidade, cientificidade e alteridade se produziam em nós dialeticamente, numa sensação extremamente ambígua e eticamente válida. Mas era preciso, a partir disso, pensar no Tu espectador, elaborar um discurso terceiro que não o das prostitutas, que não o dos estudiosos que falavam delas. Nós, como Eu documentarista, assumimos então a necessidade e responsabilidade de separar tais discursos mediante a produção de dois filmes que dialogam entre si, mas possuem estruturas narrativas concebidas de forma autônoma.

Em outras palavras, ficou consolidado, nesse momento, que não poderíamos dar a falar das prostitutas sem instituir um critério fundamental: a prostituta vista prioritariamente

---

<sup>102</sup> Como foi analisado no capítulo 3.1 deste trabalho, o entendimento de moralidade é visto dentro das relações de poder simbólico e material que congrega historicamente em instituições como Estado, Igreja e Família.



sob pressupostos de alteridade, em um filme isolado (D'Lírios); e a prostituta vista prioritariamente sob pressupostos de moralidade e cientificidade, em um segundo filme (Púrpura da Noite). Com isso, ao situarmos no campo da leitura preferencial, *prioritária*, esses modos de ver o presente tema e problema de pesquisa, queremos justamente reconhecer, com propósito ético, que é temerário fixar em uma mesma estrutura narrativa modos tão díspares de conhecer a realidade.

Por isso, optou-se finalmente, aproveitando as possibilidades de interatividade e do suporte digital do formato documentário (Penafria, 2001; Machado, 2003), por elaborar um documentário que trabalhasse com um *menu* interativo em que constassem os dois filmes em separado, além de alguns arquivos de áudio e som que pudessem contextualizar uma navegação interativa: trilhas musicais do filme principal (D'Lírios), as páginas respondidas do Diário de Alessandra, além das páginas que trazem as referências teóricas do projeto e um videoclipe poético-visual que lembra alguns representantes significativos do cinema ficcional do século XX.

No menu de navegação existem três tópicos: um para cada filme e outro para os extras. Ao ser executado, o DVD do documentário interativo aciona automaticamente a leitura do primeiro filme (D'Lírios) e só acessa o menu interativo ao fim deste, se assim o espectador preferir. A intenção é sutilmente criar essa hierarquia de leitura: primeiro o D'Lírios, seguido do Púrpura da Noite. Há, contudo, a opção de acionar o menu e não seguir essa ordem, decisão que cabe ao Tu espectador: acessar o menu interativo e escolher o que assistirá antes, ou deixar-se guiar pelas condições de leitura propostas pelo Eu documentarista. Manteve-se a possibilidade de que o menu interativo seja acionado antes do primeiro filme.

A justificativa dessa escolha é por considerarmos que a análise exterior do fenômeno da prostituição feminina (Púrpura da Noite) só pode ser plena após se conhecer as condições singulares de vida de cada prostituta, justamente para enfatizar que o universo individual das prostitutas e o universo social da prostituição feminina não necessariamente coincidem e demandam sensibilidades críticas diferentes. É no espaço entre esses dois olhares que o Tu espectador poderá firmar uma terceira visão, a partir da reflexão após assistir aos dois filmes.

Em síntese, é um método de afirmar para o Tu espectador que a nossa própria posição ambígua de documentarista e pesquisador só se resolveria eticamente na comunicação dessas duas perspectivas de maneira isolada entre si. Esperamos, com isso, que o Tu espectador partilhe esse percurso da mesma forma que o percorremos: conhecendo antes os sofrimentos, angústias pessoais e alegrias de cada prostituta, para – munido desse conhecimento, dessa empatia com a humanidade alheia, dessa suposta experiência de alteridade – possa adentrar as

condições de trabalho da prostituição feminina, discutidas dentro do debate moral e científico que se instala. Ou seja, trata-se de primeiro *ouvir* a prostituta, primordialmente. Dar a ouvir, oportunizar-lhe um espaço próprio de fabulação. Em um segundo momento, *ouvir* a prostituta que foi construída por aqueles que não a vivem no contexto imediato da fala.

O tempo dos filmes D’Lírios (30 minutos) e Púrpura da Noite (48 minutos) foi determinado durante a montagem individual de cada um. O filme D’Lírios comporta a fala de quatro personagens, e o Púrpura da Noite, de outros nove entrevistados – de modo que pareceu-nos razoável, até pela complexidade e contradição de alguns argumentos que se cruzam no segundo filme, um tempo total relativamente maior. Como os filmes devem ser exibidos para circuitos que não priorizem fins lucrativos, e sim, priorizem a reflexão, o conhecimento e a discussão, julgamos não haver problemas pelo tamanho de cada um dos filmes extrapolar o tempo estimado de 20 minutos para um curta-metragem. Independentemente, são estruturas narrativas diferenciadas que, em conjunto, devem promover a reflexão.

Acrescente-se ainda que no filme Púrpura da Noite prevalece, como fio condutor da discussão, uma crescente de falas, numa ordem que vai do aparentemente simples ao mais complexo. O filme inicia em tom de exposição (apresentando a existência da ONG Grupo Liberdade e suas atribuições; discutindo o que se entende por prostituição; que fatores podem ser apontados como causas; quais condições concretas de trabalho em diferentes espaços urbanos; que espaços são esses em Curitiba; que vias públicas da cidade configuram pontos de prostituição; como é a rotina de uma prostituta; etc) e passa progressivamente à discussão e argumentação, apontando visões contrárias que discutem outros aspectos da prostituição, teoricamente mais complexos (o preconceito; a violência física, sexual e simbólica; a relação estabelecida com os clientes; a relação da prostituição com a Família, o Estado, o Direito; etc); encerrando num desfecho algo pessoal, com a fala e experiência de Carmem Costa.

Supõe-se que o desfecho do segundo filme, apontando para o orgulho e dignidade da prostituta e para a revelação de que Carmem é ex-prostituta, pode ter uma presença discursiva salutar nessa reflexão, uma espécie de “nó” fenomenológico que pode “atar” óticas complementares sobre a realidade da prostituição feminina – interna e externa – na fala de uma só pessoa, no depoimento emocionado de Carmem, que experimentou esses dois olhares e até hoje não consegue vivê-los sem ser de forma intranquã ou problematizável.

## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo descrever condições de trabalho e situações vividas na prostituição feminina sob três pressupostos fundamentais que, julgamos, poderiam dimensionar tal fenômeno social: a moralidade, a cientificidade e a alteridade.

Após o breve estudo bibliográfico e trabalho de campo empreendido no contexto da atividade em Curitiba, não se pretende que os apontamentos aqui levantados tenham esgotado heurísticamente essas três possibilidades. Até por que, esse objetivo e método geraram no seu conjunto tensões do mais alto grau: argumentos para confirmar como pesquisador, mas rejeitar como documentarista, ou vice-versa. Muito menos se pretende que os produtos audiovisuais realizados, horizonte final deste projeto teórico-prático, delimitem de forma imparcial ou isenta a complexidade do fenômeno observado. Este olhar metodológico tripartido deve ser destacado, contudo, como um fator-chave no acesso e interação com a trama simbólica da prostituição feminina dentro de uma experiência acadêmica, humana e profissional em que o saldo ético seja enriquecedor.

Aprendemos que o modo pelo qual uma prostituta encara o mundo é até certo ponto indeterminável se compreendido exclusivamente pela moralidade dos costumes, ou exclusivamente pela cientificidade objetiva ou ainda apenas pela alteridade subjetiva. Tais aspectos precisam ser considerados em relação, dentro de uma escala de equivalência, trocas, aceitações e rejeições que recortam a dinâmica da prostituição feminina em suas esferas individual e social, sobretudo nos nexos que estabelece com os discursos do senso comum e áreas científicas e não-científicas do conhecimento (Direito, Família, Psicologia, Sociologia, Moral, Antropologia, Estado, etc.). A verdade que se produz desse olhar enviesado de três modos é aquela que desconfia de si própria, isto é, um espaço de *transvaloração*.

Amante, mãe, filha, amiga, psicanalista, assistente social, perua, militante, revoltada, carismática, feminista, a prostituta parece mesmo ser antes de tudo uma invenção social, um imaginário historicamente construído que pode reproduzir fantasmagorias. Face mais evidente disso é que não sabemos ao certo como se referir a elas ao final dessa pesquisa, se como *profissionais do sexo* (assumindo aí, politicamente, que configuram um trabalho como outro qualquer); de *mulheres prostituídas* (no sentido, talvez implícito, de que seriam mulheres aliciadas e que prefeririam não estar nessa condição, ou ainda, marginalizadas, estigmatizadas, etc.).

Igualmente é válido supor que, para algumas prostitutas, tampouco isso importa. Parece-nos que talvez isso não seja algo problemático para algumas delas, que parecem

conviver de forma pacífica com os diferentes modos de se referir ou de serem referidas. Isso parece variar, contudo, de acordo com a percepção que elas têm das próprias condições de trabalho, de si e outras mulheres que se prostituem. O termo *profissional do sexo* assumiria, assim, uma função política: equivaleria talvez a dizer que nem todas se assumem realmente dentro de uma lógica de trabalho, de troca, de dinheiro, por mais que concretamente vivam tais condições. Ou talvez, uma função relacional, um modo de se referir ao grau de clandestinidade, em que pesaria a distinção: *profissional do sexo* como a que se assume; a não-profissional como aquela que é clandestina. Ou ainda, *profissional do sexo* como aquela que tem códigos de trabalho mais sofisticados; e a não-profissional, aquela cujos códigos durante o programa são menos rígidos ou conscientes. Invariavelmente, tais distinções são meramente para posicionar possíveis reflexões, já que na prática, na fala das prostitutas entrevistadas, tal distinção não é auto-evidente.

As prostitutas que ouvimos parecem não ter a mesma consciência de classe entre si, e isso parece estar relacionado ao estágio de vida e condições de trabalho. Márcia reclama das companheiras de trabalho na praça pública, da disputa, da concorrência; Alessandra afirma que *ela sim* é profissional do sexo, pois tipifica essa escolha em papéis que assume claramente, em um sofisticado conjunto de regras no modo de receber, atender e despachar o cliente – autonomia que lhe é funcional; Camila se solidariza às companheiras, mas parece irritada ao falar da presença de colegas que de alguma forma poderiam desestabilizar o contexto de lar em que se imagina estar inserida na casa de massagem, onde a figura da cafetina é idealizada como mãe; Valery é itinerante, viaja e não parece priorizar relações significativas com outras companheiras de trabalho.

Igualmente, é temerário supor que o cliente da prostituta a subjuga no espaço do prostíbulo: homem-objeto, o cliente ali parece valer o dinheiro que paga. As quatro entrevistadas parecem revelar com algum prazer as masculinidades fragilizadas que chegam até os seus quartos (de hotel, flat, casa de massagem ou boate). Porém, impossível ignorar, paralelamente, que essa relação com os clientes muitas vezes também parece ultrapassar a relação sexual e o puro prazer genital em si, não se tipificaria nem se esgotaria apenas dentro de olhares de sujeição, dominação ou fetiche machista como querem muitas vezes afirmar os saberes especializados: uma interação marcada também pela amizade, pelo desejo de se libertar da convenção do sexo reprodutivo, escapar para um sexo ilícito. Ou seja, a relação com o corpo da prostituta aparece aí como relação plural, problematizável como “uma história de casal” paralela à da família burguesa.

Buscamos questionar e testemunhar um estilo de vida cujo trabalho e aceitação social passa pelo entendimento de conceitos arraigados culturalmente. A experiência da pesquisa e das entrevistas nos ajudou a compreender que a (des)construção de conceitos solidificados e perpetuados secularmente, principalmente os que se referem à sexualidade feminina e papel social da mulher, incidem diretamente nas representações da mulher prostituta.

O trabalho não pretendia se referir às prostitutas como um todo, e sim, às prostitutas em situações específicas de trabalho, que nem de longe esgotam os espaços de trabalho possíveis ou existentes nessa atividade. Essa experiência de alteridade teve papel fundamental para entender como a prostituta foi convencionada sob os símbolos de diferença, exclusão, marginalidade. Ainda sim, repetimos, existem muitas singularidades que não estão explícitas nesses signos, daí a necessidade ouvi-las, rearticular uma hierarquia de poder simbólico que deslegitima as peculiaridades de trabalho e vida que existem em cada prostituta.

Parece-nos que esse esforço é de não reduzir sociedade e indivíduo numa esfera de auto-suficiência em que a experiência individual comprove ou aponte dinâmicas sociais, mas sim, expor parcialmente as diferenças e equivalências que existem entre esses dois modos de enxergar a prostituição sem, contudo, instituir uma relação essencial ou definitiva entre ambos.

As principais questões que íamos procurando responder sempre nos levaram a mais perguntas. A prostituta tem esse lado fascinante que poucos conhecem: é um sujeito nômade, que sofre um nomadismo sexual, geográfico, em territórios do prazer marcados por violência simbólica. Mas, felizmente, pode-se afirmar com plena segurança que essas mulheres e todo o seu rico imaginário feminino não se limitam a isso.

Tampouco pretendemos separar a identidade mulher da identidade prostituta, contudo, percebemos que o ser mulher, ser mãe, ser amante, ser amiga são pequenas identidades que existem sim na prostituta de uma forma socialmente problemática porque clientes, críticos e historiadores sempre buscaram problematizar isso. E, em alguma medida, isso repercute na fala delas, se assim quisermos enxergar, embora muitas vezes elas não achem isso problemático, e até convivam bem assim. Ou seja, parece ser moralmente inadequado imaginar a prostituta como mãe, como amiga, por exemplo, mas o que se afirma aqui é que essa é a chave do preconceito que buscamos desconstruir na prática com o Outro, ampliar a visão da teoria de modo que se busque tanto o dito como o não-dito, o expresso em olhares, em lágrimas (pois sim, houve lágrimas durante essa jornada), afetos, sentimentos.

Descobrimos também que o corpo da prostituta é um “corpo sem lei”, mas um corpo permeado de sensibilidade, compreensível em seus silêncios e mutismos. Com isso,

queríamos e nos convencemos da importância de diluir as diferenças simbólicas entre a mulher dita normal e a mulher prostituta porque, por mais que isso pareça óbvio, é um preço que o senso comum e mesmo saberes ditos especializados não querem pagar, não querem reconhecer como vital para entender porque a prostituição sempre existiu e, provavelmente, sempre existirá.

Foram descaminhos, desencontros, desconstruções de fatos, e não somente informar ou registrar. Claro que, num certo sentido, isso fica muito mais evidente para nós, que pudemos mergulhar no Outro em contextos imediatos, nos guetos de ambivalência e contradição que íamos aos poucos conhecendo dentro dessas mulheres. Em certo sentido, a metodologia se revelou um tanto guiada pela intuição e fruição amiga com o Outro, nesse contato não sistemático. Tínhamos formulários de perguntas que sempre voltavam incompletos, pois as conversas sempre tomavam um rumo que deixávamos em aberto. Em alguns pontos, porém, pensamos que os filmes oferecem respostas parciais: como as mulheres entraram na prostituição, o que sentem e pensam do trabalho, as relações que estabelecem.

A sensibilidade e ética de pesquisador, documentarista e jornalista, três figuras que se compartilhavam em nós, buscaram sobrepor-se aos nossos próprios valores morais, ignorância ou possível ingenuidade. Saímos a campo com um imaginário tímido sobre a prostituta, muitas vezes no trabalho de campo discutíamos nossos próprios valores, pensávamos “o que os outros diriam” se soubessem daqueles códigos das prostitutas. Achemos, enfim, uma experiência de certo modo intransferível em sua completude, mas comunicável no campo do documentarismo.

Não se teve oportunidade, nem propósito, de se adentrar empiricamente na visão que os clientes (homens e mulheres) têm das prostitutas, mas acreditamos que de algum modo esse tópico foi abordado do ponto de vista das prostitutas e do relato de terceiros. É impossível mapear tantos pontos de vista, então preferimos aprofundar a voz da prostituta, ainda que o presente trabalho não se proponha a traçar um perfil quantitativo mínimo da categoria, visto que as entrevistas não são suficientes para qualquer estimativa nesse sentido.

Encontramos no imaginário não-dito das emoções, a face oculta da prostituição, um exercício de desconstrução que não pôde se limitar às dualidades, bom ou mal, lícito e ilícito. O mundo da noite nas boates, nas casas privativas de prostituição não se resume no preto-e-branco da devassidão e clandestinidade; descobrimos jogos, brincadeiras e códigos femininos diferenciados no jeito que as prostitutas são abordadas pelos clientes, nos modos de ser mulher e exercer sua sensualidade nesses espaços.

A prostituição é uma economia sexual presente em todas as civilizações demandando, pois, uma reflexão sobre o fenômeno como imaginário social. No imaginário católico e evangélico, percebemos, a prostituta aparece pelo signo da desordem das paixões, da vida familiar, do desequilíbrio sexual do homem casado.

No imaginário sociológico, ela aparece como construção histórica, apontada dentro de uma funcionalidade perversa onde seus serviços servem à sociedade que a acusa e a marginaliza, num ciclo de hipocrisia. Ideais presentes na moralidade dos costumes, inclusive religiosos, como o matrimônio e a concepção da família, especialmente no entendimento que consagra as relações heterossexuais monogâmicas como normais e adequadas aos papéis masculino e feminino, também são confrontados em face da identidade sexual e sócio-profissional da mulher que se prostitui.

O imaginário masculino encontra na prostituta um objeto, sim, mas também uma função de realizar fantasias que muitas vezes a figura da esposa, e todo um círculo de relações concebidas dentro do lar, não poderiam abarcar, encontrando-se aí uma válvula de escape na figura polimorfa, por assim dizer, da prostituta.

No imaginário psicológico do trabalho, a prostituta aparece pelo signo das condições materiais e simbólicas de trabalho que se contradizem na construção de uma identidade sócio-profissional – já que, enquanto o movimento organizado reclama mais visibilidade, algumas prostitutas simplesmente rejeitam essa denominação e optam pela clandestinidade.

No imaginário de uma estudante, que viveu experiência semelhante à nossa sob o papel de pesquisadora das condições psicológicas de trabalho, notamos muitos pontos de contato: a clandestinidade talvez como algo para compatibilizar o arquétipo de mãe e da prostituta boa amante (Alessandra); ou para compatibilizar o arquétipo de moça de família e trabalhadora sexual (Valery); ou para compatibilizar um projeto de família irresolvido, mas que se resolve na sócio-afetividade de uma casa de massagem na figura acolhedora da cafetina (Camila); ou ainda, para compatibilizar a expectativa, embora remota, de ainda conseguir se inserir no mercado de trabalho em outra categoria, de cabeleireira (Márcia). Claro, essas impressões são aqui afirmadas em seu caráter hipotético, pois com isso não queremos produzir um novo estereótipo, mas investigar de que modo um status simbólico se associa a experiências no campo profissional, familiar e afetivo.

Nesse sentido, percebemos como a prostituta lida de forma contraditória e ambígua com as expectativas de maternidade e de esposa erigidas pela sociedade. A prostituta é um duplo feminino: vejamos Alessandra, que se conseguiu inserção profissional como prostituta, teve que, por outro lado, criar uma distância entre suas relações profissionais e familiares, aí

toda sua rigidez no modo como agencia os programas para operacionalizar essa distância. Camila, no intervalo de três ou quatro meses que convivemos com ela, em ligações e encontros pessoais, esteve com homens e rapazes aos quais se referia ora como namorados, ora como “rolos”, mas sempre frisou nas entrevistas que não consegue de modo algum se imaginar casada com um homem que aceite sua condição de prostituta.

Observa-se, ainda, que qualquer formulação científica sobre a identidade da prostituta, a partir de suas condições de trabalho e situações que se possa relatar, será parcial e provisória, como um acréscimo simbólico dentre tantos outros de que já foi investida historicamente. Até por que, a prostituição feminina acompanhou a trajetória de diferentes culturas e civilizações humanas. Este fenômeno social considerado secular aparece nos estudos a ele dedicados como um campo em que se entrecruzam discursos provenientes de áreas diversas do conhecimento científico, em que se analisa a relação da prostituição com a história da sexualidade, com o papel da mulher na esfera social e familiar e ainda com a permanente tentativa, explícita ou indireta, de controle ou exploração econômica, moral ou social da atividade em épocas determinadas, pelos poderes instituídos do Estado, da Igreja e/ou do mercado de trabalho capitalista.

Trata-se, portanto, de um fenômeno estruturalmente multidimensional e complexo, mas espera-se ter contribuído para delinear a forma como alguns conceitos e preconceitos históricos ainda hoje estão presentes na fala de quem vive a prostituição a partir de diferentes imaginários discursivos.



## REFERÊNCIAS

### a) Documentário

ALTAFINI, T. **Cinema documentário brasileiro: evolução histórica da linguagem**. 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.pdf>>. Acesso em: 08/01/2008.

ANDREW, J. D. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

BAGGIO, E. T. **O cinema documentário e seu caráter distintivo: a similaridade entre o objeto imediato e o objeto dinâmico**. Curitiba: UTP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Eu, Tu, Outro e o documentário: entrevista com documentarista Eduardo Baggio sobre aspectos éticos do documentarismo**. Curitiba, 07 de agosto de 2008.

BARROS, J. L. F. **O conceito documentário: investigação histórico-semiótica sobre a representação da realidade no cinema documentário**. 88 f. Monografia de Graduação. Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Editora Moraes, São Paulo, 1974.

CARROLL, N. Ficção, não-ficção e o cinema de asserção pressuposta: uma análise conceitual. 1997. In: RAMOS, F. P. (org). **Teoria contemporânea do cinema II: Documentário e Narratividade ficcional**. São Paulo: Senac São Paulo, 2005, p. 69-104.

COSTA, R. **O olhar antes do cinema**. 1982. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-ricardo-olhar-antes-cinema.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

\_\_\_\_\_. **Os olhos e o cinema. Mimesis e onomatopeia**. 1997. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-ricardo-olhos-cinema.pdf>>. Acesso em: 04/04/2008.

DA-RIN, S. **Espelho partido: tradição e transformação do documentário**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

EISENSTEIN, S. M. **A Forma do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002a.

\_\_\_\_\_. **O Sentido do Filme**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002b.

GODOY, H. Paradigma para fundamentação de uma teoria realista do documentário. Resumo da tese de Doutorado, **Documentário, realidade e semiose: os sistemas audiovisuais como fontes de conhecimento**. 14 f. Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/godoy-helio-realismo-documentario.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

LEONE, E. **Reflexões sobre a montagem cinematográfica**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

LINS, C. **O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MACHADO, A. (org.). **Made in Brasil: Três Décadas do Vídeo Brasileiro.** v. 1. São Paulo: Itaucultural, 2003.

MERTEN, L. C. **Cinema: um zapping de Lumière a Tarantino.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MONTEIRO, P. F. *Fenomenologias do cinema.* In: **Revista de Comunicação e Linguagens - O que é cinema?**, n. 23. Lisboa, Cosmos, 1996, p. 61-112. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/monteiro-paulo-filipe-fenomenologias-cinema.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

NICHOLS, B. A voz do documentário. 1983. In: RAMOS, F. P. (org). **Teoria contemporânea do cinema, volume II.** São Paulo: Senac São Paulo, 2005, p. 47-67.

PENAFRIA, M. O documentarismo do cinema. In: **Ícone**, v. 1, n. 7, 2004, Universidade Federal de Pernambuco, p. 61-72. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria\\_manuela\\_documentarismo\\_cinema.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria_manuela_documentarismo_cinema.pdf)>. Acesso em: 26/02/2008.

\_\_\_\_\_. **O documentarismo do cinema: uma reflexão sobre o documentário.** Resumo da tese de Doutorado, Universidade Beira Interior, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-documentarismo-reflexao.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

\_\_\_\_\_. **O ponto de vista no filme documentário.** Universidade de Beira Interior, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas de desenvolvimento para o documentarismo.** Universidade de Beira Interior, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-perspectivas-documentarismo.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

PONTY, M. M. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

RAMOS, F. P. A cicatriz da tomada: documentário, ética e imagem-intensa. In: RAMOS, F. P. (org). **Teoria contemporânea do cinema II: Documentário e narrativa ficcional.** São Paulo: Senac São Paulo, 2005, p. 159-226.

\_\_\_\_\_. O que é documentário? In: RAMOS, F. P.; CATANI, A. (orgs). **Estudos de cinema SOCINE 2000.** Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001, p. 192-207.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa.** Editora Martins Fontes, São Paulo, 1998.

SOBCHACK, V. Inscrevendo o espaço ético: dez proposições sobre morte, representação e documentário. 1984. In: RAMOS, F. P. (org). **Teoria contemporânea do cinema II: Documentário e narrativa ficcional.** São Paulo: Senac São Paulo, 2005, p. 127-157.

YAKHNI, S. **O eu e o outro no filme documentário: uma possibilidade de encontro.** 43 f. Dissertação de Mestrado. Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/yakhni-sarah-eu-outro-documentario.pdf>>. Acesso em: 26/02/2008.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** São Paulo: Paz e Terra, 1984.

## **b) Prostituição feminina**

ADELMAN, M. **Relações de gênero e o papel da mulher na prostituição feminina: entrevista Miriam Adelman, Mestre e Doutora em Sociologia e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná.** Curitiba, 03 de setembro de 2008.

BITTENCOURT, M. F. C. **Prostituição feminina e segurança, violência sexual e policial no trabalho: entrevista com Maria de Fátima Crovador Bittencourt, delegada-chefe da Delegacia da Mulher em Curitiba.** Curitiba, 08 de outubro de 2008.

BORGES, C. M. R. **Aspectos sociais e legais da prostituição feminina no âmbito criminal: entrevista com Clara Maria Roman Borges, professora Mestre e Doutora em Direito Processual Penal.** Curitiba, 25 de setembro de 2008.

BORSA, J. C.; FEIL, C. F. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **Psicoglobal – Psicologia.com.pt**, v. 185, p. 1-12, 2008. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0419.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

BOTELHO, S. M. N. **Prostituição de adolescentes: uma imagem construída na adversidade da sociedade.** 142 f. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2003. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-18052004-093306/publico/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

BRASIL, A. J. **História da prostituição.** In: A questão sexual. Lisboa: Editora Nunes de Carvalho, 1932. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/pauloapgaua/trab/prosti.PDF>>. Acesso em: 13/11/2008.

CÂMARA FEDERAL DOS DEPUTADOS. **Relatório do projeto de Lei n. 98/03.** Dispõe sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e suprime os arts. 228, 229 e 231 do Código Penal. Brasília, 2003. Disponível em: <[http://www.gabeira.com.br/fernando\\_gabeira/politico/projetos.asp?id=970&tipo=autor](http://www.gabeira.com.br/fernando_gabeira/politico/projetos.asp?id=970&tipo=autor)>. Acesso em: 14/11/2008.

COSTA, C. **Prostituição feminina em Curitiba: entrevista com a fundadora e presidente atual da ONG Grupo Liberdade.** Curitiba, 26 de setembro de 2008.

DINIZ, M. I.; QUEIROZ, F. M. A relação entre gênero, sexualidade e prostituição. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v.1, p. 2-16, 2008. Disponível em: <[http://www.litoral.ufpr.br/diversa/ed1/p\\_2-16Diniz\\_Queiroz.pdf](http://www.litoral.ufpr.br/diversa/ed1/p_2-16Diniz_Queiroz.pdf)>. Acesso em: 13/11/2008.

FERRACIOLLI, M. C. **Aspectos do trabalho na prostituição feminina: entrevista com psicólogo e professor Mestre em Psicologia Comunitária e do Trabalho**. Curitiba, 23 de setembro de 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984a.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 5 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984b.

GERSHON, P. **Prostituição feminina: contribuições para o debate sobre representações, identidade e profissionalização**. 129 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp052186.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

HOEPERS, R. **Aspectos sociais e familiares da prostituição feminina e a moral religiosa católica: entrevista com pároco da Paróquia São Francisco de Paula em Curitiba**. Curitiba, 27 de setembro de 2008.

JULIANO, D. El trabajo sexual en la mira: polémicas y estereotipos. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 25, p. 79-106, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26523.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

MATOS, A. C. H. **Prostituição feminina e relações familiares no âmbito das normas familiares: entrevista com Ana Carla Harmatiuk Matos, professora Mestre e Doutora em Direito de Família**. Curitiba, 24 de setembro de 2008.

MATOS, M. I. S. de. Do público para o privado: Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 4, p. 97-115, 1995. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad04/pagu04.07.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

MAZZIEIRO, J. B. Sexualidade criminalizada: prostituição, lenocínio e outros delitos. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01881998000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13/11/2008.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **NM 5198 CBO/02: profissionais do sexo no Código Brasileiro de Ocupações**. Brasília, 2002. Disponível em: <[http://www.mtecbo.gov.br/pdf/template\\_5198.pdf](http://www.mtecbo.gov.br/pdf/template_5198.pdf)>. Acesso em: 13/11/2008.

MIRABETE, J. F. **Manual de direito penal – volume 2**. Arts. 121 a 234 do Código Penal. São Paulo: Atlas, 2004.

NERI, M. C. **Economia das religiões: Aspectos Locais e ascensão social**. Rio de Janeiro: CPS/IBRE/FGV, 2007. Disponível em: <[http://www4.fgv.br/cps/simulador/site\\_religioes2/](http://www4.fgv.br/cps/simulador/site_religioes2/)>. Acesso em: 13/11/2008.

OLIVEIRA, D. H. **Entrevista com Diviane Helena de Oliveira sobre relatos da prostituição feminina ouvidos durante estágio em Psicologia do Trabalho na ONG Grupo Liberdade**. Curitiba, 23 de setembro de 2008.

PASINATO, W. Delegacias de Defesa da Mulher e Juizados Especiais Criminais: mulheres, violência e acesso à justiça. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 28., 2004, Caxambu, MG, Brasil. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 2004, v. 1. Disponível em: <<http://www.nevusp.org/downloads/down082.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

PISCITELLI, A. G. Gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, s/v, n. 25, p. 7-23, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26520.pdf>>. Acesso em: 13/11/2008.

PONCIONI, P. A “feijoadá”: negociação e violência nas práticas policiais de mediação de conflitos. **Praia Vermelha**, Rio de Janeiro, s/v, n. 14 e 15, p. 156-183, 2006. Disponível em: <[http://www.ess.ufrj.br/download/revistapv\\_14\\_15.pdf](http://www.ess.ufrj.br/download/revistapv_14_15.pdf)>. Acesso em: 13/11/2008.

RAGO, M. Amores lícitos e ilícitos na modernidade paulistana ou no bordel de Madame Pomméry. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v.1, n. 47, p. 93-118, 2005. Disponível em: <<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/46/39>>. Acesso em: 13/11/2008.

\_\_\_\_\_. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo: 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

REYNAGA, E. Trabajo sexual y derechos humanos. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL DE AIDS, 17., Cidade do México, México. **Ata...** RedTrasex.org, 2008. Disponível em: <[http://www.redtrasex.org.ar/documentos/Ponencia\\_Elena%20Reynaga\\_Conferencia-Mundial-Sida.doc](http://www.redtrasex.org.ar/documentos/Ponencia_Elena%20Reynaga_Conferencia-Mundial-Sida.doc)>. Acesso em: 14/11/2008.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1998.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RIBEIRO, F. B.; SÁ, J. M. O. Interrogando a prostituição: uma crítica radical aos discursos hegemônicos. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 5., 2004a, Braga, Portugal. **Anais...** Braga: Universidade do Minho, 2004, p. 12-18. Disponível em: <[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR4628c4f204e34\\_1.pdf](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628c4f204e34_1.pdf)>. Acesso em: 13/11/2008.

RIBEIRO, V. L. **Relações amorosas: uma breve revisão sobre as relações amorosas desde a década de 50 até a actualidade**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0392.pdf>>. Acesso em: 12/11/2008.

SANTOS, L. R. **Aspectos sociais e familiares da prostituição feminina e a moral religiosa evangélica: entrevista com pastor de Família da Igreja Assembléia de Deus em Curitiba**. Curitiba, 08 de outubro de 2008.

**APÊNDICES**

**LISTA DE APÊNDICES**

APÊNDICE A – Entrevista com Ana Carla Harmatiuk Matos.....	102
APÊNDICE B – Entrevista com Miriam Adelman .....	105
APÊNDICE C – Entrevista com Clara Maria Roman Borges .....	110
APÊNDICE D – Entrevista com Carmem Costa .....	117
APÊNDICE E – Entrevista com Márcio César Ferraciolli .....	131
APÊNDICE F – Entrevista com Diviane Helena de Oliveira .....	142
APÊNDICE G – Entrevista com Camila .....	146
APÊNDICE H – Entrevista com Márcia .....	159
APÊNDICE I – Entrevista com Valery .....	165
APÊNDICE J – Entrevista com Ricardo Hoepers .....	175
APÊNDICE K – Entrevista com Laércio Rodrigues dos Santos .....	183
APÊNDICE L – Entrevista com Maria de Fátima Crovador Bittencourt .....	189
APÊNDICE M – Mensagens de celular de Alessandra .....	195
APÊNDICE N – Diário de Alessandra .....	197
APÊNDICE O – Termo de Compromisso .....	219

## APÊNDICE A

## Ana Carla Harmatiuk Matos

MATOS, A. C. H. **Prostituição feminina e relações familiares no âmbito das normas familiares: entrevista com Ana Carla Harmatiuk Matos, professora Mestre e Doutora em Direito de Família.** Curitiba, 24 de setembro de 2008.

***Qual o entendimento hoje do Direito de Família de união familiar estável? E em que sentido a prostituição não está incluída nessa concepção?***

Para que uma família seja considerada união estável e portanto tenha o mesmo direito de quem é casado, como se o regime de bens fosse comunhão parcial de bens e todas outras proteções, como pensão, previdência, o direito pede pelo menos três requisitos: que essa família tenha estabilidade, portanto uma convivência que não é instável entre idas e vindas, então que tenha um certo período de estabilidade e convivência, que tenha uma exteriorização, uma publicidade do relacionamento, que não seja aquele relacionamento clandestino. Eu costumo dizer aquele relacionamento que acontece da meia noite às cinco, aquele relacionamento que comemora o natal dia 26 e ano novo dia 2, ou seja, a clandestinidade o direito não gosta. O direito quer que essa família se apresente socialmente enquanto família. Então que ela aos olhos da sua comunidade seja considerada família, então esse é um requisito importante. E ainda outro requisito que o afeto seja próprio da entidade familiar, ou seja, que haja apoio mútuo que haja... sabe aquela idéia na alegria e na tristeza? Que não seja só um relacionamento só para fins afetivos de realização pessoal e sexual, mas que também seja um critério de solidariedade, apoio mútuo, ajuda econômica, cuidado na doença, coisas do gênero. E nesse sentido a prostituição sempre bateria com a questão de se há uma fidelidade, se há uma lealdade, se o relacionamento é único, exclusivo, se há um paralelismo nessa união. O que eu poderia dizer é que há decisões que conhecem que a união estável judicialmente é uma união estável mesmo quando ela não for exclusiva, já temos decisões que reconhecem. Então nesse sentido, se uma prostituta vivesse em união estável ela poderia ainda sim dizer que se o relacionamento foi estável, cumpriu uma função familiar, e etc. Agora obviamente que o direito ainda é um campo de resquícios do conservadorismo. Dependeria muito do ponto de vista do jurista na questão, mas já temos decisões mais avançadas nesse sentido.

***Na realidade de campo observada em nosso estudo, existe uma casa de massagem em que existe a figura de uma cafetina, que vive com o marido, e onde uma das meninas mora também. A gente percebeu indo até lá, no contato das entrevistas, que ali existem vínculos familiares. A menina coloca pra gente que adora a cafetina e não é obrigada ou coagida a realizar o programa contra a própria vontade. Isso não justificaria na prática uma relação familiar e um aspecto afetivo que de repente o Direito ainda não reconhece?***

O direito não reconhece na lei, mas já vem reconhecendo nas decisões, aquilo que a gente tem chamado de sócio-afetividade, em vários campos. Eu vou dar um exemplo. Duas pessoas que vivem como se irmãos fossem, como se parentes fossem, um apoiando o outro, um ajudando o outro na doença, sempre aquele esforço. Quando um falece, o outro não tem o reconhecimento disso, porque nem a união, nem o homossexual, porque não teria relações sexuais homossexuais – que já é reconhecida pelo Direito em alguma medida – não seria uma união estável porque não teria esse viés de casamento, mas é uma irmandade né, por assim dizer, tem aquele afeto que seria próprio das relações familiares. Pouco a pouco o Direito vem



abrindo espaço, mas ainda é muito pequeno o efeito, e não é na lei, é através das decisões dos juízes. Por exemplo, o chamado filho de criação. O filho de criação não é filho de sangue, não é filho no papel, mas já começa o Direito a dizer “olha, aquela pessoa figurou como pai, aquela pessoa figurou como filho, então no afeto é como se fossem pai e filho”. Nesse caso, também no afeto e na convivência delas, nessa exclusão social que elas vivem, entre elas cria-se como se fosse uma estrutura familiar, mas estamos longe ainda de dizer que já está dentro do sistema brasileiro.

***A questão da guarda (dos filhos) da mulher prostituta. Existem casos isolados que...? Enfim. Se há um entendimento, se há uma visão do Direito de Família sobre a prostituta na condição de mãe. Isso é reconhecido?***

O que a gente observa na história do Direito foi bastante discriminação à mulher de uma forma geral. Por exemplo, o Código Civil discriminava a chamada concubina, a concubina não poderia ter direitos, a concubina não poderia ter efeitos da sua união. Pouco a pouco foi melhorando a questão da mulher no Direito. A mulher ao longo da história foi bastante discriminada inclusive pelas leis. Então pouco a pouco essa situação começa a melhorar, mas nós ainda percebemos, por exemplo, quando a gente fala o que é uma boa mãe, o critério moral ainda tá muito contaminado. Então se traduz “boa mãe” talvez como mulher recatada, que tenha poucas atividades sexuais, pouco namorado, etc. E o bom pai talvez não se exigiria o mesmo ideal, as mesmas questões, no que se refere ao lado masculino. Mas na verdade o que deveria pautar é o melhor interesse da criança. Então na verdade a mãe ou tendo um emprego formal ou tendo um emprego desses empregos que não são socialmente aceitos, como seria o caso da prostituição, o mais importante é o melhor interesse da criança. Ou seja: essa mãe coloca essa criança em linha de risco? Essa mãe leva a criança pra noite em situações de risco? A mãe oferece... Ou não: apesar da mãe ter a sua profissão, a criança está preservada nos seus interesses? Então mais do que controlar a conduta moral da mulher, da sua sexualidade e da sua vida privada, na verdade se tem que ver do ponto de vista da criança. Se a criança está sendo resguardada naquilo que é chamado o seu superior interesse. E de modo geral, o superior interesse está em ficar com a mãe, de modo geral. É exceção né, então por exemplo temos muitos pais que têm empregos bem formais mas que fazem agressões físicas às crianças, que desrespeitam enormemente o seu melhor interesse. Então a questão não é a profissão dos pais e sim a preservação das crianças, o ponto de vista das crianças. Ainda que sim, há preconceito no judiciário com a conduta sexual da mulher.

***A questão da monogamia e poligamia. Como é que o Direito de Família hoje, tendo a poligamia enquadrada ainda como traição, tipificada na lei, como se está se flexibilizando isso? Até se de repente uma flexibilização no entendimento com relação à poligamia, ela também tenha uma validade. Nesse sentido, se avançarmos nisso, pode de repente mais pra frente se pensar de repente a prostituição como união estável, ou o núcleo de uma casa de massagem... ?***

Realmente, o Código Civil fala que infidelidade é descumprimento do dever do casamento. Portanto nós estamos descumprindo um dos deveres da lei quando somos infiéis, está na legislação. Contudo na prática, do ponto de vista prática, a infidelidade, especialmente se consentida da outra parte, especialmente se sabida e consentida da outra parte, não repercute tantos efeitos assim. Porque vamos imaginar, se uma pessoa sabe e não pede o divórcio, qual é o efeito jurídico da infidelidade? Não se tem nenhum efeito jurídico da infidelidade se é consentida pela outra parte, então a questão vai ficar muito sabendo ou não a outra parte da questão da infidelidade envolvida. E aí o Direito tem alguns exemplos de reconhecimento de

dois grupos familiares ao mesmo tempo. São decisões recentes, o INSS, por exemplo, se duas viúvas se apresentam enquanto dependentes econômicas do mesmo falecido, o INSS tem dado direito das duas dividirem a pensão por viuvez. Então talvez... Mas ambas, consideradas “família”, não uma com relacionamento extraconjugal e a outra não. Então o que a gente percebe: que o Direito pouco a pouco tá se abrindo para outras hipóteses, mas a monogamia ainda faz parte da estrutura do Direito Civil. Ainda está arraigada e tem uma relação direta com o viés religioso da questão. A monogamia é um dos fatores, ele tá muito relacionado, porque se queria saber com certeza que os filhos fossem legítimos. Queriam ter certeza, com a monogamia, especialmente a da mulher, que aquele filho é descendente daquele homem. Mas hoje existe um exame pra isso, não é verdade?! Hoje já não tem que controlar a fidelidade por essa função. A gente percebe que o sistema está pouco a pouco se abrindo, mas há um conservadorismo que predomina.

## APÊNDICE B

### Miriam Adelman

ADELMAN, M. **Relações de gênero e o papel da mulher na prostituição feminina: entrevista Miriam Adelman, Mestre e Doutora em Sociologia e coordenadora do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná.** Curitiba, 03 de setembro de 2008.

***Cito uma definição da prostituição feminina: “Uma troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos”. O que a gente pode entender dessa definição e partindo até pra pensar se a relação da prostituição se ela tem a ver com mercantilismo.***

A prostituição também não é um fenômeno novo, mas é melhor a gente se restringir às sociedades contemporâneas. Uma questão na definição que está fora é própria questão de gênero. Historicamente com certeza nas sociedades modernas a prostituição está associada ao feminino, e isso levanta questões muito importantes. Isso por um lado que remete a toda questão do gênero feminino na sociedade e com certeza a gente também tem que ver isso no contexto das relações mercantis das sociedades modernas. A prostituição eu não sei se vocês estão sabendo, mas é uma questão que está sendo muito discutida hoje em dia inclusive em função de todas as transformações nas relações de gênero, o movimento feminista, todos esses esforços pra repensar a relação histórica e especificamente moderna entre homens e mulheres, o significado da prostituição, em que medida que ela surge também em função de uma subordinação das mulheres, que nega pra elas oportunidades de outro tipo, a possibilidade de ser sujeito das suas vidas de outra forma, uma histórica associação na modernidade das mulheres com o corpo e o sexo, mas também mais no sentido de quem fornece prazer aos homens e muito menos a questão das mulheres estarem “empodeiradas” na vida social e sexual delas. Então está rolando um debate também muito grande em relação a isso agora na comunidade européia, interessante, e aqui também no Brasil. Na verdade o que estou querendo dizer é que é uma questão muito politizada, e que tem posições muito diferentes, e que estão sendo tomadas.

***E a prostituição, pelo que vocês (sociólogos) discutem, ou pelo que você ouviu falar, ela tem então muito a ver, ou pouco a ver com submissão feminina, emancipação feminina, as duas coisas...?***

Bom, como eu não sou pesquisadora especificamente sobre a temática da prostituição e sim da área de gênero, mas eu tenho trabalho a família, a própria questão do trabalho mas não especificamente o trabalho sexual, hoje em dia estou trabalhando com gênero e corpo mas mais em função das mulheres nos esportes como um espaço de empoderamento, eu não posso falar muito, tanto sobre a própria questão da história da prostituição. Mas o que a gente vê, o que eu posso lhes dizer. Eu sou socióloga, a sociologia realmente focaliza principalmente as relações sociais na modernidade. Então quando a revolução industrial produziu um novo modo de vida que é baseada (sic) nas grandes cidades e criou essa divisão entre o público e privado, recriou uma dicotomia que vinha de tempos atrás mas que tomou novas formas, que é essa questão entre a mulher boa... a que a gente chama de marginalizada, que era desvalorizada, e vista com olhos... sujeita a julgamentos morais, que era a mulher interessante, a mulher pública, bem no momento em que homem público era elogio, mulher pública era uma forma depreciativa de se referir às mulheres que viviam do trabalho sexual, basicamente por falta de outras formas de inserção mesmo. E as boas, as virtuosas eram as donas de casa burguesas, as que tinham um marido inserido no espaço público, provedor, e que se

dedicavam ao lar, aos filhos, à maternidade, a cuidar dos outros dentro desse contexto privado do lar. Então essa divisão do público e do privado tem essa figura da prostituta, está presente, mas é curioso. Porque se supõe-se que os homens satisfazem suas necessidades sexuais dentro do espaço do lar porque o protestantismo revaloriza o vínculo sexual entre os casais. Então a sexualidade não é o pecado que era de acordo com a ideologia medieval da igreja. O sexo é bom entre o homem e mulher casados. Só que a sociedade cresceu um pouco com esse duplo padrão e um pressuposto também que as necessidades sexuais dos homens extravasavam os limites da relação conjugal. Então havia também bastante tolerância sempre na sociedade pra questão dos homens necessitarem dos serviços sexuais de prostitutas. Então mais tolerantes pra eles mas pouco pras prostitutas porque elas eram as mulheres “caídas” né?! Então historicamente, é muito interessante. Tem uma historiadora brasileira, a Margaret Rago, ela tem o livro *O cabaré e o lar* onde ela discute um aspecto pelo menos da prostituição no Brasil como ao longo através do séculos desenvolveu-se paralelamente ao lar, ao casamento burguês, ao casamento das pessoas das classes mais abastadas, e como havia no caso brasileiro... Também a prostituição ela sempre foi estratificada, então tem baixo meretrício e também tinham os bordéis mais da época até colonial e muito no século 19, que os homens das classes altas freqüentavam, e que tinham prostitutas que eram como espécies de cortesãs. Eram mulheres muitas vezes relativamente cultas pra época, poderiam ser até mais instruídas do que outras, às vezes eram estrangeiras, artistas, e elas tinham uma função também de ser mais companheiras até dos homens do que as esposas que eram realmente reduzidas à função de instrumentos de reprodução e de fornecer um outro tipo de serviço pro marido, que incluía talvez mandar nos criados e manter toda a aparência e o cotidiano do lar. Então também era muito bifurcado nesse sentido... Faz tempo que eu li o livro do trabalho da Margaret, mas mostrava que de certa forma numa sociedade como a brasileira que nesse momento na verdade tinha uma relação muito complicada com a sexualidade feminina, de certa forma as mulheres que pertenciam a esse mundo específico, desse tipo de bordão, eram as que... a elas eles permitiam também um pouco mais de prazer em sua vida sexual e social. Elas apesar de serem prostitutas ou de fornecer serviços sexuais com troca, viviam disso, era um contexto em que poderiam rolar várias coisas, inclusive uma certa influência dessas mulheres na vida social e cultural. Sempre lembro que quando cheguei no Brasil em 91, que estava passando uma novela Amazônia que reconstruía esse ambiente, provavelmente era no início do século 20, final do século 19, que retratava muito bem isso. Então assim, tem essa questão interessante e problemática, essa associação histórica, as mulheres... As sociedades modernas têm uma relação, vamos dizer, moral, muito ambígua com a sexualidade feminina, com o papel da mulher, a questão das mulheres estarem... em que medida elas podem estar no público. E a prostituição, pois, nasce na sua forma moderna em relação a isso, uma sociedade moderna dividida entre o público e privado dessa forma. O papel normativamente construído pras mulheres seria dentro do privado, do lar, a questão da prostituta como uma figura necessária, mas marginal, mas necessária pra fornecer serviços aos homens. A tolerância muito grande para os homens usufruírem desses serviços sexuais. E a desvalorização em grande parte das mulheres que participam dessas atividades, que são as trabalhadoras do sexo. Sendo por outro lado, como no exemplo que eu dei pra vocês, depende também porque, embora grande parte das prostitutas no meu entender sempre foi mais do tipo do baixo meretrício, e não são situações de muita escolha, e provavelmente se tornaram prostitutas em situações de falta de outras oportunidades, também nós vemos uma outra possibilidade de algumas vezes poder ver a prostituição sob outra luz. E isso vem muito à nota nos debates atuais que estão rolando por exemplo na União Européia. Eu estive no congresso *Mundo de mujeres*, que é um congresso da área estudos de gênero e feminismo mundial, e desta vez, agora em julho, foi em Madrid, então eu pude perceber um pouco como estão rolando os debates. Então tem umas feministas muito radicais, que são a favor da abolição da

prostituição, mas que “como você vai abolir?”, a gente pergunta... E outras pessoas que tomam mais ou menos como ponto de partida uma situação que existe, em que há muitas mulheres, homens e travestis que estão envolvidos neste mercado do sexo, a gente vive num mundo em que tudo é mercantilizado, tudo, as relações humanas em geral, não só as sexuais, todo o tipo de relação humana se sujeita a essa produção de relações mercantilizadas, então estamos um pouco com uma dificuldade de sair desse modelo, apesar de todas as críticas por exemplo do tipo marxista, ou outras sobre a mercantilização das relações afetivas, de trabalho, sexuais, de todo tipo, estamos nesse mundo, você não muda isso por decreto, como é que você vai lidar com uma situação em que principalmente mulheres estão participando dessa esfera, dessa atividade social que tem sido tratada de formas muito hipócritas, muito punitivas, punindo as pessoas que na verdade tão ali provavelmente não por escolha, e como por exemplo proteger os próprios trabalhadores e trabalhadoras do sexo, até mudar o mundo de outra forma pra que as pessoas não precisem, não haja tantas mulheres que não tenham outras possibilidades de uma vida segura e digna, e não digo no sentido convencional de fazer um julgamento moral.

***A instituição da prostituição ela pode ser vista nas suas relações como uma instituição antagônica em relação à família na sociedade?***

Ideologicamente construiu-se essa dicotomia, mas nós tentamos desconstruir. Porque inclusive hoje em dia a gente sabe que tem muitas formas das pessoas viverem a sexualidade. A gente reivindica a diversidade sexual que envolve muitos tipos de arranjos. Agora, tradicionalmente essa distinção, essa dicotomia foi construída. Até uma vertente mais conservadora da sociologia que é o estrutural-funcionalismo que eu trabalho com os meus alunos reproduz bem essa dicotomia, e é uma visão funcionalista que diz assim. Primeiro nega a necessidade sexual das próprias mulheres. A dona de casa ela é na verdade é aquela coisa que o próprio Freud reproduzia: “as mulheres elas não precisam de sexo, elas precisam de ter bebê”, que é totalmente desmentido. Mas assim, então as mulheres precisariam ser mães, precisariam resolver suas questões existenciais e afetivas através da função de mantenedoras do lar, e talvez um pouco de sexo com o marido, enquanto os homens têm necessidades sexuais muito grandes, que na verdade não vão ser satisfeitas só na relação conjugal. Então de acordo com os sociólogos funcionalistas a prostituição se mantém numa função do funcional ao mesmo tempo do patológico. Patológico no sentido de que a sociologia funcionalista diz que você tem que ter um normal e um não-normal. O não-normal tem de sustentar a normalidade da maior parte das pessoas, então né, uma dicotomia muito forte. Algumas pessoas precisam ser sacrificadas também nessa categoria do abjeto, dos que são moralmente reprováveis e que a sociedade maltrata, mas são necessários pra que a normalidade do casamento funcione. Pra que as pessoas saibam que o papel certo pra nossa sociedade é ser marido provedor, ser dona de casa. Bom, claro, a gente não vive mais nesse mundo né?! Felizmente, felizmente. Graças a todas as lutas que vêm havendo principalmente na segunda parte do século 20. Então nós tentamos ver a sexualidade sob outro prisma, e a prostituição também.

***Mas até que ponto essa clandestinidade da prostituição ainda hoje, essa rejeição, essa visão do senso comum é funcional pra que a prostituição permaneça e se perpetue?***

Bom, exatamente o que eu ouvi umas feministas espanholas dizendo, colocando uma visão contra a legalização, porque no discurso delas essa legalização legítima, e que legítima uma situação que envolve o abuso e sofrimento de muitas mulheres. Por outro lado estava relendo o estudo de uma colega, essa colega é da Finlândia, um estudo que é sobre o prazer das

prostitutas. Ela fez uma pesquisa e tem um texto dela que discute isso. E no seu país, a prostituição não é ilegal, ela é regulamentada. Alguns tipos de prostituição (lá) se permitem, claro que não a prostituição infantil. Também tem muitas possibilidades. Por exemplo, tem uma criminalização que envolve tolerância, pras prostitutas ou pros usuários; tem formas de criminalização mais agressivas; e tem a questão de você legalizar, como questão de estratégias. Então eu penso que, bom... A criminalização não deve ser... bom. Evidentemente pra quem, como eu, pensa que é legítimo também ver as trabalhadoras e os trabalhadores do sexo como pessoas que estão presentes na sociedade de qualquer forma, como outras pessoas que trabalham em outros tipos de serviços – não estou dizendo que não seja diferente –, mas eu digo que a sociedade precisa desenvolver formas bem realistas, e que não punam pessoas que também na verdade estão fornecendo serviços e tentando sobreviver. E também ninguém vai acabar com a mercantilização da sexualidade. Até mudar toda a vida social... Estava conversando com alguém que ainda tem essa formação mais marxista sobre os debates atuais, sobre a prostituição, e a velha questão, ah então por exemplo, “qual seria a posição destas feministas com as questões mais gerais da mercantilização da vida social?”. Pois é, são questões que não foram solucionadas. Se algum dia a gente inventar um outro modo de vida, que as relações não passem tanto pela questão da mercadoria, não tem por que exigir que a sexualidade se dê em outra esfera. Porque isso não é nem possível. Então formas mais realistas, que ofereçam proteção às pessoas que são trabalhadoras e trabalhadores do sexo, que permita que as pessoas também saiam do trabalho sexual, que tenham oportunidade de fazer outras coisas, e claro, que proteja os menores, meninas e meninos que da exploração sexual é um problema enorme no Brasil. Na verdade, é uma questão bem polêmica, mas o que a gente no jargão das ciências sociais e dos próprios movimentos chamamos de “empoderamento”. Tem algumas mulheres que são jovens, que utilizam esse trabalho – mas não é no baixo meretrício – pra conseguir manter filhos que tiveram como mãe solteiras, pra pagar a faculdade, pra mudar de vida. Mas também a gente, eu, não defenderia o envolvimento dessas jovens nessa área. É porque existe uma falta de outras opções, que se gera isso, e a gente não vive no mundo do ideal, né. Como vocês sabem, recentemente deu toda aquela crise diplomática entre Espanha e Brasil, e muitas brasileiras que vão pra Espanha pra estudar, pra trabalhar em outras coisas, estão também muito irritadas, porque associaram a imagem da brasileira jovem com necessariamente com a prostituição, não é uma imagem positivo. Ao mesmo em que há um problema muito real de mulheres que estão de certa forma fugindo de situações de falta de oportunidade, de pobreza no Brasil, e que vão pra Europa e trabalham na prostituição. E essa questão, escolha ou não escolha, claro, é sempre uma questão que tem que ser vista com muita sensibilidade. Porque se pode escolher o menor dos males, em condições adversas. Não descartamos a possibilidade de algumas pessoas trabalharem como trabalhadoras ou trabalhadores do sexo porque realmente teriam condições de fazer alguma outra coisa, mas porque gostam, e porque conseguem não ganhar tão mal, e porque curtem viver disso de dar prazer a outras pessoas. E também esse mercado do sexo, o trabalho do sexo, como eu te disse, é estratificado e engloba diferentes tipos de trabalhadores e trabalhadoras do sexo.

***Que idéias, que concepções do senso comum teriam que ser desconstruídas sobre a prostituição e da sexualidade feminina para avançarmos nessa discussão?***

Com certeza temos que desconstruir todas as visões mais moralistas sobre a sexualidade e sobre a sexualidade feminina, as religiosas principalmente. Mas eu acredito que isso está sendo feito. E a partir disso desenvolver políticas públicas mais realistas, envolvendo mais as ONGs, os próprios trabalhadores e trabalhadoras do sexo em formas nas discussões. Então quanto a gente diz desconstruir é que o conceito de desconstrução significa algo muito

particular que é você tentar entender como tal conceito foi construído a partir de determinadas relações de poder. E neste caso, pra nós que somos feministas, pois tantos discursos morais, das igrejas, dos discursos religiosos; quanto, no início, o discurso psicanalítico, freudiano – posteriormente foi revisto né – e os discursos jurídicos representam historicamente a posição de homens poderosos, elaborando idéias e divulgando, impondo essas como as idéias hegemônicas sobre o resto da sociedade. Por isso que é importante uma contestação feita a partir de perspectivas de mulheres e de outras pessoas marginalizadas, por pertencer a categorias sexuais “não-normais” – quer dizer, nós temos que rever os conceitos do “normal” e do “não-normal”, né. Mesmo os sociólogos mais conservadores quando trabalhavam com isso sempre diziam você só tem uma coisa em relação a outra. Então pra poder sustentar um normal, você vai desvalorizar muitas pessoas. E na verdade trabalha de uma forma muito hipócrita. De perto ninguém é normal.

*Foi o que uma das prostitutas falou pra gente: “Todo mundo vê os estragos que eu to, mas ninguém vê os tombos que eu levo”...*

Pois é, é muito fácil colocar alguém nessa categoria do abjeto, dessa pessoa que não vale... Mas na verdade a gente da sociologia também vê tudo em termos de interação. Alguém está numa categoria porque outro está em uma outra, e tem uma relação, então tem que ver a partir desta relação. E o que eu digo: sabe-se que os homens que se apresentam pra sociedade como os defensores da moral, e da virtude, e das leis, e tudo, são os mesmos que participam de..., que são clientes de prostitutas, mulher, travesti. Então seria muito melhor que a gente desconstruísse toda essa falsa moralidade que as sociedades ocidentais modernas construíram pra falar sobre sexualidade. Isso é um começo necessário, mas tá sendo feito né.

## APÊNDICE C

### Clara Maria Roman Borges

BORGES, C. M. R. *Aspectos sociais e legais da prostituição feminina no âmbito criminal: entrevista com Clara Maria Roman Borges, professora Mestre e Doutora em Direito Processual Penal*. Curitiba, 25 de setembro de 2008.

***Existe uma definição legal de prostituição, qual é o entendimento? Qualquer tipo de sexo que se faça por dinheiro pode ser considerado prostituição ou não existe uma definição dessa espécie?***

Não existe uma definição estrita, mas uma definição genérica poderia ser “a exploração do corpo”, “a exploração sexual do corpo”. Porque não se tem essa definição? Porque a prostituição em si, ou seja, a pessoa se prostituir não é uma conduta criminalizada, não é um crime a pessoa se prostituir. O que é crime é justamente a exploração dessa atividade, ou a indução da pessoa a isso, essa conduta sim é criminalizada. Por isso que não uma preocupação específica em se definir a prostituição propriamente dita. Então o sentido utilizado para a prostituição na lei é justamente o sentido corriqueiro, o sentido que nós conhecemos, no dia-a-dia, nos dicionários.

***Você poderia basear esse entendimento em quê? Porque a Vera Fischer certa vez deu uma declaração à revista Playboy dizendo: “Eu fui lá e fiz sexo em troca de favores profissionais”. Quer dizer, isso aí seria uma espécie de prostituição, por exemplo?***

Não deixaria de ser, no sentido corriqueiro da palavra, poderia se entender, da mesma maneira. Ou seja, ainda que a recompensa aí, ou seja a exploração do corpo não seja no sentido de, não busque o recebimento de algum valor pecuniário em espécie propriamente dito, mas você não deixa de receber algum favorecimento. Mas como a gente vinha falando até agora a prostituição em si ela não seria crime, agora a exploração que se faz sobre isso, ou induzir a pessoa a isso, aí sim.

***Porque que existe essa diferenciação? Qual que é o consenso entre os juízes e legisladores, porque a exploração, você manter um local em que aquilo funcione, isso é tipificado, e aquela pessoa clandestina, que ninguém vê...?***

Bom, na verdade, a conduta da pessoa se prostituir sem que exista exploração não é considerada crime porque a pessoa pode em tese dispor do próprio corpo. Ela está prejudicando a si própria. Então não tem porque o Direito se preocupar com essa conduta. Ele passa a se preocupar com a conduta quando, em tese, ela passa a prejudicar outras pessoas. No caso da exploração, você está prejudicando outra pessoa, no caso da indução à prostituição, você está prejudicando outra pessoa. É lógico, se essa pessoa que é induzida à prostituição, tem a prostituição explorada, é menor de 18 anos, as penas são agravadas. E se é uma criança, as penas são ainda mais agravadas. Então a preocupação aí do legislador, e a preocupação dos juristas em si, é a proteção da sociedade como um todo e dos demais e não da pessoa. O Direito não poderia invadir aí essa possibilidade da pessoa dispor do próprio corpo. Então o Direito se restringe nesse momento e acaba não criminalizando propriamente a conduta da prostituição.

***E a questão da legalização? Que fatores envolvem essa discussão de legalizar ou não a atividade da prostituição?***



Bom, então quando se fala na legalização da prostituição, o que se pretende com essa legalização: transformar a atividade da prostituição numa atividade economicamente rentável e regulamentada no sentido de reverter também, o que, impostos pro próprio Estado. Então o Estado permite que se explore essa atividade permite que se realize livremente, e óbvio, ganha com isso. O Estado e também aqueles que de alguma maneira dominam esse mercado do sexo. Então a legalização da prostituição viria nesse sentido: no sentido de tornar uma atividade rentável, uma atividade que pode ser taxada por impostos, que pode ser, enfim, que exige o registro do Estado, um controle do Estado, e obviamente abre espaço pra uma exploração por empresas – e aí pode haver grandes corporações ligadas ao sexo, porque não? Então essas grandes empresas podem explorar o sexo e podem, por exemplo, abrir franquias no mundo todo de casas de prostituição. Então a legalização viria muito mais pra atender as necessidades e pra atender a própria lógica do modo de produção capitalista.

***Existe uma diferença entre regulamentação, legalização e descriminalização da prostituição? Você poderia explicar cada uma dessas atitudes na esfera legal?***

Estas três estão interligadas, obviamente. Quando você descriminaliza uma conduta, primeiramente você faz o quê. Quando você descriminaliza você retira ela do âmbito Penal. Ou seja, essa conduta, a ela não será mais cominada uma sanção Penal. Nós temos várias espécies de pena, que vão desde a limitação da liberdade, a restrição da liberdade, da restrição de direitos, passa pela prestação de serviços à comunidade, até à multa, por exemplo. Então nós temos várias penas, várias sanções penais. Então quando você descriminaliza uma conduta você acaba deixando claro que a essa conduta não será imputada uma sanção, ou seja, sujeito que praticar essa conduta não vai receber uma sanção Penal. Ele não vai cumprir uma pena. Ou seja, a descriminalização passaria por aí. A regulamentação viria no sentido de estabelecer a maneira como essa atividade será realizada e como ela será explorada. Então você estabelece regras pra ela. Você estabelece como ela deve ser exercida, em que horários, em que locais, etc. A regulamentação viria no sentido de você controlar a atividade, o Estado estabeleceria uma esfera de controle da atividade por meio de uma série de regras. E lógico, acompanhado com essa regulamentação, tem sempre a legalização, ou seja, tornando essa atividade lícita, ou seja, pra que o Estado possa regulamentar essa atividade, essa atividade precisa ser considerada uma atividade lícita.

***Quer dizer hoje a gente tem uma situação da prostituição que ela é criminalizada...?***

A exploração e a indução à prostituição é criminalizada, mas ela ainda, essa atividade ela não foi legalizada. Significa o que? Que tudo aquilo que decorre dela, todas as contratações, etc., o sujeito que se sentiu lesado... Vamos pensar na hipótese de que uma moça se prostitui: ela não está submetida a ninguém, ou seja, ela não está sendo induzida, ela não está sendo explorada, então ela está exercendo uma atividade propriamente ilícita? Não. Mas essa atividade ela não está legalizada e não está regulamentada, significa o que? Que se o cliente ficar insatisfeito e resolver reclamar ele não vai ter como reclamar. Se ela sentir que ele não pagou o suficiente, ou que ele quebrou o contrato estabelecido entre eles, ela não tem como cobrar isso. Então esse é o problema de uma atividade não legalizada, não regulamentada. Você não tem como exigir os seus direitos. Ainda que ela não seja um crime, a prostituição em si. Ou seja a moça não está sendo induzida a se prostituir, ela não está sendo explorada, ela mesma resolveu se prostituir. Só que ela tem esse problema. Todas as relações que ela estabelece estão fora do Direito. Então ela não tem como exigir aí, por exemplo, que o contrato estabelecido entre ela e o cliente seja cumprido.

***E até que ponto entre os legisladores, professores e pessoas do meio jurídico, talvez não sei se por não conhecer ou conhecer e não aceitar, como é que fica essa questão da marginalidade jurídica da prostituta? Então ela tá ali desamparada num certo sentido em relação à lei, no serviço dela. Como é que é, existe uma preocupação nesse sentido?***

Bom, existem vários autores e vários juristas que defendem a legalização da prostituição, principalmente num país como o nosso. Por quê? Principalmente porque a partir do momento que nós legalizarmos e regularizarmos essa situação, nós vamos estabelecer regras pra prostituição. E primeiramente nós vamos fazer o quê? Registrar as prostitutas. A partir do momento em que a atividade delas é legalizada, elas passam a ter direitos. É uma atividade, é uma profissão, então elas vão ter direitos como em qualquer outra profissão. Elas vão poder exigir aí, por exemplo, uma assistência médica, elas vão poder exigir algumas condições mínimas de trabalho. Então esse é o medo muitas vezes de se legalizar, porque você abre aí um espaço pra reivindicação de certos direitos que até agora não existia. Mas o ideal é que realmente se legalize a atividade nesse sentido. Até pra evitar também aquilo que acompanha a prostituição. Porque se você legaliza a prostituição, você vai registrar as prostitutas, elas vão ter um tratamento médico, primeiro, elas vão ter que fazer exames médicos periódicos, como é na Holanda, elas têm que se submeter a exames médicos periódicos, pra que, pra controle de doenças. Elas recebem uma certa assistência do Estado, até assistência... locais onde elas podem ficar, locais onde elas podem pernoitar. Então, elas passam a ter certos direitos, isso é importante porque você acaba inibindo atividades que estão estritamente ligadas à prostituição, que é o tráfico de drogas, então você acaba inibindo esse tipo de coisa, porque é uma atividade legalizada, etc. Estas prostitutas elas não vão se imiscuir no tráfico de drogas. Então você acabar também com o quê? Com a violência que existe contra essas prostitutas. Porque quando essa atividade não é legalizada elas acabam desamparadas, são marginalizadas. Imagine uma prostituta que apanha, vai numa delegacia de polícia contar isso a um delegado, imagine qual vai ser a reação dele?! A nossa polícia não tá preparada pra lidar com isso e óbvio vai mandar ela embora e dizer que tem mais o que fazer. Então a partir do momento que essa atividade é legalizada também tem como... elas têm como reivindicar que o Estado forneça a elas segurança. A mesma segurança que ele fornece a outros cidadãos no exercício das suas funções ele deve fornecer a elas também. Então existe um maior controle da questão da violência, etc., então você acaba inibindo algumas coisas que estão estritamente ligadas à prostituição. Por isso que a legalização é interessante. Ainda que existam outros argumentos, ainda que exista um outro lado, que reclame que essa atividade não seja legalizada, por uma série de coisas. Por exemplo, pra que essa legalização poderia incentivar a indústria do sexo, aumentar isso, ou seja, permitir uma exploração cada vez maior das prostitutas, então tem todo esse argumento, mas a legalização é necessária pra que elas possam de alguma maneira reivindicar os seus direitos e não ficar à margem, como você mesmo falou, do próprio Direito.

***Os argumentos contrários à legalização da prostituição. Que posições são essas? A lei brasileira ela tá preparada pra aceitar, pra avançar nesse sentido, ou ainda tem uma posição muito religiosa, machista, que argumentos são esses de quem não quer a legalização da prostituição?***

Bom, os argumentos utilizados para defender a não legalização da prostituição ou a manutenção da prostituição numa ilegalidade – na verdade não seria uma ilegalidade, mas à margem do Direito – são argumentos... alguns argumentos importantes, mas a maioria deles acaba levando sempre pra questão religiosa, pra questão moral. Então nós temos sempre esse

problema. Bom, o argumento que talvez seja mais convincente talvez seja aquele que eu justamente acabei de falar. Que a legalização da prostituição só viria incentivar a indústria do sexo, ou seja, só viria fazer com que essa indústria crescesse e não dignificaria o trabalho ou a própria prostituta. Ao contrário, determinaria uma maior exploração dessas prostitutas. E estatísticas são apresentados no sentido de se dizer que: o fato da prostituição ter sido legalizada na Holanda, na Alemanha, não levou à diminuição, por exemplo, do tráfico de mulheres. Ao contrário, as mulheres têm sido traficadas pra lá pra se tornarem prostitutas lá. Então não foi – porque uma das condutas aí vinculadas, ou seja, criminalizadas sempre em relação à prostituição, é o tráfico internacional de mulheres. Que lá na Europa eles sofrem por exemplo com as mulheres quem vêm tanto da América Latina mas principalmente do Leste Europeu. Então, eles alegam que isso não teria, ou seja, essa legalização não teria diminuído essa atividade. Aumentada então, que teria sido aumentada a exploração das prostitutas – que seria bastante negativo. Então esse é um dos argumentos, e esse eu acredito que seja o argumento mais forte, mais difícil de rebater. Agora, os demais argumentos são argumentos de ordem moral, e principalmente como disse, uma moral católica, ligados a uma moral católica. A prostituição ela sempre foi condenada pela Igreja Católica e até, por tudo que está vinculada a ela, a questão do adultério, tudo isso sempre foi condenado pela Igreja Católica, então os argumentos são sempre nesse sentido. Que a prostituição ela ofenderia a decência pública, e etc. E aí nós temos os países que estão mais influenciados por essa visão, que acabam sempre resistindo a uma legalização. No caso da Europa nós temos a Itália. A Itália ela resiste à legalização. Por quê? A prostituição, assim como no Brasil, na Itália a prostituição em si, a pessoa se prostituir, não seria crime. Mas toda exploração que existe em volta disso evidentemente acaba sendo de alguma maneira criminalizada. E recentemente eu estava fazendo uma pesquisa e verifiquei que na cidade de Parma foi promulgada uma lei agora nesse mês, por exemplo, uma lei que aplica uma multa de 450 euros naquelas pessoas, praquelas pessoas que param num determinado local onde ficam as prostitutas e contratam os serviços das prostitutas. Então quem faz o policiamento desses locais são os policiais municipais e eles ficam ali controlando. Quando eles percebem que um carro pára pra contratar as prostitutas, eles se dirigem ao carro, tiram uma foto do carro, e aplicam uma multa de 450 euros no sujeito só porque ele parou pra contratar o serviço das prostitutas. E o argumento utilizado pra fundar essa lei, pra fundamentar essa lei, foi justamente o argumento de que a contratação da prostituição, por si só, ofende a decência pública. Então o sujeito recebe uma multa – não é pouca coisa – 450 euros, se a gente for imaginar, no nosso sistema de multas, é uma multa altíssima. E, ele é autuado na hora, e fotografado. Ele tem 60 dias pra pagar essa multa. Se ele não paga essa multa, a multa é enviada com a foto dele, contratando esses serviços, para a casa dele. Justamente pra quê? Pra que a sua mulher pegue a multa, e aí crie um conflito interno e eles que tenham que resolver esse conflito, ou seja, impedindo, inibindo ele de contratar as prostitutas. Então essa postura da Itália mostra bem o que: justamente essa moral católica, cristã, que acha que o sujeito não pode ser adúltero, enfim, uma série de coisas. E no Brasil nós tendemos à mesma coisa. Eu acredito que seja difícil um país como o nosso, que discute tantos assuntos e sempre essa questão religiosa aparece no centro. No caso do aborto, ela tá sempre lá no centro, a questão das células-tronco, recentemente. Então ela está sempre muito presente. Então acho difícil a gente ter no Brasil essa legalização da prostituição.

***E de repente assim, temos projetos de lei como do Fernando Gabeira. No meio político também há uma resistência? Até que ponto o entendimento político de quem está fazendo as leis interfere no dos juristas, ou não, são coisas separadas?***

Eu acho que deveria interferir mais, mas é muito separado. Quem faz as leis? São aqueles que nós elegemos. E, lógico, muitas vezes eles refletem a nossa sociedade, ou seja, os valores que a nossa sociedade tem. E aí a questão religiosa, como eu falei, ela é sempre muito forte. E nós temos lobby da Igreja Católica dentro do Congresso Nacional e obviamente eles são muito fortes. Então aí está a dificuldade. Ainda que os juristas se posicionem de uma maneira até mais esclarecida em relação a isso, dizendo que é necessário a legalização por uma questão de saúde, ou seja, impedindo aí a partir do momento que você registra as prostitutas, fornece assistência à saúde, exige exames periódicos, tá impedindo a disseminação de uma série de doenças. Então ainda que exista o argumento saúde, o argumento pra impedir a violência – no caso que elas são o tempo todo... elas sofrem violência – então pra impedir cada vez mais a disseminação da violência, ou ainda a questão das drogas, pra impedir o tráfico de drogas, ainda que esses argumentos sejam fortes, a questão religiosa sempre barra. Não tem jeito, a gente tem bastante dificuldade no Congresso Nacional, por exemplo, de decidir questões tão importantes que às vezes tocam a velha moral cristã de uma maneira mais progressista. Com certeza nós temos dificuldade.

***Você poderia localizar quais dispositivos, artigos da lei que se referem à prostituição?***

Nós temos vários dispositivos, vários artigos, que criminalizam uma série de condutas. Como eu disse, criminalizam desde a indução à prostituição, a mera indução, até (...) você tirar proveito da prostituição, a conduta do cafetão também ela é criminalizada, e as penas variam. Mas vai desde a mera indução, até a exploração pecuniária disso, e aí as condutas mais graves que seriam aquelas que se refeririam ao tráfico, o tráfico internacional. Tanto o tráfico das mulheres que vão pra fora, pro estrangeiro, como aquelas que vêm pra cá, e todo auxílio que existe em torno desse tráfico, então tudo isso é criminalizado. Então todas essas condutas são criminalizadas, e lógico, aquilo que eu disse, quando elas são perpetradas contra vítimas entre 14 e 18 anos a pena é agravada – no próprio Código Penal estabelece o agravamento da pena, ou pelo agente responsável pela sua educação. Porque isso é muito comum no Brasil né, a prostituição (...) das suas adolescentes, digamos assim, pelos seus próprios pais, por pessoas da família, então a pena nesse caso é agravada. E a qualificação do crime, ou seja, o agravamento da pena também isso é feito mediante violência. Então nós temos um agravamento da pena de todos esses crimes praticamente, salvo a manutenção de casa de prostituição, que é um tipo à parte, que tem lá uma pena fixada e daí não interessa tudo isso. Mas nos demais crimes estabelecidos, sempre quando ele é praticado contra essas vítimas, entre 14 e 18 anos, ou pelo agente responsável – com a participação do agente responsável por ela – ou ainda com violência, há sempre o agravamento da pena. Então as penas são mais agravadas. E contra a criança a gente tem aí a exposição do Estatuto da Criança e do Adolescente, que com certeza a pena aí é ainda mais alta. Vai de 4 a 10 anos, é uma pena altíssima, e então nesses casos nós teríamos aí um crime mais grave. Mas, basicamente, é isso que o Código Penal faz nos seus dispositivos legais. Apesar de toda essa criminalização a gente sabe que a exploração da prostituição ela ocorre o tempo todo, o tempo todo, o tráfico de mulheres, o tráfico de pessoas para o exterior ele é cada vez maior, a gente tem grandes redes desenvolvidas nisso, e muito dinheiro, todo crime organizado. Então é muito difícil de detectar a participação de todo mundo, por exemplo, a participação de todas as pessoas que estão envolvidas... é muito complicado dizer quem fez o quê. Isso acaba ficando dissolvido assim, você não tem como identificar muito quem é o responsável pela prática desses crimes. É muito difícil se identificar esses crimes e punir esses crimes. A punição ela não tem ocorrido com frequência. O que eu posso dizer é que você sabe que existe, você tem consciência, sabe que existem grandes redes de prostituição, grandes redes que traficam

pessoas, mas você não tem como, no fundo, identificar e prender essas pessoas. Então é isso que a gente percebe no dia-a-dia.

***Mas isso não é um pouco por causa do texto da lei, ou ele é claro, ele é suficiente...?***

É... eu não vejo maiores problemas no texto da lei. O texto em si abrange uma série de, tem uma grande abrangência das condutas. O problema mesmo é prático, ou seja, nós temos uma polícia ineficiente, uma polícia que não tem condições de investigar o crime organizado. E daí, o que acontece: essas redes de prostituição estão ligadas ao tráfico de drogas, e você sabem que no tráfico de drogas circula muito dinheiro. Então eles têm uma forte influência em todos os órgãos, sejam eles da polícia, do judiciário, então eles têm como de alguma maneira burlar tudo isso, e não ser processados, ou não serem identificados. Então tem todos esses problemas, o crime organizado ele é muito forte, ele consegue escapar muitas vezes do processamento, da condenação, então você não vai ver... são justamente aqueles crimes que acabam não sendo apurados, acabam não sendo perseguidos. Então isso é muito comum porque são crimes, como eu falei, a maioria deles, são crimes ligados a outros crimes, onde se tem muita influência, onde se circula muito dinheiro. Essa é a grande questão.

***Você acha que essa parte da prostituição infantil está mais ligada a esses tipos de crimes, como o tráfico de drogas e essa exploração mesmo da mulher, do que a prostituição feminina adulta?***

Tá tudo vinculado. Se a gente pensar nessas grandes redes de exploração sexual, elas vão explorar crianças, o turismo sexual, que é muito comum aqui, as pessoas vêm pra cá só pra pegar as prostitutas, só pra se relacionar com as prostitutas, que são meninas na verdade, ou seja, todo esse turismo sexual tá ligado a uma série de outras redes. Eu acredito que são grandes redes que estão todas interligadas, grandes redes e organizações criminosas que estão todas interligadas, como se explorassem várias atividades. Se a gente pegar uma grande corporação, ela tem várias empresas e explora várias atividades, a gente tá falando exatamente da mesma coisa. Quando a gente fala em organização criminosa a gente fala em uma grande corporação do crime que explora uma série de atividades. Então eu não acredito que sejam coisas setorizadas, acredito que sejam coisas que estão interligadas. E daí a dificuldade toda da nossa polícia, não tem toda a tecnologia por exemplo da polícia norte-americana, da polícia européia, que consegue identificar, que consegue... Quando a gente consegue pegar uma coisa ou outra, nossa, é uma grande vitória. Mas eu acredito que o que realmente se consegue apurar, é o mínimo. Isso ocorre com muito mais frequência do que a gente vê nos noticiários, no que a gente percebe que a polícia conseguiu identificar, “é aqui que tem uma grande rede de prostituição”. Isso é o mínimo, e isso não é só com a prostituição, é com todos os crimes que envolvem colarinhos brancos aqui no Brasil. Você pega ali um só, um dos crimes ocorridos, mas nossa, se você for analisar, são vários crimes que estão interligados. Então passaria também pelo colarinho branco de alguma maneira? Passaria. A gente sabe que nessas organizações criminosas que estão nessas atividades nós temos pessoas bem importantes, pessoas de peso na sociedade, que a gente nem imagina.

***A gente conversou com várias meninas e não percebeu em nenhuma delas a parte das drogas, da exploração, e tudo mais. A gente também pegou essas que estão mais aparentes. Você acha que essas que estão ligadas a essas organizações elas estão um pouco mais escondidas, ou essas meninas que a gente falou elas acabam omitindo essas partes?***

Bom, eu acho que muitas delas omitem. A questão da vinculação com as drogas, isso é muito evidente. Aquilo que eu tava comentando antes, aqui no escritório modelo eles atendem as prostitutas aqui das redondezas, normalmente presas com droga. Então elas fazem esse tráfico, elas ajudam no tráfico, ainda que elas nem tenham consciência a que estão ligadas. Porque se nós pensarmos no tráfico de drogas, nas organizações criminosas, essas pessoas “menores”. Ou seja, o fim da cadeia, nem sabe ao que está ligado. Eles não tem nem idéia da grande rede da qual fazem parte. E normalmente são eles os punidos, são eles que acabam sendo processados, condenados a penas altíssimas, porque o tráfico de drogas tem uma pena altíssima, então são eles que acabam sendo encarcerados. Mas eles não têm idéia de que eles tão servindo a algo muito maior, que são essas grandes organizações.

***No caso de uma prostituta que é violentada durante o seu trabalho, ela pode recorrer a danos morais?***

Olha, nunca pesquisei exatamente sobre isso. De qualquer maneira, ela como qualquer outro cidadão tem o direito de recorrer aí ao poder judiciário quando sofrer uma lesão. No caso de violência ela poderia até ir a uma delegacia de polícia, relatar o ocorrido, esse crime teria que ser apurado, obviamente, mas nada impediria ela de reivindicar esses direitos como cidadã, pela agressão que sofreu, isso não tenha a menor dúvida. A questão é: qual é a credibilidade dela perante um policial quando ela contar a profissão dela? Que ela foi agredida, ela é prostituta, e ela foi agredida? Daí vem sempre aquela visão moralista e machista muitas vezes quando isso acontece com uma mulher, de que ela pediu, afinal de contas ela estava lá exposta a isso e ela estava então pedindo uma hora pra acontecer isso. Então isso... existe. Aí é que tá, o problema que ela tem é a credibilidade pra reivindicar aquilo que ela tem direito. Não propriamente que o Direito não a ampare nesse sentido. Até ampara. Mas e as demais instituições ligadas ao Direito?

## APÊNDICE D

### Carmem Costa

COSTA, C. **Prostituição feminina em Curitiba: entrevista com Carmem Costa, fundadora e presidente da ONG Grupo Liberdade.** Curitiba, 26 de setembro de 2008.

***Carmem, como nasceu esse projeto, quando foi, porque, como era antes, como é hoje, conta pra gente um pouco dessa história.***

O Grupo nasceu em 18 de maio de 1994 devido à decadência das mulheres na rua, elas deitadas na sarjeta com o vírus do HIV sem saber o que estava acontecendo, e devido à violência policial sofrida pelas prostitutas naquela época. Elas eram ‘espanqueadas’, elas não eram respeitadas, elas viviam, realmente, na sarjeta. As mulheres, quando iniciou-se a história do HIV, elas conseguiram sem saber, adquiriram o vírus, e muitas sem saber o que estava acontecendo acabaram morrendo na sarjeta. E aí a gente teve todo esse cuidado de tentar reunir as mulheres, falar que tinha que ter alguém que as protegesse, que as amparasse, que tentasse clarear, esclarecer, fazer um trabalho educativo junto a essa comunidade que são as prostitutas. Porque Grupo Liberdade né?! Por causa do estigma e preconceito, nós queríamos ser livres, então livres para voar, grito de liberdade. Nós queremos ter esse direito de ir e vir, onde nós quisermos, com respeito, com segurança, por isso Grupo Liberdade.

***Quando você começou esse trabalho, como é que era a vida dessas mulheres na rua? Como é que é a relação da menina de rua com a prostituição, ela vai pra rua, acaba sendo cooptada?***

Menina de rua é uma coisa, prostituta é uma outra bem diferente, né. É a mesma coisa que exploração sexual infantil quando uma menina tá na rua, com menos de 18 anos, ela não é prostituta. Ela á sendo explorada sexualmente, não tem nada a ver com prostituição. É a primeira coisa que tem que deixar bem claro isso. Meninas que vivem na rua normalmente não são prostitutas. Por quê? Elas já estão habituadas a andar na rua por algum fator. Porque nós temos visto aí mãe que coloca filhos pedir no sinaleiro, vender as coisas e que a gente vê essas meninas crescerem e elas não se tornam prostitutas, e sim vendedoras ambulantes. E as mães dessas meninas que as trazem pra rua nunca foram prostitutas. Porque tanto que elas dependem dos filhos, pros filhos ganhar o sustento delas – que a gente acha errado, mas que o Brasil não faz nada pra que isso pare, né?! Essa é a grande verdade. Então, quando uma mulher, estamos falando de mulheres acima de 18 anos que se tornam mulher e vêm pra prostituição, ela vem por vários fatores. Ela não nasce prostituta. Ela começa a ver a amiga que é perto dela, que ganha dinheiro, que acha que é um dinheiro fácil, primeiramente é isso que toda a visão tem. “Ah não, eu vou lá, é um dinheirinho fácil né?!”. Ela vem por necessidade financeira, por estupro de pai, por briga de mãe, por estupro de irmãos, de parente próximo, de vizinho, e que ela fica com medo de contar e acaba vindo pra prostituição achando: “não, vô... agora já não tenho mais nada mesmo, já fui estuprada...”. Não entende nem por quê isso aconteceu com ela, e ela acaba parando aqui. A briga em família é o que mais traz mulheres para a prostituição. O fator socioeconômico cultural é o que mais traz na verdade. Por quê? Em 1994 o perfil das mulheres que estavam na rua se prostituindo era de no máximo ginásio. No máximo. Hoje a gente tem um outro resultado. A gente tem poucas mulheres com ginásio, e muitas mulheres com faculdade – essa é a grande verdade. Só que também existe outra coisa errada: as que estão na faculdade também não gostam de ser chamadas de prostitutas. Elas são “acompanhantes de executivos”. E não existe,

acompanhante de executivos é outra coisa. Acompanhante de executivo realmente sai com patrão, problema dela, ela não é prostituta. Porque ela não tá ganhando. Então essas meninas que se dizem acompanhantes de executivos elas realmente elas são prostitutas, mas elas não querem admitir, porque: porque eles se acham com um alto escalão, “eu tenho um nível universitário”, e são as piores mulheres pra se trabalhar a questão de Aids. Porque elas estão na faculdade, e acham que já sabem tudo. Não sabem de nada. Realmente elas estudam literatura, matemática, português, pra Direito, pra Medicina, e várias outras áreas, e elas acham que conhecem tudo, mas elas não conhecem tudo. O advogado não fala de Medicina. O médico, não fala das leis. Então se você não sabe de tudo, na universidade não consegue aprender tudo, você tem que aprender de outras formas, buscando informação. “Só que como eu me julgo... a minha prepotência é tão grande, eu acho que eu sei tudo. Acho que eu não vou engravidar, acho que a Aids não vem comigo, que eu sou imune às doenças, porque eu sei, porque eu tenho um currículo de faculdade”. Essa é a grande problemática da gente com as universitárias. Nós temos certeza que com o trabalho que a gente vem fazendo nesse longo tempo, as mulheres que são analfabetas na rua, elas se cuidam mais que pessoas que têm mais esclarecimento. Não precisa ser universitárias. Pessoas que realmente têm esclarecimento, que fez primário, ginásio, segundo grau. Elas se cuidam mais hoje.

***Entre as mulheres com quem a gente conversou nesse trabalho, um ponto em comum foi elas terem dito que às vezes cuidam muito mais do lado íntimo, da questão da saúde, da DST, que às vezes que uma jovem que nem é prostituta.***

Mas outra vez vou falar da fidelidade. Porque todas as prostitutas, elas têm parceiros fixos. Não adianta dizer que eles não sabem que elas tão trabalhando assim, porque eles sabem. Só que esse é outro problema da gente: elas usam preservativo com os clientes eventuais, mas não usam com o seu parceiro fixo. E o parceiro fixo, sai com a Maria, sai com a Joana, sai com a Teresinha, também não usam preservativo. Sabe?! “Porque, eu saí com a Joana que é minha cumadre; eu saí com a Beatriz porque é minha vizinha, eu saí com a Sofia porque era minha tia...” Sabe? E acaba fazendo um vínculo de amizade de dizer: “não, elas não parecem ter o HIV”. Sabe, e aí, que se traz. E realmente os homens hoje que se infectam com o HIV não são das prostitutas, são exatamente dessa relação que eu acabei de falar. Tipo assim, os homens estão em casa, vêm aqui transam com a prostituta, mas eles transam com preservativo. Mas com a ‘cumadre’, com a amiga da amiga da mulher deles, não. Porque eles não verem o perigo lá, eles verem o perigo naquelas que tão lá discriminadas, com preconceito, com estigma.

***A prostituta ainda é um grupo de risco?***

Não, não existe mais grupo de risco. Não, já houve muito isso. Hoje nós falamos que todos os seres humanos são vulneráveis diante da epidemia da Aids. Por quê? Porque ninguém sabe, não tá escrito na cara de ninguém, é uma coisa que corre dentro do teu sangue e vai de você querer contar ou não. Não existe mais grupo de risco e nós achamos, nós temos certeza na verdade, que todos estamos vulneráveis à epidemia da Aids. Por quê? Isso não tá na cara de ninguém né. Vai de cada pessoa dizer, ter consciência de depois de estar infectado querer transmitir ou não o vírus do HIV.

***Pelo que a gente observou no nosso estudo, na prostituição tem quem trabalha em boate, rua, casa de massagem e um flat particular; tem as que trabalham de dia, tem as que trabalham de noite. E às vezes são condições de trabalho completamente diferentes. Como***



***é? Ela trabalha lá no Passeio Público e essa trabalha lá num flat particular, qual é a diferença?***

Na verdade, a única diferença que existe é de como eu estou trabalhando. Eu estou trabalhando de uniforme ou sem uniforme? Eu estou trabalhando protegida ou sem proteção? A mulher que está na rua, ela mexe com o cliente, o cliente pára, negocia o preço e o que vai ser feito, qual é o tipo de sexo que vai rolar, e ela não pega nesse cliente na rua, ela não fica exposta ao cliente. Então ela fica lá 30 minutos, 30 minutos tanto 'x' o valor, e ela vai pro quarto e nem sabe muitas vezes que tá... não tem um contato corpo-a-corpo. Então ela chega lá, faz o seu programa, pega o seu dinheiro 30 minutos depois, ela vai pra um lado, ele vai pra outro. Com as mulheres de saunas, casas de massagem e boates já é diferente. A mulher tem que beber. Fazer o programa com o cidadão, muitas vezes o cidadão não faz o programa, mas o cidadão fica naquela apalpação, ela fica sendo apalpada, com "mão introduzida" dentro do salão na sua vagina, sabe, a diferença é só essa. O terrorismo, ela mesmo faz, ela se deixa fazer isso pra ela, entendeu? A mulher que tá na boate ela tem obrigações, a mulher que tá na rua não. A mulher que tá na rua não precisa dividir seu dinheiro com ninguém, não dá lucro pra ninguém a não ser pra si própria, e as mulheres dessas casas têm que dividir. Os perigos são iguais. Morte, violência, tudo igual. Tanto na boate como na rua. E a mulher que tá na rua, o que que ela tem de diferente? Ela está no relento, na noite, na chuva, no sol. A mulher que tá na boate, ela tá lá com outro tipo de problema que se torna o mesmo: ela tá lá, droga, bebendo, as da rua também, sabe?! Quer dizer, então não tem muita diferença. Tem diferença de trabalho somente, como elas trabalham, né. Autônoma do flat faz as mesmas coisas. Mesmo como se fosse a mulher da rua, porque ela negocia com o cliente pelo telefone, ele vai até lá, faz o programa normal e vai embora, entendeu? Os riscos são os mesmos.

***Entre elas também há diferentes designações, não?***

É assim, então vou explicar bem certinho. Garota de programa, acompanhante de executivos, garota do flat, garota da noite, garota do dia. Fez sexo, vendeu suas fantasias sexuais, não é nada mais nada menos que prostituta. E existe algumas características. A mulher que se prostitui ela veio pra ganhar o dinheiro pra levar pra casa. Ou na boate, ou na rua, ou no flat, ela veio pra levar o sustento pra casa. A que tá drogada, ela veio ali, ela é drogada. Ela não é prostituta, ela só veio pra se drogar. A que vende droga, ela não é prostituta, ela é a vendedora da droga. A que rouba, ela é ladra. Você entendeu? Então ela não é prostituta. Porque se for pra ela ir lá pra ela roubar o cliente, não tem razão, então ela é ladra. Prostituta é aquela que vem ali e cumpre o seu horário de trabalho. Porque existe isso de cumprir horário de trabalho também na rua. Mulheres que vêm das 9 da manhã às 2 da tarde, vão embora quando chega essas das 2 da tarde às 7 horas da noite. As que tão das 19 ficam até meia noite, e da meia noite ficam na madrugada. Então elas também tem essa delimitação de horário. Às catorze horas eu chego na rua a menina que tá lá já sabe que ali não é mais horário dela ficar. Ela pode até trabalhar, mas em outra praça. Tá, isso é respeitado aqui na área. Todas as áreas.

***Mas se já existe essa regulamentação informal entre as mulheres, porque que hoje não existe uma regulamentação na lei?***

A regulamentação na lei é tão bom né?! Tudo que tem estigma, tudo que as pessoas verem que é errado, é muito bom de fazer né. Namorar escondido é ótimo então né. Ai... Namorar o namorado da outra melhor ainda né. A regulamentação da lei é ótima só que se ela for aprovada, a prostituição vai diminuir. Por quê? Não vai ter tanta adrenalina de: "to fazendo a coisa errada", sabe?! Aí acaba, vai acabando um pouco a prostituição, na verdade. Porque não

muda a lei? Porque não foi legalizado? Na CBO já existe isso, no código do Ministério do Trabalho, como código ocupacional do trabalho, já existe lá que as profissionais do sexo é uma profissão. Não legalizaram a lei ainda porque, porque existe exploração de mulheres, o tráfico de mulheres, e a exploração infantil. E o que acontece... E tem também a lei de 1940 ainda que diz que o ato de se prostituir não é crime, mas o favorecimento da prostituição é crime. Que quer dizer com isso? Eu enquanto sou prostituta não estou no crime. O cliente que está comigo está no crime, o local que deixou eu vender as minhas fantasias sexuais tá no crime. Os donos de boates estão no crime. Isso também tá em 1940 diz essa lei. Então tem que mudar, tem que rever o código, pra ela mudar, né. Exploração sexual infantil, a gente tá debatendo muito que... não existe... antes de 18 anos... que a exploração sexual infantil não tem nada a ver com a prostituição. E o tráfico de mulheres é outra coisa que a gente não consegue entender. Porque não é só prostituta que está no tráfico de mulheres. Tem muitas mulheres que saem do país pra quê, dizendo que vai trabalhar de recepcionista, secretária, chegam, precisam... Você vai fazer mestrado em outro país. Não precisa ser a prostituta. Então não tem nada a ver. Mas como as leis não são completas, são falhas, a gente tá debatendo a respeito disso. Por isso que não foi legalizada a prostituição ainda.

***Mas qual é a tua posição a respeito da lei? Porque a lei diz assim: a situação que tá ali, que a lei às vezes é meio moralista, como uma das advogadas comentou isso, a lei é meio moralista no sentido de dizer a situação de prostituição é promíscua, mas a pessoa, o indivíduo, a prostituta não é culpada. Porque isso? Até fazendo um paralelo com a situação existente nas casas de massagem, onde existe a figura do cafetão ou cafetina.***

Eu acredito que a legalização da prostituição vai beneficiar muita gente. Quando nós falamos da legalização da prostituição nós não queremos dizer que o patrão ou dono da boate vai ter que registrar, pagar férias, pagar décimo terceiro, não é isso. Se a legalização da prostituição sair, na verdade, for votada, a gente espera que agora quando for apresentada no Congresso seja votada, porque se... Ela vai beneficiar quem? Eu, que sou prostituta, que posso ir na prefeitura e tirar um alvará de autônoma. A partir do momento que a prostituição for legalizada, o preconceito e a discriminação caem lá em baixo. Sabe? Eu vou parar de ser chamada de vagabunda, porque se me chamarem de vagabunda vai levar um soco no meio da cara legal, entendeu?! Porque nós temos um princípio, toda rede brasileira de prostitutas, a nível nacional e internacional, a gente sabe que prostituta é aquela que vende as fantasias sexuais e recebe o seu dinheiro né. E a população, a sociedade no geral, acha que a prostituta é vadia, é vagabunda, e o conceito pra nós de vadia, de vagabunda, é aquela que faz sexo com o marido da outra, por prazer, pra desmanchar um lar, que fica com o marido da outra, estraga os casamentos, entendeu? Prostituta não estraga casamento de ninguém. Ela só quer o dinheiro no bolso do cara e vai embora e pronto. A mulher que se envolve com homem casado, pra mim não passa de vadia. Independe do relacionamento que ela tem né. E eu to rindo porque há algum tempo eu me vi numa situação dessa né. É... tipo assim. “Poxa, mas eu gosto desse homem, mas ele é casado, mas também o que que importa que ele tem outra mulher, eu não quero saber da mulher dele, eu quero saber dele!”. Então de repente, eu acabei mudando, sabe, a visão que eu tinha de que vadia é aquela que tá com o marido da outra, sabe, por prazer, por querer estragar a família, destruir o lar sabe.

***Então pra você a lei viria justamente separar aquela que é uma profissional do sexo...?***

Exatamente, exatamente. Em Amsterdam, ou na Alemanha, uma coisa assim, você passa, tem umas mulheres na vitrine. As mulheres fazem programa dentro das vitrines. Cliente passa, viu

a “vitela” na vitrine, entra dentro, e diz: “aquela li que eu quero comprar as fantasias dela”. E é muito legal isso, porque lá já tá regulamentada a profissão.

***Você falou num momento aí que se a prostituição fosse legalizada, tivesse uma proteção jurídica, direitos, garantias trabalhistas mesmo, ela ia diminuir por causa dessa coisa da adrenalina “clandestinidade”. Então eu queria que você comentasse assim porque a prostituição é considerada a profissão mais antiga do mundo?***

Até porque a primeira pessoa que trabalhava eu acho e que recebia dinheiro era Maria Madalena. Só que na Bíblia fala Maria Madalena, e tem muitas mulheres que não sabem, aliás, as pessoas não sabem. Rab também era prostituta. E Jesus Cristo na Bíblia fala que a única descendente dele enquanto mulher é Rab. Sabe, então não era só ela. Então, quer dizer, eles estigmatizam até Maria Madalena, se lá na Bíblia tá escrito que existem outras mulheres que se prostituíam na época de Cristo. Como Rab, que a Rab conseguiu, ajudou, com os discípulos de Jesus Cristo, quando foi lá no Egito, sabe... é uma tramóia meio assim. Então existem outras prostitutas dentro da Bíblia mas que elas não são... Tamara também, sabe?! Quer dizer, existe bastante, não era só Maria Madalena, mas o pecado ficou só em Maria Madalena né, as outas não pecavam.

***O que você acha que, você diria, falando mais um pouco em sentimento, em intimidade, o que a prostituição tem que ela sempre existiu, e querendo ou não ela vai continuar existindo. O que ela vem preencher?***

O glamour da prostituição, aonde “eu sou linda, maravilhosa, gostosa, todos os homens pra se deitar comigo têm que pagar”. Entendeu? Isso que faz com que as mulheres se sintam bem. Entendeu? Eu não consigo me ver, desculpe até o termo que eu vou usar, eu não consigo me ver na cama deitada com um homem se eu não tiver dinheiro no meio. Entendeu? É, uma das coisas que a gente notou nesse longo tempo, é que o marido briga com a esposa em casa, a mulher é chamada de idiota, sabe, os maridos são carrascos pra elas lá, eles chegam aqui eles são uns amores de pessoa com as prostituta. É outro homem. Por quê? Não sei. Eu acho porque a mulher quando a gente é casada, a gente começa a dizer: o Pedrinho não foi bem na escola, faltou arroz, não tem sabão pra lavar a roupa. Só enchendo a cabeça do homem entendeu? O marido chega em casa, a mulher tá cheirando óleo, fritou o bife pra ele lá, geralmente a mulher tem dor de cabeça quando vai pra cama dormir, ela já tá de saco cheio, então ele sai. E outra coisa que nós temos visto na noite, até que eu não queria nem falar isso pra vocês, mas queria falar quando me chamassem pra falar na televisão, é que as mulheres, eu sendo mulher eu vejo isso, nós somos o que, nós somos um pé no saco cara. Porque, eu tenho visto os homens, não é um dia só que eu os vejo, são vários dias na noite, eles estão nada mais nada menos, do que roçando o balcão e tomando cerveja, sem mulher nenhuma do lado. Ou seja num bar da esquina ou seja numa casa de prostituição. E a coisa que mais atrapalha a prostituta são esses homens que vão lá gastam só a bebida, e não saem com elas. Ficam ali a noite inteirinha falando de futebol, falando de política, sabe, e acabam não fazendo programa e desgastando as pessoas que estão ali. E daí nós temos visto isso muito, muito, muito. Então eu queria falar pras mulheres mesmo, que dêem um crédito de confiança pro seu marido, nem só de sexo vive um homem entendeu? Primeira coisa que a gente pensa, o marido atrasou, é porque tá com “ela”. O marido vai futebol então é porque tá com outra. E não é assim. Mas por quê? Eu não tiro a razão delas, é. Elas não vivem a noite, elas não vivem o outro lado da vida, as mulheres, né?!

***Eu queria saber se você concorda, vamos supor, que a prostituta ao longo da história, ela se transforma, ela é um camaleão que vai se adaptando ao ideal masculino de mulher.***

Exatamente. Concordo com você. Ela tem que dançar conforme a música, ela tem que ter um jogo de cintura muito grande pra viver na noite e sair ilesa todos os dias. E pra poder viver. Exatamente isso, Ivan.

***Então como fazer, como encarnar esse ideal?***

Pois é, sabe aqueles homens que tão bebendo que eu to te falando? Elas começam a conversar, entendeu, com eles e acabam não fazendo programas com eles, mas eles acabam deixando bebida paga pra elas, elas ganham comissão na bebida, entendeu? Elas se tornam... às vezes... sabe. Outra coisa que a gente nota, tem muitos homens que vão nas boates que eles se tornam muito mais amigos dessas mulheres do que parceiros sexuais. Verdade. Então antigamente, quando eu me formei enfermeira, um cliente meu falou assim: “agora você só faltava um diploma de puta e agora você já o tem”. Ele falou bem assim. Por quê? Porque as mulheres na época da guerra, elas além de cuidarem dos feridos, elas os alimentavam com sexo, elas estavam lá para o que der e viesse. Então as enfermeiras elas estavam lá para cuidar dos feridos e acabam saciando a sede de sexo dos soldados. Não era assim? Era né. Por isso que quando eu comecei a falar com vocês eu disse assim: ninguém vem pra uma profissão sem conhecer ela, realmente, porque que eu quero ser. Então eu digo pras prostitutas sempre: vocês têm que começar a ver como era a prostituta que ela levava atrás, e qual era o respeito que ela tinha na história do Brasil pra ver o que ela é hoje. Aquela prostituta que era lá, que era realmente respeitada, caiu porque, porque a própria prostituta desvalorizou-se. Nós nos tornamos psicólogas da noite, sem formação universitária. Porque o que nós escutamos, o que nós temos visto que os homens têm família e que vêm aqui falar pra gente do que tá acontecendo na vida deles, sabe?! Então uma pessoa dizer assim: “eu queria colocar a sua cabeça no corpo da minha mulher”. Entendeu? Tem muitos homens que falam isso. Quando a gente namora, quando a gente fica noivo, é uma coisa. Depois que a gente casa, a gente se torna uma pessoa tão diferente da pessoa que vivemos. Sabe? Então quando diziam pra mim, “qual é a pessoa que você tem mais medo na sua vida? É o homem que dorme comigo toda noite, do teu lado, todos os dias. Porque esse é a pessoa que menos me conhece e que menos eu conheço. Marido não é o seu parente, você sabe disso. Esposa não é o seu parente. Você tem parentes em comum com essa pessoa que mora e é casada com você: são os seus filhos, são seus e dela. Esses são os seus parentes. Mas o marido e a esposa, não têm parentesco nenhum. Aonde diz na lei que esposa é parente de marido? E nós queremos ser dono um do outro. E é isso que a prostituta não tem. A prostituta tem esses parentes que eu te falei: que são os filhos. O marido sempre é a pessoa mais distante dela.

***A gente percebeu pelo que conversou com uma delas que ela resiste à idéia de ter filhos e casamento. E a maioria delas não se vê presa a um homem depois que entra na prostituição. Então eu queria que você traçasse um perfil dessas mulheres, elas têm alguma característica que realmente as diferencia da mulher que não é comum? Independência...***

Na verdade, não é que ela se torna diferente, ela não é uma mulher diferente. Ela é uma mulher comum como qualquer outra. A única coisa que fez com que ela mudasse o seu, o seu dia-a-dia, a sua história, é aquilo que eu dizia. Quando nós estamos na prostituição, nós perdemos o nosso “eu”. E essa perda do “eu” eu digo que é a violência que a gente comete contra si própria. Por quê? O glamour é tão bom né, um homem me pagou, tal, uma coisa tão sem razão sabe?! Eu fui lá, realizei as fantasias sexuais dele, mas cadê o amor, cadê a paixão?

Eu sou apenas um buraco? Eu sou um... eu me torno só um depósito de espermatozóide? Entendeu? E o carinho? Porque não rola carinho nessas transas gente, não rola. Prazer é uma coisa que o organismo necessita. Amor é uma coisa que você tem em casa pela esposa, pelos seus filhos, pela sua família, pelo seu pai, pelo seu... Isso é amor. Por isso prostituta não beija na boca. Não tem carinho, que o elo maior que une duas pessoas é o beijo na boca. Não existiu beijo na boca, não existe elo. É uma coisa mecânica sabe? E você se torna mecânica. E essa mulher que você tá falando ela se tornou-se assim, ela não encontrou mais o “eu” dela, ela se perdeu. É o “elo” perdido dela. Ela perdeu-se e ela tem que trabalhar muito a cabeça pra ela poder se achar de novo. Porque o prazer dela tá na nota de cem, tá na nota de cinquenta, entendeu? Daí diz: “eu sou gostosa, eu sou poderosa, eu realizo a fantasia sexual do fulano, mas pra mim é prazeroso receber o dinheiro dele”. E ela se torna fria. Uma máquina. Eu falei pra você que eu já me senti assim um dia né? (*risos*) Ai meu deus do céu. Eu me senti, eu me senti muito assim né, de ficar sendo máquina, uma máquina de fazer dinheiro, de segunda a segunda, um dia precisa pagar aluguel, outro dia precisa pagar água, outro dia precisa pagar escola, outro dia preciso de comida, e acabo esquecendo que eu preciso lazer, que eu preciso buscar carinho nas pessoas, e você não busca isso, você busca só o dinheiro. Então fica uma parte de você amortecida, sabe, meio que morta, sabe?! Você tem que achar alguma coisa que, digamos assim, desperte o teu... poxa vida, seria tão bom se fosse diferente né?! É degradante isso. Eu me senti muito mal. Hoje, hoje talvez, isos não venha acontecer mais comigo. Porque ontem, antontem, eu tive um surto e disse assim: “poxa vida, perdi o respeito por mim própria”. Lembra que eu te falei no telefone? Perdi o respeito por mim própria! De repente, pensei por uns 10 minutos assim, uma pessoa você falou assim: “Você não é essa pessoa que você tá aparentando aí, porque você é diferente”. Daí eu falei: “não mas eu perdi o meu respeito, por isso que to assim. Peraí, já achei o meu respeito próprio: eu só faço aquilo que eu quero, eu não faço nada que os outros queiram”.

***Qual é a maior afronta a uma prostituta, qual é o maior desrespeito à atividade dela: é a dos outros, é da mulher própria?***

O maior preconceito vem da própria prostituta, não é da sociedade no geral, é da própria prostituta mesmo que vem o preconceito. “Eu sou prostituta, eu sou a coitadinha”. Eu fico com uma raiva disso! “Ai coitada...”. Ó a cara delas: “Ai, coitada de mim, hoje eu não ganhei nada na rua. Amanhã você ganha. Putz que vida miserável que eu vivo, coitada de mim”. Se você tá se sentindo tão coitadinha, procure outro trabalho. Não se penalize por uma coisa que você gosta de fazer. Diga: “poxa, hoje eu não ganhei nada, mas amanhã eu venho e vou ganhar”. Entendeu?! Ela não é coitadinha, sabe?! Que nem a gente tava falando sobre as drogas, eu posso convencer você em um minuto que eu não uso drogas. Porque uma das coisas que a prostituta sabe fazer muito bem, ela sabe fazer muito bem. Tanto que ela negocia o preço do cliente, ela chama o cliente, ela tem um lobby tão bom, que ela acaba fazendo o cara realizar fantasias sexuais com ela naquela hora, na hora que ela precisa de dinheiro. O que que acontece? Aí eu digo: “Não, eu não uso drogas... eu sou coitadinha”. Daí você pega o dinheiro do seu bolsinho e diz e olha: “Coitadinha da Carminha, ela precisa tanto do dinheirinho”. Pare! Ela não é coitadinha. Ela tem que ter clareza nas coisas que ela faz. Existe preconceito e discriminação, existe. Mas se ela não gostasse de sentir isso ela não taria ali na rua ali não. Mesma coisa essa história de dizer assim: “Ai meu Deus do céu, alguém vai passar aqui e vai me enxergar, vai me ver aqui, o que eles vão dizer?”. O que você quer que ele diga? Ele passou a primeira vez viu você aqui. Passou a segunda vez viu você aqui. Passou uma semana e você tá aqui, o que ele vai pensar? Ah mas ele vai contar lá na minha casa... Muitas vezes pai sabe, mãe sabe, irmão sabe, só não falam que ela é prostituta, porque, pra não constranger ela mesma. Sabe? Só por isso. Sabe... Mas eu acho assim que ela tem que

começar a encarar e dizer assim: eu sou prostituta e eu gosto disso que eu faço. Eu sinto prazer em ser prostituta... Por que você sente prazer? Porque eu realizo fantasias sexuais e o dinheiro vem pra minha mão. É um dinheiro fácil? Não é. Porque agüentar homens que você não conhece, chulé, e um monte de cheiro desagradável, não é muito bom. Então tem muita coisa entendeu? Então não é um dinheirinho fácil não. É um dinheirinho penoso. Porque tem mulher que fica 5 horas parada na quadra ali esperando e o homem não chega nela. Antigamente se fazia 30, 40, 50 programas num dia, hoje se faz 3 programas num dia, hoje é muito programa. Mudou a realidade da prostituição de novo aí. Em 1990 era uma coisa. Não tinha o vírus do HIV se falando, não tinha-se tanto roubo, a polícia também não ficava muito no pé das mulheres, ficava até mais entendeu, mas com diferente escala. Porque a polícia vinha e levava as mulheres presas 24 horas. E agora, hoje, a polícia vem, só vem torturar, torturar cliente, ficam perto, próximo, inibem o cliente. Por mais que eles não falem nada, só a presença deles dá essa inibição no cliente. É uma das coisas que diminuiu bastante na prostituição.

***Você acha que essa polícia dos costumes faz isso mais pra alertar, pra vigiar, e dizer: “aqui não”?***

Não, a costumes não fazia isso. A costumes já vinha, levava todo mundo em grande escala. Se tinha 30, ia 30. Se tinha 40 na rua, ia 40. Independia se você tava em local de prostituição ou não. Se você tivesse lá no portão, que não era um local de prostituição, eles passassem e te vissem, entrava no carro e ia preso. Hoje já não é mais assim. Hoje só se prende quando tem droga, quando tem atentado ao pudor, quando tá de algazarra, com arma.

***E a prostituição em Curitiba. Quantas são as prostitutas hoje, quais são os dados, quais são os pontos?***

Aí então, vejam bem. Nós em 2005, nós fizemos uma pesquisa, nós tínhamos 30 mil mulheres que se prostituíam em Curitiba. Elas não são só de dentro de Curitiba, elas moram em regiões metropolitanas. Mas pra trabalhar, elas vêm pra dentro de Curitiba. E nós tínhamos 3.174 pontos de prostituição, entre bares, saunas, os apartamentos, né. Ruas, bares saunas, boates...

***E a fiscalização, como ela é feita aqui em Curitiba?***

Fiscalização tá todos os dias porque as polícias estão na rua. Elas não ficam o dia todo em cima das mulheres que se prostituem. Existe uma chamada ação integral, ação integrada né, que é feita com parceira da polícia, FAS [Fundação de Ação Social], vigilância epidemiológica, secretaria da saúde, elas visitam as boates, existe isso. Agora, a abordagem policial acontece todos os dias, ou aqui, ou lá.

***A lei diz que é crime você manter um local para fins de prostituição...***

Porque o alvará na verdade, alvará não sai pra casa... *whyskaria*. Café paris é um café não é? Você não leu Café Paris lá? Eu posso entrar lá e querer tomar um café, não posso? (*risos*) Café Paris. Eu posso querer ir lá que nem uma mulher foi na casa de massagem. Casa de massagem. Ela tava com um problema na coluna, foi fazer uma massagem. Chegou lá, era um programa que se fazia. A mulher foi até no rádio denunciar. (*risos*) Eu estive em Guarapuava fazendo um trabalho, e nós sentamos numa praça. E à noite, à tardinha, a gente viu que dava ali assim, bastante carro de metalúrgica. Daí eu falei assim: “Mas ali é uma metalúrgica?”. Eu viu mulher entrando de minissaia... Pode entrar né, é cliente da metalúrgica. E quando foi ali

por umas dez horas da noite, eu olhei lá de novo e disse: “Escute Ju, mas ali não tem um foquinho vermelho lá dentro?”. Um foquinho vermelho pode ter num banheiro de algum lugar né. Sim, eu posso ter algum foquinho, com luz. Daqui a pouco sai um carrão de lá, com duas mulheres. “Ah não Ju, ali é uma boate. Metalúrgica mesmo, o nome”. Era uma boate. Então quer dizer, boate já não tem mais nome de boate. Exatamente por causa dos alvarás. E porque daí vai e cobra multa, não sei o quê... Mas na verdade, a prostituição em si, gera muito dinheiro pra sociedade, pros órgãos públicos. Por quê? Tem ICM em cima da bebida, tem um monte de coisa. É lucrativo pra eles. Vamos supor que eles fecham 5 casas por noite, são 275 reais a multa mais barata. E eles não dão. Exatamente por ser ilícito, por ser crime o favorecimento à prostituição.

***A imagem que as prostitutas têm de si mesmas é muito diferente da imagem que a sociedade tem delas?***

A imagem da prostituta, ela vê a imagem dela diferente da... É, claro, com certeza. Ela não se sente nem vadia, nem vagabunda, ela acha que ela realmente tá fazendo um trabalho, uma profissão, e que ela tá ganhando dinheiro pra sustentar sua família. Ela não acha que tá fazendo uma coisa errada, uma coisa... sabe.

***E a questão da família, prostitutas com uma família. Você por exemplo tem uma família, você criou suas filhas. Como é que é: isso às vezes é uma coisa que as pessoas sequer imaginam...***

Eu acho assim, Ivan, que a gente não pode esconder as coisas de ninguém. Como eu disse pra você, família pra mim é meus filhos, meu pai, minha mãe, meus irmãos, isso pra mim é a minha família. Quando eu caí na prostituição, caí não, até vou retificar o termo, quando eu vim pra prostituição, eu vim por que, porque eu estava querendo agredir alguém. Quem é que eu queria agredir? Eu queria agredir minha mãe. Porque eu tinha perdido meu amor, por causa dela, o homem que eu amava, e de repente eu falei: “Bom, alguma coisa eu tenho que fazer pra punir a minha mãe”. E minha mãe tinha uma situação assim: virgindade pra ela era tudo. Sabe, o falso moralismo, eu pra mim toda sociedade tem falso moralismo. A minha mãe era conservadora, virgindade era tudo numa família. Então quando esse rapaz me chamou pra fugir com ele, eu disse, mas como eu vou dizer pra minha mãe... nossa, não vou ter nem coragem de voltar pra minha casa, eu pensava né. Daí, eu tinha um pai maravilhoso Ivan. Acho que nunca ninguém teve um pai como o meu. E aí eu disse assim: eu conheci uma amiga que se prostituía. Minha mãe falava muito dela. E minha mãe sempre falava assim, que mulher que trabalhava de empregada doméstica não prestava. Tudo mãe solteira, tudo não sei quê... Eu ficava morrendo de raiva. E quando eu perdi esse grande amor, eu falei poisé: “ah eu sei que quando minha mãe vai ficar... minha mãe vai sofrer se eu fizer isso”. Então eu perdi a virgindade na prostituição. Então pra mim a virgindade não era nada mais. Se eu tava guardando tanto para o homem que eu amava, e por causa disso eu perdi ele, eu falei: vô lá! Chamei minha amiga e falei: “Vera, eu sei que você faz alguns coisas que você nunca me contou, mas eu sou a sua amiga, e eu sei”. E eu vim pra prostituição. A primeira pessoa que eu saí foi um professor. Ele me ensinou tudo o que eu não sabia. Muito gente dez ele, eu sou amiga dele até o dia de hoje. Amiga que eu quero dizer não amante, amiga de amiga. E, bem interessante. Então eu cheguei em casa nesse dia e falei assim pro meu pai e pra minha mãe: hoje vocês têm uma filha, eu trabalhava num escritório administrativa numa grande imobiliária, vocês tem uma filha que trabalha num escritório, que vocês tinham orgulho, pois hoje, além disso, ela é prostituta.

***Como é esse trabalho que você faz de rondas na noite?***

Então, o que a gente faz: a gente pega preservativo, vai nas casas noturnas, entrega pras mulheres os preservativos com esses folderes educativos que você pegou, e a gente conversa com elas individualmente. Tem um dia da semana que a gente marca na casa “x” pra fazer uma oficina. Ou seja, falar sobre tipo de doença. Lá na “casa do Jorge” apareceu sobre HPV, que é pra gente levar essa oficina lá, que as mulheres tão lá caíram na prostituição agora, vieram pra cá agora, por alguns motivos... Quando eu falo “caíram” é que é um termo usado pelas mulheres tá, “caíram na prostituição”, elas vieram pra cá trabalhar, exercer a função. E elas não sabem então elas pediram pra levar sobre o tema HPV. A gente orienta as meninas que trabalham aqui pra elas tarem falando sobre essa doença em determinada casa. E nós falamos, Antigamente nós falávamos muito sobre Aids e cidadania, aí a gente começou, a gente descobriu, que as meninas queriam falar aquilo que elas queriam, não era aquilo que nós queríamos. Elas queriam contar que o marido bateu, que o filho tá doente, que ela cortou a perna, que ela levou três ponto no olho, que ela bebeu, que ela desmaiou, que a mãe dela não trata ela bem, que só quando ela leva dinheiro em casa, que quando ela não leva, não trata. Então a gente chega lá e pergunta: qual assunto você quer falar? Então elas colocam o assunto pra nós. Se é um assunto que nós não conhecemos, nós levamos, a gente vem, se orienta e leva lá. Uma das coisas que a população acha também, é que as prostitutas fazem muito aborto. Isso é mentira. Aborto faz outras mulheres da sociedade. As prostitutas não querem saber quem é o pai do filho, elas querem saber que o filho é delas. E que elas vão assumir o filho. Daí elas vêm naquela luta: ganham o nenê e vêm pra luta pra sustentar seus filhos. E é muito difícil também ter filho de prostituta aqui pelas ruas, sabe. Muito difícil.

***Retomando os principais dados sobre a prostituição em Curitiba.***

Até 2005 nós tínhamos 3.174 locais de prostituição, que é casa, bares, boates, saunas, as chamadas salas... que você chamou como... como você chamou? Os flats. E temos 30 mil mulheres se prostituindo dentro de Curitiba vindo da região metropolitana. Elas se centram todas no Centro. Não vou dizer pra você que toda noite tem 30 mil mulheres, porque elas vêm durante o dia, agora pra mim dizer pra você assim os pontos principais, não tem um ponto principal. Na verdade, toda Curitiba tem um ponto de prostituição. A mulher que se prostitui pode tá passando lá na “conchinchina” lá que nunca houve prostituição, mexer com o homem e fazer um programa com ele. Antigamente era a Riachuelo, que era um ponto de prostituição bem famoso de Curitiba. Hoje já não. Hoje já tem Passeio Público, tem Santos Andrade, tem Generoso Marques, tem 13 de Maio, tem Alfredo Bufren, Tobias de Macedo, Largo da Ordem. As mais faladas eram Saldanha Marinho e Riachuelo. Tem Carlos Gomes, tem Rui Barbosa, tem Avenida Iguaçú, tem Getúlio Vargas, tem Piquiri, tem Alferes Poli, tem Westphalen, tem ‘n’ casas, tem ‘n’ locais pra... Hoje elas também estão na, começaram vir agora, as mulheres tão vindo também na Engenheiro Rebouças, lá em baixo, lá na Capanema. É Capanema ali? Não, no Parolin. Elas estão ali entre Wenceslau Braz agora, tem o chá do almoço por ali, João Bettega que não tinha... Juscelino Kubitschek... Então tem vários lugares.

***Qual é o maior medo da mulher que se prostitui hoje? Ou são vários? O que elas te contam?***

Na verdade, acho que tem dois fatores que assustam muito a mulher que faz programa hoje, a prostituta. É o envelhecimento sozinho, porque não precisa ser prostituta pra ficar sozinha. A gente vê aí na sociedade muitos filhos que abandonam os pais quando eles estão aí, decadentes, já tão... né. E outro é estar com uma infecção que não tenha cura. Eu, pra mim, eu



enquanto pessoa, a minha maior preocupação é na verdade, é assim, eu digo sempre pra Deus: “Deus, assim você tirar muita coisa de mim, mas por favor, não tire minhas pernas”. Porque minhas pernas? Porque eu não sei ficar parada. Minhas pernas me levam em todos os lugares que eu quero. Então o meu medo é o único medo que eu tenho pra mim seria perder as minhas pernas, ficar imóvel, sabe. Porque as minhas pernas é o órgão que me leva por todos os lugares que eu precisando ir. Ou seja, eu não quero ficar precisando de alguém pra tá me acompanhando em alguns locais. E me preocupa bastante é a situação de ter que passar por uma rua e virar o rosto por uma mulher que esteja na rua ganhando o seu dinheiro sabe. Então muita gente: “Porque você não vai ser vendedora, não vai ser isso, vai ser aquilo?”. Eu acho que eu perderia muito o meu eu novamente. Eu não poderia sentar na beira da calçada com o menino que tá usando crack e dizer pra ele: “Isso é prejudicial pra você. Isso não é legal”. Eu teria que ter outras rédeas. Teria que ter outro parâmetro de vida sabe. E a coisa que eu mais gosto mesmo é ir nos fervejos mesmo, ver as coisas, falar com elas.

***Qual é o maior orgulho seu em todo esse trabalho feito até hoje? Tem algo que você ainda sente que falta fazer, alguma tarefa inacabada nesse trabalho, muito ainda por fazer?***

Eu tenho que superar minha bondade. Eu tenho que aprender a ser mais rígida com as pessoas e não sempre passar a mão na cabeça das pessoas e dizer: “Não, mas essa pessoa vai melhorar”, “Essa pessoa é assim, mas eu gosto muito dela”. Ou seja, ter gratidão pelas pessoas que me fizeram alguma coisa na vida. Eu tenho que mudar esse comportamento. Todas as mulheres, na verdade, entendeu. Eu vivo a vida delas, o problema delas, a cada dia, e isso eu tenho que superar. Eu não aprendi superar. A dor delas é a minha dor. Por quê? Eu falava em família agora há pouco e quero deixar bem registrado pra vocês o que eu já te falei isso. Família pra mim, eu comemoro meu aniversário com a minha família, sim, mas eu gosto de comemorar meu aniversário e datas importantes com a minha família aqui da rua. Porque nós nos tornamos uma grande família, sabe?! Então o problema que elas têm lá, é o meu problema também. A minha felicidade é a delas e a felicidade delas é a minha. ... E eu vou dizer pra você uma coisa, eu tenho o maior orgulho na minha vida, e acho que realmente eu teria que estar no lugar que eu estou, teria que ter passado pela prostituição, eu teria que ser prostituta, eu me orgulho muito disso, porque isso me fez ser uma pessoa boa, de coração, sabe, eu aprendi muito com isso. E talvez se eu não tivesse sido prostituta eu teria sido uma pessoa mesquinha, uma pessoa prepotente, uma pessoa nojenta. Porque eu to te dizendo isso porque eu me conheci bem antes de seguir essa profissão entendeu?! Então tive que realmente passar por tudo isso. Cabou?

***[Não.] O que elas representam pra você? O que você sente por elas?***

É como se elas fossem da minha família. Entendeu? Se elas estão bem, eu estou bem. Eu quero que elas estejam pra que eu fique bem. Porque eu sei a vida que elas tão aqui, o sofrimento que elas passam, as mesmas dores que eu senti elas sentem, pode ser por amor ou por outras coisas. Eu tava pensando assim: “Poxa vida, toda mulher tem o seu momento de perder a virgindade, com amor, com carinho né”. E aí eu penso assim comigo: “Que jeito mais estúpido de perder a virgindade né”. Se deitar com um homem que você nunca viu. Talvez além de perder o homem que eu amava, eu ainda perdi uma coisa. Perdi não uma virgindade viu. Perdi um sonho. Tudo que podia ser bom e belo se tornou uma coisa pesada, sabe?! Mas não vou ficar triste. Tudo vai dar certo.

***Qual foi a história mais dolorosa que você já escutou de uma mulher que trabalha como prostituta? Que tocou você e que você levou com você?***

Eu acho que o que me doeu muito e acho que essa pessoa também sofreu muito com isso, são duas coisas que eu escutei, que me deixaram bastante assim, pensando e sofri com essas pessoas. Foi a história de uma mulher que tinha um irmão que era deficiente – ele era paraplégico ou tetraplégico, uma coisa assim – e que o pai dela ela pegou muitas vezes o pai dela transando com ele, sabe?! Não respeitando a doença dele. Que ela achava que sexo assim era absurdo, a perdição do mundo, quando criança ela vivenciou isso sabe. E diz que ela escutava o irmão chorar, sabe, o irmão tinha 7 anos de idade. E ela sofreu muito junto com o irmão sabe. Parece que aos 15 anos o irmão dela veio a óbito, morreu, e ela sofreu muito com isso. Isso fez com que ela deixasse a casa dos pais, porque o pai já tinha tentado muitas vezes estuprá-la, tal, e ela deixou e saiu, e daí veio viver a vida, trabalhar enquanto prostituta pra sobreviver. Isso foi uma história que me deixou bastante perturbada na época, quando ela me contou isso não tínhamos nem um grupo formado, nós ficávamos aqui, ela ficava perto de mim trabalhando, eu lembro o quanto ela sofria, e até hoje, quando ela lembra isso, ela chora bastante. E outra foi que isso aconteceu com uma pessoa que foi o meu marido, essa pessoa foi meu marido muitos anos, 10 anos eu vivi com ele, o meu marido assim, inteligente, inteligente, inteligente, mas ruim que nem um cão. Não bebia, não usava droga, nem nada. Mas você não podia nem respirar porque ele fazia desenhos de interiores pras empresas, e ele tava lá com a prancheta dele lá, e se alguma coisa desse errado, quem apanha era eu. Nossa, quando eu vejo essa mulherada reclamar que alguém bateu nelas eu dizia: “Pronto, nem sabem apanhar né”. Nunca viram um homem bater nelas ainda. Então não tinha. Tudo que acontecia era eu, era eu, eu era espancada 24 horas por dia. Aí, em 1992, eu me separei dele. Me separei dele e só encontrei ele agora em 2005, novamente, sei onde ele mora, pai, mãe, ele mora sozinho.

***Você nota assim que a sociedade tem muitas dessas, não sei se é a palavra correta, mas dessas “perversões”, estupro, traumas...?***

Sabe o que eu tenho notado, não só prostituta, mas em toda família, existe isso. Existe pedofilia, existe estupro, existe isso, existe aquilo. Só que as famílias, pelo falso moralismo, eles tapam o sol com a peneira e esquecem do sentimento da pessoa que foi agredida, do sentimento da pessoa que foi estuprada, sabe?! Eles esquecem, não mexem com polícia, não mexem com agressor e não mexem com a vítima. E deixam as coisas impunes. E não é só na prostituição, é no geral. O medo que o seu parente saiba que a sua irmã foi estuprada pelo pai, pelo padastro, pelo irmão, faz com que eles abafem. O medo de saberem que vai dar polícia no meio, eles abafam as coisas. Não é só na prostituição, é em todos os lugares. Nós prostitutas, nós nos calamos diante de alguns fatos muito graves aqui na sociedade. Que as meninas que mora na rua, muitas vezes a gente passa na madrugada, tão homens transando com meninas de 10 anos, de 8 anos, né?! E que nós não podemos fazer nada. Lá na sarjeta! Você passa e você vê esse tipo de coisa acontecendo. A mãe dela na sarjeta também, roncando de boquinha aberta, enquanto um filho da puta tá lá estuprando a filha dela. Sabe?! Nós não fazemos nada. Nem eu, nem a polícia, e nem ninguém. Se faz vista grossa pra esse tipo de situação. Se você tiver apanhando de alguém na rua, você mulher com teu marido. Você tá brigando, você tá apanhando, todo mundo passa e vê ele te bater, mas ninguém se mete, se mete? Deixa você apanhar sozinha. Isso é um fato. Muito lá vez em quando... a viatura parece que nunca nem passou lá naquela rua. Se esperar socorro, esquece.

***Você acha então que a hipocrisia da sociedade...?***

A hipocrisia da sociedade, exatamente. A hipocrisia da sociedade que tem sempre a tapar os olhos. Ela só quer ver aquilo que ela quer ver. Quer ver a prostituição, falar que os outros

“isso”... mas realmente os fatores que levam, não, sabe. Eu fico muito triste com essa situação. Eu na minha rua vejo aqui todos os dias isso. Todos os dias. Acontece aqui na rua. Porque eu mexo com a população, e a população usa droga. Eu não vou lá perguntar se a pessoa tem droga, entendeu? Eu vou lá falar pra ela sobre o preservativo e sobre cidadania. E eu falo sobre droga com ela, mas não vou falar: “Você usa droga?!”. Quando eu sei que a mulher usa droga eu digo: “Olha, não precisa fumar 60 pedra por dia, fuma uma que é o mesmo efeito”. Não gaste seu dinheiro. Não se mate, entendeu?! Isso eu posso falar. Eu quero mudança de comportamento, mas eu não posso obrigar as pessoas. Como é que eu vou obrigar as pessoas a mudar o comportamento? Não tem. Nós falamos com ladrão? Nós falamos. Nós conhecemos o ladrão na cidade? Nós conhecemos. Nós conhecemos aquele que rouba carteira, aquele que rouba loja, a gente conhece. Mas nós não somos de acordo com isso. Mas eu não posso ir lá prender o ladrão que não é o meu papel.

***E qual é o teu papel? Como você define esse papel em algumas palavras?***

É, na verdade, a gente faz um papel de educadora. Um papel de educadora por mudanças de comportamento. Damos informações e informamos na verdade. Levando lá cidadania, direitos humanos, que elas têm direitos, que elas podem reclamar.

***Na sede aqui do Grupo vocês dividem o espaço agora com uma igreja...***

Nós temos uma parceira com a igreja cristã ABA, onde se faz um trabalho não só com as prostitutas mas com todas as pessoas que moram na rua. Toda terça-feira tem 100 pessoas aqui dentro. Eles escutam o culto, a gente dá sanduíche e marmiteira pra eles, cobertores, roupas, em parceria com a igreja. Então a igreja não fala que a prostituição é pecado, na verdade, pra nós, e nós não falamos sobre o uso do preservativo, que não existe fidelidade. A gente trabalha muito bem junto. A gente escuta o que eles têm pra falar sobre Jesus Cristo, que eu acho que ninguém vai... que a gente acha que Jesus Cristo é o ser mais importante que a gente tem e acho que não faz mal a ninguém escutar falar de Jesus Cristo, independentemente daqueles que tão embriagados, drogados... Mas é uma parceria boa. Fortalece a gente porque a gente vê que as pessoas têm dado espaço, pra dizer assim, a prostituta realmente pode estar em qualquer espaço, desde que saiba se portar no local. Porque nós podemos viver no mesmo espaço. Se outras profissões vivem no mesmo espaço, porque a prostituta não pode viver? Eu tenho umas fitas aí que eu poderia mostrar pra vocês – mas vocês vão levar de 5 a 6 dias pra ver –, de seminários onde a gente fez sobre prostituição, onde a gente trouxe a igreja cantando com o coral, o pastor falando, um teatro, uns meninos dançando da Febem, pra dizer assim: nós podemos estar ocupando o mesmo espaço. Se a gente souber respeitar um ao outro.

***E o projeto que você comentou, sobre as mulheres que dançam aqui? Como é que é ver elas dançando?***

Você sabe que a coisa melhor que tem é assim né. Porque a gente começou esse projeto agora. Então esse projeto é “Batalhando na melhor idade”. Porque prostituta aos 40 anos já tá na terceira idade. Na verdade. E aí pra gente resgatar a auto-estima delas e elas usar o preservativo, e ter uma qualidade de vida, e procurar os médicos, e ir pra suas consultas, então a gente agora tem um professor de dança na quinta-feira que elas vêm aqui dançar. Ontem elas dizem assim pra nós: “Como é bom a gente vir aqui dançar, a gente espairose a cabeça, a gente sai daqui mais leve”. Porque tem muitas mulheres que não vão no bar. Tem muitas

mulheres que não vão que era o meu caso. Até o começo do ano aí eu não ia pra lugar nenhum. Eu ia de casa pro trabalho, do trabalho pra casa.

***E o glamour da vida da prostituta? Você falou naquele projeto o “Púrpura da Noite”...***

Ah, pois é. Nosso primeiro projeto financiado pelo Ministério da Saúde chamava-se Púrpura da Noite. Nós temos cartazes aí, o banner. É um prédio de Curitiba, com uma mulher morena, bem na noite mesmo. Porque todo mundo fala que a prostituição é glamourosa. A prostituição é glamourosa sim, até porque eu não te falei que Dercy Gonçalves era prostituta antes de ser bailarina, né, ela foi primeiro prostituta pra depois ser bailarina, e ela sempre frisou muito isso na televisão. Que pra elas ser atriz tal, ela passou por todo esse estigma de prostituição e tal, e passou pela prostituição. Então eu digo assim: existe glamour na prostituição? Se você olhar por um lado, existe. Porque você tem 18 anos, você tá lá muito bem vestida, os homens te desejando, o que melhor que um homem desejar uma mulher, o ego dela fica muito fortalecido entendeu?! Só que nós colocamos Púrpura da Noite porque, pra nós glamouroso é o trabalho que nós desenvolvemos com elas. O Cuidado da sua saúde, das DSTs HIV Aids, e também da cidadania. Então, glamouroso pra nós é isso. Então púrpura da noite pra nós... é uma coisa vermelha, e tal. E de novo eu vou te falar da Bíblia viu?! Na Bíblia existia uma mulher que era prostituta chamada Lídia, que ela era vendedora de Púrpura. Ela vendia só tecidos vermelhos pras mulheres fazerem seus vestidos. Além da prostituição.

***Quer dizer a prostituta ela é santa, ela é mãe...?***

É tudo, exatamente. Ela busca renda, sabe, e aqui nós durante esses anos nós estamos tentando não tira-las da prostituição. Essa não é a palavra certa. Nós estamos tentando mostrar pra elas um novo horizonte. Que eu posso ser prostituta, mas eu posso ser advogada, eu posso ser médica, eu posso ser costureira, eu posso ser cabeleireira, eu posso ser o que eu quiser ser e que eu venha fazer uma formação, não vou deixar a prostituição mas amanhã, depois, eu vou ter outra função, outra profissão, pra mim tá, sabe. Assim, tem uma menina que veio aqui agora esses dias fala assim pra mim: “Carmem, você sabia que eu to fazendo curso de auxiliar de enfermagem, o técnico?”. Pode não parecer muito, mas é muito. Ela paga a sua escola com o dinheiro da prostituição. E ela diz que às vezes ela costuma escutar algumas gracinhas dentro da sala de aula, que ela tem vontade de dizer: “Prostituta não é todo esse bicho aí não!”. Porque a gente tem medo daquilo que a gente não conhece, do escuro. Toda pessoa tem medo do escuro. O que é escuro pra ele é uma coisa feia, é uma coisa muito ruim. Então primeiro você tem que conhecer a pessoa pra daí a profissão. Eu sempre digo o seguinte: que o mundo seria bem melhor, se nós nos respeitássemos enquanto pessoa, e não enquanto profissões. Profissão não quer dizer nada. Estudo, não quer dizer nada. Se não o presidente Lula não tava lá. E o presidente Lula tem a 8ª série. E ele tá lá na presidência. E cá pra nós, eu tiro meu chapéu pra ele. Tiro meu chapéu pra ele porque ele foi um presidente consciente de que quando... Nós tínhamos no Brasil dinheiro vindo dos Estados Unidos pra trabalhar com prostituta, homossexual, parará, bereré, bururu (etc). Presidente tinha que assinar um documento dizendo que era contra a prostituição no Brasil, pra continuar recebendo esse dinheiro. Ele não assinou! Ele não assinou. Ele simplesmente disse: eu não sou contra a prostituição. “Nós temos que dar um jeito de fazer com que as pessoas consigam outro método de ganhar dinheiro, mas eu não sou contra a prostituição”. E ele não assinou. E nós perdemos 1 milhão de reais. A ONG perdeu 1 milhão de reais por isso. Eu podia ficar muito enfurecida com isso. Mas ele disse: “não, contra a prostituição eu não vou assinar, e ele não assinou”. Não fez o que os Estados Unidos quis.

## APÊNDICE E

### Márcio César Ferraciolli

FERRACIOLLI, M. C. *Aspectos do trabalho na prostituição feminina: entrevista com psicólogo e professor Mestre em Psicologia Comunitária e do Trabalho*. Curitiba, 23 de setembro de 2008.

#### *Qual é a tua formação e relação de conhecimento com o tema da prostituição?*

Como psicólogo a gente pensa em entender o trabalho em qualquer aspecto ou local onde ocorram relações de trabalho. Aí entram movimentos sociais, trabalhos formais, trabalhos informais, e no caso, da mulher prostituída, que também é uma forma de trabalho. Ela não é um trabalho reconhecido nem regulamentado, mas é um trabalho que historicamente tem se constituído. E cada vez mais com o novo espaço que a mulher tem vivido, essa própria profissão tem se transformado também e se apresentado à sociedade de maneiras diferenciadas.

#### *Pelo que você conhece, como era a prostituição em todo o seu histórico, o que tem de novo hoje? Porque elas estão se associando agora, estão reivindicando serem chamadas de “profissionais do sexo”, porque está se dando isso hoje com maior ênfase?*

Nós estamos vendo as transformações sociais. Então pensar a sexualidade, pensar o trabalho da mulher prostituída há 100 anos atrás é um tipo de estereótipo que se encontrava. Aí tem a ver com a própria história da mulher. Então quando a mulher sai pro mercado de trabalho – e não quer dizer que ela sai pra prostituição –, quando ela sai pro mercado de trabalho, ela abre brechas e abre espaços pra própria mulher enquanto mulher conquiste o seu espaço na sociedade. E aí entra o espaço da mulher que é uma mulher prostituída, porque a gente fala em prostituta, mas esquece que ali tem uma mulher. Então as pessoas vêem uma prostituta andando, não vêem uma mulher andando. Então essa mulher que é prostituta, ou que se prostitui, ou que é uma mulher prostituída, ela passa também a lutar pelos seus direitos enquanto mulher prostituída. E isso ela começa a entender que ela tem mais espaço, mais vez e voz na sociedade. E isso tem a ver com a transformação da família, e porque com a transformação da família? Porque nós ainda temos na nossa história uma idéia de família nuclear, que é mais ou menos família do século 17, pai, mãe, filho. É tão forte isso que, digamos, há 20, 30 anos atrás, quando uma menina ficava grávida e o parceiro namorado, alguém não assumia, era uma vergonha pra família como um todo, porque automaticamente se colocava uma idéia pejorativa numa mulher que se prostituía ou que, vou usar um termo entre aspas aqui, de “vagabunda”, e que ela envergonhava a família. E muitas delas, infelizmente ou felizmente – é uma questão que tem que ser analisada caso a caso –, elas começam a tomar vida própria. E entre essa vida própria, algumas começam até por achar que momentaneamente, a questão de vida de prostituição. Logo eu estou dizendo que tem mulheres que estão na vida de prostituição acreditando que um dia vão sair, e tem outras que falam “não, essa é minha profissão”, algumas assumem isso. Então cada caso é um caso. Então as mulheres têm um novo espaço de trabalho na vida social, agora o que faz com o novo espaço depende do objetivo e das condições de vida de cada um. Então as novas formas de fazer prostituição ou de ver a prostituição têm a ver com as novas formas de relação de mercado de trabalho, ou seja, tem a ver com as atuais transformações no mundo do trabalho.

*Você fala então nessa nova configuração do mercado de trabalho, da mulher saindo no espaço público e da família também. Mas no Brasil ainda tem aquela concepção de família*

*nuclear, e ainda – talvez não sei se um agravante, mas ainda, um fator a mais – que é a parte católica. Matrimônio, maternidade, como é que se costuma ver a questão do casamento, da família, em relação à prostituição? São coisas antagônicas ou se está flexibilizando esse entendimento?*

Eu não posso falar em nome da Psicologia como um todo, porque a Psicologia hoje não existe, são várias psicologias. Então existem várias formas de pensar a Psicologia. Eu tenho trabalhado numa perspectiva da Psicologia em que nós entendemos que o ser humano vive um contexto histórico e concreto de vida. E é esse contexto que faz ele ser de um jeito ou de outro, são suas condições materiais. E quando uso condições materiais aqui não to falando que é no sentido de possuir bens. A pessoa que não possui bens também vive condições materiais específicas. Não estou dizendo em nome da Psicologia como um todo, mas tendo uma perspectiva que estuda a Psicologia, nós compreendemos que esta mulher ela não está assim porque um mercado... havia um mercado de prostituição, não é isso. To falando que as condições de trabalho, as condições de vida, colocam um novo espaço de “ser família”. Automaticamente as condições de trabalho, as condições de vida, colocam um novo espaço de ser mulher prostituída. Então eu não to falando que a família possibilitou a prostituição, não é isso. To colocando que essa vida de mulher prostituída ela também vem se transformando de acordo com as condições de tempo. Então é um paralelo. Agora, a família brasileira nós temos aí, é verdade, estatisticamente nós temos um número elevado de pessoas que se dizem cristãs e, principalmente, católicas. Mas aí vem também, me permitam aí um termo de “hipocrisia”, no sentido de que: há um moralismo por trás dessa palavra. Não sei se é o cristianismo ou se é o catolicismo, que vai impedir uma mulher de ser prostituída ou não. Porque geralmente às vezes as pessoas não falam da prostituição no sentido da prostituição em si mas da vergonha social. É igual a questão da homossexualidade. A gente pergunta: “porque que você não quer que um filho seu seja homossexual?”. E às vezes não é por causa da questão da sexualidade, mas do que a sociedade vai falar dela. Então isso é um moralismo muito ainda de pertencimento ainda de uma certa aparência, que eu não sei se tem a ver apenas com o aspecto religioso, embora eu ache que isso contribua bastante também. O que tem que tomar cuidado aqui é não colocar o aspecto religioso no sentido de algo de fato porque eu não tenho estudado religiosidade, a religião, com prostituição. Daí eu estaria também inventando coisas né, o que eu posso falar é uma hipótese. Hipótese que a religião contribui sim, mas não sozinha. É pra manter um status familiar. Agora não quer dizer que toda pessoa pelo fato de ser religioso pensa da mesma maneira. Às vezes as pessoas fazem coisas que a própria religião não permite, mas quando é pra acusar o estereótipo de prostituição fica mais fácil. Mas temos também uma questão de aparência.

*Que estereótipo é esse da prostituta? Como que é? Detalhando ele, o que as pessoas, o que o senso comum pensa sobre a prostituta?*

Pecaminoso, olhando do aspecto religioso; vulgar, vida fácil, que na verdade você depois que começa a estudar você vai ver que essa “vida fácil” é um discurso. Um outro estereótipo que colocam é que ela quer ganhar dinheiro fácil, é uma safada, é como se fosse um tipo de “roubar” o homem da mulher, por isso ela que também ela é colocada nesse estereótipo... Eu não sei se necessariamente ela rouba alguém. O que acontece é que existe uma formação machista que alimenta a prostituição também. Então juntando o machismo com a possibilidade financeira, há o processo de prostituição. Olhando o lado do homem, também existe a prostituição masculina. Porque a gente quando fala em prostituição a gente geralmente pensa em mulheres. Então existe os dois. O que dá maior ênfase na história, é a feminina. Até por causa da mulher ser tratada historicamente, independente da prostituição,

como objeto. O objeto do sexo, o objeto da casa. O objeto que não tem valor. Então a questão da mulher é um plano fundamental pra discussão. A prostituição é uma das formas de expressão da mulher, que tem a ver com conseqüências históricas também.

*E esse preconceito que tem, na Antiguidade a prostituição era até regulamentada, os bordéis (inclusive). Claro que tinha uma sociedade bem diferente. Hoje, o que precisa ser discutido pra você pensar a regulamentação e passar a entender e a ver a prostituição como uma profissão do sexo? Que mentalidades, o que precisa avançar nessa discussão, conhecer mais a vida delas, ou... ?*

Quando eu trabalho com mulheres prostituídas eu não trabalho com prostituição. Eu trabalho com mulheres prostituídas. Então eu não tenho a pretensão de tirar nem de pôr ninguém na prostituição. Eu trabalho com a mulher que por acaso é prostituta por um motivo ou outro. Então assim eu não tenho nem uma discussão que fala assim, “ó tem que regulamentar ou não a profissão da mulher prostituída”. O que eu penso é na saúde da mulher. Agora por exemplo, nós podemos pensar – já teve até uma experiência numa cidade de Santa Catarina, aqui no Sul do Brasil – em que nós tentamos montar um sindicato das mulheres prostituídas. Mas as pessoas pensam assim: “ah, mas porque montar um sindicato de mulher prostituída?”. Elas desorganizadas já tão nos nossos maridos – vamo colocar um termo moral aí. É que nós tamo pensando no trabalho, enquanto condições de trabalho e condições de saúde. Por exemplo, existe uma mulher prostituída que trabalha na rua, existe uma mulher prostituída que trabalha em algumas boates, existe uma mulher prostituída que trabalha de freelancer, vamos chamar assim, ela pega o telefone, coloca no jornal, você liga pra ela, ela te atende em casa, ou te atende no apartamento ‘x’. São várias formas de expressão e outras que eu não to lembrando agora da mulher prostituída. Agora o que tem em comum em todas elas é a preocupação com a saúde. Então, por exemplo, em algumas boates que eu fui eles falavam assim: “a mulher aqui a cada três meses, tem que fazer um exame de saúde”. Eu não sei se essa mulher que tá na rua, desprovida de condições de trabalho, ela tem condições de fazer isso regularmente. Ela tem pelo sistema público de saúde, ninguém tá negando que tenha, to colocando assim como necessidade da profissão. Então, se for pensar pelo aspecto da saúde, por condições de trabalho, eu acho que tem que organizar qualquer profissão, inclusive a da mulher prostituída. Agora vir a regulamentar é uma discussão que cabe ao próprio movimento. Porque daí eu não quero aqui partir da apologia de se fazer prostituição ou não. Minha idéia é ver uma mulher que se prostitui ou que é prostituída e que tem um problema de saúde enquanto trabalhadora. Porque eu trabalho com trabalhos informais também. Então pra mim a informalidade entra tanto a mulher prostituída como a outra pessoa. A diferença é que aí entra a questão do valor. Então por exemplo: eu sou religioso, tenho minha formação religiosa, tenho meus valores, então quando eu estou com a mulher lá, eu não estou com a mulher “prostituta”, estou com a mulher “prostituída”. Porque a partir do momento que eu vejo uma prostituta eu to vendo meus valores morais e os meus valores históricos. Aí eu vou falar o que pode e o que não pode! E eu tenho que ver como profissional. Não sou neutro, não acredito na neutralidade, mas quando estou lá o que importa é a vida daquela mulher. Por isso que fazer a apologia, e dizer que deve ou não regulamentar a profissão, eu não tenho condições ainda de pensar nisso. O que eu tenho a dizer sim é que essa prática devia ter um controle sobre saúde. E aí independente da profissão.

*E nesses trabalhos, nesses acompanhamentos que você fez, em boates e tal, como você nota, especificando, como que é a diferença, por exemplo, entre uma mulher que trabalha na rua, uma mulher que trabalha na boate, e uma que trabalha autônoma num flat? Que*

***“tipos” existem? E isso se reflete assim em comportamento, um padrão psicológico, ou não daria pra especificar?***

Existe uma maior proteção da mulher que trabalha na boate, porque lá, se acontece alguma coisa, tem alguém sempre na porta ou ao lado, que se ela gritar alguém vai lá e socorre. Por exemplo, sei de casos de mulher que perdeu o mamilo, porque o cara mordeu. Aí ela gritou alguém foi lá e socorreu, ela já tinha perdido... Mesmo assim é uma situação de risco no trabalho. Essa mulher que está na rua nem sempre tem essa possibilidade de proteção nas condições de trabalho. Porque eu falo de proteção? Porque é uma questão de saúde, além de pensar nas DSTs, as doenças sexualmente transmissíveis, existe a questão de violência no trabalho. As pessoas não se preocupam muito porque já tem um valor moral, “elas que se danem mesmo, quer ser prostituta, que apanhe!”. Então, quando a sociedade olha essa mulher num sentido moral, quer que elas apanhem, dane-se a vida delas. Agora quando a gente olha o sentido profissional, que estou vendo uma mulher que sofre, eu penso nas conseqüências da saúde e na violência contra a mulher. “Ah mas é prostituta...”. Peraí, é mulher, “pra mim não é”. Qualquer forma de violência tem que se prever na lei. Eu tenho casos de mulher que apanham até da própria polícia, justificando pelo fato de ser prostituta. Daí elas ficam com medo de se expor, até pela vergonha de ser prostituta. Aí entra uma outra dimensão, que nós havíamos conversado um pouco antes aqui, que algumas sentem culpa sim, tem algumas que têm vergonha sim, mas não quer dizer que todas elas venham a ter vergonha necessariamente pelo fato de ser prostituta. São dimensões talvez de que eu possa falar dessa mulher da mulher quem estou falando. Estou falando da mulher que está entrando na prostituição com uma certa... por acreditar num certo período da sua vida ou estou falando daquela uma que está na prostituição que acredita que está é a sua vida profissional? Tem umas que falam, “sou prostituta, sou profissional do sexo sim, e daí?!”. Então pra mim é uma profissão. Agora, os aspectos psicológicos se dão nas condições de trabalho. Então, por exemplo, quando uma mulher ela é agredida, ela vai deitar ou ter uma relação com alguém que ela não conhece e, infelizmente existe ainda na mentalidade de muitos homens que é transar sem camisinha, e muitas mulheres já estão lutando, graças a ONGs, a essa... a Liberdade né, em que as mulheres começam a lutar pelos seus direitos de prostituição. “Só transo com camisinha, só com camisinha”. Aí ela começa a ter autonomia, mas nem todas têm essa autonomia. Por isso que a questão... verificar o cuidado do trabalho seria entender os aspectos psicológicos do trabalho também, da violência do trabalho, assédio moral e assédio sexual. “Ah, vou falar em assédio sexual com prostitutas? Sim!”. Não é pelo fato de ser prostituta que tem que ser assediada sexualmente. Quando a gente pensa assim a gente tá colaborando com o estereótipo de objeto. E às vezes a própria faculdade, a própria literatura, alimenta o estereótipo, ao invés de discuti-lo. Então por exemplo a idéia de montar uma organização das mulheres prostituídas é também pensar na exploração sexual infantil. Por exemplo, nós trabalhamos, e isso tá de acordo com os movimentos sociais também, não existe prostituição infantil em Curitiba, por exemplo. Não sei se você sabe disso? Não existe. Daí as pessoas dizem: “como não? Eu vejo criança...”. Pois é. O que existe é exploração sexual infantil. Como é que eu posso, uma criança de 5 anos que é explorada sexualmente, e explorada no seu trabalho, na sua vida diária, como corpo, como pessoa, de prostituta? Que que eu estou fazendo quando eu chamo uma criança de prostituta? Eu estou dando uma profissão a ela? Que que eu faço? Então os aspectos morais têm a ver com as condições de trabalho, tem a ver com aspectos sociais, tem a ver assim, algumas têm vergonha de ser prostitutas, por isso que fica num lugar mais segregado, tem outras que usam codinomes, que por exemplo tá no seu apartamento tá protegida, ninguém sabe. E tem outras que vão à rua. Mas quais delas assumem? Daí é difícil falar.



***E nessas histórias, enfim, você deve ter conhecido já alguns perfis de mulheres, de prostitutas pelos trabalhos. Tem algum caso que te chamou a atenção, pelas condições de trabalho mesmo bem diferenciadas?***

Eu não sei. Talvez no começo tivesse muito caso que me chamava a atenção. Agora eu to tão assim, meio normal a situação... Mas o que mais me chama atenção mesmo, é uma nova forma da mulher se colocar, são as mulheres casadas que são prostitutas e assumem junto com o casamento. Por isso que eu falei, ninguém é neutro, tem a ver com os nossos valores morais né. Ou seja, a família está apoiando um novo tipo de trabalho. Tem mulher que fala assim: “eu sou prostituta e meu esposo sabe. Então tal horário estou me prostituindo. Quando estou em casa sou esposa, não sou prostituta”. Pra Curitiba o padrão assim histórico isso ainda acho que é muito assustador, mas já tem cidades que têm mais ênfase nisso. Talvez aqui tenha mas não apareça muito. Quando eu falo que não tem muito não quer dizer que não exista, talvez não apareça, mas tá aparecendo mais. Então isso me chamou muito a atenção quando eu comecei a descobrir isso, teve também em Chapecó, lá tinha pessoas que eram casadas, que iam pro mundo da prostituição, e o marido sabia. Eu sei que no Rio de Janeiro tem muita coisa disso aí, São Paulo tem, Floripa tem. Eu não to falando que aqui não tinha, é que aqui eu tô descobrindo agora, é outra discussão. Você começa a adentrar esse espaço social, você começa a conhecer as coisas. Então o que me chamou muito a atenção é essa nova forma da família ser família. Que quebra paradigmas, que quebra valores. Porque uma família que fala assim: “eu trabalho ‘x’, meu esposo trabalha com isso, minha esposa trabalha em casa até tal horário depois vai se prostituir”. Eu: “que família é essa? Que família de gente sacana!”. É um estereótipo que pode surgir. Porque as pessoas ainda têm uma família nuclear, pai, mãe, filho certinho, cada um com seu padrão, cada um com suas funções, como se isso bastasse né. E a sociedade hoje é outra. Então pra discutir a questão da mulher prostituída, discutir quem é hoje essa mulher no mundo. E quais os avanços e como é que isso tem se constituído. Aí a gente vai entender os aspectos morais e psicológicos. Porque o aspecto psicológico mesmo ele não é natural, ele é produzido. Então por exemplo, a sexualidade, vamo falar do homossexual. Se você pega o período grego lá, pederastia... era visto de um jeito. Hoje o que as pessoas... falou em homossexualidade, é visto de outro. Mas... e a mulher prostituída? Quer dizer, o problema é a prostituição, o problema é a homossexualidade, ou o problema são os valores que nós colocamos que nós colocamos a respeito de quem que deve ser o homem e quem que deve ser a mulher? Por isso que eu volto a afirmar, a gente não trabalha com prostituição, nós trabalhamos com mulheres prostituídas.

***Você comentou aí um ponto que a mulher, a prostituta, a mulher, prostituída, ela é vista... talvez pela sociedade e pelo homem, ela não é vista como mulher, é vista como prostituta...***

Um objeto.

***Como é que é? Queria que você focalize essa questão do objeto. Porque ela não é vista como uma mulher? Isso tem a ver com um estereótipo de mulher, existe isso ainda?***

Tem. Quando você compra um computador, o que você espera do computador? Que ele funcione. Que ele tenha o programa ‘x’, que ele te dê tais respostas, te dê determinada programação. Quando você compra o serviço de uma mulher prostituída, quê que você espera? O serviço, não a mulher. Então as pessoas, quando vão procurar a prostituição... Aí também tem dimensões, né. Tem uns que vão lá pra desabafar, e tem mulheres que detestam isso. Eu escutei uma expressão assim: “que meu ouvido não é penico”. Elas querem trabalhar, elas querem fazer uso do sexo, tempo ‘x’, mas não querem escutar as coisas, porque elas

perdem tempo, algumas. Tem algumas que falam assim: “a gente fica escutando tanto as pessoas que às vezes nem relação tem”. Isso também acontece. Então, assim, quando falo da mulher objeto, é na mulher num sentido mais genérico, não quer dizer que todo homem que a procure necessariamente chegue a pensar desta maneira. Agora, é mais fácil procurar essa mulher que ele se compromete menos socialmente, do que falar com a sua esposa, do que falar com alguém, então vai procurar essa mulher. Aí já é uma outra discussão. Então... mas ela continua sendo um objeto, porque ali ele sabe que há um certo sigilo, profissional. Se ele for comentar com a vizinha ou com alguém que... então talvez esse seja um aspecto. Esse objeto é transfigurado de acordo com o uso que se faz dele. [...] Algumas mulheres às vezes têm clientes fixos. Não sei se isso é do conhecimento de vocês, mas ó: tal, tal, tal. O que é mais interessante quando a gente vê esse cuidado da mulher com alguns clientes é que houve, há uma pesquisa aí que eu não sei ela aqui agora, houve um aumento absurdo de mulheres que contraíram o vírus HIV, que não são prostitutas, em decorrência de uma diminuição drástica das mulheres que são prostitutas, e que não tem o vírus HIV adquirido. Porque essas mulheres que começaram a se organizar, passaram a lutar pelas condições (sic) de trabalho da mulher, veja, não to falando da prostituição aí, mas das condições de trabalho, que no caso é prostituição, aí outras famílias deixaram de se cuidar tanto. Porque nós temos uma mania moral de colocar grupo de risco. Tem que acabar com isso. Então na década de 80 quando surge, eu digo que surge mais fortemente no Brasil, havia o grupo de risco. Então, grupo de risco homossexuais, mulheres prostitutas que chamava, “viados”, sei lá, que o pessoal chamava, esses nomes todos... Mas qualquer um de nós é um grupo de risco. Mas por trás do grupo de risco, quem tá de risco são na verdade as pessoas que não se cuidam, independentemente de ser a mulher prostituída ou não. Então voltando na tua pergunta, o que mais me chama atenção é essa nova configuração de ser família, de algumas mulheres, me chama mais atenção.

***Recentemente saiu notícia na Itália que lá eles vão proibir que prostitutas fiquem em certos locais [...]. E daí tá havendo um movimento lá assim de, quer dizer, fazer uma “higiene” assim mesmo. Como é que é visto isso assim no Brasil? Porque a Itália é um país extremamente católico né, e o Brasil também.***

Ser católico e manter a prática é duas coisas distintas. Porque basta ser batizado, mas assim, porque a estatística cresce. Eu não sei, porque tem alguns países, me parece que a Holanda, existem locus específicos onde há um espaço de prostituição. Eu nunca estive lá, então to colocando pela literatura, e coisa que a gente acompanha, então não vou ficar inventando aí. Essa discussão da Itália eu já ouvi, mas não tenho nenhum aprofundamento sobre ela. Também não sei quais são os reais motivos, em que cidades, em que locais que se diz isso. Porque as vezes as pessoas propagam as notícias, “não pode mais nas ruas”, mas quais ruas que não pode? E é a mesma coisa se chegar aqui em Curitiba, “não pode mais na rua XV”, em frente lá onde tem o negócio do Natal (Palácio Avenida). Por quê? Porque é um espaço turístico? Porque ninguém fala do Passeio Público? Ou a Ópera de Arame, ninguém discute. Ah, no Jardim Botânico ninguém fala que possa ter isso. Agora, o Passeio Público tá tão banalizado, que ninguém se lembra do espaço urbano. Aí é uma hipótese minha: eu não conheço o estudo da Itália, mas já ouvi falar, então é isso que quero deixar bem claro pra você, a impressão que eu tenho é que tem de se fazer assim, que espaço está sendo proibido e por quê? É em Roma, lá na vila São Pedro, lá na basílica de São Pedro? Eu acho que não. Porque ali ninguém vai permitir. Agora, em que locais não é de fato permitido? Em que locais é permitido? Que ver ó, existe aí uma discussão que Curitiba tem muita exploração sexual infantil em algumas vilas, mas porque que isso permanece? Não existem políticas públicas que dêem conta da criança? Não existe o Eca [Estatuto da Criança e do Adolescente]? Porque

que as pessoas não denunciam? Porque vêm a criança no sentido moral ainda, e não da exploração. Então se eu mando o meu filho ser explorado por um trabalho é uma coisa, ser explorado sexualmente, é outra – a questão do sexo –, mas a exploração continua... Então onde é que é permitido isso? É permitido aqui na Praça Santos Andrade? Aqui parece que é mais permitido isso, acontece um “locus” aqui, então de repente, vamos até colocar tendinhas de sexualidade. Já não sei se lá no Palácio do Governo iam permitir. Lá é mais santo do que aqui? Há controvérsias. Então, a questão na Itália acho que é interessante, é interessante pra discussão. Eu não tenho elementos concretos, eu tenho hipóteses né. Assim, acho que a hipótese é muito moral, turística, religiosa. Fora isso, essa higienização não sei se outros espaços da Itália funcionariam do mesmo jeito. Então é hipótese.

***Essa coisa da “polícia”. Ainda no século de 19 e no começo do século 20, havia um polícia (brasileira) dos costumes que editavam leis do tipo: “prostituta tem que se portar assim em determinados lugares, não pode fazer isso, isso e isso”. E hoje como é esse policiamento, quer dizer, o policiamento é hoje muito mais interiorizado, bem mais, como você falou, integrado aos espaços? Até entre essas próprias mulheres, é algo mais interiorizado?***

Olha, eu acho assim, na verdade temos que ver de que mulheres estamos falando. Tem acadêmicas que a gente sabe, principalmente de algumas universidade por aí, que pra manter o curso pago elas se prostituem. E elas se prostituem de tal forma que lá elas são prostitutas, aqui elas são acadêmicas. Ou seja: é a ‘duplidade’, é a dupla função. Então aqui, em hipótese alguma, dificilmente você vai reconhecer ela como mulher prostituída. Mas ela lá ela tem todo o estereótipo da dança, da roupa, do jeito de se colocar. Existe uns estudos antropológicos do espaço simbólico que certos usos você conhece pelo espaço do corpo, do jeito que o corpo se movimenta, e aqui elas se movimentam diferente. Então existe sim, não sei se é uma interiorização ou se é uma concepção de ser mulher num espaço, e ser em outro, pra se proteger enquanto mulher, porque é prostituta e tem que ser reconhecida aqui. Porque quando é as duas coisas, “não é certo né?!”. Então assim, uma coisa é essa mulher que tem essa possibilidade de fazer isso, agora tem certas mulheres já não tem essa preocupação, ficam na rua mesmo, “é aqui que é a minha praça o meu local de trabalho. Quem me procura sabe quem eu sou”. E tem a sua clientela fixa também. Então não é só aquela pessoa de boate – tem alguns termos, a prostituição de alto luxo, tem pessoas que usam esse termo. Bom, a prostituição de luxo porque elas tão numa boate que cobra ‘x’ mas tem as prostituições dessas altas sociedade também que fazem a mesma coisa só que não é reconhecida como profissão porque é através de trocas, essa interiorização do objeto de prostituição só, enquanto espaço social mesmo. E isso com determinada camada social. Agora, tem mulheres que não, que falam: “eu sou prostituta e assumo. Sou há vinte e poucos anos prostituta e trabalho com isso”. Qualquer lugar que ela vai ela assume isso. Então é uma luta ainda do movimento das mulheres prostituídas que algumas tão se colocando assim como se profissional do sexo. Tem algumas que não aceitam. Tem umas que não gostam. Dessa forma como se coloca. Daí vem as tuas pergunta né: é uma questão de medo, de insegurança, de vergonha, de culpa. Principalmente aquelas uma que falam assim: “eu só estou aqui momentaneamente”. Eu tava falando, a gente tem uma supervisão, daí a gente falava: uma mulher que era viciada em sexo. E conversava sobre isso. Mas era viciada em sexo, não tem nada a ver com prostituição, se ela tem compulsão por sexo, então ela que vá se tratar. Então não vem justificar isso, que a pessoa às vezes é viciada em sexo e se torna prostituta, não. Tem muita gente que é viciada em sexo, não se acha prostituta, transa em qualquer festa, em qualquer lugar. Então porque é que essa pessoa não é chamada de prostituta e essa outra é? A diferença no valor que se paga? Então perai: se é o valor que se paga eu posso ter um problema sexual de uma parafilia, ou um transtorno obsessivo, uma compulsão por sexo, mas não ser prostituta. Então não é ter

bastante relações sexuais, ou a possibilidade de ter relações com diferentes parceiros que define a prostituição ainda. Ainda é o objeto.

***Então, era aí que eu ia chegar. Tem uma definição bem materialista de prostituição que diz assim: “Uma troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos”. O que você tiraria ou acrescentaria a essa definição?***

Eu tiraria. “Favor” eu não acho não, é uma profissão, é um trabalho. Ninguém tá fazendo favor pra ninguém. Porque quando a pessoa coloca a conotação “é uma troca de favores” então eu vou procurar pela prostituta porque eu to carente emocionalmente, então ela vai me acariciar, ela vai suprir minhas necessidades afetivas. Eu não acho que seja isso. Pelo menos não do ponto de vista da maioria das mulheres prostituídas, não. Então não é um favor. Primeiro que é uma prática profissional mesmo, tá, não vejo como um favor. Agora, acrescentar eu não sei, acho a prostituição é um negócio, é um trabalho, que a mulher coloca o seu corpo à disposição de um trabalho, é o corpo da mulher que tá sendo oferecido naquele momento, cabo ali, é outra mulher. Então o momento da relação sexual ali é sim um troca financeira que ela tem uma função e essa função nem sempre é cumprida, sabe por quê? Porque tem homem que fala assim: “ah, vou buscar prazer com uma mulher prostituída”. Vai lá transa, transa, tem uma relação só, ejacula, sai, nem sabe se foi prazer ou não, às vezes é necessidade porque pelo fato de ser homem ele quer depositar seu esperma ou masturbar, ou ejacular e pronto. Não quer dizer saber se ele teve um prazer. Então esse é um conceito muito moralista assim, na minha opinião, ouvindo você agora falar assim. Agora isso porquê, porque é uma prática profissional, não quer dizer que necessariamente todas elas vão dar prazer ao homem, o homem parece sentir prazer pelo fato de ejacular, é o prazer de ejaculação, eu não sei se é o prazer do ato sexual. Por isso que a mulher é novamente um objeto. Eu vou fazer uma comparação ridícula que muitos talvez não concordem com isso: é a mesma coisa que comprar uma boneca inflável e ter uma relação sexual com um objeto, porque pra ele não é a mulher que tá enquanto mulher com ele ali ainda. É um objeto, é uma troca, é uma prática profissional. Ser regulamentada ou não já é outra discussão, mas que é uma prática é. E tem muitas mulheres que tão lá e algumas têm prazer... É uma outra discussão. Tem algumas que sentem prazer com alguns clientes sim. Tem aspecto afetivo, chegam a apaixonar-se por seus clientes, a casar com algum deles, não têm vida dupla... Não to falando que eu concorde, to falando que existem situações ali, porque a gente tá vendo o sentido profissional aqui. Porque daqui a pouco alguém vê a entrevista e fala: “ah, tá fazendo apologia à prostituição, à traição...”. Não é isso, to falando do fato do trabalho concreto daquela mulher, de situações que aparecem. E tem algumas que se mantêm, o cara tem uma família e tem uma cliente fixa. Ou ele é cliente fixo daquela mulher. E ela sente prazer com ele. Então outra questão: é um objeto, mas um objeto que tem vida. E às vezes esse objeto tem essa autonomia de não sentir prazer do que faz lá, e a outra vai sentir-se que ninguém é máquina mesmo. Aí tem essas duas...

***E o preconceito, entre elas? Como é que é? Porque tem uma (entrevistada) lá que não aceita ser chamada de prostituta ou garota de programa. Tem uma que diz: “eu sou... trabalho na noite, eu sou uma garota de programa, eu sou uma profissional do sexo”.***

Acho que existe um preconceito que é muito pela aparência e pelo status que se ocupa em determinado local. Geralmente essas que vêm e falam assim abertamente é porque elas têm uma outra função social em outro espaço. “Então, eu sou garota de programa e não aceito que me chame disso”. Por quê? Porque se me chamarem disso podem me prejudicar em outra coisa. Porque que é tão velado isso ainda, eu acho que o preconceito ele não existe no sentido

pela prostituição como prostituição, mas pelas conseqüências que ela traz enquanto espaço social. Acho que existe sim um preconceito entre elas, existe, existe um preconceito, mas também existe uma certa solidariedade, algumas cuidam do filho das outras. Então a gente não pode ficar só num lado, existem os dois lados. Existe uma certa compreensão, existe um certo apoio. E existem também os grupos. Como uma grande empresa se alicerça em grandes grupos, na prostituição não é diferente. Algumas que chamam de alto luxo, outras de classe média, tem assim, algumas vão se encontrando de acordo com os espaços sociais. Então se você conversar com uma mulher que é prostituída e que vive aqui na Praça Santos Andrade, por exemplo, você vai falar: quais são os seus círculos de amizade na prostituição? E vai conversar com essa mulher que tem lá o telefone à disposição no seu apartamento, ou vai lá “fazer entrega” do produto: quais são seus círculos de amizade na prostituição? Suiu uma pesquisa interessante, quantas mulheres, quais são seus círculos de amizade aqui e quais são seus círculos de amizade aqui. Aí vem uma hipótese, não posso confirmar, mas é pela vivência, pela prática aí, essa mulher que vive aqui (na Santos Andrade) tem muito mais amigas prostitutas que essa que vive aqui (no apartamento particular). Embora ela saiba da existência das outras.

***Quer dizer, aquela mulher que vive lá no Passeio Público teria um círculo maior de relações...***

Exatamente.

***Você tava falando do homem e da mulher, existe algum valor social, um estereótipo masculino que leve esse homem a procurar essa mulher, alguma coisa que a sociedade própria impõe desse homem procurar essa mulher...?***

Eu vou tentar historicizar bem rapidamente. Nós não nascemos nem homens nem mulheres. Nós nascemos seres humanos. O que nos torna homens e mulheres são papéis sociais que a sociedade nos impõe. Por exemplo, quando criança é comum, embora esteja mudando, vou deixar bem claro aqui, que se uma menina faz uma brincadeira: “isso é coisa de moça fazer? Isso é coisa de menina fazer?”. Se o moleque fala alguma besteira: “esse vai ser macho, ó, tá batendo no outro, esse vai ser macho...”. Então há uma construção histórica de uma certa “função” do que é ser homem e ser mulher. Então assim o homem que a procura é porque há uma certa naturalização de que o homem sente mais necessidade de sexo do que a mulher. Tem gente que fala assim: “eu não consigo ficar sem sexo”. E por trás disso vêm vários discursos aí. Então assim, há sim uma alimentação do homem enquanto ser que procura mais sexo do que a mulher, como se a mulher não fosse. Se a gente for ver na prática hoje não é essa diferença. Porque, não sei se vocês observam, tá sumindo aquele termo “homem galinha”. Não tá tendo mais assim tantas vezes um homem sendo chamado como “galinha” como antes. Por quê? Porque tá se observando que hoje a mulher tem mais liberdade com relação à sua sexualidade do que antes. Ainda existe sim, no sentido moral, uma alimentação disfarçada de que o homem pode. Tem uma teoria aí que o pessoal fala assim que a mulher sente inveja do pênis do homem e não sei o quê, é uma teoria que fala aí. Daí a gente contrapõe dizendo: “eu não sei se a mulher sente inveja do pênis do homem...” É o que o pênis pode tudo. Porque o homem historicamente pôde fazer muita coisa que a mulher não podia. E isso está se quebrando, daí os homens entram em crise. Porque daí: “ah se você sai eu também saio, peraí”. E há 20, 30 anos atrás era difícil num casamento falaria isso. Então há ainda uma alimentação, embora eu ache que esse seja um discurso que não está colando mais. Tem que discutir o que é homem o que é ser mulher hoje, embora muitos se aproveitem desse discurso que é histórico, que vem de uma tradição de uma família nuclear, que papel do

homem é esse, que papel da mulher é aquele, acho que existe sim ainda em algumas famílias, porque a gente fala assim "não existe", mas não existe pra quem? Eu trabalho muito com... em alguns locais, algumas vilas, e a gente vê assim aquela família assim que tá apanhando, que tá sofrendo... "mas é meu marido, casei com ele". Quer dizer, por trás desse discurso, o que é possível quando se faz isso? Então não é que é de graça que a Lei Maria da Penha – não sei se vocês tiveram discutindo isso aí – é uma lei pra mulher, não é pra mulher prostituída, nem comerciante, nem empresária, é pra mulher. Eu acho bem interessante essa luta, porque cai bem nisso aí. Então se o homem tá procurando essas mulheres, a lei deve garantir a questão dos danos morais dessa mulher, porque não? Então há um estereótipo, mas há um movimento das mulheres aí que está sendo muito forte – e a gente dá graças a deus né – que tá transformando a mulher numa mulher, e não num estereótipo de mulher. Mas o homem ainda se mantém com um discurso machista de que ele pode.

***E o preconceito do mercado de trabalho em relação a minorias de gênero, como prostitutas e homossexuais?***

Em Curitiba, não é só Curitiba, mas vamos falar de Curitiba, ainda existe. E temos que respeitar, é uma coisa cultural, uma coisa é eu dizer que eu entendo isso e respeito, não quer dizer que eu concorde, mas eu entendo os motivos, então temos que respeitar sim, os valores religiosos e os valores morais, que têm que ser respeitados, isso não quer dizer que não possamos enfrentar isso e discutir, e acho que esse é um dos propósitos aí do Ministério do Público do Trabalho também. Porque tá sendo formado um grupo pra discutir discriminação no mercado de trabalho. Porque às vezes uma pessoa que é homossexual não consegue um trabalho por ser homossexual, e não pela sua competência. Aí já começaram a configurar espaços sociais de trabalho, ah então, que os cabeleireiros você acha que eu to falando de todos, mas que é mais comum encontrar, segundo os próprios homossexuais, na profissão de cabeleireiro do que outras profissões. É uma discriminação. Se existem leis, então é lei pro ser humano. Porque as pessoas não ligam tanto quando é contra um homossexual, contra uma mulher prostituída? Ali tem um ser humano que quer trabalhar. Então acho que isso são questões que a gente tem que começar... E o Ministério do Trabalho tá fazendo essa discussão agora...

***Você comentou que para se pensar a questão da dignidade da prostituição feminina não se pode pensar apenas o lado do sexo. Como fazer isso? Que formas de debate têm de ser incentivadas?***

Acho que a faculdade tem que ensinar os seus alunos a pensarem cientificamente. Pensar cientificamente que eu digo é aprender a problematizar a situação. Porque às vezes os alunos aprendem na faculdade disciplinas de metodologia científica só pra fazer relatório pro professor. Eu até brinco assim, é a "dança do xote". Então na maioria das metodologias que você aprende é três pra cá, dois pra lá, um e meio, espaço simples. [...] E a gente tem que pegar a metodologia científica e ensinar as pessoas a aprenderem que a pesquisa não é só para laboratório. Que a pesquisa não é só pra fazer um relatório pro professor. A pesquisa é pra você entender a lógica do pensamento científico pra colocar na prática da sua profissão, aprender a pensar cientificamente na prática. Então o processo de formação, quando faz com que o aluno aprenda a pensar, os passos, como é que se faz um problema de pesquisa. Vai fazer uma monografia? Tem que ter um problema de pesquisa. Vocês tão fazendo uma monografia vocês sabem que tem que ter uma pergunta, tem que ter isso tem que ter aquilo. Ah, como é que eu uso essa pergunta no meu dia-a-dia, na minha prática profissional? Então se eu não pensar cientificamente eu não consigo problematizar nada, inclusive o próprio

processo de prostituição no Brasil. Aí tem a ver com políticas públicas, tem a ver com diversos espaços de luta que não é a prostituição assim. Às vezes é consequência... Bertold Brecht já falava sobre isso, não sei se vocês já ouviram o pensamento de Bertold Brecht. “Do político irresponsável nasce a prostituição, nascem crianças violentadas...”, nasce um monte de coisa. Então talvez nós tenhamos que ter políticos responsáveis para a implementação de políticas sérias. E daí vem o processo de formação no geral, lógico que eu vou falar aqui no do psicólogo, né. Acho que nós temos que aprender a pensar mesmo cientificamente na prática, como é que eu problematizo? Como é que eu demonstro que um trabalho meu é relevante socialmente? Por exemplo, eu to lá falando com mulheres, que são mulheres prostituídas, agora isso tem a ver com a saúde da mulher trabalhadora, que daí tem a ver com a questão das DSTs, Aids, que têm a ver com outros aspectos, que se eu não entender através do trabalho, como é que eu vou entender isso? Primoralmente falando que pode ou não pode a prostituição? Isso não é papel meu. Eu não to lá pra tirar nem pôr ninguém da prostituição. Eu estou falando profissionalmente que tem a ver a saúde da mulher prostituída. Acho que essa é uma discussão. Não to falando da prostituição enquanto valor moral que eu também tenho uma concepção e isso gera crise, porque se eu não entender essa diferença eu to colocando meus valores na frente da prática profissional. E a prática científica nos ensina não ser neutros, mas ter a clareza que os objetos (de estudo) têm que estar em pauta e não os meus valores. Acho que talvez tivesse isso num processo de formação seria interessante. É a mesma questão com a sexualidade. Se a gente não ensina a sexualidade enquanto saúde mas só como uma questão moral, daí a gente vê moralmente a situação e não vê a questão da saúde da mulher.

## APÊNDICE F

### Diviane Helena de Oliveira

OLIVEIRA, D. H. **Entrevista com Diviane Helena de Oliveira sobre relatos da prostituição feminina ouvidos no estágio em Psicologia do Trabalho durante seis meses na ONG Grupo Liberdade.** Curitiba, 23 de setembro de 2008.

***Como foi esse seu trabalho, o que você está pesquisando sobre essas mulheres prostitutas?***

Então a gente fez um trabalho ano passado, um estágio obrigatório de quarto ano, já que a gente tem que fazer estágio obrigatório em Psicologia da Educação, Psicologia do Trabalho e Psicologia da Saúde. Aí o meu trabalho de Psicologia do Trabalho foi lá na ONG Liberdade, com as mulheres. E a nossa proposta era fazer trabalho de grupo com elas pra discutir o trabalho delas, questões relacionadas à prostituição. Só que relacionadas às questões da profissão delas, também surgiam outros aspectos né. Muitas falavam também da vida pessoal, das dificuldades que elas tinham, muitas contam como que elas entraram na prostituição. E cada uma delas tem uma história diferente. Até agora não teve nenhuma das mulheres que eu conversei que eu pudesse falar: “ah tem um jeito de como elas entram na prostituição, um jeito de como elas começam”. Na experiência que eu to tendo assim, cada uma delas tem uma história diferente e um pensamento diferente com relação ao trabalho delas né. Até poucos dias atrás eu estava falando sobre essa questão da regulamentação da profissão mesmo. E uma delas disse que não gostaria de ter na carteira de trabalho dela que tivesse escrito lá prostituta. Ela disse que mesmo que tivesse mais direito, fosse uma profissão legalizada, mas ela não gostaria que isso tivesse registrado. Então ela disse assim que não é vergonha que ela tem, mas que ela acha melhor que... não. Então, ao mesmo tempo, que tem muitas delas falam que são prostitutas, são garotas de programas, falam “ah eu sou puta mesmo, eu não tô nem aí”. E tem muitas delas que falam: “ah eu faço uns programas...”. Então cada uma delas lida com isso de uma maneira diferentes.

***E você foi percebendo assim que chegou mais a encontrar algum “tipo” de prostituta, ou vários “tipos” ou você encontrou então vários “tipos”, milhões de tipos... ou quer dizer, não dá pra... (classificar de nenhuma maneira a forma de trabalho delas)?***

Não. Quando eu comecei o estágio eu não esperava nada porque eu não conhecia. Só sabia o que é senso comum né. “Porque na prostituição, o homem vai lá paga um valor, elas vão, fazem um sexo, e é isso”. Então não imaginava como era o lado delas, não imaginava o que elas pensavam com relação a isso, o que elas sentem com relação a isso, como que é isso pra elas. Isso eu nunca tinha parado pra pensar. E só vivenciando mesmos esses detalhes que eu pude parar pra começar a pensar nisso mesmo.

***E o que te sensibilizou mais? Claro, você estava lá estudando as condições de trabalho delas, mas como uma experiência de conhecer o Outro? O que te chamou mais a atenção? As histórias delas, os traumas, as formas como elas vêm o próprio trabalho delas?***

Na verdade foi tudo. Porque tem muitas... Quase todas elas já passaram por várias situações difíceis no trabalho delas. Com relação a preconceito de família, pessoas que descobriram, porque muitas não gostam de falar sobre isso, outras já falam, dizem que não tem problema nenhum que saibam, até a questão do próprio trabalho, da violência que elas já sofreram, teve algumas que já chegaram até à “fase” de serem mortas pelos homens. Uma delas até esses



dias me contou que ela chegou com um cara, porque ela tava ali na rua né, ela entrou no carro e ele começou a ir pra um lugar longe, longe, no meio do mato, e queria matar ela. Ela fugiu, saiu correndo sem rumo, e conseguiu escapar desse homem. E ela diz que não sabe o que poderia ter acontecido com ela. Então é um trabalho assim que elas mesmas dizem que não sabem o que pode acontecer; que elas tão correndo riscos o tempo todo. E tem algumas que dizem que isso dá até um certo prazer, essa coisa do risco, de tá correndo risco, de não ter algo previsível. E algumas têm medo disso, isso é uma coisa que a cada dia que elas têm que trabalhar elas se deparam com essa possibilidade de que algo ruim possa acontecer.

***Seria esse risco ou seria outra coisa, qual o maior medo delas? Claro, cada uma tem a sua particularidade, mas uma coisa que é comum nelas, um medo comum?***

Algo que ficou muito forte assim é a questão que não é nem dos homens ali que são os clientes – você tem essa nomenclatura a gente discutiu isso na supervisão, que a gente não sabe até nem nomear os homens que pagam o trabalho, se são clientes, se são amigos, se são... o que eles são? Então cada uma delas prefere que denomine de um jeito. Tem umas que falam, “não, eles são meus amigos”. E outras não: “Ele é meu cliente e ele paga por um serviço”. E uma questão relacionada ao medo que está bastante presente é que elas não têm a quem recorrer, não têm uma segurança. Por exemplo, nem os próprios policiais são figuras que elas podem contar com a proteção. Então elas não têm algo, uma entidade, algo que possa protegê-las, né. Até mesmo essa questão de policiais assim, elas têm medo dos próprios policiais. Então, isso é uma questão que elas têm falado bastante assim.

***E os valores delas, você percebe... Porque a gente conversou com algumas e vê que algumas coisas se sobressaem, como a independência feminina, a questão do próprio casamento e envolvimento com homens. Existem valores que se sobressaem na figura dessas mulheres ou não?***

Olha... Depende de cada mulher. Tem por exemplo uma mulher que é casada, ela diz que o marido dela não sabe que ela faz programa, e daí teve uma época que ela tava namorando, ela tinha um marido em casa, e a filha, e também teve um tempo que ela namorou, e continuava fazendo programas. E tem mulheres que preferem não se envolver com nenhum homem e só com os homens do trabalho. Mas acabam se apaixonando, acabam se envolvendo... Então essa questão de valor é muito relativa. Pelo menos até agora assim, que eu percebi. É que na verdade não é uma pesquisa. Mas era mais a vivência com elas, pra discutir essas questões...

***A partir da vivência que você teve com elas, você acha que elas conseguem conciliar o lado feminino com a vida de prostituta? Como elas vêem a si mesmas?***

O que eu vejo assim é que todas são mulheres, né, e todas têm essa profissão, Às vezes por opção, por acaso, por vários motivos, por vários fatores. Uma coisa quando você falou dessa questão de ser mulher, uma coisa que elas sempre traziam é a questão de ser mãe. Então isso, isso é uma coisa que parece que isso é o que separava elas da atividade: ser prostituta e ser mãe. Isso, como se fossem papéis diferentes. E pra elas assim, é... Todas elas acabavam em algum momento ou outro do trabalho, do grupo, falando sobre os filhos, falando da relação delas com os filhos. Teve uma também que já tinha filha que também já fazia programa, outra que não queria que a filha namorasse e que ela só tenha relação depois de casar – ela falou que não quer que a filha passe pelo que ela já passou –, têm algumas que os filhos sabem, tem outras que não querem que eles saibam de jeito nenhum, então parece que esse papel, do lado

mulher, de ser mãe, do lado mulher, de estar na prostituição, de ser prostituta, bate de frente muito com a outra.

***Monogamia e poligamia. Pra aceitaram, ou melhor, pelo menos respeitarem a prostituta hoje: a profissão dela é se envolver com vários homens. Talvez seja esse o maior obstáculo ou não? Será que o fato das pessoas não aceitarem ou discriminarem, enfim, tacharem a poligamia como algo promíscuo, é um valor que não se questiona?***

Então, tem estudos recentes que dizem que a tendência é a poligamia. Tem estudos da questão da evolução mesmo, que dizem que o ser humano enquanto ser, característica inata, ele é poligâmico. Mas aí tem toda aquela questão que quando se percebeu que a mulher pra engravidar precisava do homem e a questão da propriedade privada, que daí pra você ter certeza que aquele filho é teu e a tua propriedade continuar passando de geração pra geração é mais fácil você se relacionar com uma única mulher e daí você vai ter certeza que o filho é seu. Então tem estudos que dizem que o ser humano tem essa característica de ser poligâmico, mas que com a evolução histórica né, social, ele foi virando monogâmico. E que o mundo atual assim como as pessoas tão cada vez mais individualistas, não querendo se comprometer, numa relação com uma única pessoa, que tem dificuldade, que tem que ter um comprometimento entre os dois, dizem que a tendência é a poligamia. Que daí as pessoas vão se relacionar com várias pessoas e até vai ser relações abertas, que vão um saber da relação que o outro tem, e não só com aquela única pessoa... Mas ainda são estudos que tão prevendo uma coisa que tá por vir. E quem sabe se realmente isso vir acontecer né, a prostituição ou talvez seja menos recorrente ou passe a ser algo também não tão, uma coisa não vista com tão preconceito. Mas atualmente a sociedade ainda tem essa visão bem da monogamia, de duas pessoas, e que não deve haver traição. E acaba que nessa relação monogâmica às vezes têm coisas que não tão bem entre o casal e que eles não sabem como resolver. Aí por exemplo tem homens que buscam nela [prostituta] uma via de escape, mas também não é só por isso. Várias mulheres contam que tem homens casados, que casaram com mulheres bonitas, que são inteligentes, que... Só que eles se sentem sozinhos. A mulher ou não quer ter relação sexual, também não dá atenção, também não dá carinho, aí a necessidade de buscar em outra mulher isso.

***Como é que elas reagem a esses casos que você falou, esse risco de estar saindo com um estranho?***

Então, essa questão do medo que elas têm, o que elas trazem bastante é que elas não têm a quem recorrer, elas não tem uma... Por exemplo, se elas sofrem alguma violência, vão à delegacia e denunciam. Se sabem que elas são prostitutas, não dão valor a isso que elas... Além de alguns policiais né, não generalizando. Mas muitas vezes o que acontece é que, por exemplo, pra elas conseguirem trabalhar em alguns pontos, em certos locais, sem serem agredidas pelos policiais, elas devem pagar algum valor pra eles. Então às vezes eles fazem um combinado que, paga o valor 'x' pra que eles não interfiram no trabalho delas e fique tudo, né.

***Nessa pesquisa que você fez, que lugares você mapeou como pontos, de repente algum lugar que antes não se imaginava?***

As mulheres que eu tenho conversado a maioria delas trabalha na rua ou em alguns pontos na rua mesmo. Então tem muitas no Passeio Público, na Santos Andrade, no Terminal do Guadalupe, tem muitas, perto da Rodoviária, na Avenida Iguazu também, a Getúlio Vargas, as que eu tenho tido contato são esses os locais que elas trabalham.

*E elas têm essa preocupação em demarcar um território?*

Sim, sim. Cada uma delas tem um local específico assim que trabalha, que é um acordo feito entre elas. Até isso é uma questão que às vezes é complicada, que é relacionada ao trabalho, que às vezes tem uma certa disputa, quem vai ficar com qual lugar. Teve uma situação que tinha duas mulheres que queriam cobravam delas pra elas poderem trabalhar naqueles pontos. Se elas não pagassem elas eram ameaçadas, que podiam ser agredidas, que podiam ser mortas. Então elas teriam que pagar uma quantia pra poder trabalhar naqueles locais. Tudo isso muitas vezes não é falado entre elas. Acaba que ela paga ali, fica quietinha, não fala nada. Algumas vezes elas se juntam, e há uma mobilização pra fazer alguma coisa com relação a isso. Mas também algumas vezes por não ter tanta união entre elas assim, dependendo da região e do grupo, elas acabam se submetendo e não se unem, e não fazem nada né. Mas o sofrimento delas não deixa de existir, é algo que incomoda muito né. Porque elas tão ali trabalhando e de repente têm que pagar pra tá ali, sendo que aquela pessoa não tem nada a ver com o trabalho delas, não é dona daquele espaço...

## APÊNDICE G

### Camila

***Como você se apresentaria nas suas palavras?***

Gente que horrível, eu não vou saber, eu não vou saber. Eu só vou saber detalhes. Não, como que eu falo, eu vou falar como? Vinte e três anos é isso? Camila...Mais formal? Então espera aí. Eu não vou, Eu tenho que olhar para ele, vamos fingir que a gente está conversando. Seja mais objetivo.

***E aí, Camila, conte um pouco sobre você e tal. Como você chegou até aqui?***

Eu comecei com 19 anos, 18 para 19.

***Como é que foi, assim? Por que você começou?***

Por bobeira, curiosidade. Curiosidade.

***Você falou assim, que nunca tinha tido, tipo, uma experiência sexual. Como é que é, conta um pouco pra gente.***

18 para 19, 18 para 19 anos. Foi horrível. Horrível! Mas foi na brincadeira, assim, no começo. Daí fui embora de casa, briguei com meu pai. Acho que ele descobriu e não me contou. E, estou aqui, já fazem quantos anos, meu Deus? Três, três não, quatro, cinco...cinco anos. Cinco anos, né? Gente, que horror.

***Camila, agora, eu vou ser um pouco provocativo. Tem uma definição que diz o seguinte sobre essa vida de acompanhante: que é uma troca de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos. O que você acha dessa definição? Ela é correta?***

Correta. Não há sentimento. Apenas um sexo, uma transa de poucos momentos, segundos.

***Como é que é? Com é, por exemplo, a abordagem do clientes, ele chega aí e tal?***

Escolhe a menina que agrada ele. Cada um tem um gosto, né? Cada um tem um gosto.

***E por que o nome Camila, esse é seu nome verdadeiro? Por quê?***

É o verdadeiro. Aí, para não trocar o nome e alguém me chamar, um exemplo, Suzi. Na balada eu ia estar com meu namorado e ele desconfiar de alguma coisa, já aconteceu, já aconteceu... Horrível, horrível... perdi o namorado, perdi, perdi. Me chamaram, “ô Suzi”, e eu olhei, daí ele pegou e falou assim: “é Camila, dois nomes?” Daí eu ia falar o que? Peguei e terminei, fiquei triste, fiquei muito triste. Mas foi a primeira e a última, daí eu, eu usei meu nome normal mesmo.

***Daquela vez que você pegou e resolveu fazer o programa a primeira vez... Você nunca tinha tido contato com homem na tua vida. O que passou pela tua cabeça? Como foi? Como era o cara? Como foi a transa, o clima?***

Eu fui com três caras para perder totalmente a virgindade. Com três caras... o primeiro tentou e não conseguiu fazer nada. O segundo não fez absolutamente nada, simplesmente falou “eu quero para disfarçar”, que não ia ter coragem de fazer isso, que era para mentir que ele tinha feito alguma coisa. Daí o terceiro que eu fui deu tudo certo, mas foi horrível. Cavalinho, bem cavalo.

***O que você sentiu?***

Não a primeira vez que eu entrei no quarto, eu senti nojo. Nojo de estar ali fazendo aquilo. Depois eu fui ver que não tem nada a ver, não. Que não é tudo isso e tinha um preconceito terrível, tinha. Porque sempre imagina que a garota de programa é barraqueira, drogada, pensa, né? Todo mundo pensa, a maioria das pessoas, mas é isso.

***Com uma das meninas com quem a gente conversou falou o seguinte: todos vêem o estrago que eu estou, mas não vêem os tombos que eu levo. O que você acha disso?***

Eu acho que tem opções diferentes, para fazer outras coisas. Eu to aqui porque briguei com o meu pai. A Jô, eu amo a Jô de paixão. Vou continuar morando aqui, mesmo trabalhando em outro lugar, normal. Pra mim ela é minha família, assim, eu acho. Entendeu? A Jô, mas tem várias opções, só que eu entrei por curiosidade, entrei porque a minha amiga estava desempregada e eu recebendo o seguro desemprego. Ela falou pra mim ir com ela, eu fui com ela. E ela acabou parando de fazer, e casou e eu continuei.

***Como é que você encara esse trabalho, você encara como um trabalho uma profissão? Você acha que fazer programa é um trabalho digno como qualquer outra profissão?***

Acho digno, só que jamais conto pra ninguém, né? Não conto, não conto. Eu acho digna sim, porque não vou atrás dos caras na casa deles, buscar eles. Ou dou em cima de homem que tem namorada, ou trago eles aqui para fazer programa, jamais. Eles que vêm. Não tô roubando, não tô matando. Né? simples.

***E você não conta para as pessoas por quê? Acha que têm preconceito?***

Têm, têm preconceito. Eu contei para um... para um rapaz... aliás, não contei que eu fazia. Contei que minha tia tinha uma casa de massagem e que trabalhava das sete às sete em outro serviço. Nunca mais na minha vida me ligou. Me ligou só, acho que, na semana passada, a última vez que me ligou. Preconceito, né? Tem preconceito. Isso porque eu não contei o que fazia. Imagina se tivesse contado.

***O que você ouve das pessoas? Você acha que isso está errado? O senso comum diz que é uma vida fácil... Você concorda? E por quê?***

Não concordo que seja fácil, jamais. Tem que ter estomago e bastante estomago e muito menos poder sentir cheiro. Tem que esquecer, né, muitas vezes.

***O que você deixou para trás na sua vida, que antes você fazia e hoje não faz mais?***

Hoje em dia é super simples pra mim atender alguém. Eu não, é que eu sou muito, eu falo tudo na cara, sabe? Não faço jamais o que eu não quero, não que obrigo e não me obriguem a

fazer nada sem camisinha que eu não quero também. Sou bem fria, falsa, muito falsa. Aqui dentro do quarto super falsa. Absolutamente falsíssima, muito falsa. Mas daí é terrível, mas também é jogo, jogo rápido aqui, bem rapidinho, quinze minutos.

***O que dá para fazer nesse jogo rápido?***

Ih, não fazem nada, papai e mamãe no máximo. Tem uns cavalinhos, né? Que querem apavorar, mas ai já...

***Você tem nojo de algumas coisa?***

Tenho nojo, desde o começo. Fedor. Fedor me enoja, porra me enoja, me enoja e não chupo sem camisinha jamais. Jamais não digo jamais, assim já cheguei a chupar sem camisinha, fazer oral, mas pelo pênis não sair nenhuma lubrificação e ser limpíssimo eu ver que é limpíssimo mesmo que não tem nada e daí até... e nas exceções né, com os gatinhos... pra agradecer. Não, mas não é todos. Tem uns gatinhos que têm uns penizinhos que sai aquela lubrificação daí eu já não. Não dá.

***Como é o perfil do cara que vem aqui?***

Todos problemáticos. Todos. Problemáticos com família. Gays não assumidos, né? Todos problemáticos pior que a gente, entende? Carentes, a maioria é carente. Vem aqui pedir beijo na boca, é carência, um carinho. Conversa, às vezes, fica meia hora conversando daí que vai transar ou transa e depois conversa. São bem mais problemáticos que a gente assim nesse sentido.

***Qual é a escala, do cara mais escroto até o mais aceitável?***

O mais escroto? Escroto; querer colocar o dedinho na vagina, não se enxergar, achar que está apavorando e não saber tratar a mulher. É esses que têm o preconceito, mas continuam indo para as zonas. Esse é o cara que fala que puta não presta, é esse que vai falar, mas ele vem aqui e faz e trata como se você fosse um cachorrinho. É que eu não pego, é dificilmente. Eu não pego esses caras assim. Eu trato mal pra nunca mais vim. E trato mal, humilho. Humilho bastante.

***Como que é, os programas curtos e os programas longos?***

Curtinhos porque estão sempre com pressa. Sempre com pressa ou estão na hora do almoço. Porque aqui abre das dez às dez da noite. Na hora do almoço: eu quero gozar e ao invés de tocar punheta vem aqui. Dois segundos, cinquenta reais. Perdeu cinquenta reais, né? Poderia ter tocado uma punheta no banheiro e gozado. Simples, né? Eu não gastaria, capaz. Eu se fosse homem jamais iria pagar, né? Burrice, sinceramente acho muito, mas deixe que paguem, né? Querem pagar, né? Estamos aceitando.

***Como que são os ganhos?***

50 meia hora, uma hora é 70 reais daí tem a massagem. A massagem o cara não encosta em você. Assim só se, lógico, em mim não encosta, mas tem as exceções. Ai você fica de calcinha e sutiã e faz massagem e oral, é? Bota a camisinha e faz oral, também é dois segundos e já goza. Normalmente quem quer massagem é rapidinho. Daí tem só o oral. Eu

jamais faço só oral, não suporto. Deus me perdoe. Não, não... Não que eu não goste. É que nem aqui, né? Por dinheiro eu já não curto. Na vida pessoal é diferente.

**Como é que você separa a vida pessoal?**

Não tem, não tem... não há.. não sei te explicar, não tem..é frio é que nem acho que vida de médico, vai falar que o paciente vai morrer, entendeu? Ele é frio, ele aprendeu a ser frio e ele não tem medo de falar e aqui é assim.

***Você tem alguma técnica para você abstrair assim?***

Ah, eu falo na cara do cara, eu falo na cara do cara, falo: não vou fazer isso, estou com ânsia e já vou falando. Mas eu falo tudo dando risada, entendeu? Daí as pessoas acham que eu estou brincando, mas eu estou falando a verdade. Daí eles se tocam. Quem sabe do que eu estou falando já vai se tocar. Simplesmente.

***Você falou lá da tua infância, da tua história, da tua vida. Como foi sua adolescência? Como que você pensava? Como tua cabeça mudou daquela época para cá?***

Ai, foi tudo rápido. Minha adolescência foi normal, era rebelde. “Gaziava” aula, não pegava ninguém até a sexta série. Depois fiquei gatinha, fiquei gatinha e comecei a pegar todos. Escolhia, né? Daí comecei a me vingar. Mas foi um infância legal. Aproveitei, sempre aproveitei. Saía bastante. Bebia bastante... e por loucura! Poderia ter terminado, ter feito faculdade, já. Com certeza, poderia ter feito, mas é consequência do que eu escolhi, né?

***E a relação com seu pai? Vocês estão brigados? Como era?***

Ah, era uma relação boa. É que eu sou uma pessoa que não gosto de ninguém me mandando e a gente não tinha uma relação assim como a filha obedece o pai. Eu sempre fiz o que eu achei que devia fazer. Se quisesse sair, saía e voltava depois de dois dias, posava na casa da minha amiga. Assim mas é... bastante carinho, né? Entre eu e ele. Ai, ele casou daí já não deu certo a relação, pelo casamento dele com essa mulher, mas diz que ele perguntou de mim esses dias. Vou ver se vou ver ele. Mas ele, ele é bravão, é super bravo. O bichinho é bravo. Não perguntou de mim nesses anos que eu fui embora, não perguntou de mim para ninguém. Daí esses dias, que está quase morrendo lá, né? Perguntou de mim. Sofreu derrame daí perguntou de mim, daí vou ter que ir lá ver, né? É bom perdoar.

***E ele sabe que você faz programa?***

Não. Eu acho que ele... a minha madrasta desconfiava e eu acho que falou para ele alguma coisa, mas isso já passou, porque eles acham que eu estou casada ainda. Porque eu casei, né? Casei e fiquei seis meses casada. Seis meses, daí voltei pra cá.

***Por que você se separou?***

Muito ciúmes, muito ciúmes dele.

***E ele soube que você fazia programa?***

Contei, contei que eu fazia. Mas nunca traí ele quando eu estava com ele. E jamais também vou me apaixonar por um cara que venha aqui. Aceitar que... Que nem tem, tem mulheres que têm namorado, né? E que o namorado vai na zona buscar a namorada ou leva, né? E acha lindo ver a namorada dele transando com os caras e aceita. Pra mim já não serve. Pra mim ou é meu ou eu sou dele, né? Logicamente quando a gente tá namorando é diferente, né? Pros casais já é bem mais, bem mais complicado... e jogava na cara, joga na cara. Sempre em uma briguinha ou outra vai jogar. Por isso que não pode contar. Jamais vou contar pra ninguém, nunca mais. Joga na cara, daí vem a desconfiança, acho que era mais isso as brigas. Mas sempre respeitei ele. Mas já não gosto mais, não quero não quero.

***E quando você se separou, você não pensou em fazer outra coisa? Pensou “vou voltar pra casa da Jô”?***

É porque a Jô pra mim... eu não vejo ela como dona de uma casa [de massagem], entendeu? Vejo ela como se fosse a minha mãe, assim, entendeu? Não vejo ela, eu não vejo assim que eu estou trabalhando, entendeu? Eu acho que eu estou... Pra mim eu estou na minha casa, que eu saio, que eu chego a hora que eu quero, entende? Não vejo assim como minha patroa, nunca, jamais. A gente deita junto, conversa. É bem diferente, assim. Logicamente que não é tudo que é lugar, né? Só com ela mesmo que a gente se da bem e o Leandro, também, filho dela me ama de paixão. Todo mundo, a gente é igual uma família, brigamos, depois já estamos se beijando tudo, se abraçamos todos.

***Me conta como é viver nessa casa? Como são as pessoas?***

É como se fosse uma família, assim. Apesar que os laços meu com a Jô é bem mais forte, né? Mas com as meninas é como se fosse uma família assim? Briga. Respeito, né? Tem que ter respeito, cada um respeitar o lado da outra. E cada uma ajuda a outra, se uma está doente, não quer atender tal cliente a outra vai – obrigada, mas vai.

***Qual foi o momento mais difícil que essa família já passou?***

Difícil? Não tem momentos difíceis, todo dia tem alguma coisinha assim desagradável. Ainda mais comigo, né? Eu me estresso. Não, pelo fato assim de ter, tem cara que eu não vou, não atendo e falo que não atendo e não atendo e vou atender, entendeu? Tem que ter estômago pra... que nem a Suzi [colega de trabalho na casa de massagem], ela... ela vai atender o cara, ela chupa sem camisinha. Se eu for atender um cliente dela, o cara vai querer que eu chupe sem camisinha e eu não vou fazer, entendeu? E não vou atender, daí quem perde dinheiro: eu e ela. Daí fica as brigas, mas passa. No outro dia está todo mundo se amando...

***Fazer programa é uma questão de escolha, de necessidade? Os dois?***

Os dois. Os dois. Eu escolhi, se eu quiser arranjar um emprego amanhã, eu vou procurar um emprego, não é verdade? Ainda mais porque eu tenho experiência na carteira. Mas eu ainda vou terminar esse ano de estudar. Vou ficar aqui mais um tempinho. Daí ano que vem eu me ajeito. Sempre fala assim, né? O ano que vem eu vou me arrumar, eu me ajeitar. Não, mas eu vou terminar de estudar, agora, esse ano. Mas é questão, é questão, as duas repostas. Mas não que goste, entendeu? Não que goste. Teve uma menina que trabalhava que ela falava: “ah, eu transo porque eu gosto”. E o que essa menina vai fazer? Ela vai chupar sem camisinha, ela vai transar com o cara sem camisinha, ela vai ter mil clientes. Enquanto a que não faz sem camisinha, não vai ter muito, entendeu? Mas eu sou sortuda, eu atendo sempre os clientes



novos. Não atendo essas coisinhas que vem sempre. Atendo mais os novos, que vem a primeira vez e já vão pra mim. Daí voltam, daí gostam, daí vão com as outras meninas, daí voltam pra ser teu de novo. E não pode ter ciúmes, né? Tem um ciúminhos... dos gatinhos, mas aqui vem mais cara novo, não vem cara velho, muito velho. Eles tem até a faixa etária de até 40 anos, os “coroões”.

***Você falou que fazer programa é uma questão de escolha e necessidade, e o que te leva a escolher?***

Por não ter compromisso com nada, entendeu? Não tenho compromisso de acordar cedo, um exemplo assim, para ir trabalhar. Não tem que obedecer, entendeu? Mas logicamente que isso daí vai ser consequência, né? Mais pra frente vai ter que... mas esse é meu jeito. Eu estou levando mais na barriga, sabe. Empurrando com a barriga. Estou numa fase que eu estou pensando no que eu vou fazer da minha vida, entendeu? Estou naquela fase que se... estou analisando todos os fatos, aproveitando o máximo tudo. Pra depois, tem que levar a sério, tem que abrir mão de muitas coisas, né? Saídas, até do soninho, até do soninho bom, né? Acordar cedo, trabalhar.

***Se você pudesse pedir alguma coisa ou dizer algo para essas pessoas que não conhecem como é a vida de vocês, que desrespeitam, desprezam uma garota de programa, o que você diria para essas pessoas?***

Para elas torcerem que eu nunca ouça que elas estão falando que eu trabalho aqui. Eu vou, eu vou me estressar, com certeza. Ser discreto, né? Discrição. Cada uma sabe o que faz, não importa pra ninguém o porquê, né? Só a pessoa mesmo sabe o porquê e ninguém vai entender, né? Ninguém entende. Olha, aí minha resposta foi questão de comodidade, mas pra vocês, você pode ter pensado assim: acho que ela não gosta de trabalhar. Mas eu sei o porquê eu estou falando isso, entendeu? Só a gente consegue entender por que.

***Você tem algum preconceito?***

Preconceito? Não tenho preconceito. Tinha, antes de trabalhar assim. Hoje em dia não tenho preconceito. Não tenho preconceitos. Me tratando bem, trato todo mundo bem, né? Acho que preconceito não. E dizem que os veados são os melhores amigos da mulher, né? Por que eu teria preconceito contra homossexuais?

***Você tinha preconceito antes com alguma coisa?***

Com garota de programa, eu achava terrível, porque essa vagabunda não vai trabalhar? Que horror, que horrível eu falei. Mas era horrorizante, eu cheguei a passar naquele Passeio Público lá com meu irmão uma vez. Eu falava “credo, essas prostitutas aí não têm capacidade de trabalhar ficam dando para os caras”. Isso quando eu era virgem, falava. Mas hoje em dia, eu fixo pensando: gente, são as melhores pessoas pra você ter amizade, entendeu? São as melhores pessoas. Elas vão te entender, são pessoas que quando...tem as pilantras, né? Mas tem aquelas que tiram a roupa do corpo para te dar, te ajudar. São humildes, entende? Têm filhos. Mas eu acho que tem escolha de outra coisa, entende? Mas é um modo mais fácil, mais rápido pro dinheiro chegar.

***Você acha que você é uma pessoa impaciente?***

Sou, cem por cento. Eu sou nervosa, gente, sou nervosa. Eu sou impaciente, não, eu acho que eu sou, que sou egoísta. Acho que é esse meu defeito ser egoísta, não egoísta com as minhas coisas, assim. Eu penso em mim, assim, todos os dias eu só penso em mim, não penso em ninguém. Estou aprendendo a mudar. Até aqui no quarto, não quero saber se o cara gosta que fique de quatro. Eu vou disfarçandinho, né? Que tem que fazer do meu jeito, que eu sei que... entende? Mas aqui, né? No sexo, na profissão. Agora na vida pessoal, né? Você vai fazer com tesão, o que você faz com tesão vai fazer de qualquer jeito, né? Até trepando no teto. Faz no teto. Agora aqui, eu sou muito falsa no quarto, gente. O cara ridículo, horrível, eu falo: nossa que nariz lindo, meu Deus. Horrível, eu sou péssima. Muito falsa. Uma vez fui atender um cara com mal hálito e o cara em cima de mim com aquele mal hálito, eu estava ficando até tonta, quase desmaiando. Quase desmaiando eu estava, daí disfarcei, dei uma viradinha, assim. Botei a cabeça do cara assim. Fiquei sentindo aquele cheiro, meu Deus do céu. “Gozô moça?” Gozei meu amor, lógico que eu gozei. Imagina com um homem desses. Claro...uh...meu Deus, com mal hálito, pelo amor... é horrível. Mas acho que a higiene, né? Eu não me importo na beleza também pra atender o cara, acho que ele tem que ser limpo. Especialmente limpo porque ele vai chegar aqui e não vai quer pegar uma mulher fedida, né? E os matagal, né minha filha, que chegam. Daí vice tem que ir com as duas mãozinhas no matagal deles e abaixar o matagal e botar a camisinha. Gente, que custa aparar, né, um pouquinho? Não custa, né? Jesus, Deus me livre. Terrível, mas goza, goza. Goza na profissão também goza. Da para ter prazer.

### ***O que é intimidade para você?***

Carinho. Eu fora da minha profissão, raramente, vou transar com alguém. Quase impossível. Acho que a gente se torna fria, assim, sabe? Se torna fria. Se o cara demonstrar que não quer transar comigo, ele vai transar comigo, porque daí eu vou querer transar com ele. Agora se ele vir com a mãozinha dele boba, se ferrou, nuca na vida que eu transo com ele. Jamais. Jamais. Que nem o cara que eu fiquei ontem, entendeu? Daí eu fiquei com um semana retrasada que tentou pegar no meu seio, eu mandei tomar no cú, simples. Eu falei não quero transar, não importa o tesão eu não tenho vontade, eu falei pra ele. Perdi. E não tinha vontade, só dá beijo na boca porque era bonito. Tesão? E perde o tesão também. Perde um pouco a vontade de transar. Porque quando a gente é virgem, quando a gente não tem muita experiência a gente tem vontade, né? Tem vontade. Agora é todo dia, chega a ser uma coisa assim até sem graça. Horrível. E lubrificação. Jamais aqui vai existir lubrificação, né? Só se for um milagre assim. Sempre uso lubrificante vaginal e já para não irritar por causa da camisinha. Mas tesão, tem um tesãozinho, né? Mas passa, você não fica pensando no cara, apaixonada. Você fala nossa que homem gostoso, lindo, cheiroso, limpinho. Que pênis bonito. No máximo. E você vai ter vontade de atender ele de novo, simplesmente, torcer pra ele ir com você. Mas nada mais que isso, nada mais. E às vezes você fica pensando: putz, eu poderia ter encontrado esse cara na balada. Tem uns caras que respeitam a gente muito, assim, sabe? Que dá a impressão que eles não fazem aquilo nem pra mulher deles, sabe? Te dão carinho, ficam ali te agradando, te achando a princesa. Meu Deus. Você se sente maravilhosa, assim. Bonito lindo, porque tem aqueles caras bonitões que falam nossa como você é bonita e tal, tal, tal. Né? Mas você não se envolve.

### ***Hoje o que te faz perder a cabeça, se apaixonar, chorar? Você chora? Por quê?***

Choro. Sou chorona. Sou bem chorona. Não, eu choro, assim por... ah, sei lá. Tem sentimentos, né? Toda mulher tem sentimentos. Mas não por um sexo, assim, eu vou chorar. Ai, o cara transava bom, eu era apaixonada por ele, né? Pelo carinho e mulheres que

trabalham assim são bem carentes, né? Achrom que elas não vão se envolver com ninguém daqui, mas elas são muito carentes. Dão muito carinho e dão muito... são falsas em dar carinho pro cara, mas ela sabe que o cara está sendo falso, muitas vezes, né? Que ele vai sair daqui e também não vai ficar pensando em você, né? Então, carência. Achrom que a pior coisa é a carência, assim. Mas eu tenho bastante amigo assim, daí já não fico pensando muito, mas a carência é a pior de todas. Não fico sozinha em casa, já quero chorar e falo bastante pra não chorar, né? Só bem carente, assim. Sou, sou bem, totalmente, diferente do que eu passo pras pessoas, assim, por dentro. Sou bem... sou carinhosa quando eu amo alguém. Bem, carinhos, respeito cem por cento, mas... se as coisas quando são pra ser, é. Não precisa você forçar nada, entendeu? Não precisa forçar, as coisas vem pra você.

***Qual que é tua fé? Você acredita em destino?***

Não, eu acredito assim: se você quer ser médico, se você lutar, você vai ser médico e não importa o que aconteça, entendeu? Se você não se esforçar você não vai ter. Que nem eu estou aqui, se eu não quiser estar aqui daqui uma semana, eu não vou estar aqui, entende? A gente corre atrás e o que é pra ser teu, vai ser, entendeu? O que é pra ser teu é de ninguém... como diz: o que é do homem o bicho não come. Então, não se mate por causa de um homem, não se mate por causa de uma mulher porque não precisa tanto esforço, né? Só fazer as coisas pra dar certo, pra vim pra você.

***Quem seria o homem perfeito e ideal pra você?***

Ideal, né? Porque perfeito não existe. Que não fale muito, que seja bravo. Bravo, mas no sentido de ser homem, entendeu? Tem que ser homem, não ser meio homem. Tem que ser homem. Se falar pra ele vou fazer tal coisa, ele vai ter que enfrentar e falar pra mim não fazer, mas no fim, eu vou fazer, entendeu? Mas ele ter a coragem de falar você não vai e fazer de tudo pra mim não ir em tal lugar. Ter opinião. Eu gosto de homem de opinião, entende? Que seja mais bravo que eu. Não gosto de homem muito bom, assim, muito...tudo você pode, entendeu? Chifre você pode também porque daí tudo você pode, né? Dá espaço. E não ser muito grudento, assim. Ser muito, muito grude. Que ligue todos os dias pra perguntar como é que está. Já conquista a mulher, né? Perguntar como que está, se está bem, se está viva, se está morta, né? E me dar tesão, né? Porque é difícil. Fazer eu sentir tesão por ele.

***O que te dá tesão hoje na vida?***

Na vida? No relacionamento? Tesão? O olhar. O olhar de um homem. E a questão de pele, né? Se o cara pegar na tua mão, no teu braço. Você já vai sentir tesão por ele. Então, ele não vai precisar forçar. Mas o olhar, o olhar do homem, eu acho que é, é o principal.

***Quando você está namorando, como você faz, já que não conta para a pessoa?***

É engraçado, é engraçado, gente. Ele não pergunta muita coisa. Eu não dou espaço pra perguntar sobre a minha vida, entende. Quando perguntam muito eu falo assim: “ah, não, não vamos falar da minha vida não, né? Não gosto de falar muito da minha família, né?” Tal. “Então fale você de você”. Eu acabo sabendo tudo dele e ele não sabe nada de mim. Peço pra me buscarem... bom teve casos de me buscarem aqui já, aqui na frente, mas não sabe o que é, né? E se descobrir também descobriu. Porque era pra descobrir e... Eu acho assim, um exemplo, se eu ficar com um cara e eu tiver... e a gente namorar e ele descobrir se ele me amar ele vai querer ficar comigo, não vai? Um exemplo, ele vai ficar comigo e não é porque

eu estou transando por dinheiro que ele não vai ficar comigo. Vai ter uma possibilidade da gente ficar junto. E se ele não quiser, tem quem queira, né? Mas machuca, né? Lógico que vai machucar se o cara descobrir.

***Se o cara, falar “para de fazer programa e fique comigo?”***

Se eu gostar dele eu paro, né? Com certeza. Não, primeiro, num exemplo assim, eu não estou namorando agora, mas logo, logo, né? Estarei. Quando eu namoro com uma pessoa, eu já procuro ir fazer outra coisa, entende? Procuro ir ver um emprego, alguma coisa pra, pra eu saber que não estou magoando o cara, entendeu? Que me machuca eu estar ficando com um cara legal e eu estar mentindo pra ele. Que foi o que aconteceu com o menino que eu estava gostando. Ele me admirava tanto que ele falava pra mim: “Camila você é muito especial pra mim, você é sincera”. Machucava. Pensar assim: “não cara eu não estou falando a verdade pra você eu estou mentindo”. É horrível, é péssimo. É horrível essa, essa... É constrangedor, assim, a mentira. Porque você vai mentindo, vai mentindo, vai mentindo e vira a bolinha de neve, né? Até o dia que você não vai poder mentir mais, né? É complicado.

***Você acorda de manhã e se olha no espelho, quem é a Camila que você vê?***

Não, eu me amo. Eu gosto muito de mim, assim. Tem dia que eu acordo e falo assim: meu Deus que pele linda, mas tem dias, que... Mas, um exemplo assim, quando eu, quando eu sofro com alguma coisa, como coisas da vida assim... é familiar, é complicado né? Porque atrapalha na hora que você está no quarto ou ... Eu fico estúpida com todo mundo e eu não consigo disfarçar. E com a vida amorosa é mais simples, né? A vida amorosa é sempre simples. Eu não sofro muito assim... Meu ex-marido, eu terminei e fiquei chorando uma semana, falei: “não o cara não me respeitou, né?” Não me respeitou, estava me acusando de coisas que eu não fiz. Eu vou esquecer e sou bonita e sou nova e já vou erguendo minha autoestima já e saio e me distraio. Não saio pra beijar na boca, só que eu não sei o que está acontecendo esses finais de semana. Gente do céu. Não saio com a intenção de beijar ninguém, entendeu? Eu saio pra beber, pra conhecer pessoas diferentes ou pra simplesmente conversar com uma amiga, pra ver pessoas diferentes, ver... ir em um lugar que eu sei que ninguém vai saber que eu estou...o que eu faço, entendeu? Que aqui a semana inteira ficar aqui, nem um solzinho. Não saio pra fora, fico aqui dentro.

***O que você faz para se distrair?***

Fico deitada, pensando o que eu fiz no final de semana. Eu sou muito assim detalhista, entende? Um exemplo, assim, eu vejo muito os fatos. Eu vou pra uma balada, eu fico sentada, eu não estou olhando pra ninguém, mas... eles não sabem que eu estou olhando, eu fico quietinha assim parada, mas eu estou vendo tudo e todos, entendeu? Eu fico pensando assim... eu acho que eu vou ser psicóloga, gente, sério. Eu fico vendo os fatos, entendeu? O comportamento das pessoas. Eu sei quando a pessoa está nervosa, quando está com vergonha. Eu sou muito assim detalhista, pego nos detalhes do rosto. Uma brincadeira que eu sei, às vezes, quando a brincadeira, aquela brincadeirinha com fundinho de verdade, sabe? Já sei... eu, eu peguei as malícias das coisas, das pessoas e no fundo, no fundo acho que todo mundo sabe um pouquinho, né, dos outros. Eu sei quando um cara quer ficar comigo, na hora. Eu sei quando eu posso ficar com ele, entendeu? É só eu me esforçar um pouquinho que eu posso ficar com aquele cara, entendeu? Ou eu, não sei, eu não levo fora de ninguém, porque eu, eu sei pescar assim. Eu sei, eu sei, pagar naquele pontinho ali, que eu percebi dele de fraqueza, entendeu? Que nem o cara que eu fiquei ontem assim é... igual é esse menino aqui, super

sério. Ele não deu intuito de nada, de nada. Dava até a impressão que ele nem sequer olhou na minha cara, mas eu sabia que eu poderia ficar com ele por uma pegadinha no cigarro, da brasa do meu cigarro, porque o amigo dele tinha brasa, tinha isqueiro e ele pediu pra mim e foi nessa que eu peguei, mas em momento nenhum ele ficou me encarando, nenhum. Super quieto, daí já aproveitei, né? Já aproveitei, já aproveitei...

### ***Como é esse lado psicóloga da garota de programa?***

Na verdade você é psicóloga, acho que toda garota de programa tem um pouquinho porque os problemáticos estão aqui dentro, entendeu? Tem cara que vem, que vem, que chora. Que nem semana passada veio um cara ai, contando a história da vida dele e começou a chorar. Daí tem outro que fala que a mulher dele não faz oral pra ele, que não sei o que. Daí você fica pensando gente, “porque a mulher não faz oral pro cara ele vem aqui”. Tem uns cara que pergunta: “você acha que eu estou traindo minha mulher?”. Com certeza, meu amor, óbvio. Daí ta, foi embora não fez nada com ninguém. Voltou no outro dia, um novinho vem bonitinho ele, “olhe eu só vou ir pro quarto com você porque você é bonita porque não era nem pra mim estar aqui”. Falei: “mas você não tem vergonha na cara, está ai de novo, vai fazer o que?”. Falei simples, daí ele pegou e falou: “credo menina você é muito boca dura”. Falei: “Vamos lá logo, então”. E super legal assim, é que eu sou muito sincera. Eu magoo as pessoas assim, falo muito... coisas que não deveria fala, sabe? Na cara. Isso, isso é um mal. Entrou uma menina nova aqui, hum, queria minha caveira e logo pra quem que foi falar, né? Pra minha mamy, né? Porque eu acho que eu causo... eu irrito. Teve uma menina que...quando eu me separei eu vim pra cá, né? E fui e botei minha roupa, né? Botei uma micro saia e um bustier e salto e fui atender o telefone. “Que menina, ela é muito vulgar”. Ela falou que eu era vulgar: ela é muito vulgar, fica falando de pinto. Daí ta, beleza, fingi que não escutei, escutei ela falando pra Jô. Daí, indiretamente eu falo na cara, sabe? Daí, chegou o cliente, eu falei assim... o cara: “nossa, você é tão quietinha”. Eu fiquei quietinha, né? Falei: “não é, meu amor, sabe o que é? É que eu sou muito sincera e se eu for falar com você, eu só vou saber falar de pênis, né?”. A menina olhou... “eu só vou saber falar de pênis para você daí não tem, né?” Irrita as pessoas, então eu vou ficar quietinha, porque agora eu virei freira, porque eu estou dentro de uma igreja, eu falei. Foi embora. Eu espanto, eu espanto. Quando eu não gosto, eu espanto. Eu tenho esse dom. Menina, eu torturei uma menina aqui um mês e a menina não ia embora. Essa foi a pior coisa, a Bruna. Mas torturei essa menina. Eu colocava funck ali pra escutar, uma música que tinha... era... só porque tinha besteira na música eu gostava. Essa menina não decorou a música? Toda vez que eu botava, ela começava a cantar lá da cozinha e ela não tinha medo de mim. Isso que mais me dava nervoso ainda. Chegava cliente e ela: “ai aproveite eu estou virgem, estou virgem hoje”. Ai, como me irritava. Ai, e porca, porca e fumava maconha ou cheirava pedra, sei lá. Daí toda... a cada dez minutos ia na panificadora usar. E era muito, ela me irritava, não sei. E eu espanto e se eu não gostar... irrito até eu ver longe de mim. Não gosto de nada que eu não queira pro meu lado. Que nem essa moça que veio trabalhar, um amor, maravilhosa, tem cinqüenta, cinqüenta e dois anos, coroon, tem sete filhos e também não sei por que está aqui, pois tem casa, tem casa... meu Deus do céu me esqueci... tem casa na praia, tem a própria vida. Cinqüenta e dois anos, gente, tem que gostar, né? Vamos falar a verdade, né?

### ***Quais os valores e as pessoas com quem você não conseguiria viver sem?***

Eu não abro mão dos meus amigos assim que eu tenho. Dos meus amigos e se eu ficar com um cara um dia, assim, eu sempre... sempre falo pros caras “eu largo você, mas não largo meus amigos, porque um dia você eu posso perder, mas meus amigos, não, né?”. Amigo é pra

sempre. Homem você troca, né? Você vai trocar. Como que é? Perde um, vem oito. Perde um, vem dezoito. Então, não tem problema, mas acho que amigo é amigo. Acho que tem sempre dar um oizinho, né? Perguntar se está bem, como se fosse namorado, todos os amigos. Amigos, amigas tem que tratar como se fosse seu namorado, dar um oizinho, convidar pra sair de vez em quando.

***Qual foi a situação mais extrema que você já passou entre quatro paredes?***

Ai, no meu limite? Olha, não cheguei a... a sair do sério, assim. Constrangedora já teve uma constrangedora. O cara peidou no banheiro, gente. Peidou no banheiro. Eu não queria mais, falei olhe... ainda bem que eu já tinha atendido e ele olhou pra minha cara e falou bem assim: “ai, desculpa”. Que horrível, eu fiquei, ai, constrangida. Nem olhei pra cara dele, daí. Mas só assim, não teve nenhuma que eu saí de sério. Hum, teve uma que eu fiquei estressada, que foi assim. Era nove e meia e aqui fecha dez hora, né? Nove e meia o cara chegou, insuportável, chegou e falou bem assim. Eu falei: você vai fazer programa agora ou depois? Daí ele falou assim: “Calma, não estou com pressa”. Daí, eu falei: então está bom, meu amor, é nove e meia e eu não vou te atender. Falei: não vou te atender nem que você queira. Falei não vou. Daí, chegou, era nove e quarenta e cinco, chegou três caras, daí, eu fui ficar com os caras. Super legais, fiquei conversando e tal. A tentação não vai e não me chama a minha amiga Paola? “Paola fala para a Camila vim aqui”. Eu falei: não vou demônio. E xingando o velho, queria matar o velho. “Vem aqui, você não tem que querer”, falou bem assim pra mim. “Você não tem que querer”. Falei: está bom, meu anjo. Peguei a toalha, o lençol e trouxe. Daí, ele deitou na maca, mas não prestou. Peguei o pinto, o pênis dele apertei. “Mas você não vai chupar?”. Falei não, eu não vou chupar. Falei, falei que não queria vir. E você vai paga, vai ficar uma hora ai, você vai pagar. Torturei o velho, mas torturei, filha. “Porque você não sabe nem como deixar um homem com o pau duro”. Falei “é?” falei “a buceta está aqui. A buceta está aqui, meu amor, se você não sabe deixar teu pênis duro, o problema é teu”. Porque eu não fazia questão nenhuma. Eu falei “eu não queria vim com você”. Falei você vai pagar, você vai ficar uma hora aqui. Daí, peguei tirei a chave da porta e fiquei com a chave. Torturei e ele me liga até hoje, esse velho. “Oi, Camila, sou eu”. Falei...meu Deus do céu. Será que você não se toca? Vem aqui não precisa ficar falando por telefone. “É, eu que sou o pau duro. Você falou que eu tinha pau duro.” Falei pelo amor de Deus. E tratei mal o cara e o cara liga, liga ai atrás de mim. Eu acho o cúmulo. Não, esse velho eu torturei. Humilho. Um dia ele veio, eu humilhei ele. Foi embora. “Vou embora porque nessa casa eu não sou bem recebido”. Insuportável.

***Como é seu dia? Como você cuida, por exemplo, do seu lado feminino?***

Eu uso duchinha, ginecologista, né? Também vou, sempre estou indo. Sempre estou indo, bastante. Morro de horror, medo, Deus me livre, de pegar alguma coisa. Ui, não deixo nem enfiar dedo nem nada. Não deixo, não deixo pela questão de higiene. E fazer oral em mim, também, impossível. Não é qualquer um não. Tem que ter dente, tem que ter, tem que ter. Eu reparo até na língua, que tem que escovar a língua, né? Tem uns que vêm com aquelas língua branquicenta, ah. “Não, não, meu anjo, pode deixar que eu faço oral em você. Não gosto. Deixa, deixa, deixa eu fazer em você que é melhor”. Mas não deixo assim, tem umas coisinha, né? Um dente sim, um dente não. E quer chupar a piriquinha. Não, acha lindo, né? “Não pode deixar que eu chupo você que é bem, bem melhor. Você vai ver, você vai gostar”... e já vou, né? E tem casos que o cara tira a camisinha. Na hora que ele está indo e voltando ele tira a camisinha pra tentar colocar sem. Dois casos já. Daí, fiz exame já tudo, né? Fiz há três meses atrás. Xingo. Xingo, peço... pode me dar dinheiro ai que eu preciso comprar, se eu pegar uma

doença, pode me dar dinheiro. E já vou lê e assusto o cara, falo bem assim: eu vou pegar a placa do teu carro, me dá o número do teu celular. Torturo, torturo. Não, não é assim, né? Tem que ter segurança no sexo, né? Pra ele e pra mim, né? Porque ele também não sabe se eu tenho, se eu deixo de ter, né? Então, tem que se cuidar.

***E casamento e filhos, como é? Você quer ter?***

Não sou muito chegada, não. Não que eu não sou chegada, assim. Ai, não sei, eu não me criei com criança. Acho que isso que eu não tenho muito... mas acho lindinho assim, agrado, acho que eu mais torturo que agrado. Torturo assim com brincadeira pra torturar a criança, mas não que eu... Vai lá pega a roupa da tia traz aqui. Mas é, eu gosto de criança. Quando eu pego paixão por alguma coisa, meu Deus. Que nem a neta, a neta da Jô, eu adoro. Muito lindinha. Linda, linda, linda. É que eu não gosto de criança assim mimada. O que me irrita em uma criança é a criança ser mimada. Eu já perdi um neném com três meses. Mas sem tomar nada, assim. Então, acho que já não era pra ser mãe, né? Ai, ia casar, ia casar com o pai da criança. Mas também não acho necessário só por causa de um filho. Foi na primeira transa, né? Que eu engravidei. Não acho necessário, acho que... Eu fico imaginando, né? Se eu tivesse esse filho, onde eu estaria, né? Tinha acabado de ir embora de casa quando eu engravidei. Tinha dado duas semanas, engravidei. Ia morar aonde, meu Deus? Enfim, quem sabe mudasse, né? Se esforçasse, né? Eu não me esforço muito, assim. Eu levo tudo nas coxas. Vou deixando para amanhã, amanhã eu faço. Né? Com um filho é diferente, né? É difícil uma mulher que não tenha filho que trabalha assim. É muito difícil, né? Então, acho que até por isso. Eu trabalho pra mim. Não fico neurótica atrás de dinheiro porque eu trabalho pra mim, pra comprar minhas coisas, pra guardar dinheiro, pra mim ir na balada, né? Agora com um filho iria ser diferente, né? Tem que trabalhar pro filho, né? E a maioria das mulheres trabalha. Tinha uma mulher que trabalhava aqui casada. Ai, eu acho errado, entendeu? Como o marido não desconfia? Fico impressionada. Trabalhava, casada e trabalhando. Eu acho que eu não estou traindo ninguém, né? Eu sou solteira, né? Eu sou solteira, né? Não tenho marido.

***Qual que é o seu maior medo?***

Eu tenho medo da solidão. Eu acho que eu sou capaz de ficar louca com a solidão. Se eu ficar um dia inteiro sozinha eu já... eu fico me torturando assim, pensando em tudo. Eu tenho medo da solidão, eu acho que sei lá. Eu não consigo ficar sozinha. Eu chego quatro horas da manhã e vou conversar com a Jô. Parece que eu tenho necessidade de contar, de desabafar. E ela me escuta, acorda feliz, nunca acorda de mau humor. Assim, acorda de mau humor, né? Mas, nossa, levanta abre a porta dando risada. Eu vou contar fiquei com tal, fulano de tal e tal, tal, tal. Fiz isso, fiz aquilo. O que será que eu faço? Fico de novo, não fico? Como se fosse uma mãe ou uma irmã, né? Porque pra mãe não iria contar isso, né? Mas como se fosse.

***O que é essa loucura pra você? Você disse que você é louca?***

Ah, eu sou meio louca, sei lá. Não, não sou louca, né, gente. É modo de falar. Sou alegre assim, disfarço minhas tristezas com alegria, né? Por que também ninguém vem aqui pra ver uma cara feia, né? Então, disfarço. Sempre sou bem... por fora sempre estou feliz. Sempre. E não sou de contar meus problemas, não, pra ninguém. Deito ali na cama, né? Converso com Deus e não precisa ninguém ficar sabendo de problema, né? Quem vai querer ficar sabendo de problema, né? Todo mundo tem. Mas conto, conto sim. Conto pra Jô meus probleminhas básicos. Eu não tenho muito problema. Tenho saúde, tenho perna, né? Braço. Os

probleminhas que eu falo assim é um “forinha” assim de pouco tempo, né? Do meu, do meu love, né? Esses probleminhas assim, mas eu não tenho, não tenho do que reclamar.

***Você pretende largar essa vida de programa?***

Largarei, lógico, né? Não quero ficar com sessenta anos aqui. Né? Tenho vida pessoal. Eu sinto falta assim de, de poder contar pras pessoas uma verdade, entende? Eu, eu tenho que mentir. Ah, o que você fez ontem? A estava lá, lá na casa de massagem, atendi tantos, né? Não dá pra contar. Falo: ah, fiquei em casa, daí li um livro. Nem falo o nome do livro, né? Porque daí se ferra, né? Que livro? Então tem que mentir. Onde você mora? Me deixa aqui na panificadora daí volta. E medo, né, gente. Não é medo, é vergonha. Imagina. Um cara entra aí e me vê sentadinha aí com minha roupas curtas. Na balada eu vou toda tampada. É uma vez aconteceu de, de... fiquei com o cara, estava eu, o filho da Jô e uma menina que trabalhava aqui. Fiquei com o cara, quando foi dois dias depois o cara... sai correndo me escondi dentro do quarto. Daí ele falou bem assim pro Leandro: fala pra Camila que eu não vou sair daqui enquanto ela não sair daí do quarto. Daí, falei esse cara vai, vai, vai me xingar, né? Vai me xingar, né? Vai falar essa... Não. “Não precisa ficar com vergonha Camila”.



## APÊNDICE H

### Márcia

#### *Márcia, você podia começar se apresentando?*

Meu nome é Márcia, sou garota de programa, faço ponto no passeio público. Se eu entrar numa casa, boate, muitas meninas novas, concorrência. [...] Não bebo, não fumo, não uso droga, para mim é melhor no parque. É público entre aspas né. É uma guerra. Cada um marca seu território. [...] É difícil, você tem que ir ao pouco conquistando o seu espaço. E a abordagem, o cliente dá uma olhada... Sempre tem os engraçadinhos como o cliente decidido, que vem e já sabe o que quer.

#### *Quando é negociado o preço do programa?*

No ato, no ato, que o cliente te aborda, ou que você aborda ele, já é negociado preço, pra não ter discussão depois no hotel, porque no hotel... a partir do momento que você gera problema, o hotel não aceita você. Então tudo é combinado antes.

#### *Que interesses estão em jogo...?*

É interesse de ambas as partes né. O cliente porque quer se satisfazer sexualmente, e a menina porque quer se satisfazer financeiramente. É uma troca. Os dois precisam. [...] Você sabe que está sendo simplesmente usada por aquele determinado tempo.

#### *E o preconceito Márcia?*

Todo mundo te critica né, mas ninguém chega e te diz: “escuta, você almoçou hoje?!” [...] É fácil criticar. As pessoas ao invés de tentarem te ajudar, elas só querem te ferrar. Tanto as mulheres como os homens. Por exemplo o meu caso. Não tenho família, não tenho parente, eu sou sozinha. Não adiantar ficar reclamando, reclamando pro mundo se eu tenho família. A pessoa que procura só quer saber do ato sexual dele, eliminar o problema dele. Ele não quer saber se eu tenho conta pra pagar, se eu tenho família, se tenho família, onde eu moro... Entendeu?

#### *Quais foram os momentos mais difíceis da sua vida?*

São fases diferentes. Cada momento foi difícil dentro do seu momento. Você sair com um cara, desconhecido. Cliente quer usar crack, rola uma discussão. São várias dificuldades, cada uma dentro do seu momento. Às vezes você sai com a pessoa, às vezes é super dócil, chega lá é um psicopata, quer te estrangular. Acho que você vivendo nesse mundo toda hora é um momento de dificuldade. Você nunca sabe com quem você sai. É um estranho né.

#### *O que você gosta de fazer no tempo livre?*

Eu leio muito. Eu acredito que existe uma força maior, que existe um deus. Tem horas que até eu brinco, deus não existe. [...] Existe um deus. [...] Eu não tenho uma pessoa, mas eu tenho uma leitura, que me preenche aquelas horas que eu preciso [...] No final da tarde você termina

e fica só. É o meu porto seguro. Eu sei que o livro vai tá me esperando, diferente de uma pessoa [...] Isso me ajuda muito, a leitura.

***Trabalhar fazendo programa é digno como qualquer outra profissão... ? O que você acha disso?***

Eu acho que é justa e digna. Porque não peguei nada de ninguém e cedo o que é meu. Sei que sou usada, prejudicada... Através do Allan Kardec [doutrinador do Espiritismo], tem uma lei que diz assim, tudo que tu fazer tu vai colher. Enquanto você não evoluir você continua vindo muitas vidas pra pagar tuas dívidas. A única saída que eu tenho é essa, vender o corpo. Acho que vendo o que é meu, não peguei nada de ninguém, entendeu?

***Tem gente que diz que essa é uma vida fácil... Você acha legal acharem isso?***

Se é uma profissão legal...? Não é legal. Fazer programa é muito difícil. Você sai com pessoas sujas, que não quer por preservativo. Pessoas que só querem te enganar. É muito difícil.

***E as amigas, dá pra ficar amiga dos clientes, das outras mulheres?***

Amigos não posso te dizer. Conheço muita gente. O verdadeiro amigo tá ali todas as horas. As pessoas que eu conheço não podem estar ali toda hora. [...] Então isso não é amigo. [...] Isso não é amigo. [...] Então isso não é amigo, é conhecido.

***O que você diria para uma pessoa que não conhece como é a vida de uma prostituta?***

Eu diria que nunca precise passar por essa situação. Que nunca precise passar por essa situação. De se prostituir entendeu. Porque ate mesmo a própria prostituta que convive com você tem discriminação, quer ser mais que a outra, quer pisar em cima da outra. Acho que a pessoa deveria ter mais consciência.

***E como são os espaços aqui onde vocês fazem ponto?***

É uma guerra constante. Porque se você sai e faz mais programa que a outra, fica com inveja, é bem complicado.

***Você podia explicar melhor isso?***

A inveja, porque na verdade. A mulher se produz pra outra mulher. [...] Então se você vem com uma roupa nova, a outra pensa: ela faturou bem. Ela fez escova... Ninguém fala eu vou dar uma caixa de sabão. [...] É uma querendo engolir a outra. [...] Eu acho que devia ter mais união. [...] Acho que deveria ter mais companheirismo.

***O que deveria mudar então pra isso mudar?***

Tem muita discriminação sabe. A pessoa pensa que só de você ser prostituta, só de falar com você já pega doença. [...] Não digo ser amigo, mas deviam tolerar mais as coisas.

***E como é o sexo nos programas?***

Não é fácil porque imagine. Você fazer um sexo com uma pessoa que você ama é totalmente

legal. Toma banho, papo legal... Imagine você deitar uma pessoa que nunca viu na vida. Não sabe tamanho do pênis, não conhece o temperamento. Ficar aturando por uns míseros cruzeiros. A pessoa que tá pagando acha que tá pagando bem, mas não é tão bem assim.

***Qual valor você considera mais importante na tua vida, que você jamais se esquece?***

Eu gosto muito de respeito e gosto... Qualquer coisa me faz chorar, me deixa estressada, nervosa. Eu dou até minha roupa do corpo, se me souber levar. [...] Eu acho que qualquer coisa pode me tirar do serio, se eu for ali e tomar café, e não me tratar bem, eu digo: eu não to pedindo, eu to pagando.

***O que fez a Márcia hoje como ela é?***

O sofrimento me fez, o sofrimento me tornou a mulher que eu sou hoje. Sofrimentos em todos os sentidos, pai, mãe, patrão.

***Você falou antes pra gente do sonho de ser cabeleireira, que sonho é esse?***

Eu gostaria de ser diferente. O que me restou foi isso, hoje principalmente. Esse sonho pra mim na verdade não é realidade porque o mercado exige muito. Cobra idade, lado profissional, te cobra clientela formada. Como que você jornalista, nunca trabalhou, vai saber tudo se não te derem oportunidade [...] Assim é o cabeleireiro. [...] Auxiliar de cabeleireiro. Então acho que deveria ter mais oportunidade, o pessoal ser mais humano, vou te dar um empurrão, vou te dar a chance que falta pra você. Entendeu? E isso não tem no mercado de hoje.

***E o casamento? Você também disse que foi casada...***

Bom, eu fui casada. Aí me separei. Antes de me separar, fiz curso de cabeleireiro. Marido não deixava trabalhar. Me separei. Conheci uma mulher que me apresentou um dono de salão de cabeleireiro. Tivemos uma relação juntos. Perdeu o respeito. [...] Formei clientela. [...] Já faz quase 3 anos que o salão dele fechou. Ele era turista, só vinha pegar dinheiro. Quem trabalhava era eu.

***Você também disse pra gente que se desfez de um apartamento completamente mobiliado...?***

Eu morava num apartamento. Boleto bancário. Não podia atrasar. Comecei a atender clientes no apartamento que era residencial. A imobiliária começou a pegar no pé. Conheci um tremendo de um pilantra de Barcelona. Perdi tudo daí tive que vender tudo, e hoje vim viver só de programa, aqui. Eu chamei um brechó, que fez uma avaliação. Esse eu pago cinco, pago 2, 1,99. Tinha prazo, tinha datas. Boleto bancário é banco, jurídico, coisa diferente. Então me dá tanto, me deu R\$ 450 por um apartamento montado. E isso já vai fazer dois anos e meio.

***Na época em que você era cabeleireira, como era o teu dia-a-dia?***

Eu quando trabalhava no salão, fiz clientela. [...] Fiz o cabelo da menina. Jantar. Tinha camarim, tinha que refazer outro penteado pra ela trocar de roupa e dançar a valsa. Me emocionou muito eu ver ela dançando com o pai. Sabendo que fui eu que fiz aquele penteado. [...] Cheguei a chorar, porque, de onde tudo que aconteceu na minha, tantos caminhos errados,

optei pelo mais consciente. Se eu cheguei a produzir o cabelo de uma menina de 15 anos, é porque eu quis, eu tinha capacidade, eu tinha o dom pra fazer isso.

***E as drogas, você já usou?***

Não, eu nunca gostei de droga. O próprio nome já me pesa. Já conheci assim de vê, mas nunca quis usar. Já acho que minha vida foi tão complicada na infância, então não quis usar. Caminho errado é muito fácil. Vamos cheirar um. [...] Ele tá te dando pra te viciar, pra você ficar dependente. E você burro diz, nossa, ele é meu amigo. Mas ele ta te dando pra te viciar. Quero que você aprenda a cortar cabelo... Não existe pessoa que chega assim e fala. Por isso eu me emocionei. Eu nunca aceitei droga. Tive tantos caminhos errados e na época eu escolhi trabalhar com isso, entendeu?

***Tem mulheres que a gente sabe, que estão fazendo programa mas têm família, o que você acha disso?***

Tem mulheres casadas, que vêm, tem casa própria. Ganham mil reais. Uma pessoa dessa precisa disso? Não precisa. Eu não tenho nada. Moro em pensão. Larga o marido em casa... Tinha que por a mão na cabeça. Tem muitas que dizem que vão trabalhar de diarista e ficam aqui fazendo programa. E o marido pensa. Como tem outras que tem filho, casa própria, gíngolô. Eu vou de safada de sem vergonha, agora fulana precisa.

***Você comentou do Allan Kardec, você conhece o espiritismo então...***

Eu gosto muito do espiritismo. É uma paz de espírito que você encontra. [...] Eu acho assim que, a única pessoa que é confiável que você pedir alguma coisa é Oxalá. Você não pode esperar nada das pessoas. É muito difícil lidar com o ser humano. O ser humano é muito difícil de se lidar. De repente ele tá puxando o teu tapete. O cachorro é mais fiel. O ser humano só quer te derrubar mais e mais e mais.

***Fazer programa é questão de escolha ou necessidade, ou os dois?***

É uma escolha. Eu tento selecionar, não sair com drogado, bêbado, maloqueiros. É necessidade mesmo, se tivesse renda de mil e pouco reais, sinceramente, eu pararia. Porque eu tenho minha despesa alta. Eu tenho glaucoma. Só vim a descobrir quando tinha 28 anos. Preciso de colírio, R\$ 25 reais p/ semana. Num mês, são cem reais de colírio. Exames de campometria. E o posto de saúde infelizmente não dá. [...] Se tivesse renda de mil reais hoje, eu pararia de fazer programa.

***Quais são os teus cuidados com a saúde?***

Uso preservativo, seleciono o pessoal que saio, pessoal perebento. Tem gente que não seleciona. Dou pré-selecionada e faço exames preventivos.

***Como foi a tua infância?***

Eu não tive tempo pra pensar nisso. Minha infância foi muito tumultuada. Mãe adotiva, mãe biológica. Minha infância já foi lutar, desde pequena. Eu fui filha adotiva. Minha mãe biológica, já tinha outro pai, que tinha um irmão, que a gente discutia bastante. Arrumei um marido, minha mãe deitou com ele. Não tive infância. Não tive mordomia assim, nunca.

***E aqui no Passeio Público, é um território muito disputado?***

Bom, quem não conhece pensa que é uma coisa normal. Só que se são dividas, áreas. Quem chega há mais tempo, começa comandar aquele espaço. Você tá no meu teu território, tem que ir pro teu lado. Então as antigas mandam mais.

***Onde você nasceu Márcia? Você contou que não foi aqui em Curitiba... ?***

Nasci em Nova Cantu, morei em Toledo, Cascavel, Guarapuava, e agora aqui em Curitiba.

***Você não teve filhos, porquê?***

Não, eu sofri muito. Eu não queria por um filho no mundo pra vir a sofrer o que eu sofri. Gosto de ser criança, mas não quero ser mãe.

***Qual era a tua visão da prostituta antes de fazer programas e depois de fazer programas?***

Eu não tive visão porque não deu tempo de ter visão. Eu já comecei a prostituir pra poder viver. Eu não tenho uma pessoa pra ligar, pra pedir 10 reais, um pai, uma mãe, madrinha, um vô, uma vó. [...] É difícil porque você tem que lutar todos os dias, todos os dias é uma luta. [...] Quando eu me dei conta, eu já tava vivendo nela pra poder me manter. 15 anos.

***Como é teu dia-a-dia?***

Meu dia amanhece, sempre tive muita higiene. Tomo banho de manhã, tomo café da manhã, organizo roupa. Higiene é básico de tudo. Me organizo, venho trabalhar. Às vezes, quando choveu é complicado. Na hora do almoço, vai almoçar. Fico normalmente até às 18h, 19h da tarde. Tomo banho e já me organizo para o outro dia, normalmente.

***Como é quando você chega em casa, depois de um dia de ‘batalha’?***

É horrível. Na real, o ideal é não pensar muito, entendeu. Se não você começa a pensar: foi uma droga... Então amanhã é outro dia, vai ter que ser melhor, amanhã vai ter que brilhar o dia. Não dá tempo de ficar pondo caraminhola na cabeça. Como te falei, leio muito, já pra espalhar o que passou.

***Do que você sente mais falta hoje na tua vida?***

Eu sinto falta de uma segurança, sabe. De um trabalho, de uma segurança. De um porto seguro. (...) Um algo seguro. E de época de festas de família, sabe. Pó vou comprar pra minha mãe. E eu, não tenho nada pra comprar pra ninguém.

***Você tem algum medo? Algo que te tire o sono de noite?***

Medo de ficar doente. Como vou ficar cuidando da pensão, entendeu? É horrível. Eu acho assim que se você nunca tivesse tido um apartamento, se você tivesse tido uma segurança, seria normal. Agora quando você já conhece uma coisa melhor é muito difícil. Muito.

***Quando você olha no espelho, quem é a Márcia que você vê?***

A Márcia que você tem que representar, que é linda, que é maravilhosa, que você tá bem. Ou seja, você tem que representar. O cliente não quer que você fique se lastimando, não quer que você fique reclamando. Disso ele já tá por aqui. Ele já tem problema suficiente. Do filho. Da mulher que dá pro amante. O cliente que vem atrás de uma prostituta não quer reclamação. Tem que estar linda, com sorriso maravilhoso, linda e cheirosa. Chamar de lindo, de meu amor, de meu bem, se não você não recebe o teu cachê.

***O que você mudaria na tua vida?***

Eu queria que fosse tudo isso que eu passei e que eu passo, que fosse um sonho. [...] Eu tenho tudo seguro, eu tenho uma família, eu tenho uma casa, eu vou casar de véu e grinalda, tem um marido. Queria acordar e dizer assim, foi um pesadelo que eu tive. Você sabe que tem que correr atrás, que tem gente, as dívidas, a sobrevivência. Você não tempo de parar e dizer: hoje eu vou tomar um fôlego. Porque você sabe que o pessoal vai te atropelar, e você é só mais um.

***Qual o perfil dos clientes?***

Todos, desde o burguês, até o mais assalariado. Cada um tem uma justificativa. Um dá de tudo pra mulher. A outra mulher não quer dar. [...] Então tem todos os tipos de cliente que você possa imaginar. [...] Desde estudantes, até velhos de 70, 80 anos: todo tipo de cliente procura a prostituta.

***E sempre é a mesma abordagem?***

Troca um olhar. Já vem... Faço, meu preço é tanto, já falo o tempo, como é cobrado cachê. Se ele topar, a gente já vai na hora. Tem os que a gente atende por telefone. Daí é motel né, daí não é aqui perto.

***E você tem planos para o futuro?***

Ai olha, eu não quero nem imaginar. Não, não. Eu to assim vivendo o hoje, não to pensando nem no ontem nem no amanhã. Já o hoje já é muito difícil. Não quero nem imaginar como vai ser.

***Que cuidados você tem pra cuidar da beleza, pra preservar o lado feminino?***

Bloqueador, creme pro cabelo, creme pro rosto, batom, carteira, anti-transpirante, celular, sombrinha, cepacol, perfume, batom, gloss, lápis, lixa de unha, preservativos. Como eu falei, eu tenho glaucoma, não posso usar lápis. Só uso bloqueador, batom e gloss. Não uso blush, lápis.

***Pra finalizar Márcia, o que é intimidade pra você?***

Intimidade pra mim? Eu não considero se deitar com um estranho. Eu pra mim, intimidade é estar com uma pessoa que você gosta, que você curte.

## APÊNDICE I

### Valery

*Então Valery, eu queria que você começasse se apresentando, que nem você fez agora.*

Então tá. Já? Eu sou a Valery, tenho 23 anos e sou garota de programa.

*Como é ser garota de programa, Valery?*

Pra mim é divertido.

*Por quê? Como é que é a sua vida? Como é o seu dia-a-dia trabalhando como garota de programa? Onde você trabalha, conta um pouquinho pra gente.*

Eu trabalho assim, eu viajo, assim, vou para os lugares trabalhar, eu nunca fico num lugar só. Vou... Trabalho em Porto Alegre, um pouco em São Paulo e em Curitiba. Até agora, né? Daí depois volto para Curitiba, porque é em Curitiba que eu nasci, eu moro aqui.

*E em que lugares geralmente você trabalha? Você trabalha lá no...*

La Boheme.

*Então conta um pouquinho pra gente como é que é, que lugar é esse.*

Tá. Trabalho, trabalho no La Boheme, é uma boate normal. Só que não tem shows. E onde eu trabalho em Porto Alegre tem shows e é mais alto o valor do programa, também. É 150 [reais] o mínimo para garotas.

*E aqui em Curitiba?*

Aqui é 80 [reais] o mínimo pra garota

*E você trabalha em uma boate, como que é a relação com as pessoas, como que é o clima da boate. Para quem não conhece, como você contaria como é a abordagem dos clientes? Que horas você entra... ? Que horas você sai... ?*

Eu faço o meu horário. Eu entro a hora que eu quero e saio à hora que eu quero. Só que eu trabalho dependendo da quantia que eu preciso trabalhar. E que eu posso, também.

*Que quantia é essa?*

Ah. Se eu estiver precisando muito de dinheiro eu vou trabalhar, se não eu fico em casa

*Valery, você me disse que você viaja, né?*

Eu viajo.

*E quanto tempo você fica em cada lugar, normalmente?*

Eu fico três meses em cada lugar.

***E aqui em Curitiba você fica mais?***

Aqui em Curitiba eu fico mais tempo, aham...

***Quanto tempo?***

Ah, eu fico até de seis meses, porque eu tenho dentista aqui, né? Aqui são os meus afazeres, e para fora eu só vou para juntar uma grana mesmo e voltar.

***Você tem algum destino certo para esse dinheiro sempre ou às vezes você não está precisando...***

Não, não, não... Eu tenho sempre um destino certo para ele. É, eu quero montar para mim um negócio, eu quero um negócio próprio para eu poder parar de trabalhar no futuro. Eu quero parar e daí eu vou arrumar negócio [...].

***Vamos conversar um pouco, voltando um pouco para o que era a Valery antes de começar a fazer programa. Então valery, como era a sua relação com a sua família? Você é daqui, né?***

Eu sou daqui.

***Conta para a gente, quando na tua adolescência, quantos anos tinha, quê que você pensava, “ah, vou fazer programa” porque você tomou essa decisão, como é que foi na época.***

Não. Foi assim, o meu pai ele sempre acostumou à gente, ele dava o que a gente precisava e não deixava trabalhar até os 16 anos. Aí um dia eu, com 17 anos, quando eu fiz 17, eu fui no shopping e vi um vestido muito bonito, né? Aí eu cheguei em casa e falei pra o meu irmão comprar pra mim o vestido. Aí ele disse assim pra mim, que não, e que se eu quisesse o vestido, porque que eu não pedia pra esses namorados meus, que me comiam de graça. Bom, aí ficou isso na minha cabeça, né? Bom aí o primeiro cara que saiu comigo eu falei: me leva ao shopping que eu fico com você. Aí ele me levou e eu fiquei com ele, de boa. Aí ele comprou o que eu queria no shopping, e eu fiquei com ele. Ah, mesmo se eu não podia trabalhar, porque era de menor, né? Aí eu peguei um... aí eu entrei para trabalhar como secretária no partido PSL [Partido Socialista Liberal]. Daí deu lá, eu briguei com o meu chefe, porque ele me deu um beliscão aqui, porque eu não quis... é... não, porque eu tinha que participar de um evento, e eu não quis, eu preferi ficar escondida dele. Daí no final do... do... do evento ele me deu um beliscão, eu fiquei chateada e saí de lá né? Aí tava na hora, quando eu saí daquele escritório, tava na hora de eu, de eu procurar outro emprego, né? Bom, daí eu peguei um jornal, peguei um jornal assim, para procurar emprego, aí tava, vi assim: é.. procura-se acompanhante de executivo, é... salário mínimo 3 mil reais por mês... bom, eu falei, ó.. acompanhante de executivo, não sabia o que era. Era inocente, aí eu fui ver e não era acompanhante de executivo, era garota de programa... daí eu fiquei.

***Qual a diferença da idéia que você tinha de fazer programa, logo que você entrou e hoje? Como que era antes, e é hoje?***



Ah, é assim... Antes, antes eu via as garotas assim, garotas de programa, até eu achava comum, assim, eu não tinha nada, nenhum preconceito porque... porque, assim, a gente saía de noite, com... com os carinhos que a gente saía, eu e minhas irmãs, daí a gente via travesti na beira da rua, prostitutas fazendo programa, e daí a gente conversava com eles, chamava para conversar com a gente, até o carro, eles iam, falavam de boa com a gente, não teve nenhum problema, então eu não tenho problema com garota de programa.

***E os homens, esses homens que procuram... Especificamente em boate, queria que você contasse para a gente como é esse homem que frequenta as boates. O que tem de diferente?***

É que é assim, na boate você já está preparada, né? E é mais seguro, você tem mais segurança. E... só por isso, que é mais segurança. E tem o valor fixo também

***Como é a moça que administra a boate, como que é a relação de vocês? Com as meninas?***

Ah, a gerente, não... ela exige algumas coisas da gente, quando a gente tá lá dentro da boate, ela exige que não fique sentadas pelos cantos, tem que dar um alto-astrol, uma levantada assim para o cliente poder te ver, né? Fazer presença.

***O que é mais difícil para você? Em fazer programa. Tem esse lado difícil, ou...***

Tem, tem um lado difícil, que é você ter que.. ah... Ficar com coroas, né?

***E cliente sujo, você atende?***

Não, sujos não, porque a gente dá banho neles, né? eles saem limpinhos, se eles entram fedidos, eles saem limpinhos, pode ter certeza disso, porque eles tomam banho... dois banhos, um para entrar e outro para sair

***E porque é mais difícil com coroa?***

Aí porque, nossa, aí, é diferente... tocar no corpo da gente, né? Ui! As vezes eu faço assim, né? Eu tiro a cabeça de lado, tiro a cabeça de lado e ui... “a você tá com nojo de mim” “não, não to com nojo, é que enroscou um cabelo aqui”

***E qual a coisa mais, a situação mais estranha ou que te deu... a situação que marcou nesse teu trabalho, tem alguma, coisa... “poxa, como está acontecendo isso comigo”, o cara falou alguma coisa ou... tem alguma coisa que você lembre?***

Ah, aconteceu assim, na semana passada até, eu fiquei com um cliente, e aí eu perguntei muitas... Perguntei pra ele assim, é... “então tá, eu vou ficar bem a vontade, tá? Então tá?” Aí eu perguntei para ele, “vai demorar muito para gozar?” Aí ele falou “pega tua roupa, vista tua roupa que vamos descer agora”. Eu pensei que ele ia me bater, assim, sabe? Mas não era, aí eu falei “eu não falei para te ofender, desculpa, eu só perguntei para ver se estava na hora de mudar de posição” eu perguntei para ele, aí ele se acalmou, né? daí ele veio fazer carinho para mim, carinho, carinho, assim sabe? daí ele reanimou de novo, começou a levantar, entendeu? e aí, bom, daí eu falei assim, agora tá melhor, aí, porque eu falei isso? Aí o cara já pegou e saiu da cama, mas saiu muito louco, ”vista sua roupa e a gente vai descer”, eu falei “tá bom”, peguei, vesti minha roupa, aí eu pensei assim “agora ele vai falar para a gerente, vai reclamar para a gerente, né?” daí ele disse assim “eu não vou reclamar de você para a gerente porque

eu sou um cara legal, mas você se cuide com o que vai falar com as pessoas”. Bem assim que ele falou para mim.

***Você já foi alguma vez ameaçada? Como é que é essa coisa, assim?***

Ameaçada, nunca fui ameaçada

***É? E a sua relação, agora vamos mudar completamente de assunto, a sua relação com a sua família, como é sua família, a gente viu que a sua irmã veio contigo, quantos irmãos você tem, quem sabe, quem não sabe... ?***

Fora eu, tenho três irmãs e dois irmãos. Fora ela né? Eu e ela, tenho mais duas irmãs e mais dois irmão, daí assim, essa minha irmã sabe, e os outros não sabem, entendeu.

***Como é esconder?***

Ah tem que mentir, tem que mentir, mesmo, tem que esconder, não pode falar nada, se não eles, sei lá, né? Que eles fariam...

***Qual que é... você tem algum medo? Qual é seu maior medo?***

O meu maior medo? É que minha família saiba, mesmo. Eu tenho medo que minha família saiba... por que? ah... porque eu acho estranho daí eles iam ver que eu menti todo esse tempo, do meu trabalho, entendeu? É mentira... mentira não é uma coisa legal, né? Eu acho chato.

***Uma das meninas lá da boate, a Baiola, ela falou que “nada é tão bom que não seja ruim e nada é tão ruim que não seja bom”, faz sentido para você essa frase?***

Ah, Eu acho que faz, faz sentido sim. Ah, eu entendo assim, que tudo que é bom tem alguma coisa de ruim e tudo que é ruim tem alguma coisa de bom, então, se mentiu um pouco não tem problema, né?

***A última vez que te encontramos você estava vestida de cor de rosa, e hoje também. Queria que você contasse um pouco sobre o que você gosta de vestir, do teu jeito de ser de menina assim, quem que é essa?***

Não, não, isso é coincidência mesmo, eu gosto mesmo é da cor branca, o que eu uso direto mesmo é branco, cor clara. Todas as cores claras eu uso, não uso escura. Preto eu não uso. Não, porque eu tive uma madrasta que eu gostava muito dela, né? Aí nesse tempo eu fazia auto-escola, aí eu usava muito preto, todos o dias, eu usava preto, adorava a cor preta... não, mentira, cor branca, cor branca, todo dia, branco. Só que daí esse dia eu... eu tinha que ir para a auto-escola, aí eu falei assim, “ah hoje eu vou de preto, se não o examinador vai me ver de branco de novo. Não, vou vestir preto”, aí coloquei tudo, toda de preto, aí fui para a casa do meu pai, primeiro, antes de ir para a auto-escola resolvi ir para a casa do meu pai, daí cheguei, cumprimentei meu pai e minha madrasta e fui vestir uma roupa para ficar mais a vontade, né? Aí quando... quando eu troquei de roupa... meu pai gritava, meu pai gritava pelo meu nome, gritava... gritava.. daí “por que o pai está gritando comigo, se eu não fiz nada para ele, né?” daí eu cheguei lá, tava dando parada cardíaca na minha madrasta, então eu vi ela morrer na minha frente, assim, sabe... foi horrível, daí nunca mais eu quis colocar coisa preta, vestir preto... por uhun...

*Além disso, que você falou, esse trauma...*

É porque é um trauma!

*Que outras coisas você guarda assim, da sua vida, e até da tua vida garota de programa? O que você trás contigo, mas não, queria que isso fosse embora? Da sua vida de garota de programa...*

Tudo! Ser garota de programa eu já queria deixar de lado. Eu só não deixo mesmo porque eu preciso, né? Se eu não precisasse aí eu deixaria, já tinha deixado, mas eu preciso

*Além disso?*

Não... não...

*Nada?*

Não...

*Quais são os seus sonhos, conta um pouco sobre esses sonhos da Valery.*

Ah, eu só quero abrir um supermercado... não, um minimercado pequeno, subir para um supermercado, né? Isso é bom. Ou então uma farmácia bem grande também... Faz bem.

*E na sua vida, no amor?*

Ah, eu... tem um cara que eu gosto, mas ele é espanhol, ele tá bem longe de mim, e ele não tá nem aí para mim, é, ele não me quer... Aí... que chato isso.

*Quem é esse espanhol fatal que conquistou o coração da Valery?*

O nome dele é Afonso.

*Como você conheceu ele?*

Eu fui para lá também.

*Conheceu na Espanha, então?*

Eu já estive na Espanha.

*Você pelo jeito adora viajar, você é itinerante que nem um parque de diversões?*

Pior...

*Como é que é? Essa vida itinerante?*

Ah, é legal. Não é que eu gosto de viajar, entendeu? Eu preciso de viajar. Eu preciso viajar. Quando... quando eu vou viajar, pode ter certeza que eu estou precisando. Mas eu não gosto de viajar. É cansativo.

***Que mais te deixa cansada, hoje na sua vida?***

Ai que frio... O que me deixa cansada? Ah, no momento não, né? Porque... Eu não to cansada. Eu preciso trabalhar e eu esqueço o cansaço físico, assim, e o mental também. Esqueço tudo.

***Quando você termina um dia de trabalho o que você pensa, alguma coisa que você pense em especial?***

Quando eu... quando o quê?!

***Quando você termina um dia de trabalho, no que você pensa...***

Ah, eu a primeira coisa eu penso em dormir, em dormir. Ai... eu não penso nada.

***Você comentou com a gente que você passou por uma depressão, enfim, algumas coisas difíceis na sua vida...***

É... foi... eu...eu tomo anti-depressivo. Me deu depressão. Mas isso foi porque me deu alguns problemas na vida, sabe? Problemas que você não espera e acontece. Entendeu? E aconteceu tudo no mesmo tempo, assim... tipo, foi um conjunto de... de problemas assim.. e aí eu fiquei... me deu depressão... não queria sair de casa... daí consultei um... um psicólogo.... o psicólogo... do psicólogo pra.. pro psiquiatra e aí eu tenho uma acompanhamento de um psiquiatra todo mês, e de um psicólogo também... e aí... é por aí.

***E o que o psicólogo fala para você, e você fala para o psicólogo? O que vocês conversam?***

Não. Eu conto tudo pro psicólogo, não escondo nada. Pro psiquiatra também, eu conto tudo o que eu faço, sobre a minha vida, conto tudo. Tem que contar, né? Para eles saber qual é o problema da gente.

***O que você não conseguiria viver sem, hoje?***

O que eu não conseguiria viver? Eu acho que agora eu enfrento tudo. É porque a pior parte foi ter me dado depressão, né? Que eu achei que ia morrer. Não morri, então enfrento tudo.

***Agora que problemas que eram esses? O que preocupava tanto a sua cabeça?***

Então tá, primeiro sofri um acidente. Eu atropeliei um motoqueiro e eu tava errada. E eu paguei a moto do motoqueiro, mas ele insatisfeito pediu indenização, queria que eu indenizasse ele. Se não aceitasse a gente ia enfrentar o juiz no tribunal. Eu preferia enfrentar o juiz. Aí quando eu cheguei na primeira audiência ai o promotor já.. é.. perguntou para mim o que eu devia, o que eu devia para ele. Eu falei assim, “nada, porque eu já paguei o conserto da moto dele”, aí até o promotor falou bem assim “então se ela já pagou o conserto da tua moto, ela não está te devendo nada”. Daí, aí ele bem assim, “ah, mas e quanto aos danos morais?” imagina! Sem lógica... daí não sei... até agora não me deram nenhuma resposta, já tem uns dois anos... um ano e não me deram nenhuma resposta se vão continuar com essa ação ou se... ou se já.. deletaram tudo.

***Por que as pessoas às vezes, é... tem um senso comum sobre as mulheres que fazem programa, o que você diria para essas pessoas, assim... que elas pensam sobre a mulher de***

***programa as vezes que... sei lá... sabe? Desvalorizam e tal, e não é... qual é o lado dessa vida... dizem que é uma vida fácil. Mas é uma vida fácil? não é? Por que?***

Ah, porque o dinheiro, ele entra fácil e sai fácil também. Porque do jeito que você ganha você gasta. Entendeu? Então... eles querem dizer que é fácil, eles dizem que é fácil, mas eu acho que é o dinheiro que... mais difícil que tem, para se ganhar é esse. Porque você tem que se deitar com pessoas que você não conhece... se deitar com coroas... muito velhos... ãh? E... e... e eu sei lá, né? Eu acho que isso é tudo, entendeu? É, você encarar outra pessoa bem estranha, né? Eu acho assim, pelo menos. E o dinheiro difícil, da minha parte é esse difícil, né? Isso é difícil, ficar com os coroas. Se não fosse os coroas, tava fácil

***Quando vem um rapaz assim, bonitinho, arrumado, o cara sei lá, tomou um banho... como é esse programa? Qual é o programa para você, que você pode dizer, “Ah, esse programa foi fácil”.***

Aquele que não incomoda nem um pouquinho, aquele que ele entra no quarto, dá uma rapidinha, já quer sair... esse... esse é bom para mim... aí, esse é o mais fácil que ganho... ou então quando ele entra no quarto e só quer conversar... esse é dinheiro fácil.

***Uma das meninas até falou para a gente que a mulher que faz programa é meio que a psicóloga da noite, né?***

Não acho... porque... por que psicóloga?

***Por que ela às vezes está lá muito mais para suprir a carência, para conversar que propriamente para fazer o sexo. Você concorda? Como é que é a sua experiência em relação a isso?***

Eu não, eu... o problema meu é que eu não.. eu não gosto de clientes. Eu gosto que o cara vá, fique uma vez comigo, e não me procure mais. Tem que ser só uma vez. Eu não sou mulher dele, pra que quer eu? né?

***Então... aí...***

Eu prefiro conversar... Eu prefiro conversar.

***Então na boate não é muito comum ter cliente? Como é que é isso?***

Não, é comum ter cliente, as gurias gostam de ter clientes, assim. Conversar, fazer carinho para eles, não sei o quê... mas não é o meu caso, eu não gosto. Eu sou às vezes até grossa com os clientes. Dependendo do cliente eu não deixo nem encostar “ui! Sai daqui! Sai daqui!” Tem um cara que vai lá e quer ficar sempre comigo, assim, direto. Eu falei para ele “olha aqui, não sou tua mulher. Tem bastante menina para você ficar”. Mesmo que seja um dinheiro que a gente deixou de lado, porque a partir do momento que você fala isso com um cliente, pode ter certeza que aquele cliente, ele não vai querer ficar com você direto. Aí é um dinheiro que você perdeu, né? Só que e daí, eu perdi dele e vem outro e me quer. Dá nada, né?

***E como que é? Lá no La Boheme vocês trabalham de dia também....***

É, de dia...

**Não tem que fazer show nem nada... Nas outras você trabalha...?**

É a noite.

***E qual que é a diferença entre...***

Na noite você dorme pouco, né? Já não é a mesma coisa. Dorme de dia, né? Já é mais difícil. Que você tem que dormir de dia.

***E como que é? Vocês fazem show...***

Faz show... faz show... mas eu to meia gordinha, agora não posso fazer show. Daí por isso que eu fico aqui no La Boheme que aqui não dá nada tá gordinha, mas nas outras casas, né? Aí... daí já não dá pra show. Daí eu não vou.

***Como que é a conversa entre as meninas que trabalham na boate? Com certeza deve rolar tipo uma fofoca, um papo de mulheres...***

Sempre rola. Sempre rola.

***O que vocês conversam?***

Aí, eu só meia reservada assim, eu não converso com as gurias.

E por que você não conversa?

Ah, porque... sei lá... as gurias têm um pensamento diferente do meu... entendeu? Aí não.. não... não rola conversa... assim...

***O que você tem de diferente dessas meninas da boate?***

Ah.. é que eu... eu não gosto de fazer clientes e... essa é a minha diferença. Que eu não gosto de fazer clientes. E também... não... não sei te explicar...

***Vamos mudar de assunto, você disse que já esteve na Espanha, não é?***

Aham.

***Você foi trabalhar lá?***

Fui, fui trabalhar lá.

***Conte como é fazer programa lá na Espanha?***

Lá é... nossa...totalmente legal. Bem... eu gostaria de voltar, né? Se eu pudesse voltar esse ano eu voltaria, mas eu estou com uns problemas aqui para resolver. E não posso voltar esse ano... para lá. lá é bom.

***Como que é?***

Melhor que aqui pra ganhar dinheiro.

***Mas os programas são normais também... tem casa, ou...***

Tem, tem lugar para a gente ficar, em casa, boate, assim, hotel, tem tudo.

***E os homens lá? São mais bonitos?***

Não, não... eles não são... assim... ah... tem uns bonitos, sabe... só que daí são descendente de português... de francês... mas os espanhóis mesmo, eles são muito porco, assim, eles não gostam de tomar banho... aí.. fedido... aqueles homens fedidos... fedido mesmo... deus o livre.... não tem condições. é...

***E o espanhol você conheceu trabalhando também ou estava passeando...?***

Não, conheci trabalhando... conheci trabalhando... daí... ele... ah, ele fez uma chantagem comigo, porque ele fez assim: “eu só subo com você se você me dar teu número”. Aí eu aceitei, eu “ta bom” eu queria ganhar dinheiro, era muito louca por dinheiro, quando eu fui. Aí eu falei “tá bom, eu te dou meu número”. Dei meu número para ele e ele começou a ligar. Só que eu não saia com ele lá fora. Eu não saia porque eu gostava de um brasileiro aqui nesse tempo. Daí esse espanhol... só que daí eu cheguei, eu voltei da Espanha, né? E esse brasileiro tava muito cheio de querer, entendeu? Muito cheio. Aí eu comecei a pensar no espanhol, falei “bah, agora deixei o... o carinha lá não quis ficar por causa desse aqui, esse aqui me esnoba, não sei o quê” falei “quer saber? A hora que eu voltar vou ficar com aquele espanhol” aí voltei e fiquei com o espanhol e acabei me apaixonando pelo espanhol e esqueci o brasileiro. Aí sentei, sentei não porque foi bom para mim ter esquecido o brasileiro. O brasileiro era muito galinha. Eu não gosto de homem galinha.

***Que tipo de homem você gosta?***

Ah, eu gosto de homem assim, sincero, sei lá, meigo, né? Que não seja tão galinha. Eu não gosto de homem galinha.

***Valery, o que você diria para a sua mãe se ela descobrisse que você é uma garota de programa?***

Eu diria que era mentira! Era a minha palavra contra a da pessoa que contou. Diria que era mentira. É óbvio.

Aí que frio... agora ta dando frio.

***Quanto que você ganha por mês, por semana?***

O mês passado eu tirei 2.800 [reais], 2.800 eu tirei... que eu anotei numa agenda, né? Então eu posso dizer que eu ganhei 2.800. Aí esse mês eu não anotei. Tem mês que dá para você anotar, assim, que você consegue anotar todo dia. Às vezes você esquece...

***Que cuidados que você toma assim, para se proteger seja um creme, camisinha, um banho antes ou depois, como são esses detalhes?***

Ah, você tem um ginecologista uma vez por mês, que você procura sempre, aí você usa um sabonete íntimo e você usa também uma pomada que você coloca é... durante a noite, daí ela, sai infecção, tudo quanto é sujeira, na calcinha pela manhã. Daí usa preservativo, né? Usa gel KY, ou algo Prudence, alguma coisa assim, um gel lubrificante, né? Que você não vai ter lubrificação toda hora, ali né? aí..

***Tua vida, é colorida a tua vida?***

Não, ela lembra bem um túnel preto, escuro... cheio de obstáculos.... não, é de brincadeira. Não, ela é mais ou menos colorida, a minha vida. Tem algo colorido.

***Você acha que você é uma pessoa feliz?***

Feliz? Feliz não, né? Eu acho que não, porque eu to sem o meu grande amor, que queria estar do lado, estar perto. E... e ainda não posso dirigir. Aí... que droga....

***Quando você acorda, e se olha no espelho, quem é essa Valery? Quem é essa menina que o Afonso está perdendo?***

Ah... não sei... explicar. Aí eu fiquei muito chateada mesmo. Muito chateada, muito magoada. E eu ainda não me recuperei... ainda... disso, entendeu? Eu to, eu to assim meio controlada pelos remédios, sabe? Então não dá para explicar, assim, aquela menina alegre que era no passado. Agora é outra história. Agora é uma outra menina que tem que se cuidar, tem que se cuidar psicologicamente, a pior coisa que tem, né? Se não vira um túnel escuro, e eu...

***Uma mensagem, frase, pensamento, música...***

Do Skank, Te Ver.

***Como é essa música?***

“Te ver, e não te querer, é improvável é impossível. Te ter e ter que esquecer...”.  
Essa música marcou a minha vida, foi quando eu, quando a gente não... quando eu não podia mais ver ele e daí eu colocava essa música bem alto, no meu discman. Que lá na Espanha né? Eu tava sozinha lá na Espanha, daí uma música do Skank só, daí ninguém curte Skank, só eu curtia só eu.



## APÊNDICE J

### Ricardo Hoepers

HOEPERS, R. Aspectos sociais e familiares da prostituição feminina e a moral religiosa católica: entrevista com Ricardo Hoepers, pároco da Paróquia São Francisco de Paula em Curitiba. Curitiba, 27 de setembro de 2008.

***Cito uma definição da prostituição feminina: “Uma troca consciente de favores sexuais por interesses não sentimentais ou afetivos”. Como a igreja vê essa questão, como é que ela concebe a prostituição feminina, na essência?***

Bom, acho que é importante a gente começar um pouco pelos conceitos de sexualidade. Nós entendemos a questão da sexualidade como algo sagrado, um dom que foi dado por Deus e que é um complemento entre homem e mulher. E toda sexualidade para nós, na visão cristã, existe um projeto de vida. Então o próprio Jesus disse: “O homem deixará o seu pai e sua mãe, se unirá à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne”. Então no projeto sexualidade existe a sacralidade do corpo, e o corpo, e nós entendemos que é algo extremamente valoroso, porque a vida não se vende, não se compra. Então mesmo em questão de até transplantes né, nós estamos ultimamente dizendo cuidado porque corpo não se vende, nem uma parte do corpo. Se a parte do corpo não se vende, quanto mais os sentimentos, o amor. Então a questão da prostituição para nós é um problema social. Então, só pra entendermos: não estamos falando das pessoas e sim do fator prostituição. Ele fere para nós um princípio que é o princípio do amor, que exige fidelidade e acima de tudo respeito pelo corpo. O corpo não é uma matéria como você possa mercantilizar. Então a partir disso o conceito pra nós é um conceito que fere uma moral porque você não tem como aceitar que o seu corpo possa colocar-se à venda e que o sexo seja utilizado só como um meio de ganho. Então nós temos um problema moral aí. Agora o fator social “prostituição” a gente pode analisar porque uma mulher vai para a prostituição, essa seria a nossa pergunta. Então em vez de dizermos assim “vamos oficializar a prostituição”, a igreja se preocupa com a causa. Porque as mulheres têm que ir para a prostituição? Esse é o objetivo da vida delas? Penso que não. Penso que se elas tivessem outras oportunidades elas não precisassem usar desse mecanismo para ganhar, para se sustentar, elas deixariam de ser prostitutas e buscariam uma outra profissão. Então a nossa grande pergunta: Será que nós não precisaríamos primeiro lidar antes com as causas da prostituição, as causas sociais, as causas que levam uma mulher a lutar por isso. Então essa seria a nossa grande preocupação.

***Nos casos, por exemplo, que tem muitas mulheres hoje que se prostituem e que levam vidas paralelas. Ela é uma jovem universitária, ou mesmo essas que têm idade mais avançada e que já tem até filhos, às vezes. Hoje tem até famílias dentro da prostituição. Como é que a Igreja lida com essa questão, como é que a Igreja trabalha com isso?***

Veja, existem duas áreas importantes que nós estamos procurando trabalhar. Primeiro o fator da mulher marginalizada, que é aquela mulher que por problemas sociais, desestrutura, falta de condições financeiras, ela quase que tem a necessidade de buscar um recurso, e acaba encontrando muitas opções. Então existe a droga, mulheres que hoje entram no tráfico, existe o comércio ilegal, existe... E uma das coisas é a prostituição, que pode levar, uma mulher pode optar por isso por um fator social dela. Agora, existe a questão sexual, que daí é de cunho mais psicológico, afetivo, quando algumas mulheres também buscam isso por uma questão pessoal, interna. Às vezes uma situação que ela passou no passado, um trauma, que

levou ela a ter no sexo uma certa obsessão. Então esse é um outro fator que a psicologia poderia explicar melhor. Mulheres que têm na sexualidade uma obsessão, um desvio, como tem outros desvios e a pessoa busca só naquilo um certo fator de compensação dos traumas passados, é um fator. Outro fator é a história. Porque sempre houve prostitutas, não que a gente queria justificar por isso, porque também somos pessoas humanas, e sempre como pessoas humanas somos fadados a limites, a fraquezas. Então a sexualidade é um impulso. Tudo que se refere à sexualidade é muito fácil de você levar para os extremos, porque sendo um impulso assim como a raiva, o ódio, e outros impulsos muito fortes que nós temos, a sexualidade é um grande impulso. E ela pode levar a vícios, pode levar a situações de que a pessoa precise fazer aquilo sem até financeiramente necessitar. Então eu diria assim num primeiro momento pra você: é algo muito complexo. Existe a prostituição como problema social, econômico, financeiro; existe a prostituição que se deriva exatamente da marginalidade da mulher; existe a prostituição que pode se derivar de traumas psicológicos, afetivos, desvios; existe a prostituição que é momentânea, que foi um momento da mulher que teve que optar por aquilo, mas ela não se condiciona a isso pela vida toda; existe aquela prostituição que é permanente, a mulher cria uma estrutura toda pra viver nisso. Então é um fator muito complicado que você não tem como analisar: “a prostituta é assim”, “ela tem esse perfil”, não. Você tem que estar muito atento à série de questões sociais, afetivas, emocionais, familiares, que levam uma mulher a se prostituir.

***Mas assim, as pessoas às vezes pensam assim, a Igreja tem toda a moral católica. A moral católica coloca hoje assim taxativamente que a prostituição seria um pecado, ou não, justamente entrando nisso que você falou, ela tem uma visão bem sensível sobre esse “problema social” como você colocou. Dá pra dizer que a igreja combate o pecado e acolhe o pecador?***

Essa é a grande pedagogia do próprio Jesus. “Alguém te condenou?”, falou pra mulher que estava pra ser apedrejada. “Não, ninguém me condenou”. “Então vai e muda de vida, essa é a questão”. Então nós acreditamos sempre que é possível sair dessa condição, porque essa condição ela não tem como trazer a realização plena da pessoa, porque a pessoa humana precisa de alguns pontos fundamentais: como fidelidade, amor, carinho, afeição, e às vezes na prostituição por ser..., liga um sentimento que é primoroso, que é a sexualidade, com um sentimento que é mercantil, pode levar a pessoa a muitas frustrações. E de maneira alguma nós queremos que a pessoa humana seja uma pessoa frustrada, triste, angustiada, que nunca seja feliz. Então o trabalho que deve dignificar a pessoa na prostituição se torna um trabalho exaustivo, difícil, perigoso, porque ela não sabe quem é o cliente. Pode ser uma pessoa que está ali numa aventura, mas pode ser um louco, um obsessivo. Então a vida dela está sempre em risco. Então o grande trabalho nosso é tentar ajudar essas pessoas a saírem dessa situação. A prostituição está aí? Está. As mulheres aderem a esse tipo de trabalho? Sim. Então qual seria a grande proposta? Há outras possibilidades de ser feliz, de conseguir um trabalho digno que não precisa ser por esse caminho. É um pecado? Claro. Porque você trabalha toda a questão da infidelidade, o sexo entra num patamar bastante, eu diria, artificial, e pra nós isso se torna um pecado, quando você denigre a sua imagem, o seu corpo, que é templo do Espírito Santo. Então, nossa proposta é sempre que haja uma saída, e convidar essa mulher a saírem dessa situação. Existem os fatores, existem as questões econômicas, existe a questão familiar, a pressão da sociedade, mas hoje elas são muito marginalizadas. Então, acolher o pecador e buscar superar o pecado. Essa é a nossa grande proposta.

***Até que ponto, provocando um pouco, a infidelidade existe. A gente sabe que o casamento, o matrimônio, ele ainda é cercado pela questão da fidelidade e infidelidade. Até que ponto a***

***procura dos homens pelo serviço da prostituta não torna isso uma coisa histórica mesmo? Quer dizer, como é que se trabalharia esse lado, por exemplo. E daí até entrando como que a prostituição pode ser vista em relação à família. A instituição família e a instituição da prostituição. Elas convivem assim há muito tempo.***

É, é um desafio. Novamente eu volto a lembrar que a sexualidade é um impulso. Então ela está presente na história humana, na vida humana, no dia-a-dia das pessoas. Então é muito fácil que um jovem, um homem que não esteja às vezes até feliz em casa ou que queira sentir uma aventura vá procurar um tipo de sexo comercializado. Isso acontece de fato. Agora a grande pergunta é: isso, nós devemos oficializar isso como algo normal, tranqüilo, natural? Ou isso entra dentro de um patamar assim, simplesmente de comércio? De se ganhar dinheiro e de você satisfazer um prazer momentâneo. Então são experiências que a pessoa humana vive, mas é essa experiência que nós entendemos como a realizadora plena da sexualidade humana? Não. Então quando você vê a constituição da família, dos filhos, do amor, da fidelidade, você consegue perceber que há um projeto de vida. Aqui você não tem um projeto de vida, você tem uma aventura, você tem uma condição de perigo, você tem uma infidelidade, você tem um comércio. Então são coisas que não tem como você aceitar, ao mesmo tempo. Então uma pessoa que quer constituir uma família, mas constantemente vai numa casa de prostituição, uma hora isso vai quebrar, uma hora isso vai vir à tona, uma hora isso vai estourar, uma hora isso vai destruir esse relacionamento. Por quê? Porque não é isso que as pessoas esperam uma das outras. Então no fundo nós temos dentro da nossa alma uma consciência que nos diz aquilo que é um fator profundo, verdadeiro e pleno pra a nossa felicidade, e aquilo que você de alguma pode experimentar, mas não vai te trazer felicidade. Vai te trazer um bem-estar, muito passageiro e momentâneo, mas não faz parte do teu projeto de vida. Então acho que são coisas incompatíveis: o projeto familiar e a prostituição.

***Mas assim, por mais que tenha essa coisa da realização pessoal, moral e da vida, o projeto de vida de cada um. Conversando até com as advogadas, conversando com as mulheres (prostitutas), uma vez que elas pensam “eu não vou sair da profissão, eu vou manter e vou viver disso”, elas escolhem. Não seria sensato ou correto de repente repensar, por exemplo, até leis pra pelo menos criar condições, criar situações de trabalho em que elas não se expusessem tanto, por exemplo, à violência, a uma abordagem policial às vezes truculenta. Porque elas vivem falando que estão na rua e às vezes, quer dizer, não tem a prerrogativa, não tem a credibilidade pra falar “ó, policial, me proteja”. Não, por quê? Porque ela é prostituta. Isso poderia nesse ponto ser repensado? Ou você acha assim que não, isso estaria afirmando ou de repente legitimando...?***

Isso é um grande problema. Nós entendemos que elas correm risco, que têm situações de periculosidade, que têm situações extremas até, entendemos isso. E claro que elas têm que se organizar do ponto de vista até de se manter, do ponto de vista de se defender. Porém, nós legalizarmos a prostituição como profissão, nós estamos fazendo um trabalho ao contrário, certo? Eu acho que a lei tem que nos ajudar ao melhor, ao máximo, e não ao mínimo. A lei tem que nos ajudar a construir o ser humano num projeto de vida e não a sedimentar estruturas que são muito mais prejudiciais do que possam trazer felicidade pra pessoa humana. Então veja: como a prostituição ela existiu e sempre existir no sentido de que essa natureza humana, esse impulso da sexualidade é muito forte, e leva as pessoas a lutar por isso, por outro lado você também tem que ter propostas pra diminuir essa situação. A natureza humana é isso, a nossa grande luta durante a vida é essa: situações de vício, de risco, etc., porque não pensar em projetos que ajudem a tirar essas mulheres dessa situação? E a igreja tem a pastoral da mulher marginalizada, a pastoral da prostituta, a pastoral da mulher em

risco, pastoral da..., que são grupos de voluntários que vão tentar dar apoio ao que elas estão passando de situações de risco, mas que querem no fundo e têm um projeto pra isso pra tirar elas dessa situação. Então acho muito complicado nós começarmos a legislar sobre os problemas, nós temos que legislar sobre as causas. Dar condições é uma muleta, por quê? Porque a marginalidade aumenta, as situações de risco aumentam, as doenças aumentam, então elas estão aumentando cada vez mais o risco à medida que isso seja institucionalizado. O que nós temos que trabalhar, legislar, para sanar causas, e não para dar muletas às pessoas.

***O trabalho das pastorais. Conversando com o pessoal que trabalha nessas pastorais, o que te chega da realidade dessas mulheres?***

Eu trabalhei bastante na catedral, uns três anos na catedral, e ali a gente via muitas situações de prostituição, ao redor da catedral, à noite, na praça. As prostitutas que eu tive acesso de conversar, a gente vê que são mulheres lutadoras que procuram ter uma dignidade, que não é opção de vida delas, estão ali por uma situação, eu diria assim, de necessidade. Então eu acho que é aí que nós temos que atuar de fato. Ajuda-las a sair dessa situação. Porque se elas não estão felizes, estão fazendo isso por um problema que elas estão passando na vida, então nós temos que dar condições para que elas não precisem optar por isso. E a pastoral da igreja entraria nesse projeto, de ajudá-las a sair de situações de risco como essas. Agora, naturalmente que são histórias sofridas. A maioria ali, estou falando dessa prostituição que é mais marginalizada, que é de rua mesmo. São histórias muito sofridas, de traumas, de angústias, e de lutas. Porque no fundo elas tão numa grande luta. Mas a grande essência disso é que: lá no fundo do coração delas, elas gostariam de sair dessa situação. Não é opção de vida porque elas querem isso pra sempre. Então é aí que nós entendemos que lá no fundo da nossa alma uma consciência nos diz aquilo que é bom, que é correto, que é verdadeiro. E aquilo que não é bom, que não é correto, que não é verdadeiro, que me faz mal, pode ter até uma certa aceitação, mas as pessoas não se conformam com isso, elas não conseguem ser felizes com essa situação. Então elas até, há um certo vício, há um certo... uma conformidade, um conformismo, “eu to aqui, não tenho muito o que fazer, nunca ninguém vai me dar um trabalho, nunca ninguém vai me aceitar, então vou ficar por aqui”. Mas no fundo do coração dela, ela não gostaria. E é esse ponto que nós acreditamos que tem de ser trabalho, ajudar essas pessoas a saírem desse fundo do poço e trazê-las a dignidade, a dignidade da mulher, que são mulheres que merecem ter dignidade.

***E essa questão da fé. Como é que é a fé dessa mulheres?***

Rezam, acendem as velas para os santos. São exemplos de fé, são exemplos de fé. Elas estão numa situação incompatível com a questão moral, e aceitação, sim, é incompatível. Mas isso não dirime, não denigre, aquela essência que tá lá no coração delas que é a crença em Deus, a crença de que, até Deus e provavelmente muitas delas pedem isso, que Deus ajude a elas vencerem a saírem talvez dessa situação. Então são mulheres de fé, de muita fé.

***Uma das nossas entrevistadas ela comentou que a prostituta costuma ser uma mulher que ouviu vários “não’s” em sua vida, um não na vida profissional, na vida familiar, passou um trauma lá. O que senhor diria pra essas mulheres, aquela que não vê mais escapatória? Porque algumas delas não se vêem sem a prostituição.***

Olha, a grande mensagem é a mensagem de Jesus: “Levanta-te, eu também não te condeno, vai e não peques mais”. Então é um chamado assim pra revitalizar a sua vida, acreditar, procurar outras possibilidades, pensar em ampliar os seus horizontes, nunca, nunca desanimar.

Porque é o desânimo, a falta de perspectiva, a falta de esperança que leva às vezes a se manter nessa situação. Então é esse grande convite: venha vamos nos ajudar, se alguém conhece alguma pessoa que tá nessa situação, que dê a mão, que ajude a levantar, porque é muito fácil você lavar as mãos e dizer: “você é uma prostituta”, e você rotula a pessoa, e ali não há mais nenhuma possibilidade de mudança de vida. Pra nós cristãos sempre é possível recuperar a pessoa. Ela pode estar na condição mais terrível, mas sempre é possível resgatar a pessoa. E que essa mulher possa acreditar nisso. O primeiro ponto é ela querer se ajudar. Ninguém pode chegar lá e dizer: “você tem que sair daqui, você é obrigada...”. Não. Se ela tá naquela condição, ela optou por aquilo, existe a questão da liberdade. Mas que ela acredite que é possível sair daquela situação, essa é a nossa grande esperança.

***A gente tava conversando com um das advogadas, advogada de Penal. E a gente tava comentando sobre uma situação recente que se criou na Itália em que algumas regiões se você está numa situação de prostituição e comércio do sexo na condição de cliente, existe uma abordagem policial que diz que algumas pessoas não podem fazer ponto em alguns lugares, sujeito a multa, que se não for paga no prazo, uma foto que é enviada para a casa do cliente caso ele não pague a multa se for flagrado. Paralelamente a gente tem em outros países como Holanda e Alemanha, em que há vitrines que exibem o comércio do sexo. Como pensar essas questões aqui na realidade brasileira?***

Olha, a realidade brasileira, e acho que esse é o ponto que mais assim nós deveríamos se preocupar, que é a prostituição infantil. Então, eu tive esses tempos em Fortaleza, agora me parece que eles tiveram outros programas, mas era terrível você ver as meninas já com 15, 16 anos, andando pela praia e buscando... E tem toda uma estrutura em torno disso, que é o turismo do sexo. Então essa é uma perspectiva perigosíssima pra dignidade da pessoa humana, porque o Brasil hoje é um país grande, as condições são precárias, e nós temos muita pobreza, e é muito fácil utilizar desse impulso pra ganhar dinheiro, é um meio até de ganhar com mais facilidade. Por quê? Porque há turistas, há turismo religioso, há uma verdadeira exploração do corpo da mulher. Esse é um ponto que a igreja bate com toda coragem e diz: “mulheres não se deixem usar-se”. Porque a exploração do corpo da mulher pra gerar pornografia, prostituição, dinheiro, etc. Então isso é incompatível com a dignidade da pessoa humana. Porque fere aquilo que é mais precioso, porque o teu corpo é o único veículo que você tem pra ser feliz, não tem outra possibilidade. Então hoje no Brasil nós temos que combater a prostituição infantil, eu acho que nós podemos ser um exemplo de buscar através da dignidade do adolescente da criança uma educação sexual adequada. É muito fácil você fazer programas de distribuição de camisinhas, de máquinas de dispensadores de camisinhas, mas e um projeto de educação sexual, de consciência, de respeito pelo outro, pelo corpo, um projeto que vise também a defesa da família, porque não? Mas isso tudo é muito difícil. Por quê? Porque nós nos tornamos coisas. O sistema nos faz tornar-se coisas. Tudo é possível e passível de se vender e comprar, inclusive até o corpo. Então nós temos perdendo essa essência, o ser humano não é uma coisa. Não pode ser tratado como uma coisa. E a mulher muito menos, porque ela é o dom mais precioso, é a vitalidade do mundo, é a mulher, é a vitalidade do mundo. É por ela que a vitalidade continua. Então nós pensamos assim que mesmo países que são “desenvolvidos”, nem tudo que um país desenvolvido faz nós temos que copiar.

***Cito trecho de uma obra da Antigüidade do orador Demóstenes: “Nós temos cortesãs para nos dar prazer, concubinas para com elas coabitarmos diariamente e temos esposas com o propósito de termos filhos legítimos e termos uma guardiã fiel de tudo que se refere à***

*casa”. Isso me leva a perguntar o seguinte: existe essa visão machista que poderia ser combatida e trabalhada pra não separar essas identidades da mulher...?*

Muito bem Ivan, eu acho isso fundamental. Porque existem algumas estruturas que, eu diria assim, fortalecem a prostituição. A primeira estrutura são exatamente os problemas sociais, financeiros e econômicos, que levam a pessoa a optar por mais opções pra ganhar dinheiro, e isso de maneira incorreta, errada. A segunda é uma questão de mentalidade. Qual que é a mentalidade em torno da mulher, a mulher como objeto de prazer, pra objeto de propaganda, basta você ver os meios de comunicação: pra atrair pra um produto eu tenho que mostrar um produto melhor ainda, que seria uma mulher. Então os melhores produtos estão sempre ao lado de belas mulheres, ok. Então a mentalidade da mulher como produto: ela deixou de ser aquela que está lá atuando, construindo uma sociedade, uma família, pra se tornar um produto de desejo. A prostituição trabalha muito com isso, o desejo como consumo, e o desejo não é consumo. O desejo é um dos sentimentos mais preciosos que nós temos. É ele que nos atrai para o amor. Então se você torna, você mercantiliza isso, então você vai todo tipo de amor será um objeto de consumo do desejo. Aí vem toda uma consequência, a dificuldade das pessoas permanecerem num mesmo amor, então se eu tenho outros, eu tenho lá minha família e tal, mas há outros objetos de desejo mais fortes que aquele, simplesmente eu abandono aquilo e vou para outros. É o descartável. Então a prostituição trabalha muito com essa questão do descartável. Eu uso, e depois não tem mais nada a ver, eu jogo fora. A mulher fica diminuída a um objeto de uso descartável. Isso é uma pena, isso pra nós fere terrivelmente. Agora, essa questão de mentalidade machista é um dos pontos que mais fortalece, é uma das causas da prostituição. Porque enquanto tivermos homens pensando de que de fato o mais importante é ele satisfazer o seu desejo, e pra isto ele vai buscar objetos de consumo, isto é, mulheres, esses homens estão entendendo que essas mulheres servem pra isso, só. Nunca são capazes de dar a mão e ajuda-las a sair dessa situação. Então é muito degradante né, uma mentalidade assim, em que o machismo impera como ponto de poder. E as mulheres estão subjugadas a obedecer. E não são só homens que são machistas, há muitas mulheres mais machistas ainda que os homens. Então não é uma questão de sexo, homem ou mulher, é uma questão de mentalidade, certo?! Tem que ser combatido, o machismo é contra os princípios religiosos.

*Que idéias têm de ser colocadas nesse lugar? Valorizar o quê então?*

Veja, na estrutura família, eu parto sempre do princípio da cerimônia do casamento. No casamento há fidelidade entre os dois: “eu te prometo ser fiel, amar-te, respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da minha vida”. Os dois dizem essas palavras. Os dois da mesma dignidade, o mesmo patamar, na mesma capacidade, no mesmo consentimento, não existe diferença maior ou menor, os dois estão ali com todo o seu ser. Portanto, eu acho que o matrimônio pode nos ajudar a ter compromissos mais efetivos, mais seguros, porque você não está aceitando um pedaço da pessoa, você está aceitando ela por inteiro. Essa é uma consciência importante pra gente começar a desenvolver. Sexo com responsabilidade. Enquanto sexo for tratado como objeto de consumo, ele vai atrair pra ele a questão da droga, a questão das doenças sexualmente transmissíveis e tantas outras coisas que acabam entrando nesse contexto. Se o sexo não for pensado como algo profundo, verdadeiro, então ele vai se tornar cada vez mais artificial.

*Quer dizer, o sexo e o dinheiro são os pontos cruciais...*

São os pontos cruciais, porque eles coisificam a pessoa. E nós temos que resgatar a pessoa como um todo, e não como uma parte. “Eu estou casando com a sua genitália”. Isso não existe. Você casa com a pessoa como um todo, você ama a pessoa como um todo, você aceita ela como um todo e se responsabiliza por ela como um todo. Esse é um ponto que a gente tem que resgatar. E a prostituição infelizmente ela é fruto de uma sociedade também machista que quer mulheres subjugadas como coisas, que precisa delas, e apóia elas, e ainda quer garantir pra elas essa situação.

*E agora invertendo um pouco essa questão da condição da prostituta como objeto. Elas mesmas colocam pra gente que muitos dos homens que procuram elas – às vezes ele tem uma série de problemas com a mulher quando ele chega em casa, enfim, reclama, aquelas questões familiares, conjugais mesmo. Só que daí elas colocam assim, o homem quando vem até mim, ele me trata super bem, quer dizer, e às vezes não é nem pela coisa do sexo. Elas falam assim: nós somos psicólogas da noite, a gente tá aqui conversando com os homens, de repente ouvindo eles em coisas que a mulher dele não ouve. Entrando nesse ponto, que é uma coisa que muita gente desconhece na prostituição, que não pode ser generalizada para todas – já que nem todas são respeitadas pelos homens e que nem todas são “psicólogas da noite” –, mas até que ponto elas cumprem essa função social, por assim dizer, e até que ponto a prostituta não supre uma fragilização desse homem, às vezes você tem um leproso ou um homem que não consegue ter uma intimidade com outra mulher, e de repente ele encontra isso na prostituta...*

Isso não pode ser uma regra. Claro que existe. Por que existe? Porque a sexualidade é sentimento. Por mais que seja só um ato ali rápido e momentâneo, ele abre a pessoa para o sentimento. O sexo é algo sagrado. Então, claro, ali teve a relação sexual, sempre acabam conversando alguma coisa, e acabam se abrindo, e se ele já tá com algum problema, isso vai vir mesmo. E que bom que elas têm esse pensamento positivo de ajudar, e que ajudem. Mas isso não é compatível com a realidade plena da pessoa humana, então são exceções, em que você tem essa possibilidade de alguém ir lá e pedir a ajuda pra elas... Então a pessoa humana tem a obrigação de ajudar sempre, não importa a situação que ela esteja, tem a obrigação de ajudar sempre. Porém nós entendemos que é o local errado, o momento errado, a situação errada, e que ele precisa entender que a responsabilidade dele é com a família, e que vai tem que enfrentar isso uma hora ou outra, e vai ter que dar uma resposta pra isso. Se toda vez que você tiver um problema você ter que buscar na prostituição, no sexo, um alento, então até onde você vai conseguir resolver o teu problema? Então o sexo é um dos pontos, porque é impulso, a droga pode ser outro ponto, a pessoa vai buscar aí... Então nós somos pessoas frágeis, que acabamos na hora do problema buscando um subterfúgio. O que a gente precisa conscientizar as pessoas é que existem outras opções pra você resolver os seus problemas, e que não adianta você fugir nesses momentos, que parecem trazer um alento, mas nunca resolvem o teu problema. Resolver o teu problema sexual com uma prostituta, problema familiar com uma prostituta, uma hora isso não vai dar certo. Pode até num momento dar alento, um desabafo, mas uma hora você vai ter que enfrentar a tua família, vai ter que enfrentar o problema que está na sua casa. E a prostituição não vai resolver isso, é um subterfúgio.

*A gente escutou também dessas mulheres que o maior medo delas é o de ficar sozinhas. Uma das nossas entrevistadas que hoje tem 39 anos, não tem família e mora numa pensão...*

É a marginalidade.

### *E essa coisa da marginalidade...?*

A sociedade tem hipocrisia, tem hipocrisia a sociedade. É exatamente uma das conseqüências de buscar coisificar a pessoa. Então enquanto ela me é útil, ela recebe os meus benefícios. Depois que não me é útil, a tendência é que fiquem cada vez mais marginalizadas, cada vez mais. E não é uma questão trabalhista que vai resolver a questão afetiva, emocional e de felicidade delas, não é. Você pode até ter as questões trabalhistas, uma legalização e tudo, mas isso não resolve o problema do preconceito, da marginalidade, da solidão, e tantas outras coisas que estão aí e não é uma legalização da prostituição que vai resolver. Nós temos que atacar as causas, “por que você está na prostituição?”. Essa é a pergunta que eu gostaria de fazer. “O que levou você a optar por isso?”. Não pode ser uma opção fundamental da sua vida. Talvez então aí você vai tirar uma proposta de vida diferente pra essa pessoa. Enquanto ela não resolver lá no fundo do coração dela a causa que fez ela optar por isso, então claro, vai ser difícil ela sair dessa situação.



## APÊNDICE K

### Laércio Rodrigues dos Santos

SANTOS, L. R. Aspectos sociais e familiares da prostituição feminina e a moral religiosa evangélica: entrevista com Laércio Rodrigues dos Santos, pastor de Família da Igreja Assembléia de Deus em Curitiba. Curitiba, 08 de outubro de 2008.

*Podíamos começar com a concepção de família que a igreja ela trabalha e orienta, e entrando nessa questão pelo olhar da mulher prostituída, se ela talvez não se encaixa nesse perfil, se já há um entendimento de mulheres que trabalham como prostitutas e vivem em família...*

Bom, nós trabalhamos na área da família, e lógico, como a família é considerada a obra-prima da criação de Deus, nós até dizemos até que a família é a instituição que coroou a verdade, a criação de Deus. E nós vemos ao longo das escrituras, Deus não apenas se preocupou em criar a família, em instituir a família, mas, em abençoar a família, em prover o sustento para a família, e abençoar a família com a sua presença, principalmente e diariamente. Então a família ela é a instituição máter (máxima) da criação de Deus. E nós olhamos isso com muito carinho ao longo das escrituras, e infelizmente, a família vem, com o decorrer dos anos, com o decorrer dos dias, sofrendo um ataque muito frontal. Isso não apenas em ordem espiritual mas de ordem financeira, ordem, de até mesmo ordem intelectual. Pra nós como pregoeiros da verdade sagrada, temos olhados a família, focado a família de forma pelo menos eu posso dizer que responsável, se preocupando sempre acima de tudo com esse bem estar da família.

*Você tá falando tudo isso da família, a verdade, a sacralidade da família. E a mulher prostituída? Porque a gente tava fazendo o filme e em algumas entrevistas conhecemos prostitutas que têm filhos, mas que vivem numa situação de omissão ou clandestinidade... Como conceber isso dentro dessa concepção de família?*

A mulher prostituída, por mais que ela esteja vivendo essa vida, não deixa de fazer parte da criação de Deus. Embora estando aprofundada, podemos assim dizer, nesse meio que hoje até alguns chamam de profissão, a Bíblia ela é lógico, ela reprova categoricamente a ação de si, da mulher prostituída. Porém, a Bíblia deixa sempre a abertura porque Jesus disse: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei”. Então mesmo estando nessa situação, a mulher prostituída tem chance à esperança de uma mudança na sua vida, e essa mudança para melhor, e para muito melhor né. Então, nós olhamos para a mulher prostituída, reprovando as suas atitudes, reprovando as suas atitudes dentro desse meio, porém, amando, porque tem uma alma preciosa, pela qual Cristo também ali na cruz do calvário deu a sua vida. Então ela é amada por ele, e amada também por nós.

*Nos trabalhos que o senhor faz aqui junto com a Pastoral da Família aqui da Igreja que chegaram e te falaram casos e histórias relacionadas à prostituição? “Olhe pastor, eu trabalho como prostituta, mas eu tenho marido, e filhos... e o que eu faço?!”*

São inúmeros os casos envolvendo esse tipo de situação. É lógico que a função de igreja, o papel da igreja, é ouvir a pessoa e dar acima de tudo uma orientação bíblica, porque a igreja tem a Bíblia como a sua bússola, como a sua única regra de fé. Então nós procuramos trazer essas pessoas para aquilo que a vontade de Deus esposa e que pode se observar, se abraçado, pode mudar o curso de vida dessa pessoa. Então nós procuramos sempre orientar essas

peças àquilo que a palavra de Deus esposa e pode fazer uma mudança radical na vida dessa pessoa. Embora a igreja... existem situações que não basta, não é o suficiente você orientar uma vez; é preciso uma série de acompanhamentos principalmente com aqueles que realmente querem sair dessa vida e passar a viver uma vida melhor, né. Principalmente servindo a Deus.

***E o que essas mulheres falam? Não sei se o senhor já ouviu várias, já ouviu poucas. Quais são os dilemas que elas vivem, que elas colocam assim, que contradição existe na vida de uma mulher prostituída que já tá com a família constituída?***

Normalmente esse tipo de situação ele nasce lá no lar, isso já desde a tenra idade. Então muitas vezes essa atitude, entrar no mundo da prostituição, já é em consequência de um lar destruído, de um lar que se dilacerou, até mesmo de pais que não tiveram a devida estrutura para criar essa filha, naquilo que era bom, naquilo que poderia torná-la uma pessoa boa frente a sociedade. Então muitas vezes a origem está lá no seio da família. Então, outra coisa interessante: o problema da solidão. Muitas pessoas no afã de preencher o vazio da solidão acabam entrando no mundo da prostituição, no uso das drogas, e etc. Mas nada que não seja possível para Deus recuperar a vida dessas pessoas.

***Mas já existe um movimento no sentido de se reconhecer a prostituição como um trabalho. Inclusive, o político Fernando Gabeira lá do Rio de Janeiro tem um projeto de lei que quer reconhecer isso como um trabalho, como um serviço. Como é que a igreja lidaria com essa situação se ela chegasse na esfera legislativa, por exemplo, pra regulamentar isso?***

É... Na verdade a igreja ora para que isso não venha a acontecer. Porque na visão da igreja, isso será um mal muito maior. Oficializar a prostituição como profissão, porque isso não permitirá às pessoas, no aspecto espiritual, que a pessoa reconheça que ela está contra aquilo, o padrão que Deus estabeleceu para ela, e que Deus tem algo muito melhor pra vida dessas pessoas. Então ao nosso ver, sendo oficializado, como profissão, a prostituição, ao nosso ver, e bíblicamente, isso é somar o mal sobre o mal. Porque a pessoa vai se acomodar, aceitando isso como uma profissão e não reconhecendo que isso é um estado espiritual decadente e que precisa ser recuperado diante de Deus. Então ao nosso ver, isso é mal. Nós oramos a Deus pra que isso não venha a acontecer.

***Mas comentam que antes de se entrar na prostituição, como o senhor bem colocou, muitas delas vivem situações complicadas, situações delicadas, mas paralelamente elas vêm assim: se num ponto elas são mais sofridas financeiramente, elas não tem independência econômica, financeira, quando elas vêm para a prostituição elas conseguem equilibrar esse lado, só que daí tem esse descompasso, quer dizer, tem todo esse preconceito social, tem toda uma visão de mundo que condena elas. Como fazer então para integrar essas mulheres? Até que ponto a escolha delas não é autônoma, não é livre, que dizer, “eu posso ser prostituta, mas eu posso também ser sadia”.***

É, aí entra o papel dos governos, né. Criar mecanismo, meios, oferecer outras alternativas como meio de sobrevivência dessas pessoas. Então é preciso que haja uma interação principalmente governamental pra criar mecanismo e não apenas tentar resolver ao nosso ver oficializar, vai se tornar até mesmo um paliativo na vida da pessoa. Porque a pessoa vai continuar aprofundada nessa situação e acomodando-se nisso, perde-se a perspectiva de melhorar, de crescer, em todos os âmbitos da sua vida. Então a pessoa vai se acomodar e vai se afundar cada vez mais, principalmente na esfera espiritual. Mas cabe não só aos governos,

às instituições sérias, principalmente as religiosas, somar forças para oferecer opções, alternativas para essas pessoas terem outras formas para sua sobrevivência, e sair do meio da prostituição.

***Isso que você colocou é realmente um dos pontos que nós viemos debatendo com duas advogadas. Por um outro lado, tem essa questão do machismo, quer dizer, a prostituta não existe só porque ela precisa desse dinheiro pra sobreviver, mas porque há um interesse masculino, homens que dentro do casamento procuram uma prostituta talvez porque não encontram dentro do matrimônio a realização plena, seja de sexo, de carinho... Elas comentam com a gente que muitas vezes, no lugar de fazerem programas, elas estão não necessariamente fazem programas e estão conversando com esses com esses homens sobre problemas que eles não conseguem expor em casa. Até que ponto existem esses outros fatores, como considerar a procura desses homens em relação à prostituição, até que ponto esse não é um aspecto que faz elas perdurar?***

Certo. É, lamentavelmente isso já é em decorrência do caos na família. Porque o que leva um homem a procurar uma prostituta é exatamente o mal que ele está vivendo muitas vezes dentro de casa. Então ao nosso ver isso deveria começar a ser solucionado lá em casa, no lar. O fortalecimento do casal, o fortalecimento da família, isso enfraqueceria esse ímpeto do homem ir em busca de algo a mais para tentar suprir esse desejo muitas vezes desenfreado da sua natureza humana, nessa dependência sexual, o que o leva a sair lá fora em busca de suprir essa carência. Então infelizmente acaba exatamente alimentando essa profissão. Mas se a gente pudesse, e lógico, a gente ora pra que isso melhore, embora a palavra de Deus mostre que o mundo vai de mal a pior, e irá, mas a igreja não pode acomodar frente a isso e não lutar para remelhorar as coisas. Então é preciso que a gente combata todas as forças possíveis e armas disponíveis pra poder fazer com que a família pelo menos se fortaleça mais, os casais se fortaleçam mais. Se o casal vive bem, não há necessidade de ir procurar lá fora alternativas para suprir essas carências se elas existirem dentro do lar. Então ao nosso ver é preciso combater lá muitas vezes dentro do lar, o que diminuiria a procura lá fora.

***Saindo um pouco dessa cultura mais atual, nas escrituras existem um retrato, existem mulheres que aparecem na figura de prostitutas. Pois bem, o que significam essas liturgias, que representação existe em cima delas, e em que elas se fundamentam?***

As mulheres à luz da Bíblia eram, principalmente as prostitutas, discriminadas fortemente. Quando Jesus veio, e trouxeram para ele uma mulher apanhada no ato de prostituição, trouxeram para ver o que ele diria, se ele confirmaria os ritos do passado, se aquela mulher deveria ser apedrejada por ter sido apanhada em flagrante. E Jesus disse então para todo aquele grupo que eram seguidores fortíssimos dos rituais do passado, e ele disse: “Aquele que entre vós que não tem pecado, que seja o primeiro a atirar a primeira pedra”. A Bíblia disse que eles foram saindo um a um porque, porque eles viram que eles também tinham suas fraquezas, também tinham suas falhas. Ficando só a mulher, Jesus disse para ela: “Onde estão os teus acusadores?”. Ela disse: “Senhor, eles já foram embora”. E Jesus disse: “Nem eu também te condeno. Vá e não peques mais”. Ou seja, Jesus deixou claro que embora a sociedade daquele tempo discriminasse aquela mulher, principalmente por questões religiosas, ele veio para mostrar que o ser humano tem um valor extraordinário para Deus. Abrindo ali as portas, dizendo que há uma esperança para essas pessoas, há uma solução, há uma resposta. A vida daquela mulher foi mudada completamente. Porque nós vemos na seqüência, ela como uma das seguidoras de Cristo. A vida dela foi impactada com a palavra de Cristo, mudando completamente o curso de sua vida. Então foi isso que Jesus veio fazer.

*Trazendo isso pra uma perspectiva atual, tem mulheres que tão ali no meio, mas que já teriam condições financeiras de sair, mas não, elas fala: “É uma escolha, é um serviço que eu faço, como outro qualquer”. Com base nisso, porque a prostituição não teria uma dignidade como outro serviço, seria a questão sexual, seria o que na prostituição que não condiz com isso que você está falando?*

A Bíblia diz o seguinte: que o nosso corpo é o templo do espírito de Deus. Então uma pessoa que está se prostituindo ela está entregando o seu corpo exatamente para fazer aquilo que Deus disse: “Não fareis!”. Porque isso contamina o ser humano. E como é que o ser humano vivendo no mundo da prostituição vai manter o seu corpo como templo de Deus? Então isso é importante. A pessoa às vezes na sua natureza humana acha que tá fazendo bem, mas na questão espiritual ela está afundada, ela está desmoronando. Moralmente ela está lá no chão. Então é preciso haver mudança nessa vida. A pessoa precisa cair em si, que Deus não a criou para esse propósito. O propósito de Deus ao criar o ser humano é muito maior. Não para o ser humano viver na lama do erro, do pecado, mas para que o ser humano, a família em si, tenha uma vivência abençoada, maravilhosa, na presença de Deus.

*E essa questão do pecado. O “pecado” da prostituição ele pode ser comparado com o “pecado” do crime, do assassinato, alguém que rouba?*

Na verdade, a Bíblia não classifica o pecado por faixa etária, por grau. A Bíblia diz o seguinte: “A alma que pecar, essa morrerá”. A Bíblia diz que ficarão fora do reino de Deus aqueles que se prostituem. Então não é uma concepção pastoral, não é uma filosofia humana, mas é uma verdade bíblica: os que se prostituem não entrarão no Reino de Deus. Então o que Deus quer é que essas pessoas reconheçam que precisam sair desse submundo, que precisam se voltar para Deus, para que elas voltem a viver dentro do propósito estabelecido por Deus para sua vida. Essa é a verdade.

*O que o senhor diria hoje pra uma mulher que tá nessa situação e fala: “Eu me resigno a essa condição, sou feliz assim, consigo estabelecer laços de confiança...”, enfim. O que o senhor diria pra essa mulher?*

Eu diria o seguinte: uma das primeiras leis estabelecidas no universo chama-se livre arbítrio. Deus nunca vai forçar ninguém a servi-lo. Por isso ele deu o livre-arbítrio para o ser humano. O remédio está aí, a palavra de Deus traz todas as orientações pra pessoa ter uma vida abençoada por Deus. Mas Deus nunca vai obrigar a pessoa a mudar de vida. Deus oferece gratuitamente a saída, a solução, o escape. Mas nunca vai trazer a pessoa obrigada a servi-lo ou mudar de vida. Se a pessoa acha que esse meio que ela está vivendo, está condicionando-a a ir para o céu, a enfrentar a eternidade, é uma concepção, é uma... é uma... iniciativa da pessoa. Ela tem a liberdade para decidir como quiser. Agora Deus está sempre dizendo, para que o ser humano se volte para ele. A Bíblia diz que Jesus, o filho de Deus, veio para destruir as obras do diabo. Então a pessoa que quiser sair desse tipo de situação: se volte para Deus, enquanto está em vida, enquanto é tempo, porque Deus tem sempre o melhor para oferecer para nós. Então essas são as minhas palavras viu.

*Uma última questão. Só comparando duas situações que a gente detectou na nossa pesquisa. Lá na Europa, na Holanda, é uma coisa regulamentada, algumas mulheres chegam a ficar em vitrines e lá a prostituição já foi legalizada, na Alemanha também. E uma advogada com quem a gente conversou comentou que isso talvez longe de ter*

***melhorado a situação delas, não mudou o panorama. E uma iniciativa recente numa cidade da Itália vai multar homens que são flagrados abordando prostitutas em locais públicos impróprios. Como pensar essas realidades no contexto brasileiro? Porque o Brasil não vai nem pra um extremo nem vai pro outro, não legaliza, mas também não proíbe.***

Esses países que você citou eles olham essas mulheres, principalmente as mulheres, como um simples objeto de desejo sexual. Mas não olham o ser humano em si. Eles olham o que se pode angariar, mas os recursos que se podem usufruir dentro desse mercado que infelizmente está avassalando o nosso globo terrestre, e já atingiu vários países desse planeta. E o Brasil nós entendemos que nós devemos orar pela nossa pátria, para que a nossa pátria também não siga na mesma linha desses países principalmente europeus, para que a família que já vem cada vez mais decadente, não continue nessa decadência, mas possa melhorar. Tudo que se envolve no meio da prostituição infelizmente ele vai dilacerando a família, vai destruindo os lares e torna-se um caos cada vez maior. E não é isso que nós como instituição religiosa ou igreja evangélica queremos para o nosso país e para as famílias do nosso Brasil. Nós queremos famílias abençoadas, lares fortalecidos, filhos sendo amados dentro do lar, para não vermos o que está acontecendo aí na sociedade. Então a igreja ela pede a Deus, incessantemente, para que as famílias se voltem para Deus, e a prostituição venha a diminuir. Eu estaria louco, fora de mim, se dissesse que a prostituição vai acabar. Infelizmente é um mal que está aí, que nós temos que conviver com ele, combatermos com as armas espirituais que temos, mas, infelizmente, é um mal que não vai acabar. Mas nós como igrejas precisamos lutar com todas as forças e tirarmos quantas vidas pudermos desse meio. Porque não é isso que Deus quer pra família e pro ser humano em si. Eu por exemplo, o que eu vejo como pastor, eu vejo o seguinte. A igreja precisa trabalhar principalmente na prevenção. Nós na igreja temos uma série de departamentos: departamento infantil, departamento para pré-adolescentes, adolescentes, jovens. Temos uma série de áreas da igreja que trabalham para prevenir. Porque nós queremos que nossos filhos, nossas filhas, sejam cidadãos de bens para a sociedade. Nós não queremos ver os nossos filhos envolvidos nas drogas, na prostituição, no submundo do crime. Então a igreja trabalha prevenindo tudo isso, visando o bem-estar geral.

***Nós conhecemos uma menina que mora numa casa de massagem. E nessa casa de massagem tem uma “cafetina”, o marido dela e outras meninas. Mas ela é a única que vive lá, mora lá, e trabalha ali também. E ela colocou pra gente, quando a gente tava conhecendo a história de vida dela, ela passou por uma série de complicações familiares, só que a gente viu pela relação que se estabelece ali que aquilo ali seria... tem qualidades de uma família. Tem o afeto, ela não é coagida a fazer algo que ela não queira, e ali há um laço de confiança, de amor. Como é que te soa isso, é estranho, seria uma mera aparência, seria uma exceção?***

A Bíblia diz assim: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Essa expressão no original significa que o ser humano não pode tomar a mesma forma do mundo. As pessoas acabam se conformando... Por exemplo, essa moça citada, ela se conformou com essa situação. Ela na verdade está engodada nessa situação que levou ela a se conformar achando que isso é melhor, que isso é bom pra ela, sem acordar, que aquilo ali é uma mera fantasia, um momento de ilusão na sua vida. Mas que não lhe oferecerá nenhuma segurança, em questões futuras. É um momento que ela está vivendo. Por exemplo, na questão da prostituição. Uma moça enquanto ela está com a sua beleza física, com a sua boa aparência, ela tem um certo valor. A partir do momento que os dias vão passando, sua aparência física vai mudando, por mais que ela tente mantê-la, a gente sabe que a realidade é outra. Então ela vai perdendo o seu valor. E muitas vezes quando ela vai cair em

si, que é um mero objeto sexual, ela já está muitas vezes no fundo do poço, né. Numa situação muito pior do que quando iniciou. Então essa moça precisa acordar enquanto é tempo. Enquanto ela tá na sua juventude, há muito ainda pela frente e Deus tem o melhor para ela.

*Você acha que incentivando, de repente, até no trabalho da igreja, mulheres mais participantes na sociedade, num pé de igualdade maior com relação ao homem, elas vão se colocar de uma forma, talvez, não tão submissa, e talvez não aceitariam mais situações como essa, que nem a da prostituição? Você acha que incentivar essa igualdade da mulher, a nível tanto familiar como a nível social, no trabalho?*

Com certeza, porque isso vai fazer com a que a pessoa se sinta valorizada dentro de casa, valorizada pelos pais, valorizada pela igreja, valorizada e respeitada em todos os meios onde ela conviver na sociedade. Então o ser humano, se sentindo respeitado, ele terá a opção do rumo que quiser tomar. Ele pode para um lado, pode ir para o outro porque ele tem o livre arbítrio de decidir. E ele se sentindo amado, se sentindo valorizado e respeito, ele logicamente vai estar com os pés mais no chão que têm que se tomar na vida e não vai simplesmente ser levado para uma oferta ilusória, cheia de fantasias, etc. Então a nosso ver nós devemos investir para que essas pessoas se sintam amadas, respeitadas, valorizadas e não sintam a necessidade de entrar nesse submundo que infelizmente tira o ser humano da rota que o Criador estabeleceu.

## APÊNDICE L

### Maria de Fátima Crovador Bittencourt

BITTENCOURT, M. F. C. **Prostituição feminina e segurança, violência sexual e policial no trabalho: entrevista com Maria de Fátima Crovador Bittencourt, delegada-chefe da Delegacia da Mulher em Curitiba.** Curitiba, 08 de outubro de 2008.

*No caso de mulheres que fazem programas, qual é a natureza dos casos que chegam até você?*

Um caso especificamente não tenho como lhe dizer porque você observou ao entrar na Delegacia o atendimento fica lá em baixo no plantão, quem atende são os investigadores que estão de plantão, e geralmente esse tipo de situação ocorre à noite. Com as mulheres que trabalham em boates ou trabalham na rua. Acontece ou à noite ou de madrugada. Então eu não estou aqui pessoalmente pra te dizer como que foi, o atendimento e tal, como que é a situação. Mas realmente... Porque depois todos os boletins de ocorrência sobram pras delegadas despacharem. Então algumas situações que a gente observa... Mas é muito raro, é caso de lesão, de agressão, geralmente é caso de agressão. O mais procurado pelas moças que trabalham em boate ou trabalham na rua é mais agressão. Em alguns casos elas desconhecem a autoria, daí fica difícil, e quando sabe quem que é o autor, neste caso a gente já encaminha, já sai, dependendo da situação, não sendo violência doméstica, é feito um termo circunstanciado, elas já saem daqui com uma data previamente agendada no juizado especial.

*Você comentou que no caso de mulheres que chegam, que são vítimas de agressão na prostituição, o problema às vezes é com a autoria.*

A maioria não conhece identificar. Foi agredida na rua por exemplo, não sabe, se não acionou a polícia na hora ali pra tentar pegar em flagrante, mas em geral elas desconhecem a autoria. Sei de muitos casos que é também atendido pelo primeiro distrito policial. Primeiro distrito policial que atende a área central, muitos casos são levados pra lá também, sabe, daí eles resolvem por lá e não é encaminhado pra cá.

*Comentando da lei Maria da Penha. Podia dar uma prévia das diferenças práticas que a lei trouxe pra segurança da mulher? E daí queria que você fizesse uma análise a partir da experiência nesse trabalho, porque não existe uma lei oferecendo proteção jurídica ou específica para a mulher prostituta?*

É, mas veja bem: a própria prostituição é considerada um crime, um delito né. Eu acho que não há necessidade de fazer uma lei pra proteger mulher que se prostitui, sabe. Acho que daí nós teríamos que fazer uma lei pra garantir que a mulher magra, ou a mulher gorda, ou a mulher... entende?! A lei é pra todo ser humano, a lei é pra todos, é geral. Basta o ser humano ser vítima de alguma violência ta ali o Código Penal, as leis esparsas, o que vem em garantia e seu socorro. Acho que é bobagem uma discriminação maior ainda. A lei Maria da Penha na verdade ela veio pra suprir uma deficiência tendo em vista o número muito grande de violências domésticas, praticadas dentro do lar. Mulher que é agredida, violentada pelo marido, companheiro, ou pelos próprios, filhos, entende? Então essa lei veio pra garantir, dá um... Ela abrange mais, dá mais garantias de direitos e defesas a essa mulher vítima. Então, o que basicamente mudou com a lei Maria da Penha? A mulher se sente mais segura. Porque antes da lei Maria da Penha, a maioria dos delitos praticados dentro do lar, dentro da suposta

proteção do seu lar, eles eram considerados delitos de menor potencial ou eram encaminhados pros juizados especiais, quando muito o agressor pagava uma cesta básica ou uma prestação de serviços à comunidade. Então ele nunca ia preso. A lei Maria da Penha mudou isso. Agora é considerado crime passível de prisão. Tanto que, como eu lhe disse, nós temos feito prisões diariamente, nós temos uma ala Maria da Penha no centro de triagem 2 em Piraquara, e ela fica sempre em torno de 80 a 100: a média de presos que eu tenho lá. A pena também aumentou, no caso de violência. A procura maior nossa aqui é de ameaça e lesão corporal. Ameaça também dá cadeia hoje com a lei Maria da Penha, desde que seja dentro do domicílio, violência doméstica e familiar.

***Se uma prostituta tá fazendo o “ponto” dela e é agredida verbalmente, moralmente por alguém que tá passando na rua, ela pode denunciar?***

Pode. Porque se ela for agredida verbalmente, dependendo do que for dito pra ela pode ser considerado calúnia, difamação, injúria, que é um artigo do código Penal. Veja bem, ela não vai ser atendida pela lei da Maria da Penha porque a lei fala em violência doméstica e familiar. Ou seja, tem que ter um relacionamento familiar, mesmo que não coabite na mesma residência. Mas tem que ter uma relação doméstica e familiar. No caso da prostituta, que ela está trabalhando, ela tá na rua, alguém passa, um desconhecido ou uma desconhecida, passa, agride-a – nós não estamos falando em domicílio nem lar – ela é atendida pelos artigos do código Penal e dependendo da situação ela vai, faz o B.O., registra a ocorrência...

***Vou te colocar uma situação concreta aí que a gente tá observando no nosso trabalho. Uma das meninas ela mora numa casa de massagens. Então quer dizer, ela mora com a “cafetina”, que é como uma mãe pra ela, tem o marido da cafetina, e eles moram como uma família. Ela não é coagida a fazer um programa que ela não tem vontade. E as demais meninas nenhuma delas mora ali. Numa situação dessas, se ela tá na casa de massagem e sofre alguma violência, ou um abuso por parte do marido da cafetina, vamos supor, ela pode recorrer?***

Pode, porque há um vínculo familiar ali, doméstico-familiar, ela reside naquele ambiente. Então ali é considerado o lar dela. Apesar dela trabalhar ali, ela também mora ali. Então, veja bem, essa é a diferença: no caso da moça que vai trabalhar na boate, ela só trabalha ali, ela vai, frequenta a boate, mas o domicílio, a residência dela é em outro local. Essa não, ela mora ali. Ali é considerado... Se acontecer alguma coisa ali dentro, de pessoas estranhas não, tem que ter um vínculo familiar. Se for um cliente que vai lá, não. Daí não é atendida pela lei Maria da Penha.

***No caso que você colocou aí, “vontade expressa”. Se ela tá lá com o cliente isso não se encaixa nesse perfil?***

É, mas você veja o que diz no início: “no âmbito da família”. Quando fala assim por “vontade expressa” a lei quis garantir assim, essa aí quis garantir aquela mulher que não é casada, mas que convive maritalmente. Entende? Um namoro, um noivo, em casos onde está expressa a vontade de união.

***A gente conversando com a representante do Grupo Liberdade, ela contou pra gente que essas mulheres se sentem desprotegidas em relação à lei, não tem credibilidade pra chegar no policial e dizer: “fui agredida”. Como é que fica essa situação? Ela tem legitimidade pra reivindicar isso ou não? E saindo até um pouco disso da delegacia da mulher?***



Eu acho um absurdo isso. Se ela foi agredida, ela vai procurar a ajuda de uma delegacia ela tem que ser atendida, independente de tá vendendo o corpo ou não. Eu acho que ela tem que saber valer os seus direitos. Se ela for até uma delegacia, não for bem atendida, bota a boca no trombone. Toda instituição policial, seja civil ou militar, ela tem uma corregedoria. Ela deve procurar daí informar a corregedoria de que não bem atendida, isso e aquilo, né?! Antes de vir pra delegacia da mulher, eu trabalhei dois anos, eu estava lotada na corregedoria de assuntos internos. Atendi situações de travestis e de moças de prostituição que foram lá reclamar justamente de atendimento em delegacias. E foram instaurados procedimentos para apurar a responsabilidade dos policiais que não atenderam bem.

***E nessa experiência, nesse tempo que você passou lá, e até um pouco aqui, existe essa “truculência” policial ou seria um despreparo em lidar com uma situação que é mais diferenciada ou...?***

Depende. Depende da delegacia. Eu não vou ser hipócrita pra você e dizer que não, que não existe. É claro que deve existir. É lamentável sabe. Mas deve existir por parte de funcionários que atendem, quando vêem que a moça trabalha na rua, não... Na verdade eu desconheço isso aqui, porque eu não estou há muito na delegacia da mulher. Mas eu desconheço aqui no meu período que eu estou aqui na delegacia da mulher esse tipo de situação. Mas se acontecer, e vier ao meu conhecimento, com certeza meus funcionários serão chamados a atenção e poderão até responder algum... . Que eu não admito que ela seja discriminada por opção sexual ou mesmo no caso das meninas que trabalham... isso é inadmissível. Deve chegar ao... deve se levar ao conhecimento da chefia. Porque é como eu disse: o delegado nem sempre tá todo tempo ali acompanhando o que acontece. Ele não sabe realmente como é o atendimento. Mas se o (mal) atendimento chegar até o delegado com certeza ele tem que tomar providências. Não pode deixar, em hipótese alguma, as pessoas serem mal atendidas na delegacia.

***Nesses quinze anos de trabalho como delegada, como você observa que é o comportamento das mulheres que trabalham como prostituta? Mudou? Elas estão denunciando mais ou não? Tem como comparar?***

Realmente a procura é muito pouca dessas moças. Elas apanham quietas, caladas, dificilmente elas procuram ajuda. É muito difícil, sabe. Então, pelos quinze anos que eu tenho de polícia, eu fui delegada, tanto no interior como na capital, alguns distritos, olha, eu não devo atendido, em quinze anos, dez mulheres nessa situação. É muito pouca procura, realmente, elas têm receio de procurar, talvez até por esse motivo que você tenha dito, não sei o porquê, mas geralmente elas sofrem caladas. Apanha, fica quieta, procura os pares pra ajudar e tal... Já vi situações, vejam bem, já vi situações quando elas procuram ajuda por exemplo em casos de travesti, de travesti, que ele usa, quando ele vai em clínicas, nessas clínicas clandestinas pra aplicação de silicone e tal, já vi coisas horríveis. De causarem deformações no corpo horríveis. Isso a gente já viu em inquéritos policiais, em casos. Pelo que eu tenho uma lembrança assim, os travestis, que se prostituem na rua, eles procuram mais que as mulheres. Os travestis, eles são mais ousados, sabe... eles procuram mais. Não me recordo de ter atendido mais do que dez mulheres em todos esses quinze anos, como delegada de polícia.

***Qual é a causa disso?***

Somatória. Ou quando ela desconhece o autor ela acha que não adianta. Ou é medo, vergonha, ou pelo fato de estar se prostituindo não quer vir até a delegacia, se exporem, provavelmente como eu te disse também, não serem bem atendidas também, o que é um absurdo, mas isso é uma somatória de coisas né. Tem muitas também, acredito que tem muitas que se prostituem, e que a família não sabe, então pra que isso não venha à tona, sabe, é uma série de coisas.

***Mas até pra trabalhar mais com essas questões, não seria um prerrogativa da própria polícia, ou de repente da delegacia da mulher, em intensificar alguma ação no sentido de dizer a elas: “nós estamos aqui, nós estamos à disposição, denunciem”, especificamente pra essas mulheres?***

Não, veja bem. A delegacia da mulher, sempre que possível ela faz divulgação do que ela atende, e qualquer mulher, independente, como eu disse, que seja vítima, se for vítima de violência deve procurar ajuda. Independente do que ela faça, se ela é prostituta ou não, não interessa. Deve procurar ajuda. Então sempre que possível a gente faz. Na verdade muito pouco se procura de fazer um trabalho nesse sentido de atender essa clientela. Mas se elas têm uma associação, algum grupo, esses grupos de Dignidade aqui, podem me procurar na delegacia da mulher, a gente orienta, a gente faz um trabalho nesse sentido com esses grupos pra que elas realmente possam ficar juntas.

***Assim como a lei Maria da Penha é um braço da lei que veio pra combater a violência contra a mulher, a violência doméstica, não seria o caso de criar um instrumento semelhante para o caso específico das mulheres prostitutas?***

Bom é mais complicado porque, como eu lhe disse, a prostituição é considerada crime. Manter casa de prostituição é crime. Então é mais complicado porque você vai tá criando uma lei em cima de uma atividade considerada ilegal, entende? Por isso que eu digo: a lei existe pra atender a pessoa que foi vítima, ela tem que procurar ajuda. Se a vítima não vai procurar ajuda, não tem como a gente ficar sabendo. Ela tem que buscar ajuda. Tem que fazer uma divulgação maior, um trabalho no sentido de fazer de que ela não sofra pra nada, que ela procure ajuda. E se ela for mal atendida numa delegacia, discriminada numa delegacia, ela que denuncie isso também.

***E esses dez casos que você colocou, você se lembra de algum deles em particular, qual era a queixa? Tem alguma natureza específica dos tipos de agressões sofridas por prostitutas?***

Me lembro só de um caso assim que foi agredida lamentavelmente por policiais militares. Agredida por policiais militares quando trabalhava na rua. Esse caso, que eu me lembre especificamente.

***E já que a questão da violência contra prostitutas ainda é uma questão muito específica, o que as mulheres em geral relatam das agressões? Qual é a carga psicológica, os traumas?***

É bem complicado sabe. Se você ficar, principalmente numa segunda-feira aqui, até convido vocês a sentarem ali e ficarem observando, elas chegam machucadas, fisicamente, moralmente, psicologicamente, é uma situação bastante delicada. E o mais duro ainda é quando chega a mulher toda machucada, olho roxo, boca toda arrebentada, toda machucada, acompanhada dos seus filhos pequenininhos. Isso daí é terrível, porque não é só a mulher vítima ali naquele caso, é a família inteira, os filhos. E eu fico olhando aquilo, aquilo arrebenta a gente por dentro, de ver a mulher além de toda machucada, com seus filhos

pequenos, numa sala de espera de uma delegacia, pra vim fazer ocorrência contra o pai daquelas crianças, entende?! Geralmente é o pai daquelas crianças. É duro, sabe, realmente, é terrível. Então, dependendo da situação, encaminhamos para atendimento psicológico. Nós temos socióloga que faz um acompanhamento. Nós encaminhamos para o centro de referência à mulher vítima de violência, onde eles têm atendimento jurídico, psicológico. Ou quando a mulher não pode retornar pro lar, tendo em vista a gravidade da situação, ela é encaminhada pra uma pousada, uma casa de repouso, onde não é divulgada, pra ninguém, pra imprensa, pra nada. Ela e os filhos.

***E essa carga também vale para as mulheres na prostituição? É uma outra natureza ela chegar aqui vítima de um estranho ou não, a carga é a mesma?***

Eu acho que é diferente. Porque é muito difícil você apanhar, ser agredida, pelo seu companheiro, sabe, que você convive há muito tempo, que você já gerou filho daquela união, dói muito mais, arreventa muito mais, do que ser agredida por um estranho sabe. Eu acho que a carga aí é maior. Primeiro porque elas têm uma dependência não só financeira como emocional daquela pessoal. Aquele vínculo emocional é difícil de tá sendo rompido. Tanto que muitas, a grande maioria, retorna aqui pra retirar a queixa, porque não conseguiu romper aquele vínculo emocional.

***Então o saldo que a gente pode tirar dessa conversa é que a mulher prostituta talvez sofra mais calada? Nem que seja essa uma hipótese a ser colocada e a ser investigada? Ou o que você colocaria como uma hipótese nesse sentido? Porque têm poucas denúncias...***

Procure, não fique calada. E como eu disse, se ela não for bem atendida, ela tem que ver que ela é um ser humano, ela tem direito a essa resposta nossa, entende? Se ela não for bem atendida, ela que procure ajuda. Tem corregedorias... Se ela for mal atendida pela polícia militar, ela procure a corregedoria da polícia militar e denuncie. Se ela não for bem atendida na polícia civil, qualquer unidade da polícia civil, denuncie na corregedoria da polícia civil. Ela denuncie. Porque aí, se ela foi vítima de uma agressão e na delegacia não foi atendida ou foi mal atendida, ela tá sendo vítima duas vezes. Além da agressão física ou moral que ela tem, ela também tá sendo vítima ali dessa discriminação por parte do pessoal dos policiais, da polícia. Então ela deve denunciar. É um direito dela, é um dever dela até como pessoa denunciar esse tipo de coisa, pra que não venha a acontecer com outras pessoas.

***Em relação a essa conjuntura, que têm poucas mulheres que denunciam e sabem identificar a autoria, o que isso reflete talvez, elas sofrem mais caladas?***

É eu acho que sim né, porque você não tem como extravasar aquela dor né, não só física, como a dor emocional também, e não tem como punir o agressor também. Mas é aquilo que eu disse: se ela não denuncia, se ela sofre calada né, ocorre o quê? A impunidade. Digamos que ela seja vítima de... a autoria seja conhecida, e essa pessoa vem constantemente agredindo. A única forma de dar um basta nisso é denunciando. Geralmente acontece com elas, com cafetão. Cafetão sempre né, não é uma coisa só de filme, mas é uma realidade. Ela vem apanhando? Denuncie. A maioria também não denuncia por medo né. São vários tipos de violência, não é dois tipos. São vários, qualquer forma. Porque veja bem a violência ela pode ser: física, sexual, moral, psicológica, sabe, patrimonial. Ela pode ser vítima de qualquer desses tipos de violência. Eu não consigo separar isso sabe por causa da prostituição, entende? Pra mim é uma mulher, se ela tá sendo vítima, é como outra qualquer. Não consigo vislumbrar assim... Claro existe algumas características por causa do trabalho dela né. Porque

daí ela tá envolvida com cafetão ou... Mas não existe uma diferença, não consigo ver nesses termos, entende? Violência ou é física, ou ela é sexual... Porque mesmo ela sendo prostituta, ela não é obrigada a manter relações sexuais com uma pessoa. Se ela for forçada a manter relação, é uma violência sexual. O problema é gerar as provas. O problema depois é coletar provas. Porque depois ninguém viu, ninguém sabe ... O corpo dela. Se ela quer se prostituir, se ela quer praticar o ato sexual, fazer o que ela quer com o corpo dela, e receber por isso... opção dela! Tudo bem. Agora, nunca admita que seja violentada, agredida, isso não.

## APÊNDICE M

## Mensagens de celular de Alessandra

Recebidas no dia 11 de outubro de 2008, entre 12h01m e 17h30m  
(transcritas no texto original)

Entao eu atendo ja pronta pra pedir q me retorne mais tarde, mas e alguem q conheCo e tbm conheCo suas limitaCoes. avisei que estou perto chego em menos

d dez minutos.

E daqueles q sempre tem q ser o primeiro chega antes ate d mim. me liga novamente querendo ir me buscar pergunta ond estou. n eu estou muito perto e fic

A contra mao p vc.

Ele fica me esperando. ele boa gente mas e alcolatra, claro q nao bebe aqui. mas passa a noite toda bebendo e pra piorar tudo ele ainda e apaixonado pel

A cunhada e ele diz q eu me pareCo c ela e so me chama d cunhada

O kra e empresario tem dinheiro pra dar c o pau. mas por conta do vicio e deste amor insano. ta perdendo ate as calCas

Já teve um dia q eu dei banho nele e deixei ele dormindo enquanto eu fazia minhas coisas.. eu quero muito q ele mude, mas ele e fraco. acho q ja bebeu t

odo o amor proprio..

Ele e apenas alguem procurando ajuda. tentando achar quem foi pra ser alguem agora, e no q depender d mim ele sera sempre bem vindo. e manso obediente

E indefezo. c eu mandar ele deitar e dormir ele dorme.

Quando ele ta indo embora eu sempre dou uma batida pra ver c não esqueceu nada. olho nos bolsos pra ver c esta c celu chave do carro carteira e as vezes

Eu tbm me pago. claro q ele ve tudo, e tudo consentido. arrumo suas roupas, tipo gola da camisa fechar zipper amarrar sapato, e muita carencia ele gosta

Do q eu faCo. e eu pesso a Deus q ilumine ele todos os dias.

Alguem me liga, nao conheCo entao pesso pra ligar mais tard c estiver c vontade vou falar c ele. eu prefiro assim pq d mal humor eu sou grossa e ninguem mereCe

O telefone toca novamente contrariada eu atendo, mas mudo quando escuto a voz. e um cliente q já conheço e gosto muito dele. mas ta ligando pra dizer q

esta c saudades.. eu tbm.. ele sempre diz q ter me conhecido foi o seu pior castigo. pq não c sente capaz d lutar pelo q sente. e nao tem mais o tempo a

seu favor..

O tele toca d novo eu não gosto muito d atender o fixo pq nunca sei quem e as vezes passo o dia c ele desligado. mas desta vez atendo.. surpresa, e um c

liente q sempre diz q nunca mais quer me ver mas nao para d me ligar. me pergunta pq não atendo mais suas ligações.. na verdade não quero mais atender e

le, vai ter q esperar meu humor melhorar.

Ele e do tipo filhinho da mamãe não gosta d ser contrariado deve te

r uns 25 anos. quando ele marca nao para d me ligar eu tenho a impr

cação q ele quer ter certeza q to esperando mesmo por ele, pergunta

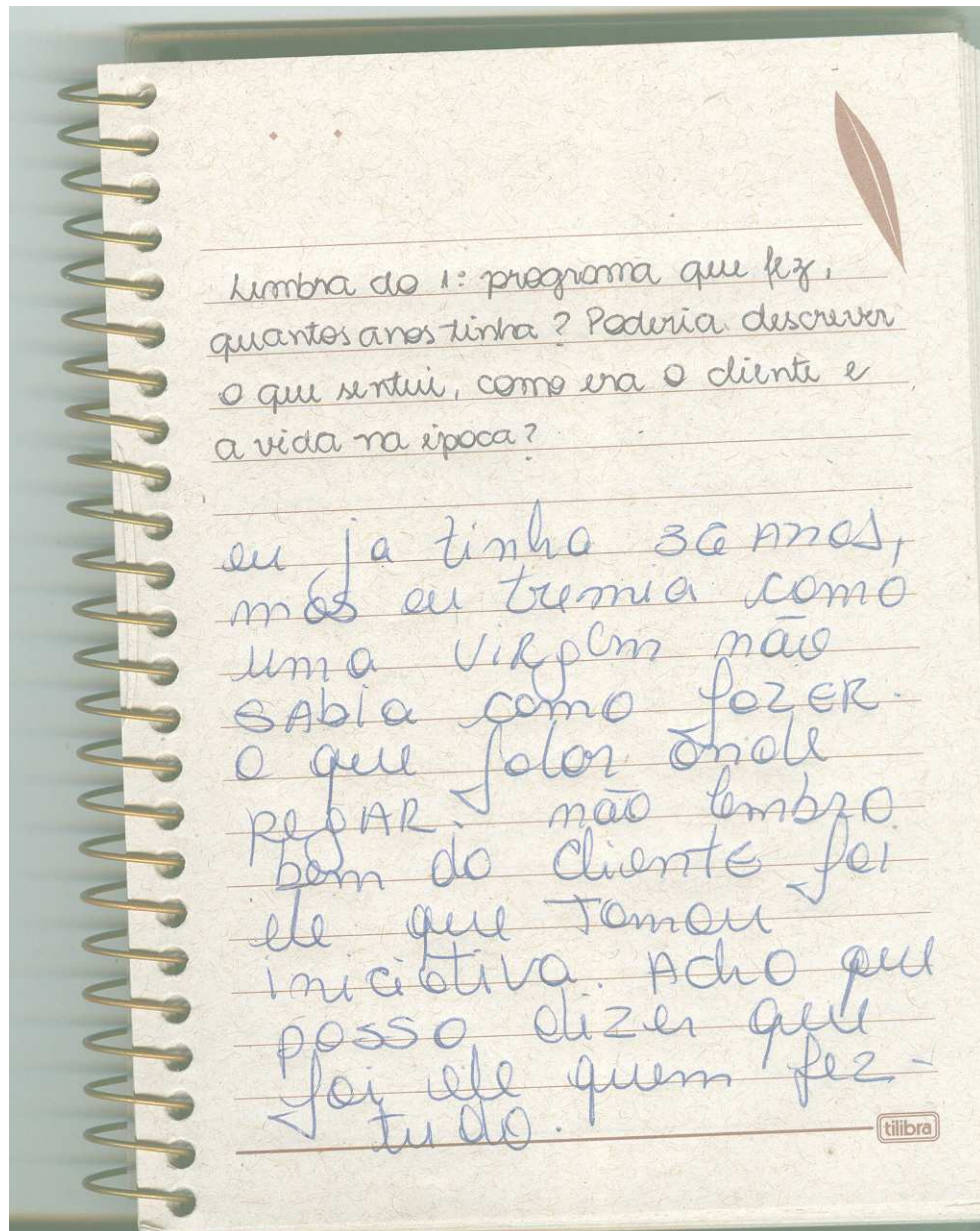
q roupa eu to... vc ve quando chegar e c nao parar d encher o saco

e desligar o telefone, não vou me arrumar.

Atendi um cliente q ta vindo pela segunda vez 1:35 cache 200, tudo muito basico, to esperando outro q vai sair do trabalho já sei quem e.

## APÊNDICE N

## Diário de Alessandra



Porque faz programas, e há quanto tempo?

Em primeiro lugar claro ~~que~~ pelo benefício que qualquer trabalho me daria.

6 ANOS.



Qual a pior coisa de fazer programa?

pra mim e só quando  
você atender alguém  
pela primeira vez  
pois ainda não sei  
exatamente o que é.  
Busca - C. apenas  
prozer ou prazer  
e amizade, ou  
prozer e romance.  
ou o pacote  
completo.

E a melhor? (Existe esse "melhor",  
quer dizer, dá pra ter prazer,  
como é...)

A melhor pra mim  
Sempre é atender quem  
eu já conheço, já  
conheço suas necessidades,  
desejos, ansios, e  
o prazer está na  
entrega pela busca.  
Este é um prazer  
profissional

Do que você sente mais falta ou  
saudades?

meu da mesmo; eu  
vivo cada momento  
como se ele fosse o  
único e me preparo  
para o futuro, não  
deixo que o passado  
interfira nem na  
minha vida nem nas  
minhas decisões.

Medos, angústias, possui? Quais?

não. o medo é o  
atestado para o  
processo.

De manhã você acorda, olha a  
Alexandra no espelho: o que você vê?  
Que mulher é essa?

uma pessoa fantástica.  
forte de opinião.  
que não deixa  
levar  
e eu tive que  
me refazer eu  
sou ~~o~~ minha copia  
fiel.

O que você aprendeu fazendo programas que, talvez se não tivesse, não ~~saberia~~ saberia?  
(mais madura, corajosa, independente?)

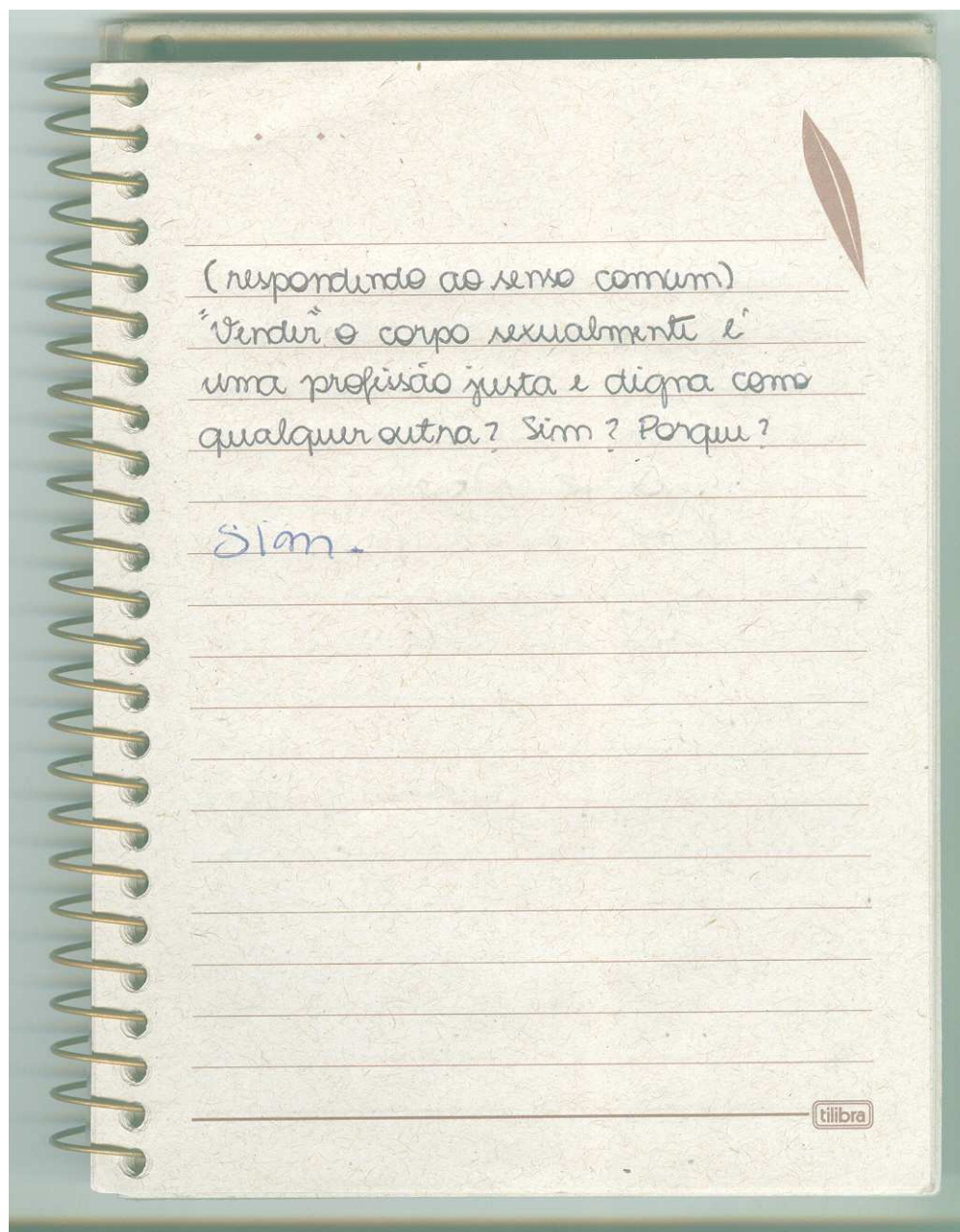
Eu acredito que cresci de forma surpreendente. Conhecer as várias faces, cunhas, opiniões, buscas, limites - fez de mim uma pessoa flexível menos egoísta.

O homem que procura a profis-  
sional do sexo: existe um perfil?

O que procura?

nao e exato, são  
muitos perfis.


um procura apenas o  
prazer da carne di-  
ferente. outro procura  
alguem pl entregar  
todo o seu sentimento.





Qual foi o momento mais difícil ou humilhante que você já passou por conta de ser uma profissional do sexo?

eu não tive este momento dentro desta profissão. e posso dizer com todas as palavras que em profissões ditas normais eu já me senti humilhada, mas hoje eu atribuo isto ao meu despreparo.



O que hoje te faz chorar, perder  
um pouco o ~~rumo~~ rumo ou a cabeça?

NADA. eu comendo  
a minha vida e  
vivo a consequência  
das minhas escolhas.  
Escolher certo me  
traz consequências  
positivas.

Se pudesse fazer um pedido ou  
dizer algo àquelas que desconfiam,  
desrespeitam ou desprezam uma  
profissional do sexo:

O que pediria ou diria?

Nada mesmo = Eu  
não tenho a intenção  
de mudar o que as  
pessoas pensam  
conviver com a  
Diferença me faz  
Bem

Se arrependi ou faria diferente  
algo na tua vida? O quê, por quê?

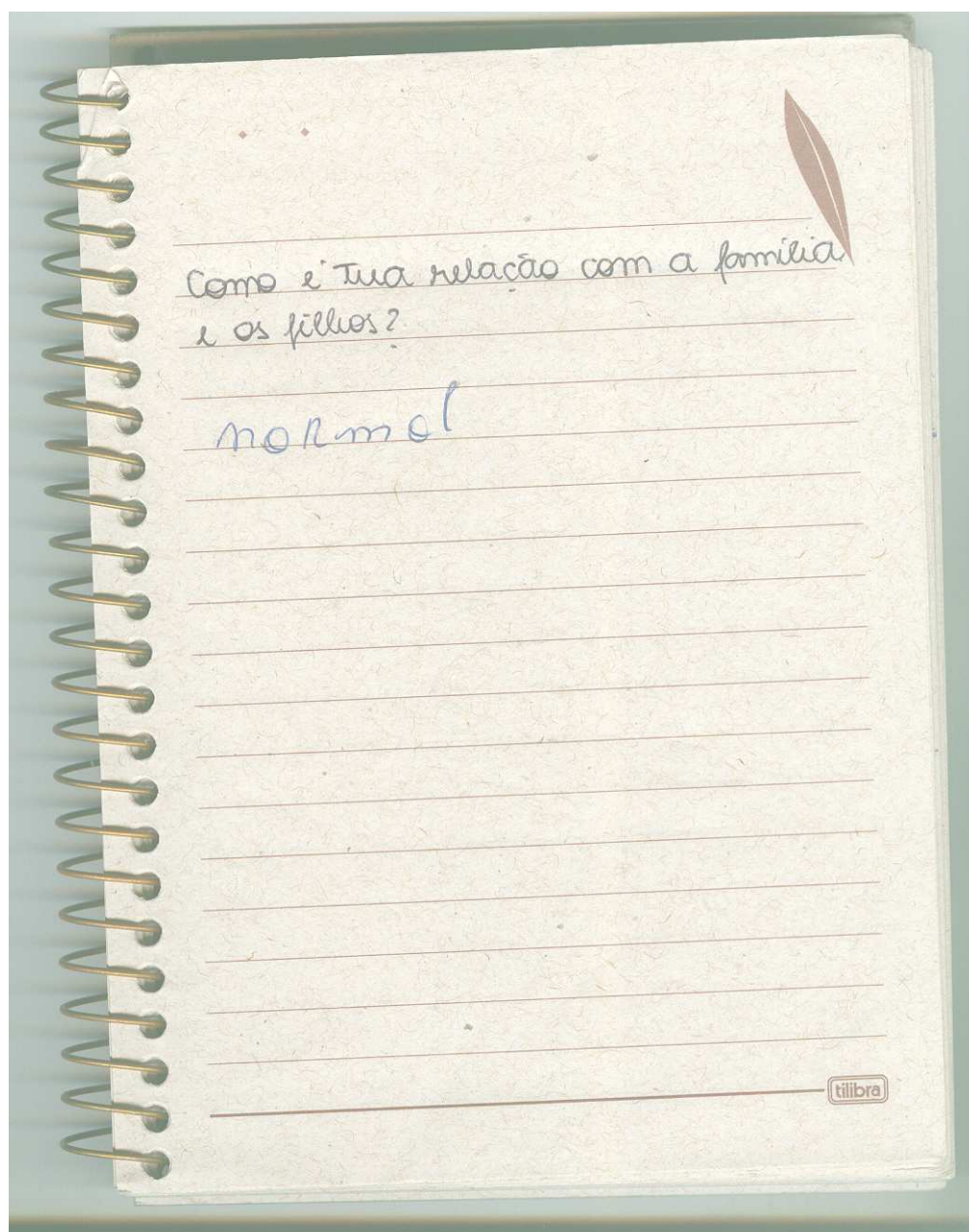
mas - não tenho tempo  
p/ me arrepender.  
e não faria nada  
diferente, apenas  
faria o que poderia ser  
feito.

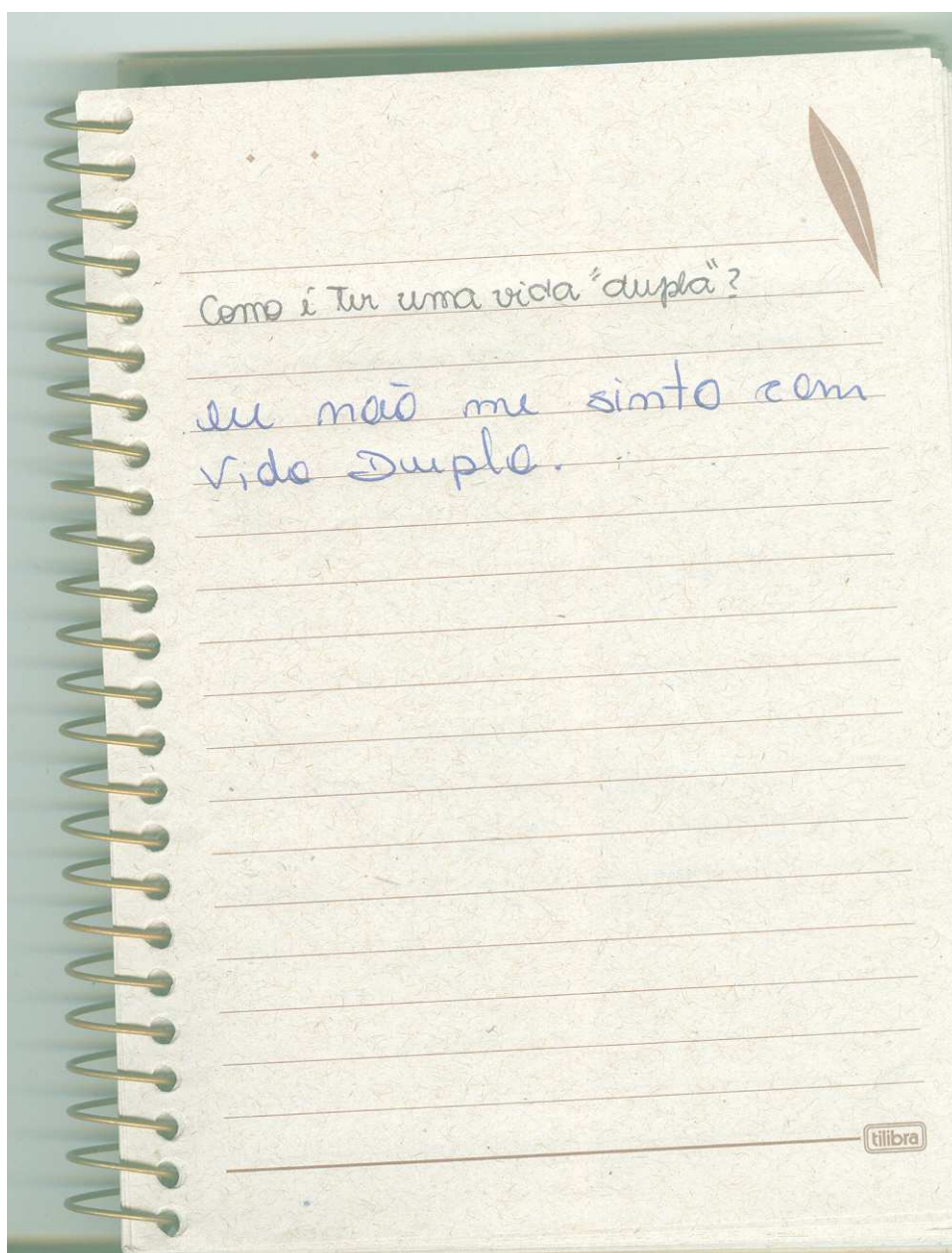
Qual era tua visão da prostituição  
antes de fazer prognomas e agora?

Era a mesma ideia  
vendida e comprada por  
todos (puta e sou uma  
puta)  
agora - eu lamento por  
não poucas terem  
esta experiência e  
até mesmo quem tem  
não entende o  
valor.

Porque escolheu "Alessandra" como nome profissional? Algum motivo especial?

nenhum motivo especial "Alessandra" não foi o meu primeiro nome, o primeiro foi Barbara depois vieram outras, mas me adaptei mesmo foi com "Alessandra"







06/09.

Sim do mais um dia  
de trabalho... depois  
de já ter cumprido.  
o ~~salario~~ ~~por~~ ~~mim~~  
estipulado. Já em  
conta todo o cliente  
conhecido.  
me avisando que  
chegará em Curitiba.  
lá por 22:30, claro  
lá vou eu. Afinal.  
já conheço o cliente.  
vale o imo + 200.  
cada 15000. tempo.  
15 minutos. Já  
chegará a 1ª mala.

prata está chegando.  
agora e amanha bem  
cedo ja voja  
pro rio.  
e engenhario.  
toda vez e assim.  
me sinto como um  
amante que obrigato-  
riamente se passa  
por aqui mas tem  
que ser bem rapido.

09/09.

Víctor. este cliente.  
é muito especial. é um  
grande amigo. confiante.  
Sempre na cama  
sinceramente. ele me  
dá sono, não consigo  
imaginar como é que  
alguém pode sentir  
prazer com tanta mes-  
mice. é tudo igual.  
Sempre o mesmo ritual.  
ele me liga. eu nunca  
me arreio pra  
esperar por ele como  
sinto muito frio no  
pe não tiro a meia.

ele sea muito e eu  
odio suor então  
deixo uma toalha do  
lado da cama pra  
ele não deixar pingar  
uma gota em mim.  
ele fez tudo eu  
nem gemo pra não  
atrapalhar e já  
dormi algumas vezes  
durante o ato

**APÊNDICE O****Termo de Compromisso**

Nós, MARIANA CAMILA BORGES SKRABA, portadora do RG nº 7205069-0, e IVAN LUIZ SEBBEN FILHO, portador do RG nº 8903191-5, que abaixo subscrevem, declaramos para os devidos fins que as imagens de \_\_\_\_\_, portador(a) do RG nº \_\_\_\_\_, preservada sua identidade civil e de pessoa física, serão integralmente utilizadas para a produção de um documentário audiovisual sobre prostituição feminina em Curitiba, sem fins comerciais e/ou lucrativos, tendo por objeto fins exclusivamente de pesquisa, veiculação e contribuição acadêmica, conforme atividade proposta e desenvolvida no trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, graduação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Declaramos também que a concessão de tais imagens não tem condão de produzir ônus financeiro e de nenhuma espécie para a supracitada parte entrevistada, e que abaixo subscreve e aceita os presentes termos. E por ser verdade, amparados nas regras do bom direito, firmamos o presente termo de compromisso, que vai assinado pelas presentes partes.

Curitiba, \_\_\_\_ de agosto de 2008.

\_\_\_\_\_  
MARIANA CAMILA BORGES SKRABA

\_\_\_\_\_  
IVAN LUIZ SEBBEN FILHO

\_\_\_\_\_  
entrevistada

**ANEXO**

## ANEXO

## Sinônimos de “prostituta”

Figura do site [www.beijodarua.org.br](http://www.beijodarua.org.br)

## EM TODO O BRASIL

ABRE-ABRE ACREANA ANDORINHA ARGENTINA  
 BAGAXA BAGAGEIRA BALALAICA BARANGA  
 BARONESA BATALHADORA BIRAIA  
 CAÇAROLA CADELA CAMÉLIA CANGANHA  
 CANGUICHA CANTONEIRA CARAPANÃ CARCAIA  
 CRÉA CRÓIA CROTA CUIA DADEIRA  
 DAMA DOIDIVANA ÉGUA ERVOEIRA  
 ESQUINISTA FADISTA FARDEIRA FÁTIMA FINDINGA  
 FREGA FRETE FRINCHA FUAMPA FUBANA  
 GATA GEOBRA GIRafa GIRA-BOLSINHA GUAMPA  
 GUERREIRA JEREBÁ JERIANTA JUPIRA  
 JURUVEVA LASCADA LÉIA LEONA LIBÉLULA  
 LIVRE LOBA LOLITA LOUREIRA MADALENA  
 MADAMA MÃE SOLTEIRA MALOTE MANGUE  
 PINICA PINIQUEIRA PIRANAH PIRANHUDA  
 PIRARA PIRIGUETE PIROQUEIRA PISTOLEIRA  
 PITURISCA POLACA PREJEREBAPRIMA  
 PROSTITUTA PU PUARA PURIBA PUTA  
 REBOQUE RESPEITOSA RODA-BOLSINHA  
 ROTA RODÓ SURREUBANGO TAIOBA  
 TAMANQUEIRA TAMPA TIA TOLERADA TORTA  
 VAQUETA VÁRZEA VANSUCLHO VENTENA  
 VÊNUS DE RUA VIGARA VIGARISTA VILEIRA  
 VULGÍVARA XANDRA XERETE ZABANEURA ZOINA

SER PUTA É LEGAL